

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Arlete Francisca Marques

XINGUARA, SUL DO PARÁ:
migração, sociabilidades e processos identitários

Belo Horizonte
2015

Arlete Francisca Marques

**XINGUARA, SUL DO PARÁ:
migração, sociabilidades e processos identitários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Candice Vidal e Souza.

Belo Horizonte

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M357x Marques, Arlete Francisca
Xinguara, Sul do Pará: migração, sociabilidades e processos identitários /
Arlete Francisca Marques. Belo Horizonte, 2015.
215 f. : il.

Orientadora: Candice Vidal e Souza
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Xinguara (PA) - Migração. 2. Geografia cultural. 3. Identidade. 4.
Desiderabilidade social. 5. Historiografia. I. Souza, Candice Vidal e. II. Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 325.11(811.52)

Revisão ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor

Arlete Francisca Marques

**XINGUARA, SUL DO PARÁ:
migração, sociabilidades e processos identitários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Candice Vidal e Souza (Orientadora) – PUC-MG

André Dumans Guedes – UFRJ

Juliana Gonzaga Jayme – PUC-MG

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2015.

Aos meus filhos, Pedro Henri e João Paulo que
aprenderam a suportar e a lidar com a minha
ausência. Aos meus pais: Professor José Marques,
com quem aprendo muito na vida e minha mãe D.
Francisca Bárbara, meu arrimo e de meus filhos.
Meus pais sempre me abençoam e me dão forças,
em minhas idas e vindas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais pela oportunidade e apoio dados desde a seleção. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) por ter tornado possível financeiramente a realização desse estudo por meio da concessão de uma bolsa.

À professora Candice Vidal e Souza por tudo. Por ser paciente com minhas dificuldades, com o tempo, a distância física e as circunstâncias. Por ter sido atenciosa, crítica, sincera e solícita sempre, especialmente com todo material que produzi. Por confiar e incentivar que eu trilhasse caminhos da pesquisa e produção que eu sentia difíceis, desafiadores e quase impossíveis. Obrigada Professora Candice!

Às Professoras e Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, que me fizeram (re) aprender a ler e apreender o mundo que eu pretendia desvendar através de minha proposta de pesquisa, me animaram e me fizeram reencontrar depois de doze anos estagnada e afastada do espaço acadêmico. Então, meus agradecimentos: Professora Alessandra Sampaio Chacham; Professora Candice Vidal e Souza; Professora Léa Souki; Professora Regina de Paula Medeiros; Professora Rita de Cássia Fazzi; Professor Carlos Aurélio Pimenta de Faria; Professor Diogo Neves Pereira; Professora Maria Carolina; Professora Juliana Jayme. À Secretária Ângela sempre atenta e compreensiva comigo em função da distância geográfica, ao Guilherme sempre prestativo e a todos os funcionários do departamento de bolsa e financeiro, cuidadosos e correspondentes via internet dado a minha distância.

A toda minha família: meus pais José Marques Filho e Francisca Bárbara Marques, minha fonte de força e luz. Aos meus filhos Pedro Henri e João Paulo, partes essenciais de mim e motivos elementares de meus esforços e de minha luta diária. Aos meus irmãos: Cláudio, sempre ponderado e pronto para me socorrer sempre que precisei, à Mary, imprescindível apoio aos meus filhos e cuidadosa com minhas coisas em minha ausência; à Simone, mesmo distante, me acompanhou e me animou sempre; à Bárbara em contato permanente durante o curso me incentivando e transmitindo força, ao mano José Neto que me inspirou com sua letra e canção “Xinguaraguaia” e à caçula Cláudia Regina, também distante, com sua fé me transmitiu energias boas. Ana Maria, minha cunhada, sempre prestativa e acolheu meus filhos sempre que precisaram; ao João, Pai de João Paulo, contribuiu para suprir minha ausência ao nosso filho.

Agradeço à família de minha mãe em Divinópolis (MG), jeito mineiro e acolhedor

quando precisei me refugiar. Tio Domingos e Tia Taninha, tia Tineta, tia Lia, aos primos Maria Helena, Sérgio, Enilza, Ronaldo, Cirelene, Cleide, Madalena, Donizete, Zenaide, Vania, Neném, Luciana, Ronaldo e Edivaldo Onofre.

À família que ganhei em Belo Horizonte: D. Helena, tornou-se grande amiga, incondicional, sempre atenta e carinhosa comigo; Sr. Francisco decisivo pelo apoio e o lugar para eu ficar até concluir o curso; José Carlos sempre incentivador, companheiro; Saulo extrovertido, atencioso, sincero, disposto a contribuir quando precisei; ao Silas e Salerno sempre gentis; ao Sormane que me apresentou os caminhos de BH e possibilitou que eu conhecesse toda essa família que me acolheu, a todos minha eterna gratidão.

A cada pessoa que abordei, que conversei e entrevistei. A todos que se prontificaram a me ouvir e expor a história de Xinguara, são muitas pessoas e instituições: Aninha, socióloga da CPT que me passou muita informação e um riquíssimo acervo bibliográfico. À Pilar, historiadora que em boa hora estava na CPT em Xinguara e contribuiu com suas palavras e organização de materiais. Chico Batista Durães que me emprestou muitos livros para meu estudo. Ao Airton dos Reis Pereira me enviou material e contribuiu com ideias.

Ao Gleibson Madeira que forneceu um riquíssimo material sobre a cultura afro, como a ele e a sua família, em nome de D. Maria Madeira, minha homenagem ao Sr. Nicodemos (em memória). Agradecimentos à família do Sr. Ney (em memória), “a Voz de Ouro” que gentilmente me contou a história de sua trajetória, “pioneiro” com o sistema de som e comunicação em Xinguara, partiu dessa vida após um mês que me concedeu entrevista, mas deixou marcas e saudades eternas. Ao Renatinho e Gerald Macedo, escritores da terra que a partir de seus trabalhos me apontaram pistas para eu chegar a muitos “pioneiros”. Ao Sr. Milton do IBGE, onde colhi dados e informações, muito prestativo. Ao Josué Lira e Antonio Araújo Silva, operadores de dados que contribuíram na configuração técnica de meu trabalho. Ao José Gomes, graduado em Letras e Juliana Anacleto que leram e fizeram algumas correções. À Jaine Santos, menina esperta que ouviu pacientemente a maior parte das gravações e digitou cuidadosamente muitas das entrevistas. Às escolas particulares pela receptividade nas entrevistas que me concederam: Colégio D. Pedro II (Diretora Maria Rosa. Ao Coordenador Werlen Raul, atencioso e acolhedor); ao Colégio Carlos Drummond de Andrade, D. Maria Aldy, me deu acesso aos alunos, me recebeu e empolgou-se com meu trabalho, concedeu entrevista, acervos bibliográfico e fotográfico, além das muitas histórias que me apontaram outros caminhos para minha produção. Às escolas públicas estaduais: Dom Luiz Palha, Pedro Ribeiro Mota, Anexo Raimundo Henrique de Miranda. Especialmente aos

mais de 300 alunos de 3º ano de ensino médio (2014) que responderam com seriedade o questionário.

Às intuições para as quais trabalho, pela minha liberação: Secretaria Municipal de Educação de Xinguara que prontamente concedeu minha licença. À Secretaria Estadual Executiva de Educação do Estado do Pará - Seduc (mesmo com as relações conflitivas locais na época tentaram impedir minha licença, me causando transtornos morais, emocionais e financeiros). Meus argumentos e objetivos foram mais fortes. A Seduc me ouviu e me liberou, prevalecendo minha voz e meu direito constituído. Aos meus diretores, vice-diretores e coordenadores escolares que foram compreensivos e colaboradores com minha ausência, desde o processo de seleção do mestrado e minha saída para o aprimoramento que gerou vacância. Meus agradecimentos: Jânio Rodrigues (na época diretor do Dom Luiz); José Augusto (diretor); Alaércio e Jariones (vices); Edson Paes (Diretor PRM); Ingrid, Marcela Fernandes, Maria Elizangela, Adriana Terra, Claudio Elias e Edna Verônica.

Meus agradecimentos a algumas pessoas que sem elas muitas coisas e realizações teriam sido mais difíceis ou não teriam sido possíveis: Lúcia Yoschi Kanamore “Japa”, amiga que ganhei em BH, minha procuradora que todos os meses dispôs de seu tempo para garantir o pagamento de minha bolsa de estudos. Ao Luiz, um belenense em BH, espontâneo, pronto e à disposição. Márcio, Aurimar, Rachel e Sara colegas de turma, sempre disponíveis quando precisei. Ao Adjaci, mesmo com sua vida flutuante, tornou-se importante companhia em todos esses meses de muito estudo, sempre de bom humor me animou e me deu forças no momento puxado de minha pesquisa e produção.

Atar a vida ao gesto
Deixar-se perplexo e suspenso
Entre o tudo e o nada...
Descobrir-se pequeno frente ao poder...
Ter a moradia violada
Violada a vida, a alma, a terra...
Atar a vida ao gesto
Gesto supremo que julga e decide
E descobrir no rosto os vales, as tempestades,
As calmarias poucas do trabalho...
Descobrir a força (REZENDE, 1983, p.107).

RESUMO

Esta dissertação analisa a formação da cidade de Xinguara, no sul do Pará, considerando os fluxos migratórios, as sociabilidades, os modos de vida e os processos identitários. É um estudo que aprofunda sobre uma cidade que teve seu início marcado por ciclos econômicos fortes que pareciam nunca esgotar: primeiro a **madeira** que era explorada em grande quantidade. Em seguida, quase paralelamente, foi descoberto o **ouro**, ciclo que mais atraiu pessoas para Xinguara e a **terra**, que inicialmente era cortada e distribuída pelos próprios moradores “pioneiros”; conseqüentemente a terra passou a ser objeto de desejo, “invasão”, especulação e conflito. Uma cidade construída por correntes migratórias: pessoas que vinham do Brasil inteiro, caracterizando-a como uma “cidade de borda” e uma região de fronteira, por isso mesmo constituindo-se como uma cidade de “culturas misturadas”. Estabeleceu-se um lugar de encontros, um lugar de possibilidades, que ao mesmo tempo é caracterizada pela “cultura da andança”, muitas pessoas que tem em Xinguara sua base de apoio, sua residência, mas que outros caminhos se apontam e se inter cruzam, propiciando idas e vindas, outras buscas e alternativas. A pesquisa analisa a proposta de criação do estado de Carajás, derrotada em plebiscito de 2011, sob a ótica do debate em torno das identidades locais no estado do Pará. Intenta-se considerar os processos sociais e históricos que envolvem uma população que vem consolidando-se na formação de sua identidade, na politização e no sentimento de pertencimento da “cultura dos misturados”.

Palavras-chaves: Xinguara. Migração. Identidade. Estado de Carajás.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the formation of the city of Xinguara in southern Pará, considering migration, the sociability, ways of life and identity processes. It is a study that deepens into a city that had its beginning marked by strong economic cycles that never seemed to run out: first, the wood that was exploited in large quantities. Then, almost parallel, gold was discovered, cycle that attracted people to Xinguara and the land, which was originally cut and distributed by the very 'pioneers' residents; consequently the land has become an object of desire, "invasion", speculation and conflict. A city built by migration flows: people who came from all over Brazil, characterizing it as an "edge city" and a border region, therefore establishing itself as a city of "mixed cultures". Established a meeting place, a place of possibilities, at the same time is characterized by the "culture of wandering," many people you have in Xinguara its support base, his residence, but other paths point and intersect, providing comings and goings, and other pursuits alternatives. The research analyzes the proposal to establish the state of Carajás, defeated in referendum, 2011, from the perspective of the debate around local identities in the state of Pará. He attempts to be considered the social and historical processes involving a population that comes consolidando- on the formation of their identity, the politicization and sense of belonging of the "culture of mixed".

Keywords: Xinguara. Migration. Identity. State of Carajás.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Xinguara e seus limites com os municípios vizinhos	33
MAPA 2 - Estado do Pará. Localização de Xinguara, limites e hidrografia.....	41
MAPA 3 - Mesorregião sudeste e sul do Pará -14 municípios do sul do Pára.....	57
MAPA 4 - Xinguara e municípios vizinhos à rodovia PA-279.....	99
MAPA 5 - Encontro da Av. Xingu com a PA-279 e a interligação com a PA-150	108
MAPA 6 - Configuração proposta para o Estado de Carajás.	147

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Madeireira Karson na década de 1980, até meados da década de 1990.....	60
FIGURA 2 - Trabalhadores dos PA's Marajoara e Salto da Esperança (Casulo).....	73
FIGURA 3 - Multidão, em dia de show na FAX em Xinguara, 2013.....	92
FIGURA 4 - Jovens na “balada”, som automotivo	92
FIGURA 5 - Tradicional festa junina no Centro de Convivência dos Idosos.....	93
FIGURA 6 - Folia de Reis que acontece há 3 décadas.....	94
FIGURA 7 - Posto Comaxin, em Xinguara (PA), alguns anos atrás.	98
FIGURA 8 - Conveniência com barzinho e Hotel Comaxin.....	98
FIGURA 9 - Rodovia PA-279 antes da recuperação do asfalto.....	103
FIGURA 10 - Rodovia PA-279, Ourilândia no Norte, via de transporte de minério.....	103
FIGURA 11 - Casas de madeiras, ainda existem muitas nos bairros da cidade.....	105
FIGURA 12 - Antigo terminal rodoviário, na época da madeira, durou duas décadas.....	107
FIGURA 13 - Avenida Xingu, final da década 1970, caminhões madeireiros	109
FIGURA 14 - Avenida Xingu, 1979.	110
FIGURA 15 - Avenida Xingu, 1984. Na esquina uma sorveteria que existe até hoje	110
FIGURA 16 - Avenida Xingu, quase esquina com a Rua Brasil, 2015	111
FIGURA 17 - Avenida Xingu com a Rua Duque de Caxias, pista de avião na década de 1970.....	112
FIGURA 18 - Construções mais arrojadas junto à residências simples	114
FIGURA 19 - Distrito São José, balsa à margem do Rio Araguaia, travessia para o Tocantins.	121
FIGURA 20 - O trevo da cidade, encontro das duas rodovias: PA-279 e PA-150.	122
FIGURA 21 - Primeiros taxistas, entre eles Darcy, vítima da violência na época, 1984.....	124
FIGURA 22 - Garimpo do Américo – a forma como viviam os garimpeiros.....	129
FIGURA 23 - Garimpo do Sequeira: a paisagem revela o cotidiano dos garimpeiros.	129

FIGURA 24 - Ponte Sobre o Rio Araguaia – travessia do Tocantins para o Pará.	133
FIGURA 25 - Ato de lançamento da Frente Parlamentar Pró-Carajas e Tapajós.	159
FIGURA 26 - Manifestações pró-Carajás	163
FIGURA 27 - Parlamentares, grupos sociais e líderes políticos, criação do novo Estado....	164
FIGURA 28 - A frase de campanha do “Não” foi bem emblemática	170
FIGURA 29 - Festividades Afro-descendentes, 1983 e o Sr. Nicodemos fundador (em memória).....	177
FIGURA 30 - A polêmica demarcação na Avenida Xingu e a cavalgada em 2014.....	179
FIGURA 31 - De camarote: grupos e famílias de comerciantes, empresários e políticos. Populares às beira das calçadas e esquinas.....	181
FIGURA 32 - O público em shows da FAX. No alto, os camarotes próximos ao palco.	182
FIGURA 33 - O trevo da cidade, antes e depois. A referência: “Xinguara capital do boi gordo”	193
FIGURA 34: Colégio particular Carlos Drummond de Andrade, “pioneiro”. Atualmente possui convênio com a UNOPAR	195
FIGURA 35 - O passado (1979) e o presente (2015), Rua Brasil fotografadas no mesmo ângulo:	197
FIGURA 36 - Desfile 7 de setembro, 1983 e atualmente caminhada cívica em 2014.....	198
FIGURA 37 - Veículos mais utilizados atualmente, substituíram as bicicletas no passado. .	200

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Mudanças Estruturais na Amazônia.....	152
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
2 AS CIDADES AMAZÔNICAS: CIDADES DE BORDA	57
2.1 O sul do Pará e a cidade de Xinguara.....	57
2.2 Os fluxos migratórios e a formação das “identidades misturadas”	81
3 MIGRAÇÕES EM XINGUARA: ESPAÇO URBANO E MODOS DE VIDA	95
3.1 Tempos de migração e a construção da cidade.....	95
3.2 “Cultura da andança” e a vida em Xinguara: o movimento como valor	133
4 O PROJETO DE AUTONOMIA DO SUL DO PARÁ: POLITIZAÇÃO DAS “IDENTIDADES MISTURADAS”	147
4.1 O Comitê Pró-Carajás em Xinguara: politização de diferenças e identidades dentro do Pará.....	147
4.2 Os grupos sociais e políticos envolvidos na luta pela criação do novo Estado	159
4.3 Análise da campanha pela autonomia da região sul do Pará: discursos sobre lugares e modos de viver	166
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS	203
APÊNDICE A - Questionário aplicado à população pioneira.....	211
APÊNDICE B - Questionário aplicado à população “flutuante”	213
APÊNDICE C - Questionário aplicado aos jovens/estudantes 3º ano de ensino médio – escolas públicas e privadas	215

1 INTRODUÇÃO

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 1990, p.18).

Inspirando-se inicialmente nas ideias de Ítalo Calvino em “As Cidades Invisíveis” (1990), Xinguara, como muitas outras cidades sulparaenses, é “como páginas escritas”. Basta percorrer o olhar por suas ruas, seus cruzamentos, seus bairros e suas paisagens, sejam urbanas ou rurais, que expressam muitas coisas. Seus espaços e seus moradores registram e guardam muitos acontecimentos, nem sempre explícitos, (re) escrevem muitas histórias e modos de vida, inúmeras diferenças, vivências e formulam variados discursos ligados aos objetivos que a fizeram surgir e sobre as definições de sua existência, cujo estudo dedicou-se a aprofundar e formular respostas e conceitos a partir da compreensão e percepção de seus habitantes. É com esses diferentes modos de vida, com essas sociabilidades e as diversas identidades que a população compõe e constrói o lugar. É o que faz a cidade manter-se viva, dinâmica e representar-se aos seus habitantes e “ela define a si própria e todas as suas partes” trazendo em seu próprio nome, Xinguara, que imprime um contexto que justifica sua existência.

Considero que este estudo surgiu da minha vontade de debruçar-me sobre este campo de pesquisa vasto, rico em informações e vivências. Homens e mulheres rechaçadas de seus sonhos e desejos não concretizados em outros lugares, por isso mesmo marcados por tantas trajetórias antes de chegar até aqui, mas que viram em Xinguara o lugar de recomeçarem e de estabilizarem-se, de lutarem por um espaço, apostando tudo aqui. Carlos Henrique Lopes de Souza (2002), em seu estudo sobre a força de trabalho no sudeste paraense sublinha que:

Histórias de vidas que já tiveram diferentes experiências como força de trabalho, isto é, que já exerceram atividades variadas, em sua história de vida e na construção do espaço regional. Uma força de trabalho é composta por homens e mulheres, com experiência e identidades próprias, e que, em seus cotidianos, vivenciaram experiências, nem sempre agradáveis. Homens e mulheres que, embora exerçam papéis distintos na sociedade, juntos, vêm lutando contra a expropriação e exclusão social (SOUZA, 2002, p. 3).

Uma cidade que foi se constituindo com esta característica, gente movida por vontade e sonho de encontrar um lugar de lutar e de se estabelecer. É este o lugar que se constituiu gradativamente desde 1970. Xinguara, um lugar que para muitos é como um eixo, com localização e espacialização geográfica privilegiada que dão-lhe a característica de cidade

entroncamento, que no meu ver pode-se traduzir em cidade de encontro, mas também de desencontro. Encontro com quem veio primeiro, embora por razões circunstanciais muitas vezes resultavam em desencontro, porque há casos de muitas pessoas que vieram e combinaram para se encontrarem uns com os outros aqui neste espaço em pleno desenvolvimento, porém não ficaram por muito tempo, apenas passaram e seguiram outros percursos porque daqui se ouviam notícias de outros lugares. Exatamente por ser entroncamento apontavam outras passagens, outras opções de caminhos, pois há quem veio apenas fazer o reconhecimento das possibilidades que a cidade recém iniciada oferecia. Contudo, houve encontro concretizado com quem veio e ficou para desbravá-la e construí-la.

Esta marca de cidade entroncamento está presente na fala dos seus habitantes “pioneiros”. Ressalta-se que o termo “pioneiro(s)” sempre aparecerá aqui no sentido dos habitantes que chegaram no processo de fundação de Xinguara e por integrarem-se aos grupos de moradores que vieram primeiro ainda no início das aberturas das rodovias PA-150 e PA-279, no início da década de 1970, quando a cidade recebeu sua primeira denominação: Vila Comaxin. A expressão “pioneiro(s)” entre aspas deve-se ao fato de resgatar na história de expansão territorial na Amazônia que essas terras sulparaense já pertenceram aos nativos (os Kaiapós) e diversos outros homens, trabalhadores nordestinos que vieram e fincaram-se por este chão antes, como é o caso dos caucheiros no período da exploração da borracha, no início do século XX, como veremos mais adiante.

O que ocorreu na região sul do Pará não difere da realidade de ocupação da região amazônica como um todo, mesmo que vagueie-se em datas imprecisas, todavia sabe-se que a expansão capitalista com o lema desenvolvimentista não considerou as populações aqui existentes antes. José de Souza Martins (2012) em sua obra *Fronteira, a Degradação do Outro nos Confins do Humano*, nos esclarece isso com muita propriedade:

Ainda se conhece mal o que os antropólogos definiram, nos anos 1950, como frente de expansão sobre os territórios da sociedade nacional sobre territórios dos povos indígenas. Movimento de expansão territorial que invariavelmente, resultou e tem resultado no massacre das populações nativas, sua drástica redução demográfica e até seu desaparecimento. O deslocamento progressivo das *frentes de expansão* tem sido, na verdade, um dos modos pelos quais se dá o processo de reprodução ampliada do capital, o da sua expansão territorial. Um outro momento desse modo de expansão tem sido o que se dá através do deslocamento das chamadas *frentes pioneiras*. Ambas, na verdade são faces e momentos distintos da mesma expansão (MARTINS, 2012, p.24).

Xinguara é uma cidade que nasceu dessa “*frente de expansão*” com o avanço dessas “*frentes pioneiras*” a que se refere Martins (2012), característica esta de inúmeros núcleos

urbanos amazônicos, predominantemente movidos pela força da produção capitalista; principalmente a produção pecuarista que se tornou crescente em toda a Amazônia Oriental e no sul do Pará é marcada internamente por esse referido processo de produção. Xinguara inicialmente era apenas uma vila e posteriormente tornou-se cidade que se conecta e relaciona-se com outras vias de acesso: entradas e saídas para outros lugares em volta, confirmando-se numa forte interligação intrarregional e até interestadual, que amplia-se e abre caminhos para uma conexão além das fronteiras.

Falar de fronteira, olhando Xinguara, impulsiona a interpretá-la considerando inclusive o próprio sentido literal definido no dicionário Aurélio de Língua Portuguesa: “fronteira, parte extrema de uma região; parte limítrofe de um espaço em relação a outro; ou (derivação por extensão de sentido) área contígua a essa parte extrema; o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc. (AURELIO,2004, p.48). Mais do que entender o significado literal, cabe ater-se à análise sobre fronteira desenvolvida por diversos autores tais como Bhabha (1998), Becker (2013), Martins (2012) e Souza (1998) cuja discussão sobre esta relação fronteiriça aparece várias vezes neste estudo.

Compreendendo Xinguara como uma cidade de fronteira, como muitas outras cidades surgidas na região e que nasceram antes mesmo da execução dos planos que haviam sido pensados e projetados, numa política de integração da Amazônia, percebemos que as correntes migratórias nesse contexto avançaram e chegaram primeiro, antes mesmo da política nacional proposta em efetivar seus objetivos grandiosos. Uma população movida por outros sonhos e interesses, seus próprios, pois esta não estava mesmo nos planos da magnitude da tão almejada e apregoada integração da Amazônia por parte do Estado.

População que se deslocou para esta região pela necessidade, numa busca incessante de construir uma vida melhor. Esta busca que resultou numa característica de população marcada pela “andança”, cuja “andança” pode-se interpretar numa nova forma de (re) ver o conceito de migração, não na visão tradicional, sistemática a que estamos acostumados, a ideia de migração que aprendemos e que temos “restringe-se os seus próprios dados”, não amplia e não problematiza o seu conceito em si, não interpreta e não dar significados a estas novas formas de caminhar, *andar, rodar* pelo mundo”, na análise desenvolvida por Guedes (2013).

É relevante a visão socioantropológica em que a mobilidade dessas populações e a “cultura da andança” sejam consideradas de maneira em que o movimento do ir e vir das pessoas, sejam valorizados por si próprios, que essa busca incessante desses homens e mulheres sulparenses possam ser reconhecidos em seu valor no constante processo de

mobilidade. A ideia aqui entendida compreende o “movimento como valor”, que o “andar e o mundo ensina”, o andar no sentido de “curtir a vida”, o “movimento valorizado por si próprio” Guedes (2013) e Rumnstain (2012). Esse estudo sobre a formação da região sul do Pará, considerando esta questão dos deslocamentos populacionais devem ser melhor aprofundados sobre os tempos de agora e compreendê-los no sentido que já ocorreram em tempos remotos a saber pois, poucos conhecem, e, precisam melhor ser trabalhados, propagado (principalmente às gerações mais jovens, filhos da região). O sentido de *andança* nessa região, não é de agora, como por exemplo, a ideia de “ocupação do espaço e o símbolo do móvel, do sagrado – *Bandeiras Verdes*” (VIEIRA 2001, p.114) que ainda não se estuda, pouco se debate e não está inserido nas matrizes curriculares dos estudos específicos sobre esta região sul do Pará.

Homi K. Bhabha (1998) indica que “nesse deslocamento, as fronteiras entre a casa e o mundo se confundem e, estranhamente, o público e o privado tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora”(BHABHA, 1998, p. 30). Ampliando esta visão sobre fronteira faz-se importante recorrer a diversas visões devido a complexidade de sua compreensão para o contexto deste estudo. Busco outro embasamento nos estudos de Candice Vidal e Souza (1998), que assinala: “a fronteira, por tudo isso resume as esperanças e os projetos de construção de uma nacionalidade equilibrada e harmonizada com o desenvolvimento de suas partes” (SOUZA, 1998, p. 59). Mesmo que neste contexto não se desenvolveu uma fronteira nessas perspectivas da política nacional, mas pelo menos tornou-se uma região fronteira construída com a forte presença e participação da própria população, viva, dinâmica que se personificou no ir e vir de tantos migrantes e propiciou ao longo do tempo a construção socioespacial e cultural do lugar. Valendo-se ainda de Souza (1998) pode-se reforçar a partir de suas análises que “afinal, o conceito de fronteira é motivo de debate teórico, mas sofreu um estranhamento incipiente de suas vinculações mais sutis com a ideologia nacional e os arquétipos brasileiros” (SOUZA, 1998, p.60).

Essa análise da produção espacial em que se encontra Xinguara, leva ainda para uma reflexão feita por Ana Fani Alessandri Carlos em seus estudos sobre o lugar no/do mundo, em que afirma:

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem —

no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos (CARLOS, 2007, p.20).

A construção do espaço que foi dando sentido ao modo de viver dos habitantes xinguarenses e sulparaenses, o que representa a produção espacial da região sul do Pará, remete-nos à compreensão de como a migração promoveu a sociabilidade e os processos identitários da população.

O mapa do município (mapa 1), abaixo ilustra essa configuração que nos leva a esta afirmação de Xinguara como lugar de encontro/desencontro de pessoas, de coisas, de informação/notícias, de sonhos e de desejos e da produção da vida, da busca incessante que também resulta no processo de mobilidade constante. “Produção no sentido amplo, isto é, o modo em que é (re) produzida a existência social dos seres humanos” (CARLOS, 2007).

Mapa 1 - Xinguara e seus limites com os municípios vizinhos



Fonte: MAPLINK, 2013.

Este propósito de aprofundar como ocorreu a formação da cidade de Xinguara deu seus primeiros sinais há um tempo atrás, inspirado a partir de uma dinâmica em sala de aula, nas turmas que na oportunidade eu ministrava uma disciplina chamada Estudos Amazônicos, na Escola de Ensino Fundamental Cinderela da rede municipal de Xinguara, localizada num bairro de chácaras, um espaço ainda meio rural de onde se retira boa parte das hortaliças consumidas pela população xinguaense. Escola que atende dois setores que estão interligados com uma população expressiva: o referido Setor Chácaras e o Setor Marajoara II. Marajoara II é um bairro periférico que aglomera grande quantidade de famílias migrantes, oriundas principalmente do Nordeste (Maranhão e Piauí) e do Tocantins; minha breve pesquisa com os alunos e as famílias na época confirmou-se isso.

Este trabalho que fiz com os alunos foram nos anos de 2011 e 2012, fiz um levantamento junto aos mesmos e seus familiares da referida comunidade escolar, buscando conhecer o perfil e a origem de cada família. Nos dois anos consecutivos realizei as atividades pedagógicas, desenvolvendo-a com todas as turmas do ensino fundamental com as quais eu trabalhei (6º ao 9º ano). Cada aluno executou como “tarefa de casa” dialogar com a família questões como: Onde nasceram os seus pais? De onde vieram? Em que ano vieram? Onde moraram antes de virem para Xinguara? E, você nasceu em Xinguara, se não, onde nasceu? Contar e descrever a história e o que motivou a vinda da família para Xinguara.

Foi impressionante resgatar nas memórias dessas famílias a variedade de origens e trajetórias pelas quais já passaram. Tratou-se de uma atividade pedagógica simples em sala de aula, mas despertou-me a curiosidade e interesse em aprofundar sobre essa questão de que nós moradores de Xinguara somos de diversos lugares e, conseqüentemente de culturas variadas e misturadas exatamente por sermos oriundos de muitos estados diferentes.

Embora as informações que consegui, mesmo que tênues na época, não foram tão claras e precisas, mas contribuíram também para me chamar a atenção de que nas narrativas das famílias apareceram poucas coisas em suas memórias. Procurei interligar esta questão de que se apresentou poucas coisas na memória das pessoas, não que elas não saibam ou não guardam o seu passado, mas que me instigou aprofundar mais para desvendá-las e compreendê-las.

Isso me fez recorrer à análise de Jacques Le Goff (1996), quando afirma sobre que “de fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência” (LE GOFF, 1996, p. 535). Evidentemente,

estas famílias trazem consigo as lembranças de seus passados, têm em suas memórias muitas informações, e, coube a mim através de métodos e instrumentos orientados pela ciência social a fim de melhor explorar estas memórias, estas muitas vivências que constituem o modo de vida das pessoas e do lugar. Reafirmo que foi um passo importante e me abriu um leque de possibilidades para dedicar-me a este estudo.

Portanto, as motivações para um trabalho mais sistematizado estavam traçadas. O que tinha sido expresso pelos familiares e por aquelas crianças e adolescentes, em sua grande maioria nascidos em Xinguara, suas falas e idéias organizadas e retiradas a partir das lembranças de suas famílias, foi o suficiente para concluir que eles próprios vinham adquirindo poucos registros em suas memórias, ou que pouco detinham de suas histórias de vida e de suas famílias e, principalmente pouco sabiam do lugar que vêm se estabelecendo e construindo acerca de suas vivências. Então, foi preciso dar atenção, organizar esse material fornecido pelas suas histórias de vida expressos por eles e aprofundá-los melhor no intuito de materializar todo esse conjunto de informações e desenvolvê-los em um saber sistematizado para que o passado vivido pela população xinguarareense não se tornasse sem importância e enquadrado no esquecimento futuro. Como analisa Michael Pollak (1989):

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 8).

Estas informações me inspiraram e embasaram o ponto de partida para a construção inicial deste estudo, as primeiras pedras no alicerce desta proposta estavam assentadas, convictamente afirmo, a partir dali, porque havia em mim uma inquietação de que era necessário compreender e registrar a história e as muitas memórias da população que constitui Xinguara e desvendar os processos que a compõem. Enfim, o desafio foi se construindo e se definindo ainda mais a partir da proposta de seleção no mestrado, mesmo com muitos elementos apresentados, necessitavam de um fio condutor bem definido e de aprimoramento do que já tinha previamente pensado e planejado.

As leituras, o encontro com os diversos teóricos clássicos e contemporâneos, o aprofundamento dos princípios metodológicos foram apontando elementos riquíssimos na construção de um saber sistematizado, dando clareza na organização da prática para entender o processo de formação da cidade de Xinguara, meu campo de pesquisa já definido,

compreendendo e reorganizando sistematicamente meu objeto de pesquisa: uma cidade que se constituiu a partir de ciclos econômicos que se alternaram ou se combinaram. Impulsionado por correntes migratórias advindas de muitos lugares brasileiros, a cidade desenvolveu sua diferenciação sócio-espacial e cultural, caracterizando-a por uma população de “identidades misturadas”, resultado dessas diversas correntes migratórias, marcadas por uma intensa mobilidade e trajetórias anteriores, construindo gradativamente o modo de vida da população que por isso mesmo, fixou-se e ao mesmo tempo tornou-se flutuante.

Este estudo mergulhou sobre a vida dessa população com o interesse em compreender como ocorreu a formação urbano/rural, econômica e sociocultural da cidade que possui características marcantes em seu desenvolvimento, baseadas nas múltiplas trajetórias dos fluxos migratórios atraídos por três ciclos econômicos fortes: a) a madeira; b) o ouro e c) o acesso à terra, que culminou na pecuária. Ciclos econômicos que ocorreram em períodos históricos bem próximos e interligados um ao outro e que em suas múltiplas características provocaram o desenvolvimento de Xinguara, bem como a região sulparaense.

A alternância e a sucessão pelas quais passaram estes ciclos, no tempo e no espaço, foram elementos atrativos e fundamentais que constituíram a base para a construção do problema que dediquei-me a aprofundar: as diretrizes dessa análise estão ligadas diretamente à questão da existência dessas referidas correntes migratórias. À motivação de minha própria experiência pessoal e de minha família como migrantes que somos e vivenciamos estas relações socioculturais semelhantes à história de milhares de tantas outras famílias que se destinaram para as cidades sulparaenses.

Como já foi expresso antes, o próprio estudo conduziu-me a rever o sentido e o conceito de migração que marca e caracteriza Xinguara e a região sul do Pará. A tentativa de uma análise que dê conta de explicar e compreender o processo de mobilidade, desarraigando-se do ponto de vista que trata os migrantes que compõem esta região apontados mais numa escala geográfica, demográfica, como meros dados ou elementos históricos superficiais que não contemplam suas vivências, seus desejos de buscas que os fazem ir e vir por toda a região, cujos movimentos e mobilidades estão “carregados de valor em si”, como explicita Guedes (2013). Sei que não é possível dar cabo a toda esta análise por agora, porque a vejo como mais ampla, profunda, minuciosa e complexa.

Somando-se o teórico e o empírico, este estudo tem confirmado que Xinguara é caracterizada por uma mistura cultural impressionante em função da formação do contingente populacional advindo de muitos lugares configurando-se numa “mistura de identidades” que será desenvolvida no capítulo 2, buscando entender de onde vem o sentido do termo

“identidades misturadas” e a relação que tem com a formação da cultura desenvolvida nesta cidade, quando será dada maior ênfase sobre a região sul Pará e a cidade de Xinguara, detalhando-se a partir das narrativas dos moradores, “pioneiros”, remanescentes e população mais jovem (a maioria filhos da cidade) buscando através deste viés sobre os fluxos migratórios discutir como desenvolveu-se a formação de uma cidade com estas “identidades misturadas”.

Desenvolvi uma análise que situa Xinguara como uma cidade marcada por um lugar de encontro, mas também de desencontros. Um espaço permeado de desejos de muitos que vieram movidos pela busca de possibilidades, por isso mesmo caracterizado pela “cultura da andança”, como aponta Maria Antonieta da Costa Vieira (2001) em suas análises sobre “uma cidade que recebe e fixa pessoas, mas que envia e acolhe quem vive no trecho” e também a partir das importantes pesquisas de André Dumans Guedes (2013), que desenvolve sobre o aspecto da mobilidade com base em seu estudo acerca dos fluxos migratórios em Minaçu-GO. Como sinaliza o referido autor, trata-se de “uma cidade que viveu intenso processo de ir e vir em períodos históricos diferentes, desde os garimpos até a construção de barragens que marcam fortemente esta mobilidade”, base de suas pesquisas. Os estudos de Vieira (2001) e Guedes (2013), inspiram e trazem presente nesta abordagem sociológica uma visibilidade sobre a “cultura da andança”, pela qual Xinguara também está caracterizada, mesmo que em menor grau atualmente porque já foi bem mais intenso no início de sua história. O desenvolvimento sobre os tempos de migração e a construção da cidade a cultura da andança e a vida em Xinguara, o sentido da “andança” e o movimento como valor serão aspectos tratados no capítulo 3.

Considero ainda que a formação de Xinguara tem forte ligação com a análise de Bertha Becker (2013) que conceitua a como “cidade de borda”. Segundo a autora entre outras características, as cidades de bordas estão marcadas como “lugares de apoio a potenciais interesses de expansão econômica para os quais estão ligados por estradas, atraindo forte migração, povoadas por forte contingente nordestino” (BECKER, 2013, p. 52). Xinguara é habitada por um número expressivo de goianos e mineiros, mas com um número significativo de nordestinos, especificamente de maranhenses, que constituem a cidade, além de estar desenvolvendo ao longo do tempo estes aspectos que sempre atraiu forte migração, como já foi dito, por ser um eixo, “lugar de apoio, ligados por estradas”, como observa Becker (2013). Um outro aspecto que jamais poderia ficar de fora deste estudo, captado nas falas e vivências dos próprios habitantes: como vem se construindo ao longo dos anos e como vem consolidando-se a politização do sentimento de pertencimento da população à cidade.

O município de Xinguara está localizado no sul do Pará, na Amazônia Oriental, numa região de planície com pequenas ondulações. Segundo fontes do IBGE (2010), conta atualmente com uma população de 40.573 mil habitantes. Xinguara em 1979 tinha uma população bem mais expressiva atingindo o número de 64.571 habitantes (ver FIGUEIRA, 1996, p. 69).

Houve um declínio populacional significativo a partir de meados da década de 1980 em função do refluxo dos ciclos econômicos e também pelo desmembramento do distrito de São Geraldo do Araguaia e anos depois Sapucaia. Ressalta-se que muitas pessoas não conseguiram o pedaço de terra tão almejado, objetivo que trouxe muita gente para essa região. Houve diminuição gradativa da madeira, cujas madeireiras não absolviam toda a mão-de-obra disponível. A tendência da população foi de espalhar-se pela região em função principalmente da “febre do ouro”, em garimpos menores no próprio município e região, principalmente no garimpo Serra Pelada, que na época, década de 1980, estava em seu auge.

Dados históricos apontam que a entrada da maioria da população na região sul do Pará ocorreu inicialmente pela Centenária “Cidade Mãe”, Conceição do Araguaia, à qual Xinguara pertenceu e vinculou-se como categoria de vila/entroncamento por quase duas décadas. A expansão migratória deve sua origem à Conceição do Araguaia, que se desenvolveu com o controle e organização exercidos pela ordem dos dominicanos, os quais vinham atuando sobre a formação da cidade. Tal controle foi diminuindo e se desfazendo por volta do início do século XX, mais especificamente entre 1904/1905, “quando se descobriu nas matas próximas à Conceição do Araguaia uma rica área para extração da borracha advinda especificamente do caucho¹” (AUDRIN, 1946; IANNI, 1978; SANTOS, 1996).

Nesse processo ficou perceptível pelas leituras dos autores mencionados a rapidez com que se deu a intensa corrida de grupos de pessoas, principalmente vindos do nordeste brasileiro para a região sul do Pará em pleno início do século XX, o que levou esta região a ser um ponto de produção caucheira e tornando-se um dos vários pólos extrativos da borracha na Amazônia. Esse fato nos leva a crer que o processo migratório de grupos de famílias que vieram para esta região é bem mais antigo do que se imagina, sendo estes os primeiros desbravadores “pioneiros” e primeiros chegantes que foram se espalhando e contribuindo na formação dos núcleos urbanos assim que se iniciaram as aberturas das estradas anos mais tarde. Recorrendo à leitura de Santos (1996) que registrou sobre esses primeiros trabalhadores aventureiros, encontram-se as seguintes informações:

¹ *Castilla ulei*, árvore nativa da Amazônia, da qual também é extraído do latex para fabricação da borracha.

Constantemente chegavam os extratores que, com suas tropas atravessavam o rio, paravam alguns dias em Conceição e daí se embrenhavam nas matas em busca do precioso caucho. Abriam-se, ao longo das ruas, casas de negócios. Na espaçosa praça da Matriz fazia gosto ver-se o movimento das tropas, conduzindo pranchas de caucho e levando para os núcleos víveres, medicamentos e mercadorias. Na fachada das casas comerciais, vistosos letreiros indicavam a firma que geria o estabelecimento. O pequeno “povoado dos padres” cresce extraordinariamente em pouco tempo. Os novos aventureiros traziam consigo, logicamente, novos costumes. (...) Conceição do caucho agora era outra: O dinheiro antes escasso, agora corria à vontade; as lojas estavam repletas de objetos de luxo e bebidas; bailes, orgias, prostituição e constantes tiroteios (SANTOS, 1996, p. 115-116).

A exemplo de Conceição do Araguaia, com o passar do tempo outros vilarejos que posteriormente foram se constituindo em núcleos urbanos que iam lentamente surgindo em meio à floresta para dar apoio e suporte para exploração tanto do caucho como da ocupação do território para a criação de bovinos, que também é uma prática antiga na região, como apontam estudos de Vania Vaz (2013). Em sua tese que trata sobre *A formação dos Latifúndios no sul do Estado do Pará: terra, pecuária e desflorestamento*. Nesse aspecto a autora afirma:

Diante da nova realidade, os dominicanos tiveram um novo desafio em evangelizar os novos pioneiros, que estiveram concentrados nos lucros da atividade da goma elástica e tão logo os religiosos não conseguiram desempenhar o nível de controle que exerciam sobre grande parte dos moradores. Em contra partida o fluxo de mais pessoas na região já contribuiu para que a atividade pecuária saísse do estrangulamento comercial. Os sertanejos passaram a comercializar mais carne e couro, bem como administrar a venda de animais vivos ou de charque para as tropas que seguiam rumo ao imenso polo de extração da borracha no rio Xingu. O perfil itinerante na extração do caucho também dinamizou a movimentação de pessoas naquele território, bem como a fixação esporádica para uma pequena extração de borracha, além, é claro, dos pequenos pecuaristas que se afastaram cada vez mais, procurando terras não ocupadas. Veiga *et al.* (2004) aponta que a presença de muitas mangueiras, com idades variadas, entre sessenta e cem anos de idade no sul do Pará, são evidências da presença de antigas propriedades espalhadas por toda a região (VAZ, 2013, p. 39).

Estudos mostram que a extração do látex se espalhava matas adentro ainda no início do século XX, alcançando vários pontos da região sul do Pará predominantemente a concentração da exploração da goma que percorreu um caminho numa extensa área de florestas que se estendia entre o Rio Araguaia e o Rio Xingu.

Não somente a cidade crescera, mas os arredores continuavam a povoar-se com extraordinária rapidez. Os campos das Arraias iam multiplicar-se os sítios e fazendas. As matas do caucho iam sendo ocupadas. Em cada passagem de ribeirão, em cada “cabeceira”, em cada “campestre” fixavam-se moradores, animados pelos fartos lucros provenientes do trânsito ininterrupto de comboios de seringueiros. Era a verdadeira “marcha para o oeste”, cujo resultado foi o encontro dos araguiaios com os caucheiros do Xingu, nas florestas amazônicas (AUDRIN, 1946, p. 95).

Há estudos que apontam que, no processo de formação de vários lugares, foi se ocupando as terras e espaços da região sulparaense, não de maneira simples, mas num processo de muita complexidade e conflitos. Terras que iam sendo ocupadas sem considerar os habitantes já existentes, como é o caso dos indígenas que, especificamente se tratando de sul do Pará, são as tribos Kaiapós. Encontrei no estudo de Moreira Neto (1960) uma importante análise sobre as primeiras famílias e grupos pastoris que desbravaram esses territórios. Sobre esse aspecto, o autor afirma: “não havia o arame, o grande elemento pacificador e protetor da cultura dos campos. Daí uma das razões da retirada dos currais de criação para o sertão brasileiro” (MOREIRA NETO, 1960, p. 6). Ao perceberem que estas terras onde se instalaram primeiro não eram apropriadas para desenvolver a agricultura e a agropecuária, foi-se originando um movimento constante e resultando numa atividade pastoril itinerante. Consequentemente, dando lugar aos núcleos e aglomerados urbanos desordenados, uns já existentes e outros novos que iam sendo criados por posseiros em função da vastidão de terras; fundaram-se vilas que foram tornando-se cidades.

Assim surgiu Xinguara que desenvolveu-se de um contexto histórico com raízes ligadas à própria história da “cidade mãe”, Conceição do Araguaia. Ganhou certa autonomia e sua emancipação nesse contexto através do Ato de Emancipação Política e Administrativa, quando foi aprovada a elevação de município por desmembramento, através da Lei 5.020, de 13 de maio de 1982.

Ainda com base em dados do IBGE (2010), o município de Xinguara faz parte da microrregião de Redenção, sendo localizado na latitude 07°05'45—sul e na longitude 49°56'45 oeste. Faz limite ao Norte com os municípios de Canaã dos Carajás e Curionópolis; ao Sul com o município de Rio Maria; a Leste com o Município de Piçarra e o Rio Araguaia (Estado do Tocantins) e a Oeste com os municípios de Água Azul do Norte e Ourilândia do Norte. Situa-se a 629 km ao Sul de Belém, capital do Estado do Pará, com altitude em torno de 279m na sede. Estas fontes indicam que possui uma densidade demográfica de 10,74 hab./km² em uma área de aproximadamente 3.779 km, sendo 77,6% fixados na zona urbana e 22,4% na zona rural.

para tentar amenizar tais conflitos, fizeram o controle e a “distribuição” de alguns lotes através dos órgãos da terra, parte do projeto de integração da Amazônia.

Sabe-se que historicamente quando se lançou políticas de investimento e de desenvolvimento na Amazônia não se priorizou o pequeno e o médio proprietário, o trabalhador e a família que precisavam da terra para sobreviver. Os registros são claros sobre a quem se destinaram os projetos de incentivo na Amazônia:

O governo federal estimulou o latifúndio, concedendo, por meio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) incentivos fiscais. Os incentivos consistem no seguinte: não paga seus impostos quem não quiser aplicá-los para praticar pecuária em grande escala na Amazônia. Vê-se, então, todas as grandes empresas do país, os bancos, os supermercados, tornarem-se pecuaristas: Volkswagen, Bradesco, Bamerindus, Alô Brasil, Tecelagem Parahyba e tantos outros (HEBETTE, 2004, p.38).

O ciclo da terra foi o que predominou e posteriormente caracterizando-se pela agropecuária, seja de pequeno, médio e grande porte, chegando atualmente à pecuária extensiva e ao agronegócio que já desponta em algumas empresas pecuaristas como é o caso do Grupo Santa Bárbara² que vem abarcando grandes áreas no município de Xinguara e região. A terra foi o que incentivou mais famílias a adentrarem-se pelo Pará, espalhando-se pela região sul do Pará e chegando até Xinguara a partir da década de 1970.

A partir de 1970, o governo federal retoma planos de colonização para famílias camponesas. Cria o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA [...] A reforma agrária visa dar a todos que querem trabalhar a terra os recursos necessários para produzirem: terra, estradas, créditos do banco, assistência de agrônomos, sementes, escolas (HEBETTE, 2004, p.38).

Este estudo está fundamentalmente interligado a um conjunto de debates com autores envolvidos nas diversas temáticas que foram sendo construídas e situadas empiricamente em relação à minha pesquisa de campo. Por isso busco entender na questão do tempo e do espaço como a região sul do Pará foi surgindo e se constituindo em tantos núcleos urbanos, compostos por muitas pessoas que se aventuraram **em busca de uma vida melhor**, expressão inúmeras vezes repetidas em suas narrativas. Movidas e impulsionadas pelas notícias de riquezas e oportunidades que se representavam pelas febres econômicas do ouro, da madeira e

²O Grupo Santa Bárbara, do banqueiro Daniel Dantas, nos últimos anos comprou mais de 50 fazendas na região com área superior a 500 mil hectares. Grande parte dessas áreas são constituídas de terras públicas federais e estaduais. Contudo, nem o INCRA e nem o ITERPA tem adotado qualquer medida legal para arrecadar as terras e destiná-las ao assentamento de famílias de trabalhadores rurais sem terra, conforme determina o artigo 188 da Constituição Federal, pois seus supostos [e falsos] proprietários são apenas meros detentores dos imóveis, haja vista a proibição constitucional de posse de particulares sobre bens públicos.

principalmente da terra; mesmo quem não concretizou seu planos iniciais por uma razão ou outra, persistiu em ficar somando-se nesta importante tarefa, constituindo-se assim cidades como Xinguara. Busco extrair das muitas histórias de vidas instaladas nesta cidade como a população foi se desenvolvendo e construindo as sociabilidades nesse processo de vida rural/urbana.

Dediquei-me a olhar cuidadosamente a partir das observações desenvolvidas nas entrevistas feitas com “pioneiros”, com a população jovem e com a população flutuante (pessoas que geralmente tem residências em Xinguara, mas vivem num processo de andança pela região e até fora do estado, ou ao contrário, moram e trabalham em Xinguara, mas com residência em outro lugar). Buscando captar nas falas significativas de cada morador o que já viram, enfrentaram e vivenciaram, como fizeram e ainda estão construindo e reconstruindo a vida junto com a cidade. Os “pioneiros” foram apresentando as dificuldades e fracassos enfrentados, mas também os avanços e os sucessos de muitos. Desnudaram-se a partir das entrevistas registradas que Xinguara iniciou-se de forma precária e permeada de muitas dificuldades. Como disse uma moradora “pioneira”:

Aqui no começo de tudo, parecia um lugar de ninguém, uma vila perdida, sabe um lugar horrível, mais horrível do mundo, todo mundo era estranho a não ser os nossos, as famílias que vinham juntas... muita violência pela ganância de ganhar dinheiro. Era assim no meio da mata, cheia de malária, abandonada, eu mesmo peguei malária quase morri, fiquei dias sem ver noite nem o dia, foi por Deus mesmo que muitos aqui no início sobreviveu e hoje tá aqui para te contar esta história” (Sra. Lica. 62 anos, moradora há 30 anos).

É bem perceptível que era um espaço que ofertava muita riqueza, uma natureza exuberante em seus primeiros tempos; no entanto, a construção do espaço urbano e social que se desenvolvia era precário em sua forma e estrutura. Sem a mínima condição de atendimento à saúde, sem escolas para tantas crianças e jovens que chegavam. Mas atraía as famílias porque se tratava de um lugar rico em oportunidades, acontecimentos e dinâmica pela sua posição geográfica. Um local que estabelecia ligação com outros municípios e até outros estados, como é o caso do Tocantins, Goiás e Maranhão. Motivo pelo qual reafirmam os moradores que inicialmente este núcleo urbano chamou-se entroncamento. Contudo, foram os primeiros habitantes oriundos de muitos lugares, marcados por muitas trajetórias que foram dando um formato ao local e construindo o modo de vida, as sociabilidades e a base sociocultural, econômica e política do lugar.

Confirmam-se nas diversas falas e narrativas dos entrevistados o início de sua história, marcado por muitas dificuldades, por isso muitos sublinharam que Xinguara foi sendo

construída pela vontade e coragem de cada morador, pelo trabalho, pelo desejo e pela crença de que seria possível vencer e alcançar objetivos para os quais vieram. Se não aqui, mas em suas proximidades, daqui para frente ou em outras direções como “pioneiros” afirmaram:

Teve gente, famílias inteiras que vieram, não gostaram ou não era bem o que ouviam antes de chegar aqui, achava que seria fácil conseguir terra ou trabalho e montar comércio. Não deu certo aqui, aí abriu no mundo, pra outros rumos enfiando mais pra dentro. Conheci famílias que foram para a “Morada do Sol” (Tucumã) no meados da década de 1980, quando aqui já parecia ter acabado a esperança de ter a terra, os garimpos ficaram esgotados e as madeireiras fechando, até hoje se você prestar atenção tem gente indo pra banda do o Iriri (São Félix do Xingu), porque é região nova de exploração, as terras baratas” (J.S.M, 67 anos, morador há 32 anos).

Estas narrativas constam que muitas famílias que vieram em busca de vida melhor, nada conseguiram ou retornaram para seus lugares de origens ou por outros trajetos já experimentados anteriormente, mas um lugar que lhes garantissem mais tranquilidade e segurança que geralmente se traduz em trabalho e estabilidade econômica. Como é o caso da história do “pioneiro” J. M. F., que tem sua história como a de muitos outros que vieram porque outros familiares vieram primeiro. No caso do Sr. J.M. F., ele já tinha notícias do lugar através da Rádio Nacional da Amazônia que o governo estava distribuindo terras, através do GETAT³.

Logo, Sr. J.M.F. veio por incentivo de uma irmã que chegou primeiro, se instalou, escreveu carta contando as vantagens de Xinguara que estava iniciando sua história. Sr. J. M. F. Veio só em 1982, sondou o lugar, trabalhou de servente de pedreiro, mandava dinheiro para sustentar a família que havia ficado no Goiás; logo depois, em 1983, veio com a família toda. Anos mais tarde veio mais um irmão, A.M.C trazendo os filhos, instalou farmácia aqui em Xinguara e permaneceu por mais de 12 anos. Os filhos se espalharam, ficando só uma das filhas por aqui que constituiu família, abriu e expandiu negócios, hoje proprietária de uma escola de educação infantil. A.M.C. constituiu outra família, seguiu para PA-279, até hoje está no município de Água Azul do Norte, onde continua no ramo de farmácia. A irmã de ambos que veio primeiro, que foi a motivação da vinda dos dois irmãos, se desgostou do lugar, voltou para o Goiás, depois Distrito Federal e, finalmente hoje está na região de Mato Grosso, onde foram atraídos pelo negócio da soja. Todavia, J.M.F. afirma gostar de Xinguara, e reforça uma frase que ouvi também de outros “pioneiros”: “não mudo daqui mais não, aprendi

³ É criado o Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT), com a finalidade de coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária no Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Oeste do Maranhão, nas áreas de atuação da Coordenadoria Especial do Araguaia-Tocantins, criada na forma do disposto no artigo 1º do Decreto-lei nº 1.523, de 3 de fevereiro de 1977.

a gostar de Xinguara, daqui só para o Selectas” (Selectas é a referência ao cemitério local que fica situado no bairro com este nome).

Assim, avançou-se e desenvolveu-se a cidade, gradativamente com o esforço de cada um sejam os “pioneiros”, sejam os mais recém-chegados ou quer sejam seus filhos, pelas suas experiências de vida narradas, fica evidenciado que ainda persiste a crença e a perseverança que Xinguara vem tornando-se cada vez melhor, com a esperança que vai se transformando em uma cidade ainda mais digna para se viver.

É importante esclarecer que este estudo não se dedicou a fazer um aprofundamento sobre as cidades do sul do Pará como um todo, em função da amplitude que é a região, o que exigiria um desdobramento maior, contudo faço menção ora e outra de muitos aspectos comuns de desenvolvimento da região sul paraense. Aponta-se aqui pelo menos as cidades mais próximas à Xinguara nesse trajeto referente à PA-150, ligando-a à Conceição do Araguaia, encontram-se Redenção e Rio Maria, cidades que surgiram no mesmo período e contexto. É necessário fazer menção a essas duas cidades porque ambas cresceram e desenvolveram-se paralelamente à Xinguara, sendo que estas três cidades interligam-se e integram-se em função do “corredor migratório”, ligadas tanto pela sequência geográfica e histórica que são marcadas também pelos ciclos da madeira e ouro, tendo em comum a luta pela posse da terra. Atualmente desenvolvem-se economicamente a agropecuária (pequenas, médias e grandes propriedades com cultivo da terra com a prática da agricultura de subsistências com pequenas lavouras, a criação do gado leiteiro e gado de corte) e o negócio agropecuário que tem sido rentável (extensas propriedades com produção em grande escala do gado de corte com investimento e produção na industrialização do leite e seus derivados e da carne para importação). Têm em comum o poder econômico que dinamiza estas três cidades que se encontram nesse mesmo “corredor econômico”.

É interessante ressaltar que se tratando aqui da população flutuante e processos de mobilidade, fica evidenciado que é característico o processo do ir e vir de pessoas entre estas cidades, havendo um sistema de deslocamento de mão-de-obra, de pessoas, de coisas e de produção. A mobilidade tracejada entre estas cidades é algo notório, perceptível, porém imensurável. No entanto, numa visão geral é possível perceber no cotidiano estas idas e vindas das pessoas. “Os pontos de vans” ou “rodoviária das vans” (transportes alternativos) trafegam diariamente entre essas cidades, de hora em hora. Xinguara tornou-se o centro dessas cooperativas de vans que recebem e emitem passageiros de todas as cidades em volta e do trajeto que vai aos dois extremos: Conceição do Araguaia a São Félix do Xingu. Esse fluxo de pessoas já ocorreu com maior intensidade em outros tempos como, por exemplo, a busca

de atendimentos em agências bancárias como a Caixa Econômica e o posto de atendimento do INSS, que só tinham em Redenção; ambas as instituições já se instalaram em Xinguara de uns 5 anos para cá, como também o Banco da Amazônia-BASA (antes só havia em Conceição do Araguaia).

Diminuíram as idas e vindas de um grande contingente de pessoas em busca de seus benefícios e atendimentos tanto para Conceição do Araguaia quanto para Redenção. É interessante ressaltar que a população da chamada PA-279, que estende-se de Água Azul do Norte até São Felix do Xingu, beneficiou-se muito com estas instituições em Xinguara com o encurtamento dos caminhos. Mas mantém-se ainda o tráfego de pessoas em função da busca de outros recursos como a subsede do INCRA, que ainda é em Conceição do Araguaia e o Hospital Regional, que está instalado em Redenção.

Ressalta-se neste contexto uma quantidade expressiva de servidores públicos da educação, saúde, bancários, segurança pública (polícia militar e civil) e de outras áreas que estão concursados em Xinguara, mas que possuem residência nos seus referidos municípios de onde vieram, não só nesses do “corredor migratório”, como já foi dito, mas também em Canaã dos Carajás, Parauapebas, Marabá e até da capital, Belém, bem como de outros estados brasileiros. O processo referente à população em situação de mobilidade ocorre também ao contrário: um contingente significativo de moradores que se tornaram servidores concursados pela região, ou em outras frentes de trabalho, em outros municípios, mas mantendo sua residência em Xinguara, não desvinculando-se, permanecendo inclusive como seu domicílio eleitoral em Xinguara, situação que tornou-se um fato comum.

O recorte temporal definido para este estudo para efeito de entender a cronologia de sua fundação, baseia-se nas primeiras narrativas sobre o aparecimento do lugar, considerando o ano de 1970 até a atualidade, porque merecem destaque vários fatos, registros das vivências e experiências pelas quais passaram os habitantes de Xinguara nos primórdios de sua história, assim como os moradores remanescentes, entre eles os filhos da cidade. Esta definição se deu ainda pelo fato de haver um contexto marcado pelo fluxo migratório em toda região sul do Pará a partir de 1970, especificamente em Xinguara, ainda marcada pelo processo migratório nos dias de hoje.

O referido recorte temporal proposto torna-se importante porque proporciona aprofundar o modo de vida, as experiências de deslocamentos espacial, social e cultural em todos os sentidos, resgatando os diversos tempos, a partir da memória dos próprios moradores, com o intuito de desvendar e analisar as histórias de vida da população xinguarense, cujas respostas estão entrelaçadas com as relações temporais e espaciais e com o

desejo que foi gradativamente sendo reconstruído e desenvolvido em sua formação e crescimento, marcada por levadas de migrantes que se dirigiram para esta região desde a referida década, 1970.

Reforça-se que a entrada da maioria da população inicialmente ocorreu pela Centenária “cidade mãe”, Conceição do Araguaia, à qual Xinguara pertenceu e vinculou-se como categoria de vila/entroncamento por quase duas décadas. Encontra-se em “A Justiça do Lobo”, de padre Ricardo R. Figueira (1996), importantes registros sobre o contexto de Conceição do Araguaia muito antes da década de 1970 e apontam-se elementos importantes da chegada das primeiras levadas de migrantes que se espalhavam pela região sul do Pará e para Xinguara nesse período, mesmo antes de sua emancipação:

A grande maioria dos que chegam é formada por nordestinos escapando da seca e da fome, em busca das matas do Pará. Para eles não tem alternativa. Precisam de terra com urgência porque o dinheiro mal deu para a passagem. Lutam literalmente pela sobrevivência. São piauienses, cearenses e principalmente maranhenses, quase sempre convidados pelos que vieram na frente: parentes, compadres ou conhecidos. Este crescimento demográfico vertiginoso abrange, na verdade toda a área. Observando os dados referentes a Conceição do Araguaia, que envolvia, até 1982 (...) houve novo desmembramento em 1982. Redenção possui 49.305, Rio Maria 23.609, Xinguara 64.571 e Conceição do Araguaia ficou com 57.788 habitantes. Esses dados são da SUCAM e não abrangem os trabalhadores dos diversos garimpos de ouro que são dezenas de milhares (FIGUEIRA, 1996, p. 69-70).

Houve um desdobramento à medida que minhas pesquisas, as entrevistas e estes estudos avançaram em reconstruir minimamente os movimentos e as trajetórias de tantas famílias e, acima de tudo, atentei-me para as razões e os objetivos que impulsionaram a vida desses migrantes que tornaram-se parte dessa cidade. Confesso que fiquei no desejo de mensurar, de ter dados mais claros condizentes quem é maioria da população em Xinguara: mineiro, goiano ou maranhense? Ao meu ver ficou em aberto, necessitando mais estudos, mais pesquisas e dados. Busquei traçar mais o perfil sociocultural dos habitantes baseando-se em como se constituiu o modo de vida e as sociabilidades em Xinguara.

Apontado pelas falas mais gerais os “pioneiros” entrevistados, repetem: “vimos de Grajaú (MA) para Xinguara para melhorar as nossas condições de vida, lá nós enfrentava a falta de muita coisa” (L. S. M. 56 anos, morador desde 1978); “a intenção quando viemos do norte de Goiás, que hoje é Tocantins, foi a de conseguir um pedaço de terra e dar uma vida melhor para a família (Sr. J. A. L, 53 anos, morador desde 1981); “os motivos de nós ter vindo foi trabalho e dinheiro, porque tinha a notícia que corria muito dinheiro. Então meu pai já tinha saído do Paraná, viemos para Araguaína (TO), lá as condições não foram boas aí veio investir aqui” (N. R. S, 48 anos, moradora desde 1983).

É importante reforçar que a segunda fase da pesquisa teve seu planejamento voltado às entrevistas com os migrantes que chegaram à cidade mais recentemente, a partir da década de 1990 e 2000 em diante, que são parte de um contingente bem expressivo. Realizei também entrevistas com uma população bem específica que são os filhos da cidade, pois nesse contexto é de suma importância compreender o que pensam, o que sentem e como vivem os jovens, filhos já nascidos em Xinguara, ou chegados mais recentemente.

Consegui desenvolver em um curto prazo uma metodologia que atingiu uma quantidade significativa dessa categoria populacional que foi a distribuição de questionários com questões abertas e semi-estruturadas, oportunidade em que adentrei em todas as escolas públicas de ensino médio da rede estadual de ensino, sendo as seguintes instituições: E.E.E.M Dom Luiz de Moura Palha; E.E.E.M Anexo Raimundo Henrique de Miranda e Pedro Ribeiro Mota E.E.E.M e as escolas privadas: Carlos Drummond de Andrade e Dom Pedro II. Utilizei-me como base para entrevista somente os alunos de 3º ano de ensino médio, somando-se num total de 328 adolescentes e jovens, em sua maioria absoluta, parte da população que nasceu no lugar nos últimos 30 anos.

Todavia, confirmei nesse processo de pesquisa e entrevistas que é exatamente parte significativa dessa população, principalmente os jovens, o grupo marcado pela mobilidade. Por isso utilizei-me do instrumento das redes sociais para localizar estes jovens que se encontram hoje fora da cidade, em sua maioria, por questões de estudos. Partiram com apoio de suas famílias, cujos pais investem para a qualificação de seus filhos na perspectiva de que voltem para Xinguara com o intuito de empregarem-se e investirem aqui na profissão e qualificação que foram buscar fora. Nas observações e abordagens desenvolvidas confirma-se que é onde se encontra a maior parte da população flutuante, não só no caso de estudos, mas também a busca de sobrevivência de melhor emprego ou outras alternativas de condições de vida enquanto os pais e a família ficam por aqui em suas propriedades rurais ou comércio, ou em outras frentes de trabalho dando o apoio necessário.

Além desse propósito de estudo, reforça-se a importância de fazer com que se compreenda Xinguara como uma “cidade de borda”, o que significa dizer que é uma cidade que é ponto estratégico tanto no movimento do fluxo de migrantes, como espaço socialmente construído como dinâmica econômica que propicia oportunidades para vinda de pessoas de todas as regiões brasileiras, principalmente do Centro Oeste e Nordeste, e reforça-se de antemão, um contingente expressivo do estado do Maranhão, caracterizando-a como uma cidade com uma cultura diversificada e plural onde desenvolveu-se uma população de “cultura misturada”.

Foi possível buscar através da forma de olhar a cidade, nas narrativas e afirmativas dos moradores (re) fazer a memória através de tantas vivências para compreender como vem se consolidando a formação sociocultural, o sentimento de pertencimento ao município e sua politização. A luta pela autonomia se construiu historicamente desde a interligação com a “Cidade Mãe”, Conceição do Araguaia, ainda na década de 1970, e na concretização de sua emancipação, e hoje, ainda se apresenta neste cenário integrado à região sul e sudeste do Pará numa tentativa de se viabilizar uma proposta de autonomia mais ampla que é a idéia de criação do estado de Carajás, que culminou na realização do plebiscito para a divisão do Estado do Pará em 2011.

Destaco que apenas faço menção a este movimento em defesa da criação do Estado de Carajás, sem maior aprofundamento, apenas contando e descrevendo o processo de como se desenvolveu, e como vem se desencadeando ainda esta luta acampada na região sul e sudeste do Pará, que enseja concretizar a autonomia e a independência da região, não sendo contudo temática para aprofundamento neste estudo, exigindo-se dedicação mais específica. Ressalto que será no capítulo 4 que se realçará esta discussão com “O projeto de autonomia do sul do Pará: politização das “identidades misturadas”, destacando aspectos voltados para compreender como se desencadeou este movimento Pró-Carajás em Xinguara e na região, versus a campanha do “não” à divisão, entendendo quem são os grupos políticos envolvidos na luta pela criação do novo estado, analisando quanto à politização de diferenças e identidades dentro do Pará.

Os procedimentos para a realização das entrevistas foram previamente pensados. O planejamento e seleção dos entrevistados priorizei na maioria moradores menos conhecidos, anônimos na história e para a sociedade, mas pessoas que vivenciaram experiências que não são muito (re) conhecidas, nem contadas, geralmente.

Contudo, para a realização das entrevistas, organizei alguns critérios e selecionei algumas estratégias para tentar ser bem objetiva e não perder tempo nem informações essenciais. Para a primeira etapa de entrevistas utilizei os seguintes quesitos: a) “pioneiros”, em sua maioria moradores mais antigos, anônimos, com uma gama de vivências e experiências; b) divisão por categoria, como migrantes que vieram em busca de terra; c) migrantes que vieram em função da madeira (trabalhadores e proprietários de madeiras); d) migrantes motivados pela “febre”, exploração do ouro; e) uma segunda geração de população que veio em busca de terra já em meados da década de 1980, incentivados pelo investimento na terra, traduzido pela agricultura e agropecuária que é o ciclo predominante ainda hoje e, o agronegócio que já sinaliza-se no município, através do Grupo Rio Vermelho,

Santa Bárbara e Fazenda Espírito Santo, que localizam-se na área do Distrito Rio Vermelho, uma localidade pertencente ao município de Xinguara e Sapucaia.

Numa segunda fase da pesquisa, contactei e registrei as narrativas dos migrantes que chegaram à cidade mais recentemente, a partir da década de 1990 e 2000 em diante, que é um contingente bem expressivo. Por último, realizei entrevistas com uma população bem específica que são os filhos da cidade, a população que nasceu no lugar nos últimos 30 anos e é marcada pela mobilidade. Nessa categoria, pelas observações e abordagens desenvolvidas é que se encontra a maior parte da população flutuante, talvez pela busca de sobrevivência que inclui melhores condições de vida e qualificação (estudos). Por conseguinte, os procedimentos para a realização das entrevistas foram previamente pensados, como já foi mencionado, além dessas categorias (inicialmente “pioneiros”) marcadas pelas “febres” e ciclos econômicos e seus respectivos períodos, no planejamento e seleção dos entrevistados priorizei, não só pessoas mais conhecidas e influentes na história da cidade, mas principalmente a maioria que abordei e entrevistei são moradores não muito conhecidos, em muitos casos anônimos para a sociedade, pessoas comuns que foram os meus entrevistados. Muitos não foram entrevistados, mas lembrados porque tem contribuição direta ou indireta na construção de Xinguara.

Entre as pessoas influentes na história da cidade, nomes mais conhecidos, que se tornaram-se lideranças empresariais e políticas, como é o caso do Sr. Itamar Mendonça, que gentilmente me concedeu entrevista e me contou fatos inéditos de sua trajetória de vida e de sua família, aspectos tanto pessoal quanto político. Itamar Mendonça foi prefeito por duas vezes. Sendo a primeira numa gestão de 5 anos (1984-1989), como ele mesmo narrou, eleito concorrendo com um adversário político forte, de renome, Sr. Elviro Faria Arantes, fazendeiro, “que tinha dinheiro e apoio dos grupos de comerciantes, fazendeiros e madeireiras da época” e, ele Itamar se auto afirma: “um simples garimpeiro, ex-balconista, que andando a pé pelas ruas, pelas colônias, pedindo voto com a cara e a coragem” em sua primeira eleição. Resultou-se em “uma surpresa, uma vitória para toda a população trabalhadora e mais carente”, segundo ele, surpresa principalmente para os que fizeram oposição, atingindo na época uma votação expressiva, elegendo-se o primeiro prefeito de Xinguara e jovem, aos 27 anos de idade.

Procurei-me valer de registros escritos que não são estudos científicos, mas narrativas literárias (romances, poesias) e esboços baseados em informações vivenciadas por “pioneiros”, que em muito contribuíram para eu demarcar nomes de famílias, homens e mulheres corajosos e desbravadores que trabalharam e construíram a cidade de Xinguara.

Entre estes escritores da terra, romancistas, poetas e intelectuais a que tive acesso, li e pontuei um registro ou outro que se interrelacionaram com minhas pesquisas de campo, pessoas que abordei, formal e informalmente e as entrevistas que desenvolvi com 368 moradores, incluído “pioneiros”, os migrantes que chegaram depois e a população mais jovem. Registros nestas obras literárias cada uma com seu valor específico, em muito me inspiraram e contribuíram com minha produção. Faço menção aqui aos seguintes nomes de escritores que fui atrás de suas produções, são significativas por trazer nomes e histórias com as quais nos identificamos. Sei que alguns escritores ou poetas ficaram fora de minha lista por eu não ter conseguido contatar ou não ter tido retorno, mas esses foram os que tive acesso:

- a) Antonio Cunha Catanhêde (falecido), natural de Bequimal, Maranhão, veio para Xinguara com a família em 1977, desbravador, “pioneiro”, ele mesmo escreve que para sobreviver, conta que “trabalhou em quase todo tipo de serviço” e que foi até professor quando Xinguara ainda era entroncamento. Um dos primeiros proprietários de uma escolinha particular em casa, ensinou muitos meninos filhos de garimpeiros, madeireiros e trabalhadores de fazendas a ler e escrever porque na época ainda não tinha escola. Sua trajetória antes de chegar em Xinguara: Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará. Seus escritos são impressos em um fascículo simples, mas com riqueza de informações que confirmam sua trajetória e de sua numerosa família que ainda hoje vive em Xinguara, família Catanhêde, boa parte residente no Setor Chácaras, onde o referido patriarca e a matriarca, D. Perolina viveram e encerraram seus últimos dias (cujo falecimento de ambos foram separados por apenas um dia de diferença). O livro do Sr. Catanhêde intitula-se “O sofrimento e a Vitória do Homem do Campo”, publicado em 2009.
- b) Antonio Firmino de Lima foi o primeiro que se tem notícia que anotou relatos dos “pioneiros” sobre a cidade. Ele próprio “pioneiro”, valorizou a história e narrativas de outros tantos “pioneiros”. É inspirador o seu livro que não é ficção, mas sim registros de histórias vividas, informações, nomes de pessoas conhecidas, primeiros homens e mulheres, comerciantes, lideranças, religiosos. Apontou dados que conseguiu reunir e organizou à sua maneira. Traz registros de nomes de pessoas e de famílias “pioneiras”, de lideranças religiosas e políticas, nomes dos primeiros comércios, primeiras escolas, cinema, campo de futebol, clubes, agências bancárias e órgãos institucionais. Seu trabalho é uma relíquia, pouquíssimas pessoas possuem o seu livro em Xinguara. Foi de grande valia ter encontrado seus escritos, que são bem coerentes com muitas entrevistas que eu já havia feito com “pioneiros”. Seu livro recebeu o nome de

- “História Documentária de Xinguara e seus Pioneiros”, é datado de 25 de janeiro de 1990.
- c) José Geraldo Gonçalves de Macedo, conhecido por Gerald Macedo, é natural de Turmalina (MG). Atualmente é radialista, na emissora de Rádio União FM, sendo bem conhecido pelo povo de Xinguara. Teve uma trajetória anterior de muita andança: passou por São Paulo e Amazonas onde trabalhou como locutor, até chegar a Xinguara, quando ainda era Entrocamento do Xingu. Já foi cantor pelos garimpos da Amazônia e hoje, como escritor da terra, fez narrativas e registros sobre o “pioneirismo” que culminou num livro que intitulou “Raízes de Xinguara”. Seu trabalho é interessante porque Gerald foi a campo, conversou com esses “pioneiros”, buscou fotos, registrou nomes de pessoas e famílias que chegaram primeiro e criou um blog que inclui seus registros. Foi valiosa sua contribuição para a minha pesquisa e estudo científico para compreender a formação de Xinguara e fiz uso das fontes e fotos que organizou. O seu livro “Raízes de Xinguara” foi publicado em 13 de novembro de 2012.
- d) Faço menção ainda a Ismael Vieira Borba, também mineiro nascido no município de Estrela do Sul (MG), mas cresceu em Monte Carmelo (MG), seguiu para Belo Horizonte, depois de ter se casado com D. Selma Maria Guimarães Borba, mudou-se para Vilhena (RO), onde viveram por algum tempo proprietários de escola particular, vindo em seguida para Xinguara, quando adquiriu e reergueu o colégio Castro Alves no início de 1982, uma das primeiras escolas particulares da cidade que teve seu auge e funcionou por mais de 20 anos, tornando-se proprietário e diretor dessa importante escola em que muitos filhos da cidade ali estudaram desde o jardim e muitos concluíram até o ensino médio. A escola fechou em 2007. Mas suas dependências, que têm uma estrutura ampla, ainda funcionam hoje com a maior escola estadual de ensino médio de Xinguara, Dom Luiz de Moura Palha, que está instalada lá interinamente, pois seu prédio está em reforma. Professor Ismael Borba, também advogado, “pioneiro” da educação privada em Xinguara, deixou um importante registro com seu livro “Operação Z, um lugar muito longe”, lançado em agosto de 2002.
- e) Wilton Borges Azevedo, médico oftalmologista, nascido em Inhumas (GO), como ele mesmo narra, passou toda sua infância na Amazônia, especificamente no sul do Pará. Como ocorre com muitos jovens que cresceu e/ou nasceu em Xinguara que partem em busca de qualificarem-se, Wilton Borges foi embora para Teresópolis (RJ), estudou, formou-se e retornou para Xinguara (PA), onde instalou seu consultório e faz um

trabalho de reconhecimento pela sociedade xinguarense. Apaixonado pela literatura regional escreveu um livro de ficção, mas baseado em histórias reais e estórias de aventuras dos primeiros tempos em Xinguara, relatando de forma criativa e rica acontecimentos do cotidiano dos primeiros habitantes. Seu livro possui impressionantes relatos que muitas pessoas se identificam porque trata-se de histórias ligadas aos acontecimentos reais. Li, pontuei e correlacionei seus escritos com o que ouvi em muitas narrativas nas entrevistas que registrei e, me inspirei na profundidade de como escreve Dr. Wilton Borges. A riqueza de detalhes que expressam suas histórias que somente quem viveu esse período, se encontra e se identifica nas minúcias de seus escritos. O título de sua obra é: “Entroncamento do Xingu, nos tempos da colonização”, publicado em 2011.

- f) Renato Gomes Soares, também imigrante nessas terras, vindo do Maranhão. Autor de dois livros de ficção que retratam Xinguara, esta cidade que surgiu na floresta amazônica, marcada por tantas aventuras e desventuras. Seu primeiro livro é “Crônicas Xinguara (histórias para rir e para chorar)” publicado em 2007. Como o próprio autor revela: “Crônicas Xinguara” “é meu diário de bordo e uma síntese de tudo que vi e ouvi nessa caminhada, cheia de “causos” e histórias”. O segundo livro lançado por Renato é “Histórias e Segredos dos povos da Floresta” (2010). Suas narrativas em ambos os livros nos colocam de frente com a realidade do primeiros chegantes. Renatinho, como é conhecido por todos, escreve com eloquência, não poupa nos termos rebuscados que difere e inaltece sua produção. Expõe em sua literatura fatos não só de Xinguara, mas inclui registros históricos, aventura e desventura de acontecimentos regionais e de repercussão nacional como é o caso da Guerrilha do Araguaia. Narra sobre os primeiros desbravadores que viram e viveram muitas coisas. Sua obra é também de ficção literária, mas de valor significativo porque ilustra a vida do povo de um lugar que de entroncamento, tornou-se cidade que recebeu exatamente o nome que se traduz no encontro de dois rios – Araguaia e Xingu –, que inspira o autor e outros autores aqui já mencionados.

Acrescento ainda D. Raimunda Alves de Oliveira, que visitei, entrevistei e ouvi por um bom tempo suas narrativas. Ela também sabe muito e conta o que viveu. “Contos e Versos” é o título de sua publicação. “Pioneira”, chegou em Xinguara em 1977 com o esposo Sr. Jovito de Paula Oliveira e os seus seis filhos. Partiram do Distrito de Jacilândia, município de Jussara (GO). Há uma sensibilidade em D. Raimunda ao escrever por valorizar acontecimentos de sua própria vida, de sua família e dos moradores que juntos construíram

este lugar. Nutriu por muito tempo o sonho de retornar para o seu lugar de origem, como ela mesmo reafirma: “ meu sonho de voltar para o Goiás foi desfeito. Nós viemos em dez e hoje só somos cinco pessoas. As panelas que cozinhavam para dez, hoje estão guardadas e, como a vida continua”... Me presenteou com seu livro. Seus olhos brilharam ao me narrar tudo isso. Por isso fecho esse primeiro capítulo em homenagem à D. Raimunda, com um trecho de sua própria poesia:

Não é estória; é real,
 Poesia é pra poeta,
 História é pra contar
 O que eu disse é verdade,
 Todos pode acreditar,
 Mentira tem perna curta
 Até a verdade chegar,
 Em minha cabeça tem cérebro
 Pra antes poder pensar,
 Eu tirei da minha mente
 Sem uma palavra errar,
 Passo o tempo a escrever
 para as horas passar
 já terminei essas frases
 agora posso assinar
 (Raimunda Alves de Oliveira).

É significativo a produção desse autores, escritores e poetas da cidade. A forma como cada um procurou registrar os fatos, os acontecimentos cotidianos e cada um com sua peculiaridade. Cada um em sua maneira, numa escrita simples ou rebuscada, cumpre um importante papel e uma prática social, direta ou indiretamente, em manter viva a memória de toda uma população. Seus escritos e narrativas são uma importante tarefa que estabelece relação com a construção das sociabilidades e dos processos identitários desenvolvidos neste estudo, por excelência, é preciso valorizá-los.

Contudo, traz-se aqui uma importante reflexão que condiz com estes saberes e vivências que produzem tantas narrativas que se expressam através destes homens e mulheres que se tornaram pertencentes ao lugar que lhes são próprios e que ajudaram a construir. Encontrei em Barthes (2001), uma análise que contempla este contexto:

A narrativa está presente em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos tem suas narrativas, muitas dessas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está presente, como a vida (BARTHES, 2001, p. 103-104).

Por tudo isso, fica registrado que as narrativas das pessoas e os escritos desses autores e poetas da cidade consideram as inúmeras trajetórias de vida anteriores dos habitantes xinguaenses que se desenvolveram e se (re) fizeram ao longo do tempo para que perpetuem a construção das diversas sociabilidades e das identidades misturadas na cidade e na região sulparaense.

2 AS CIDADES AMAZÔNICAS: CIDADES DE BORDA

2.1 O sul do Pará e a cidade de Xinguara

A denominação região sul do Pará é compreendida pela delimitação geográfica formalizada pelo próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), designando este espaço, baseando-se no contexto da proposta de delimitação da chamada “fronteira amazônica”, por possuir variedades físicas, bem como inúmeras características históricas e culturais comuns. Ao referir-se ao sul do Pará está claro que abrange a extensão dos 14 municípios que compõem esta parte da região.

Mapa 3 - Mesorregião sudeste e sul do Pará -14 municípios do sul do Pará



Fonte: Torpedos Mirins, 2011

Para se entender o processo que ocorreu na construção da cidade de Xinguara, mais que se ater às questões geográficas e físicas do desenvolvimento urbano, é fundamental olhar sociologicamente o contingente humano que foi se constituindo e estabelecendo-se historicamente caracterizando o modo de vida dos habitantes que compõem esta cidade. O

modo de vida foi se construindo numa forte correlação entre o urbano e o rural. Aglomerados de pessoas oriundas de muitos lugares se instalavam em alojamentos de empresas de construção de estradas e empresas madeireiras; em sua maioria turmas de homens que chegavam sem suas famílias para sondar e conhecer a região, movidos pelas notícias de terras baratas e fáceis, espaços abundantes, trabalho farto, muita madeira e ouro. Referindo-se à formação de cidades pela região amazônica afora, pesquisadores que desenvolveram estudos para o Ministério da Ciência e Tecnologia (2001), através da “Análise Espacial do Processo de Urbanização da Amazônia”, apontam o seguinte:

A disposição espacial do povoamento foi alterada pelos investimentos federais nas décadas que se seguiram. As estradas pioneiras passaram a ser atratoras dos fluxos migratórios dirigidos e espontâneos. À medida que as estradas pioneiras eram construídas em terra firme, novas aglomerações foram surgindo, muitas já sob a forma de cidades (AMARAL, CÂMARA, MONTEIRO, 2007, p.5).

As narrativas de quem chegou primeiro confirmam parte dessas características. Os migrantes ouviam notícias e eram movidos a buscar essas novas estradas recém-abertas pela região norte afora, isso confirma o que os autores acima chamam de fluxos migratórios espontâneos. Mesmo com a construção dessas rodovias que atraíam levadas de pessoas para a região, muitos moradores “pioneiros” destacaram que no percurso até aqui e no início, quando muitos se instalaram, as coisas não foram simples, nem fáceis.

Em 1977, quando entrei aqui pela primeira vez, quando eu cheguei, não era Xinguara, era o Entrocamento. Vim porque ouvia dizer que era bom para começar a vida, só que não foi fácil não aqueles primeiros tempos. Tinha pouquinha casa, aqui tudo era só mata. Então, eu me considero em Xinguara um pioneiro, eu ajudei a construir Xinguara. Porque quando eu cheguei aqui era só mato(...) Tinha muita gente e tinha pouca casa. O povo vinha pra Xinguara porque tinha muita madeira, tinha muito ouro, muito trabalho, então o povo vinha para arriscar a vida para vê se ganhava dinheiro. Bom, aí o povo ia chegando. Quem tinha dinheiro ou trazia um suporte melhor já ia construindo suas residências melhores, mais seguras, mais organizadas. Quem vinha fraco de condições, ia se instalando nos barraquinhos do jeito que dava, quando isso aqui ainda era o Entrocamento do Xingu. Tinha muito daqueles barraquinhos, só de lona, ou só de palha de babaçu, improvisado mesmo, parece que todo mundo estava esperando para ver no que ia dar, não foi um tempo fácil, as coisas não era nada facil...então as coisas eram assim (Sr. Vilamar, 78 anos, morador desde 1977).

“As coisas não eram nada fáceis”, expressão repetida nas várias falas dos entrevistados. Facilidade não se fez presente nesses primeiros tempos, ao contrário, as narrativas dos “pioneiros” sempre apontam as tamanhas dificuldades por eles vivenciadas. Foram imbuídos por esse processo de vontade, de dificuldades enfrentadas quando chegaram nessas terras, mas movidos pelos sonhos que os alimentavam inicialmente. Porém, foi assim

que surgiram rapidamente esses aglomerados ao longo das estradas que iam se abrindo na região sul do Pará. Tais núcleos iam ganhando forma de cidade, espaços que recebiam maior contingente populacional urbano em comparação com áreas rurais, pois esses núcleos serviam de suporte para o migrante que ia se instalando na espera de terra que aparece como objetivo principal desses chegantes. Enquanto a terra não se fazia acessível, muitos iam buscando outras formas de sobrevivência nas madeiras e, em seguida, nos garimpos. Esses aglomerados urbanos iam crescendo rapidamente.

Como mostram os estudos de Bertha Becker (2013), “70% da população da Amazônia vive em núcleos urbanos, embora a urbanização seja negligenciada nos estudos sobre a região” (BECKER, 2013, p.11). Estas cidades, mesmo surgindo de forma rápida e desordenada, foram propulsoras na abertura e crescimento da região. “E as cidades têm sido cruciais para o desenvolvimento da ocupação e as tentativas de desenvolvimento ali experimentadas” (BECKER, 2013, p.11). Por tratar-se dessa diversidade de elementos que envolvem a questão da migração e como compõem o surgimento da vida urbana em Xinguara, o que ocorreu em inúmeras cidades amazônicas, é essencial que se dê atenção cuidadosa às vivências e às realidades históricas de dezenas de milhares de migrantes que lançaram suas vidas em Xinguara, nesse sentido, afirma Jean Hébette:

Nossos estudos não eram modelos construídos em gabinete, mas a aventura de migrantes pobres, homens e mulheres, que com crianças e bebês desembarcavam nas precárias estações rodoviárias ao longo da estrada Belém-Brasília com seu patrimônio: carregados de malas e embrulhos, de panelas de colchões velhos, de alguma ferramenta, em busca de terra para morar e plantar em família (HÉBETTE, 2004, p.11).

Os ciclos econômicos se desenvolveram em Xinguara de forma intensa e pareciam nunca esgotarem-se: a **madeira** que era explorada em grande quantidade, abriu frentes de trabalho com a instalação de muitas serrarias, destacando-se grandes empresas madeiras, tais como Marajoara, segundo os “pioneiros”, a primeira madeira. Outras Pagnocelly, Peraky, Selectas, Jacafé. Ou empresas madeiras menores que também geraram mão-de-obra por muito tempo: Serraria Marília, Serraria Paraná-Pará, Madecil, Serraria Xingu, Itaipu, Dimba e Gaviza entre outras. Seus proprietários, em sua maioria, vieram da região sul do país e movimentaram um enorme capital econômico que impulsionou a vinda de muitas famílias e comerciantes para Xinguara. A Serraria Marília pertenceu ao Sr. Antonio da Marília. Ele deixou grande contribuição no início da construção de Xinguara como a abertura das

primeiras ruas, nos contou sua filha professora “pioneira”, Maria Aladia (hoje professora aposentada).

A madeireira Karson foi a maior empresa madeireira e perdurou até meados da década de 1990, foi a que empregou maior quantidade de trabalhadores, inclusive trabalhou também como laminadora e na fabricação de grande quantidade de compensados, utilizando-se madeira de qualidade que era para exportação. Muitos moradores recordam com saudade da estabilidade que tinha na época em ser fichado nesta madeireira. “Marismar” concedeu gentilmente entrevista e autorização para expor a fotografia abaixo. Ela confirma a importância que foi estar empregada na madeireira Karson que lhe garantiu a sobrevivência e a renda. Depois que a firma fechou Marismar juntamente com o esposo (já falecido), abriu e mantém o seu próprio negócio, um pequeno restaurante e lanchonete que é hoje sua fonte de renda e de seus filhos.

Figura 1 – Madeireira Karson na década de 1980, até meados da década de 1990



Fonte: Acervo pessoal de Marismar (à direita) que concedeu a foto, moradora, desde 1978.

Em seguida, quase paralelamente ao auge da madeira, foi descoberto o **ouro**, ciclo que também atraiu muitas pessoas, as quais em muitas situações apostaram tudo que tinham nos garimpos da cidade e região. A **terra** foi grande propulsora que atraiu e incentivou mais famílias a chegarem em Xinguará, motivadas pelas propagandas de “Reforma Agrária”, já na

década de 1980, aumentando rapidamente a população do lugar, sendo o principal fator que garantiu maior estabilidade e razões para a população que conseguiu sua aquisição de uma forma ou de outra, pois foi o elemento essencial para a fixação da maioria dos moradores que permaneceram no lugar. A terra fez com que pessoas viessem do Brasil inteiro.

Não há dúvidas que todos os ciclos econômicos predominantes na região sul do Pará contribuíram para trazer levas de migrantes para cada cidade que surgiu no auge das febres econômicas. Porém cabe ressaltar que a terra é o elemento principal e razão fundamental da formação das cidades da Amazônia. Xinguara, sul do Pará, tem suas bases fortemente constituídas pela busca da terra. Seu desenvolvimento ao longo dos anos está inteiramente relacionado a esta questão, que forneceu a estrutura econômica atualmente consolidada pela agropecuária. Embora talvez muitas dessas famílias não soubessem o que as esperava pela frente no início desse processo. Pelas narrativas dos que chegaram primeiro é nítido que quem vive em Xinguara hoje, principalmente quem chegou mais recentemente, não sabe o que viveu quem veio primeiro, as enormes dificuldades e o enfrentamento para desbravar e para alcançar o objetivo de ter o pedaço de terra, mesmo comprando de quem já a havia adquirido, como dizem na região, “amansado a terra”, isto é, na linguagem desses moradores mais antigos significa que quem veio primeiro enfrentou maiores dificuldades porque desenvolveu as tarefas mais complexas: derrubando as matas, as “juquiras”, fez o trabalho da “coivara” plantando o capim, a abertura de estradas; com todo este trabalho mesmo assim acabou vendendo para outros, que vieram depois, já alcançando um patamar mais ou menos organizado, já aproximando-se e culminando no ciclo da pecuária.

Essa visão do amansar está ligada historicamente à ideia expressa por Martins (1996), cuja concepção explicita que “o homem comum, porém, sintetiza essas diferentes ações no verbo amansar os índios. É uma palavra que dá bem a medida do lugar que o índio ocupa no imaginário do civilizado da fronteira” (MARTINS, 1996, p 35). No sentido mais amplo o amansar aqui nessa análise com base nas narrativas dos “pioneiros” se refere também a muitos outros aspectos no processo de ocupação da região sulparaense e na Amazônia como um todo.

A relação conflitiva na disputa pela terra nos tempos iniciais não considerou os verdadeiros nativos dessas terras, os quais foram vitimizados nesse processo de amansamento, referido no “imaginário civilizado da fronteira”, como o autor afirma. Considerando como se deu a formação dessas fronteiras vale recorrer ainda a Martins (1996), que analisa claramente esta questão que condiz com a realidade desenvolvida na região sul do Pará:

Não só os índios da fronteira foram envolvidos na luta violenta pela terra. Também

os camponeses da região, moradores antigos ou recentemente migrados, foram alcançados pela violência dos grandes proprietários de terra, pelos assassinatos, pelas expulsões, pela destruição de casas e povoados. Entre 1964 e 1985, quase seiscentos camponeses foram assassinados em conflitos na região amazônica, por ordem de proprietários que disputavam com eles o direito à terra. O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que têm tentado conceituá-la (MARTINS, 1996, p.26-27).

As informações dos “pioneiros” dizem que inicialmente os lotes de terras eram cortados e distribuídos por uma espécie de agenciador, que era visto como responsável pelo processo de definição das áreas e da forma como deveriam ser entregues esses lotes de terras, seja na área rural em torno da cidade ou em lotes urbanos, tendo posse de seus próprios critérios. Os “pioneiros” fazem menção a esses supostos agenciadores, vistos como homens detentores de uma certa autoridade, bem no início da história do Entrocamento do Xingu.

Consegui poucas fontes sobre esses agenciadores. Os próprios moradores antigos têm receios de tratar dessa questão, resquícios de violência que experimentaram ou viram de perto. Optei por não aprofundar o assunto nem citar mais de um nome ou codinome que apareceram na fala dos entrevistados. Um desses personagens mais citados é um homem de codinome “Chapéu de Couro”, que aparece também nas pesquisas de Marianne Schmink e Charles H. Wood (2012) sobre os conflitos sociais na Amazônia, especialmente no capítulo que trata de Xinguara. Retomo essa temática mais adiante.

As narrativas dão conta que nesse período a terra passou a ser objeto de desejo, de sonhos, meio de sobrevivência, mas por outro lado de invasão, de especulação e conflito. Imensas áreas de terra eram (e ainda são) ocupadas por “grileiros” e “posseiros”. Hoje ainda está presente na região o conflito pela terra, que tem como forte presença nesse cenário de luta o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) entre outros movimentos emergentes, que estão acampados há mais de 8 anos em terras, como por exemplo da ocupação da Fazenda Rio Vermelho, caso bem próximo à Xinguara e que aglutina habitantes de toda essa região, cujas extensas áreas de terras que há longos anos estão de posse do grupo *Quagliato*, um grupo do sul do país que é proprietário da referida Fazenda Rio Vermelho, uma das maiores da região, que fica localizada hoje no município de Sapucaia que já foi distrito de Xinguara, emancipada há 20 anos atrás. Esta questão agrária sempre foi pauta na formação das cidades sulparaenses. Neste cenário não tem como deixar de mencionar a presença de agentes sociais que atuam em defesa do trabalhador rural em seus múltiplos aspectos.

A Comissão Pastoral da Terra, deve ser ressaltada neste contexto, pois esta tem atuado desde a década de 1980 na região Sul do Pará, estando antes localizada em Conceição do

Araguaia, atuando por mais de duas décadas e, atualmente há mais de dez anos, a CPT está sediada em Xinguara. Sempre dedicando suas atividades voltadas às questões agrárias, sua pauta principal, mas hoje inclui outras ações como o acompanhamento aos trabalhadores em áreas exploração mineral nas cidades do sul e sudeste do Pará. Mas o seu desdobramento ao longo dos anos foi essencialmente a questão da violência no campo que vitimizou muitos trabalhadores rurais.

Destaca-se neste contexto a atuação do Frei francês Dominicando, Henri des Roziers que é também advogado e sua especialidade são justamente as ações nas quais os pequenos agricultores enfrentam grandes latifundiários. Frei Henri viveu na cidade de Xinguara (PA) até dois anos atrás e há 18 anos atuou na região. Integrou-se nessa luta e participou como assistente de acusação em processos cujas vítimas são os trabalhadores rurais e sindicalistas. Sua história é aqui brevemente mencionada porque é também um importante personagem vivo da construção social da cidade e da região. Atualmente retornou para a sua cidade natal, Paris na França porque sua saúde tem exigido cuidados.

No caso de Xinguara a questão da terra, muitas famílias foram motivadas pelas notícias e propagandas de “Reforma Agrária” na Amazônia. Neste aspecto Durães (2014), traz em sua análise importante contribuição quando aponta:

Os migrantes que vieram em busca de uma vida melhor e de enriquecimento fácil, na visão de analistas mais otimistas devido às vantagens que a região oferecia, se depararam com situações totalmente antagônicas. Por um lado, a falta de estrutura e planejamento nas aquisições dos empreendimentos; por outro, tiveram que enfrentar a violência e o caos social. Inicialmente, foi necessário enfrentar grandes dificuldades para conquistar as terras devido às constantes disputas para, em seguida, se dedicarem a atividades diversas como as práticas de garimpagem, a derrubada da floresta para a exploração da madeira e cultivo da terra e a implantação de pastagens, que trouxe a esse cenário o gado e, com este, a indústria agropecuária (DURÃES, 2014, p. 24).

Na época, década de 1960 da proposta desenvolvimentista, comandada pelos governos militares, ficaram reconhecidos dois lemas: “Amazônia: Terra sem homens para homens sem-terra” e “Integrar para não entregar”. Estas propagandas serviram de motivação, aumentando rapidamente a população e dando abertura para núcleos de povoamento pela região norte afora. Os conflitos sociais e agrários aumentaram conseqüentemente em função da desarticulação do governo e principalmente pelos interesses opostos entre trabalhadores rurais e grupos econômicos que eram incentivados pelo próprio governo federal, para os quais criavam medidas superficiais e imediatistas para disfarçar e tentar minimizar a violência agrária que constituía a formação da região sul do Pará.

Diante do número de conflitos no campo seguido de violência, das pressões dos movimentos de trabalhadores rurais e de outros setores da sociedade que defendiam a reforma agrária, o governo sinalizou com algumas medidas, incluindo a criação de órgãos que deveriam se encarregar exclusivamente da questão agrária, como por exemplo, a criação do Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins – GETAT em 1980, do INCRA em 1982 e a substituição do Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários pelo Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário-MIRAD em 1985. Pode-se observar que havia uma preocupação contundente em relação à terra, posto que, em pouco espaço de tempo foram criados diversos órgãos para organizar questão fundiária (FEITOZA, 2013, p.8).

Foram inúmeras as famílias que não conseguiram atingir seus objetivos de ter um pedaço de terra. Muitas até voltaram para seus lugares de origem em função da frustração de não ter conseguido a terra. Porém muitas famílias ficaram, enfrentaram a nova situação e buscaram outras formas de sobreviver.

Cadastrei-me em dois projetos de assentamento pelo GETAT. Costumo dizer que até hoje aguardo assentamento, nunca consegui ser assentado... Posteriormente, após a chegada, em março de 1984, fui morar numa situação inusitada, eu buscando terra, fui ser arrendatário de um posseiro, e ali a gente trabalhou um ano e adquiri a maior terra que pude possuir no Pará: 2 alqueires e meio de terra e, ali consegui viver 5 anos com minha família, costumo dizer que foram os anos mais felizes de minha vida enquanto lavrador, desses dois alqueires e meio de terra, conseguimos produzir muita fatura. Posteriormente, vendemos lá, passamos a possuir no Setor Chácaras um pequeno terreno, onde vivemos até hoje, enfrentamos por muitos anos o trabalho de horticultor, desde março de 1989...feliz por ver meus filhos todos estudando, hoje formados, na época voltei a estudar, fiz magistério e graduação e me tornei professor. entrei para vida política, fui vereador por um mandato, hoje quase aposentando com servidor público... “não sei porque, nunca fui assentado, nunca fui chamado, nem mesmo para fazer uma triagem, nunca soube por que...costumo dizer que até hoje espero pelo pedaço de terra...(Sr. J. M F, 69 anos, residente em Xinguara há 30 anos).

Tratando-se ainda do acesso à terra como veículo de condução para a formação do município de Xinguara, estudos apontam o caso do PA-Vale do Araguaia, que fica nas proximidades do rio Araguaia, cuja história confirma o que já foi narrado sobre o contexto de violência e que aparece em outros momentos deste estudo, tendo como cenário o rio Araguaia e um cenário também de muita violência e vidas tombadas para aquisição da terra. Este Projeto de Assentamento é mais uma confirmação das dificuldades e da violência impregnada na história de vida dos habitantes que migraram e adotaram este município como morada. O caso Vale do Araguaia merece destaque na formação da região e está presente na história de muitos que viram de perto que não foi fácil a realização do objetivo de ter o pedaço de terra, como mostra o elevado índice de violência que ocorreu na Tupã Ceretã, uma das primeiras e maiores ocupações no início da década de 1980. O caso Vale do Araguaia trata-se de uma situação mais atual que se sucedeu a partir da década de 1990.

Busquei a história do PA-Vale do Araguaia nas pesquisas de Bárbara Maria Marques (2011), graduada em História, na produção de seu Trabalho de Conclusão do Curso-TCC. Ela mesma foi aos locais, andando e conhecendo a história daquelas muitas famílias que ainda resistem com seu pedaço de chão; pelo que apontam seus estudos, muitos que lutaram pela terra já não se encontram mais por lá. Seus registros mostram que a dura realidade para atingir o objetivo dessa posse desencadeou todo um processo de enfrentamento e dificuldades. A partir de suas pesquisas e entrevistas Marques registrou:

É provável que os impulsos à ocupação da terra variavam desde a perspectiva de sucesso da ocupação, até à necessidade de manter as condições básicas de sobrevivência da família, principalmente a alimentação. Os ocupantes do Vale do Araguaia tinham em média 29 anos de idade. A maioria era casado e já havia constituído família. Quando partiram em busca das terras não trouxeram a família. Não eram aceitas mulheres e crianças no grupo em função das dificuldades que enfrentavam (...) não se desfaziam de imediato do trabalho da cidade. Precisavam assegurá-lo como forma de manter os mantimentos necessários para permanecer dias na mata vigiando o pedaço de terra e atender às necessidades básicas da família na cidade(...) O conflito pela terra ocorreu devido à ocupação da propriedade pelos migrantes, mas principalmente porque estes foram ameaçados de serem expulsos da terra” (MARQUES, 2011, p. 34-35).

Historicamente, está claro que a formação da região sul do Pará tem suas bases intrinsecamente ligadas à forma como se deu colonização da Amazônia como um todo. Caio Prado Júnior (2011), em suas análises sobre o povoamento e desenvolvimento econômico amazônico, aponta elementos que mostram que historicamente a forma de colonização na Amazônia em geral não é diferente do que ocorreu na Amazônia Oriental, especificamente na região sul do Pará. Neste aspecto, Prado Jr. afirma:

A instabilidade e incerteza de vida que aquelas formas de atividades determinaram fazem da colonização da Amazônia muito mais uma aventura que a constituição de uma sociedade estável e organizada. A Amazônia ficou nesse sentido, muito atrás das demais regiões ocupadas e colonizadas do território brasileiro (...) A Amazônia ficará na pura colheita e por isso vegetará assistindo impotente ao arrebatamento de suas riquezas naturais por concorrentes mais bem aparelhados (PRADO Jr., 2011, p. 227).

Esses antecedentes sinalizam não só o isolamento e abandono que sempre foi esta região, como também apontam as ações de exploração das riquezas, sem nenhum planejamento. O alto índice de derrubadas de suas florestas, a substituição de sua flora por capim e a expulsão e eliminação quase total da fauna de seu *habitat*. Isso se confirma nos depoimentos dos “pioneiros” de Xinguara, que presenciaram e vivenciaram esta destruição rápida e ações ambiciosas, com utilização de técnicas como a corrente, o trator de esteira e o avião monomotor para jogar o capim e o inseticida.

A formação da região sul do Pará carrega estas consequências resultantes da demasiada exploração na Amazônia. Como sublinha Prado Júnior na citação acima, “a Amazônia ficará na pura colheita e por isso vegetará assistindo impotente ao arrebatamento de suas riquezas naturais”; este é um dos elementos que compõem o início dessa história da construção da região sul do Pará e de Xinguara.

Para minimizar o isolamento da região inicia-se a construção da Rodovia Belém-Brasília. Para se ter uma ideia desse isolamento, chegar até Belém só era possível por via aérea ou marítima. Ou então, numa opção mais complexa e mais penosa, por via terrestre, através de picada aberta na mata, partindo do Maranhão, numa rota longa e demorada. Por esta rota também vinham rebanhos de outras regiões. A implantação dessa importante rodovia federal foi um marco decisivo não só para a integração da Amazônia com o Centro-Sul do Brasil, como também contribuiu de forma significativa para dinamizar o desenvolvimento urbano de diversos aglomerados populacionais no Centro-Norte do Estado de Goiás além de outras áreas do Norte e Centro-Oeste brasileiro.

Foi proposta nos anos 1950 uma rede de rodovias que ligaria a nova sede do governo federal às demais regiões do Brasil. A Belém-Brasília, com 2.772 km, dos quais 450 dentro da selva amazônica, corta os estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará. Uma informação importante que marca a abertura dessas estradas, foi o fato ocorrido 15 dias antes da inauguração da Belém-Brasília:

Uma fatalidade ocorrida quando faltavam 15 dias para que as duas frentes, vindas do Norte e do Sul se encontrassem nas proximidades de Açailândia – MA onde Bernardo Sayão foi acidentado pelo tronco de uma árvore que o levou à morte. O engenheiro faleceu no dia 15 de janeiro de 1959 sendo sepultado em Brasília no cemitério por ele demarcado. A árvore que o matou foi usada para fazer a cruz que marcou o local de seu acidente fatal (PACHECO, 2009, p 37)

A construção da Belém-Brasília é o marco principal para a entrada de grandes levas de migrantes na região Norte e especificamente na região Sul do Pará ainda na década de 1960. Ao reunir informações neste estudo sobre como se desenvolveu o sul do Pará, são nítidas as mudanças que se apresentam tanto no que diz respeito à questão espacial ocorrida após a concepção da construção da Belém-Brasília influenciando desde os núcleos urbanos existentes até ao surgimento de tantos outros nesse percurso. Foram fortes as transformações ocorridas na demografia, na urbanização e no meio ambiente, entre outras mudanças que resultaram com a efetivação da grande rodovia.

Em seguida, veio a abertura das rodovias estaduais PA-150 e 279, que são intra-regionais, o provocou, entre outras coisas, uma corrida pela terra e facilitou o aumento dos

fluxos migratórios. Xinguara nasceu exatamente no local em que se instalaram as empresas Andrade Gutierrez e CONTERPA, que construíram a rodovia PA-279, segundo informações dos próprios “pioneiros”. Vieram pessoas de todos os lugares do Brasil e de todas as classes sociais: nordestinos em busca de trabalho e fugindo da seca, trabalhadores rurais e pequenos agricultores em busca de terra para firmar e garantir melhorias de vida e sustento de suas famílias, médios e grandes fazendeiros em busca de terras maiores para ampliar seus negócios e patrimônios e dar um futuro melhor para suas famílias, comerciantes que vieram e se instalaram para tirar proveito na venda de produtos e mantimentos básicos em função do aumento do contingente populacional e do dinheiro que já vinha circulando em razão da exploração vegetal (borracha, castanha e madeira) e do acesso à terra, que mobilizava grandes levas de pessoas que chegavam todos os dias para a região.

Na sequência da década de 1980, o ouro foi uma febre ainda maior, que causou deslocamento de grande contingente populacional. Ainda na década de 1970, grandes fazendeiros e empresários movidos pelo negócio agropecuário, ou mesmo como mostram registros históricos e até documentais, negócios voltados para a especulação da terra, envolvendo outros personagens desse contexto tais como os grileiros, pistoleiros e jagunços, que buscam o comércio da terra. Numa prática muito comum que se desenvolveu na região sul do Pará, grilavam a terra com o intuito da exploração da madeira e, por conseguinte, a venda da própria terra. Relatórios da CPT indicam com foi esse cenário aquela época:

Nas décadas 1970 e 1980 os principais protagonistas dos conflitos fundiários no Sul Pará eram definidos assim: de um lado os fazendeiros e seus jagunços; de outro trabalhadores rurais e posseiros que se apoiavam nas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs e na Comissão Pastoral da Terra - CPT e contavam ainda, com alguns políticos da corrente progressista do Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Estes políticos faziam a ligação entre a luta no campo e as tribunas da Assembléia Legislativa do Estado do Pará e a Câmara dos Deputados em Brasília. Nesse sentido destacam-se os deputados Ademir Andrade, Paulo Fontelles, e João Batista os dois últimos assassinados (12/06/1987, e 06/12/1988) (Relatórios da CPT, 1992).

Sobretudo, a década de 1970 foi marcada na região sul do Pará pela grande quantidade de pessoas que vinham e se instalavam ao longo de seu território, geralmente provenientes de diversos estados. Um registro importante é que estes fluxos migratórios seguiam ou em muitos casos, até vieram antes das empresas que abriram as estradas e rodovias. Foi pela cidade de Conceição do Araguaia, que é considerada a porta de entrada por onde muitas frentes migratórias adentraram o Sul do Pará, como mostra o trecho da análise de Antonieta Vieira a seguir:

A partir do começo do século, Conceição do Araguaia torna-se o centro da região. A descoberta em 1904 de áreas ricas em caucho, nas matas próximas a Conceição, faz com que a região ingresse no ciclo da borracha, modificando significativamente sua fisionomia. Sob a égide do capital comercial cria-se o sistema de aviação que vincula a exploração da borracha, pelo seringueiro na mata, ao capital industrial de grandes centros capitalistas (VIEIRA, 1981, p 18).

Retoma-se aqui novamente que foi a partir de Conceição do Araguaia que grande parte das levas de migrantes chegou, ainda no início do século XX, especialmente os contingentes de trabalhadores atraídos pelo surto da borracha. Esta região se desenvolveu com grande concentração de árvores que se tornou atrativo para populações de extrativistas no período em que se deu uma corrida acelerada e desenfreada de gente que vinha de longe para explorá-las, influenciando fortemente o rápido crescimento e desenvolvimento do povoamento dessas áreas. Neste aspecto assinala frei José Audrin:

Não somente a cidade crescera, mas os arredores continuavam a povoar-se com extraordinária rapidez. Os campos das Arraias viam multiplicar-se os sítios e fazendas. As matas do caucho iam sendo ocupadas. Em cada passagem de ribeirão, em cada cabeceira, em cada campestre fixavam-se moradores, animados pelos fartos lucros provenientes do trânsito ininterrupto de comboios de seringueiros. Era a verdadeira marcha para o oeste, cujo resultado foi o encontro dos araguaianos com os caucheiros do Xingu, nas florestas amazônicas (AUDRIN, 1946, p. 95).

Sabe-se historicamente que a extração da borracha na Amazônia teve vida curta. Ocorreu um processo de fragilidade e com a falta de um planejamento sistemático em sua exploração, diminuiu drasticamente a produção do látex na Amazônia. O próprio capital industrial, que numa conjuntura internacional originou a expansão extrativa, naquele momento de crise formalizou sua decadência e sua falência. Como muitos dos objetivos da população que se dirigiu para esta região foram frustrados, em decorrência da alternância de ciclos econômicos. Uma vez que muitos já estavam por essa região, numa situação sem escolha, tiveram que se adaptarem em busca de outras formas de sobreviver, conforme a dinâmica da região ia se configurando. Como, por exemplo, o contexto, a partir de 1912, em que a produção da borracha entra em crise econômica devido à concorrência com as plantações asiáticas, a região perde boa parte de sua população, que se dispersa por outras áreas em busca da sobrevivência econômica ligada ao comércio ou se expande pelos campos de cerrados para a criação de gado, fator predominante que alargou e confirmou paulatinamente a ocupação da região sul do Pará. Octavio Ianni foi grande estudioso desse contexto e com muita propriedade analisa:

Entre 1912 e 1960 (tomadas essas datas como aproximações para delimitar uma época) a área de Conceição do Araguaia teve atividades econômicas e sociais bastante modestas, em comparação com o dinamismo dos anos de ascensão do extrativismo da borracha. Nos anos 1912-60, a economia da área estava voltada principalmente para as exigências da população rural e urbana de Conceição do Araguaia, antes do que para as exigências do comércio e da indústria de Belém ou outros lugares. Houve uma transição para outros extrativismos e a agropecuária, depois que decaiu drasticamente o monoextrativismo da borracha. Ao cair ou reduzir-se a zero, a capacidade de compra ou endividamento do seringueiro e do seringalista, além de todos aqueles a eles associados, os aglomerados humanos formados nos centros, beiras e cidades tiveram que reorganizar as suas relações de produção e as suas forças produtivas. Na área de Conceição do Araguaia a maioria da população produtiva passou a dedicar-se a atividades agrícolas, pecuárias, de caça, pesca ou outras (IANNI, 1978, p.61).

Os efeitos dessa crise extrativista refletiu sem sombra de dúvidas em Conceição do Araguaia, apontada como a “Cidade Mãe” das cidades do sul do Pará, que ficaram por muito tempo sob a sua administração. Cidade mais antiga, com uma história que impulsionou a vinda de muitos migrantes para a região, principalmente nordestinos (notadamente maranhenses), goianos e mineiros, dando a essas pessoas abrigo e passagem para o sul do Pará adentro, até São Félix do Xingu, ponto extremo dessa região.

Na segunda metade do século XX, levas de migrantes iam adentrando a região, ocupando principalmente as áreas que eram de melhor acesso às beiras das estradas que iam sendo construídas. Com base na leitura de Octavio Ianni (1979), foi possível acessar as informações que dão conta que entre 1950 a 1960, a população do município de Conceição do Araguaia, que era de 6.322 habitantes, passou para 11.283 habitantes. Entre 1960 e 1970, a população subiu para 38.038 habitantes, incluindo-se Santana do Araguaia – que ainda era parte de Conceição do Araguaia –, sendo que parte dessa população, 9.085, pertencia a Santana do Araguaia. Ressalta-se que naquele período Conceição do Araguaia abrangia, em extensão geográfica, todo o sul do Pará, isto é, todas as vilas existentes naquele período estavam sob sua jurisdição administrativa, o que representa atualmente os 14 municípios e dezenas de vilas, agrovilas/distritos que compõem esta região.

A expansão no sul do Pará na década de 1970 ocorreu velozmente, embora não houvesse um processo de organização mínima, sendo muito lenta a forma de estruturação e administração da vida pública da região. A ocupação do sul do Pará, com a chegada das correntes migratórias de vários lugares, foi tomando conta e ocupando as terras e espaços da região e conseqüentemente dando lugar a núcleos e aglomerados urbanos desordenados, alguns já existentes e outros novos que iam sendo criados por posseiros em função da vastidão de terras; fundaram-se vilas que foram tornando-se cidades. São muitas as narrativas que dão conta de como foi se desenvolvendo esse processo de aberturas de caminhos de

estradas do povo que vem se constituindo como sulparaense, destacando-se nesse cenário o lugarejo inicialmente chamado Entroncamento do Xingu, que posteriormente foi elevado à categoria de cidade.

Conforme a abertura dessa estrada avançava, vilas e povoados surgiam. Casas de comércios e bancos eram apressadamente edificados para atender os migrantes que chegavam todos os dias. Muitos comerciantes e empresários formaram fazendas para criação de gado bovino e montaram serrarias para a exploração de madeiras, em especial o mogno, com vultosos recursos de incentivos fiscais provenientes dos projetos agropecuários, aprovados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). As cidades de Redenção, Rio Maria e Xinguara surgiram em razão da instalação desses empreendimentos agropecuários e madeireiros. Mas, à medida que empresários, comerciantes e fazendeiros constituíam as suas propriedades, trabalhadores rurais, que chegavam de diversas partes do Brasil, disputavam com eles a terra (PEREIRA, 2013, p 34).

Em meados da década de 1970, até metade da década de 1980, o município de Xinguara teve uma população bem mais expressiva e sofreu um declínio populacional em função das alternâncias dos ciclos econômicos. Nesse período, houve tentativas frustradas de elevar o povoado à condição de distrito de Conceição do Araguaia, mas não foram atendidas pela Assembleia Legislativa. Os habitantes do “Entroncamento do Xingu” com seus representantes políticos locais e regionais, instituições e representações comerciais, fazendeiros e pequenos proprietários, não se conformaram e continuaram lutando pela criação do município de Xinguara, principalmente por se tratar de uma vila com uma população significativa na época, mas que vivia num abandono e isolamento total.

Em estudo sobre a cidade no Brasil, Antônio Risério (2012) ressalta sobre a “cultura do isolamento das cidades da Amazônia, tratando da solidão física, econômica, política e cultural” (RISÉRIO, 2012, p.120). O autor aponta também que havia o problema do acesso à região, reforça que “era uma façanha chegar lá”, falando de um contexto geral das cidades da Amazônia. Partindo dessa análise, no período do início da história, Xinguara se incluía nessas condições: isolamento, abandono e inacessibilidade. Narrativas e falas de moradores antigos dão conta de informações que recordam que se gastavam até dois dias para se chegar a Conceição do Araguaia, pela falta de estradas e os inúmeros atoleiros. Era para lá que recorriam para tratamento de saúde e buscavam produtos e insumos básicos para o comércio local (alimentos, medicamentos, combustíveis, gás de cozinha, ferramentas, sementes e tudo que era necessário, eram trazidos geralmente de Anápolis e Goiânia). Sobre essas condições de vida, uma moradora de Xinguara me contou o seguinte:

Imagine o que é você chegar num lugar no meio do nada, sem energia, sem condições mal de se alimentar, morando mal, para quem veio do Goiás com tanta fartura e cidade bem equipada, todo mundo levava um choque. Era muito triste, ver assim: um lugar, que tinha muita mata, córregos e até rios que servia de meio de dar água para os moradores, aí começaram a derrubar as matas, secaram as águas. Um lugar que você tinha que rezar para não adoecer um do seus, porque o tratamento mais elevado era tudo em Conceição. Época de chuva, a gente ficava isolado aqui, sem nem chance de sair porque não tinha estrada, abandono mesmo. Xinguara avançou e muito porque o povo é trabalhador e foi desbravando tudo aí e foi saindo do isolamento (D. S. R., 53 anos, moradora desde 1981).

Todo este contexto motivou a luta para garantir o Ato de Emancipação Política e Administrativa de Xinguara e de outros municípios vizinhos, que só foi conseguido quando foi aprovada a elevação a município por desmembramento, através da Lei 5.020, de 13 de maio de 1982.

Assim o espaço urbano foi se configurando ao longo do tempo. As colônias ou glebas de lotes de terras foram se definindo, foi se desenvolvendo indústrias de médio e pequeno porte, voltadas para a produção de móveis e diversas outras áreas. Grandes fazendas agropecuárias foram se consolidando, oportunizando posteriormente na segunda metade da década de 1990 a instalação de dois frigoríficos, laticínios, fábrica de queijo, fábrica de farinha de mandioca, o avanço e fortalecimento do comércio, assim como o crescimento da construção civil, que foi absorvendo a mão de obra disponível e dando origem a novas frentes de trabalho para aqueles que já não tinham mais espaço nos garimpos e madeiras que entraram em decadência no final da década de 1980.

A localidade cresceu e prosperou economicamente com suas ações voltadas para a agropecuária. Transformou-se num polo pecuarista de atração da região a partir de 1990. É interessante nesse sentido a análise de Bertha Becker quando ela aponta que “ainda nos anos de 1970, intrigou-nos o acelerado processo de urbanização numa região florestal, cujo planejamento governamental enfatizava e subsidiava uma ocupação destinada à agropecuária” (BECKER, 2012, p.12). Consequentemente isso se efetivou na região sul do Pará.

A realidade é que em toda a região os avanços se faziam nessa alternância de ciclos econômicos. Nesse contexto, surgem outras formas de problemas sociais e socioambientais, pois ocorreu uma acelerada devastação, num processo de substituição da floresta pelo capim, o que contribuiu para impulsionar a rápida e desordenada urbanização da região.

No caso específico de Xinguara, mesmo com o fortalecimento e predominância da agropecuária que abrange grandes extensões de terras; o pequeno e o médio proprietário sobrevive. Poderia ser citado vários espaços que se constituíram em glebas ou colônias de

assentamentos dessas famílias que vieram na década de 1980 e, sem dúvidas podem aqui serem destacadas e somam-se à história de construção do município de Xinguara.

Algumas delas são: Gleba Rio Maria II (já praticamente desaparecida, em função da expansão do latifúndio); Colônia Tupã Ceretã (uma das mais conhecidas no município, em função da violência que sucedeu para a sua aquisição); bem próximas a ela encontram-se a Cruz de Pau, Placa São Jorge e Cachimbão.

Há outras áreas que foram se organizando em PA's (Projetos de Assentamento) que ficam mais próximos à sede do município, são PA-Marajoara, PA-Barreiro Preto e PA-Vermelho e Preto. Surgiu mais recente, nos limites do perímetro urbano o PA Salto da Esperança - Projeto Casulo que vem dedicando-se à agricultura familiar e tornou-se uma das áreas de maior produção de hortaliças, leguminosas, algumas frutas como a banana, tangerina, milho verde, piscicultura e granjas que abastecem o município. Estas colônias e projetos de assentamentos mobilizam-se com frequência os trabalhadores que sempre estão em busca de melhoria para suas áreas que vem fortalecendo-se e sobrevivendo enquanto agricultura familiar e a pecuária de pequeno e médio porte, tornando-se em grande parte a base de sustentação econômica do município.

Figura 2: Trabalhadores dos PA's Marajoara e Salto da Esperança (Casulo)



Fontes: Ribamar Junior e Luiz Pereira, 2014.

Neste mesmo viés, tratando-se de urbanização e crescimento demográfico rápido, na região sul do Pará, no decorrer dos anos de 1980 a 1990 na região foram se instalando as mineradoras e fortalecendo alterando a vida a estrutura física e demográfica de outros municípios, como Canaã dos Carajás e Ourilândia do Norte, atraindo populações diversas, o

que deu origem a uma parcela de população flutuante, dentro da própria região, em função da busca de outras oportunidades de trabalho, uma vez que houve a decadência e a estagnação das “febres econômicas”: do ouro e da madeira, por exemplo.

Fortaleceu-se em toda a região a convivência de culturas diversas, em função da mistura de pessoas de muitos lugares brasileiros, uma mistura de culturas, de costumes, configurando-se a “identidade dos misturados”, conectando com o que Becker menciona no que se refere ao “surgimento e crescimento dos núcleos urbanos com um contingente de pessoas vindo de muitos lugares, dando origem às cidades de borda, povoadas por forte contingente nordestino” (BECKER, 2013, p.52). Para a autora, trata-se de núcleos localizados em posição de fronteira, reforça que estão ligados por estradas atraindo forte migração.

Um elemento indispensável nessa análise é relacionar a formação da região sul do Pará, considerando o desenvolvimento de expansão da Amazônia em meados da década de 1964 e na década de 1970, sucessivamente. O que marcou fortemente a entrada de grande contingente populacional, constituindo os núcleos urbanos que foram se desenvolvendo ao longo das rodovias federais e estradas estaduais, cuja construção fez parte do projeto de colonização da Amazônia na referida década de 1970. Neste aspecto é importante sublinhar que havia um propósito da “colonização oficial ou privada”, segundo José Vicente Tavares dos Santos (1993), cujos objetivos eram:

As atividades de colonização compreenderão a seleção, registro e transporte de agricultores a serem radicados, através da implantação de núcleos de colonização, em regiões de vazios demográficos com perspectivas de desenvolvimento, visando a expansão de fronteiras agrícolas do país e à produtividade, dentro do objetivo geral de proporcionar-lhes progresso econômico e social” (art. 11) (...) Por outro lado, em fins de 1972, definiu-se a estratégia de ocupação da Amazônia Legal, nas terras devolutas ao longo das rodovias federais. A concessão de terras estava sob responsabilidade do Conselho de Segurança Nacional (SANTOS, 1993, p. 51).

As cidades do sul do Pará, em suas características gerais desde suas origens, têm muito em comum no que tange à formação de sua vida urbana, econômica, social e cultural. Cidades mescladas por uma mistura cultural, construídas sobre as bases de migrantes vindos de muitos lugares em função dos ciclos econômicos. Destaco sobre esses traços comuns as três cidades mais próximas: Redenção, Rio Maria e Xinguara, que possuem em comum também o dia de emancipação político-administrativa e as três cidades comemoram aniversário no mesmo dia, além da mesma configuração da “identidade dos misturados” em função da presença de migrantes vindos de diferentes lugares do Brasil, como já se sabe principalmente do nordeste brasileiro.

Assim, fica evidente a forte característica de Xinguara como cidade da borda conceituada por Becker (2013); especificamente por tratar-se de um espaço geográfico que tem um potencial econômico que possui forte atração de imigrantes por se encontrar numa posição geográfica central, tornou-se ao longo dos anos ponto de apoio e referência que liga outras cidades em volta. Atendo-se às análises de Bertha Becker dá para correlacionar com este contexto em estudo:

Cumprido ao Estado hoje um planejamento das cidades com foco no desenvolvimento regional, e não apenas para o controle do território. Núcleos localizados em posição fronteiriça merecem cuidados para a defesa do território e são lugares de apoio a potenciais interesses de expansão econômica para os que estão ligados por estradas, atraindo forte migração. É o caso das cidades da borda da região, povoadas por forte contingente nordestino (BECKER, 2013, p.52).

Ainda na década de 1980, as instituições governamentais assumiram a distribuição de terras através dos órgãos governamentais no projeto de integração da Amazônia na tentativa de organizar e acalmar os ânimos, processo que demorou anos e que não contemplou a todos, causando um processo de distorção social e instabilidade para muitas famílias que vieram em busca de um pedaço de chão para se assentar, tendo que desviar o curso de vida para outras frentes de sobrevivência nas opções que foram aparecendo.

Enquanto os administradores do projeto tentavam selecionar colonos a partir de uma lista de candidatos, famílias migrantes continuavam a inundar Xinguara em números jamais registrados. Funcionários estaduais tentaram controlar o processo de assentamento e regular a pilhagem da madeira na área, mas tiveram pouco sucesso(...) Tensões foram se acumulando em Xinguara à medida que a população crescia. Assim como Redenção, estrada abaixo, Xinguara tornou-se conhecida pelos tiroteios que ocorriam regularmente em suas ruas (SCHMINK e WOOD, 2012, p.227-228).

Contudo, pode-se afirmar que a terra é o ciclo que predominou em maior intensidade, em todo o sul do Pará marcado por diversas formas de ocupação. Foi impregnado de violência em diversos níveis:

A maior parte da violência ocorria no campo e envolvia disputas pela terra. Um incidente particularmente chocante ocorreu em 1979, numa fazenda chamada Tupã-Ciretã, localizada a 12 km de Xinguara. O banqueiro paulista Flavio Pinto de Almeida reivindicou seus direitos sobre cerca de mil hectares e tentou expulsar as quatrocentas famílias que já estavam ali assentadas. Segundo os entrevistados, quando os posseiros contestaram a demanda de Almeida, a polícia e guardas armados entraram na área e assaltaram brutalmente seus ocupantes. De acordo com testemunhas do evento, eles reduziram as casas a cinzas e torturaram algumas das pessoas que ali viviam (SCHMINK e WOOD, 2012, p. 235).

Das dezenas de entrevistas efetuadas, todos os entrevistados relatam e fazem menção a esta fase de violência; as falas de dezenas desses “pioneiros” pronunciaram afirmativas bem semelhantes, como “a violência era tão grande na busca da terra que até desisti de ir atrás; “Xinguara, a violência era solta”; “aqui antigamente quando era entroncamento e até pouco tempo aqui era terra sem lei”, ou simplesmente, “Xinguara era uma terra sem lei”; “antigamente amanhecia com 3 a 4 mortos e ficavam mais 3 amarrados para matar manhã seguinte”.

1976 – A construção da PA-279 para São Felix do Xingu. A estrada começou a cerca de vinte quilômetros ao norte do povoado de Rio Maria, projetando-se rumo ao oeste a partir da PA-150, o elo intensamente trafegável entre Conceição do Araguaia e Marabá. Os migrantes começaram a povoar a área no instante em que as turmas de construção de estradas se puseram a trabalhar. Num prazo de poucos meses um punhado de casas provisórias surgiu repentinamente nessa interseção. O lugar ficou inicialmente conhecido como Entroncamento do Xingu (SCHMINK e WOOD, 2012, p. 225-226).

Por encontrar-se na junção das rodovias PA-150 e PA-279, Xinguara aos poucos foi ganhando dinamismo, tornando-se palco de muitos acontecimentos. Naquele período, “as tensões e os conflitos entre posseiros e fazendeiros de permeio com grileiros, jagunços, policiais, advogados, médicos e outros tornaram-se comuns. (IANNI, 1978, p.192). Ainda nessa vertente, para quem conhece Xinguara hoje e a região sul do Pará, admira-se de seu desenvolvimento e da diminuição significativa da violência. A cidade é conhecida também pelas belezas e o verde de suas pastagens. A magnitude e riqueza do rio Araguaia são reconhecidas e contempladas, mas por trás desse esplendor e beleza guarda-se muitas histórias que só quem viveu aqueles períodos difíceis sabe e geralmente procura esconder num canto de suas memórias. Isso faz lembrar Michael Pollak (1989):

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento (POLLAK, 1989, p.6).

“Quem vê a placidez do Araguaia, a beleza de suas margens das suas praias, não pode imaginar tanta violência e tanto sangue derramado. A história aqui é forjada a ferro e a fogo” (FIGUEIRA, 1986, p.13). Mas, é preciso enaltecer a coragem e os avanços alcançados ressaltando que Xinguara, como muitas cidades do sul do Pará, atingiram e prosperam hoje com tamanho desejo de desenvolverem-se cada vez mais.

É fundamental ter a compreensão da importância do rio Araguaia na formação das cidades do sul do Pará, que tem ligação direta com a construção das formas de sobrevivência e do processo de sociabilidade da região. Rio que foi e ainda é via de acesso para o desbravamento da região Sul do Pará e que é fonte de sobrevivência e de mobilidade da população. O rio Araguaia, mais que o rio Xingu, destaca-se nesta vasta área geográfica. Airton dos Reis Pereira (2004) denominou-a como região “Araguaia Paraense”, em função da extensão do rio Araguaia, que banha os diversos municípios espalhados ao longo de seu curso, caminho que conduziu ao desbravamento dessa região, iniciando-se por Conceição do Araguaia, denominada “terra mãe” por ser uma cidade centenária, que iniciou todo o processo de povoamento com a chegada dos primeiros migrantes na região ao longo do rio Araguaia, cujos os municípios (inclusive Xinguara) pertenceram à jurisdição daquela cidade até o ano de 1982, data de sua emancipação político-administrativa.

A cidade, cujo espaço foi se transformando num lugar de vivência de muitas famílias oriundas de muitos lugares, características de muitas cidades amazônicas que se desenvolveram em formatos semelhantes.

Elas cresceram através de surtos, via de regra não consolidados. Mas apesar de não se desenvolverem, as cidades se credenciaram como bases essenciais para o conhecimento da Amazônia, e tem-se a ambição de que a compreensão do grau e da maneira em que impulsionaram a economia da região pudesse contribuir para alcançar seu desenvolvimento responsável (BECKER, 2013, p.11-12).

Xinguara, caracterizada também como cidade de fronteira, como já foi dito, cidade entroncamento, que para mim se traduz em encontro, porque foram muitas famílias que vieram ao encontro de quem veio primeiro para conhecer a região e trouxe consigo esperança de uma vida melhor e encontrou um espaço geográfico que parecia ter lugar para todos, independentemente de classe social e situação econômica e cultural, mas um lugar em que conflitam interesses diversos, como apontam mais uma vez os estudos de José de Souza Martins (1996):

À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas, o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. Por isso, a fronteira tem sido cenário de encontros extremamente similares aos de Colombo com os índios da América: as narrativas das testemunhas de hoje, cinco séculos depois, nos falam das mesmas recíprocas visões e concepções do outro (MARTINS, 1996, p.27).

Um espaço urbano que foi se tornando porta de entrada e saída de pessoas que vão e vêm de muitos pontos longínquos do Brasil. Lugar de entrada e saída de coisas representadas pelos insumos e infraestrutura básica para a garantia da sobrevivência cotidiana das pessoas. Espaço caracterizado pela dinâmica do comércio, lugar que conduz para onde instalaram-se pequenas, médias e grandes empresas, seja na própria cidade de Xinguará ou em outras cidades seguindo pela PA-150 (Rio Maria, Pau d'Arco, Redenção e Conceição do Araguaia) e pela PA-279 (Água Azul do Norte, Tucumã, Ourilândia do Norte e São Félix do Xingu). Local que proporcionou investimentos de estruturas básicas para o desenvolvimento e manutenção dos negócios. Fronteira que vai muito além da paisagem física e é caracterizada por uma dinâmica sócio espacial que foi gradativamente construindo valores e modos de vida diversificados com aspectos culturais misturados, porém marcada pelas diferenças sociais a partir da forma que ia se constituindo.

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano (MARTINS, 2012, p. 10).

Entre os migrantes que chegaram nessas fronteiras com condições sociais bem definidas, movidos pela vontade de aumentarem seu capital econômico e aqueles que vieram com “a cara e a coragem” somadas com a vontade de vencer na vida, os desejos e planos que os caracterizam podem ser comuns, contudo há uma diferença muito grande entre ambos em relação às condições econômicas.

Ao construírem a vida material, as oportunidades se tornam diferentes e, acima de tudo, desiguais nesse espaço social. Isso também os faz tornarem-se diferentes uns dos outros no modo de ver o mundo e de fazer o mundo. São díspares nessas diferenças sociais a forma de acreditar e de realizar sonhos e desejos, de construir sua própria história de vida. As marcas que se desenvolvem no próprio ser humano que o faz tornar-se humano são o resultado que se apresenta a partir da construção da vida material e se constitui ao longo do tempo. Isso também caracteriza uma forma de fronteira. Os arranjos que se estabelecem na construção material do espaço, também vão se refazendo na organização e ocupação sócio espacial, delimitando quem é quem a partir de sua renda econômica na cidade.

Oriento-me aqui pela análise de Gabriel de Santis Feltran, em seus estudos sobre as fronteiras nas periferias de São Paulo. O autor chama a atenção para algo muito importante relacionado à questão de fronteira que distingue bem o fator econômico e social. Esta forma

de olhar ajuda a esclarecer que a visão sobre fronteira traz uma riqueza de percepção muito maior do que se pode enxergar à primeira vista. A sua análise é a seguinte:

Entre os operários e os favelados, portanto, há fronteiras nítidas de arranjo familiar, padrão sócio econômico e acesso a bens e serviços. Mas há, sobretudo, diferenças no projeto de estar no mundo. Enquanto as famílias operárias apontam seu vetor de interesse para as classes médias, de regiões mais centrais da cidade, os moradores da favela vivem o local enfatizando o presente, e se apropriam dos territórios assim (...) De qualquer forma, é imperativo reconhecer que, a partir dos destinos das famílias que se instalaram ali, e com mais ênfase a partir da chegada das favelas, estabelecem-se naquele território fronteiras simbólicas e materiais constitutivas dos bairros e de sua heterogeneidade contemporânea. Nos anos de 1990, também o destino dos grupos intermediários a esses polos se consolida: não mais operários, mas trabalhadores do comércio e serviços de trajetória estável; ou nunca favelados, mas desempregados que sofrem para pagar o aluguel em uma casinha de dois cômodos, em frente à favela. Os territórios demonstram esse *continuum* de posições sociais, mas a divisão bipolar no plano discursivo se mantém (FELTRAN, 2011, p.59-60).

Na formação de Xinguara, no início de sua fundação era comum notar-se as casas (barracos improvisados) para apoio à abertura de “picadas” e carregadores nas matas, as serrarias, as casas de fundição do ouro, etc (desde a época da extração vegetal, a dos garimpos e da madeira, da distribuição de lotes de terras) até o destaque gradativo para a terra e para a pecuária. Local de mobilidade, de esperanças e mudanças, tanto no aspecto de mudar-se com a estrutura material mínima necessária para recomeçar a vida com a família, como a mudança no sentido de melhorar as condições de sobrevivência digna.

Nestas histórias de vida, estão marcadas como se construíram as formas de sociabilidade da população, numa perspectiva sócio antropológica que intenciona interpretar estas características variadas que vêm se estabelecendo: entender como os habitantes se vêem, se compreendem e se identificam, valendo-se de suas próprias narrativas, de suas histórias de vida, das falas significativas, tanto dos nativos como de pessoas que chegaram no início do povoamento, daqueles que continuam chegando e dos que nascem na região, constituindo e somando-se à demografia da cidade com perspectivas diversas, que se resumem em busca da garantia de uma vida melhor de fixarem-se, terem emprego digno, serviços públicos e urbanos que atendam às necessidades de todos. Pretende-se entender esses processos sociais, aproveitando-se das narrativas, das histórias contadas, de registros em jornais, literaturas locais e fontes documentais e de estudos empíricos desenvolvidos por pesquisadores e intelectuais da cidade e da região.

Xinguara vem se construindo historicamente em lugar de vivências, de “melhorias de condições de vida”, expressão tão utilizada nas falas de muitos moradores “pioneiros” entrevistados:

Quando meu pai veio para cá, a intenção era investir em frete, carro de transporte para carregar passageiros, porque corria bastante dinheiro, trabalho, ouro, madeira, então o projeto era trabalhar e ganhar dinheiro, melhorar as condições de vida, né! Então nós chegamos aqui eu tinha 16 anos, nasci no Paraná viemos para Araguaína (Tocantins), de lá é que acabamos mudando para cá. Quando nós chegamos em Xinguara foi em 1979. Intenção era essa, trabalhar e ganhar a vida aqui. Como meu pai trabalhava com carros, era ele e tinha meus dois irmãos que também trabalhavam com fretes. Era frete de pessoas que saía daqui para Tucumã e daqui para Araguaína e era muito movimento, muita gente circulando, então frete dava muito dinheiro (N.R.S., 48 anos, reside em Xinguara desde 1979).

“Pioneiros” que viram e ainda vêem em Xinguara uma alternativa de vida, de crescimento de investimento pessoal e social, agora não só para a sua geração, que veio primeiro, há mais de 30 anos, mas aposta na consolidação de uma cidade melhor também para sua segunda e até terceira geração, que já estão se constituindo aqui neste lugar, não só a vida material, sobretudo o sentimento de pertencer a este lugar.

Foi em 1977, quando entrei aqui, quando eu cheguei, não era Xinguara, era o Entroncamento do Xingu. Tinha pouquinha casa, aqui tudo era só mata, não tinha casa nenhuma, então quando eu cheguei aqui era só mato...era pouca casa...açouque só tinha um, pouco armazém, supermercado...hoje tá uma cidade boa, porque evoluiu bastante, mas Xinguara era muito difícil, não tinha nem prefeito aqui, aliás demorou ter um representante político aqui para comandar. Tudo era ligado e dependia de Conceição do Araguaia. Tinha muita gente, mas tinha gente que não acabava mais, pois o povo vinha para Xinguara porque tinha muita madeira, tinha muito ouro e logo tinha também a promessa de dar terra para todos os lavradores, então o povo vinha para arriscar a vida, para vê se ganhava dinheiro, terra...aí o povo ia chegando ia instalando os barracões de tábuas e de palha mesmo, isso quando ainda era o Entroncamento do Xingu, tinha muito daqueles barracões só de lona, então as coisas era assim...Rapaz, Xinguara, pelo tempo que eu vim para aqui, Xinguara hoje é uma cidade boa, tem muitas coisas, passou por alguns prefeitos. o prefeito, desde o Itamar que iniciou fez muita coisa, e cada um fez alguma coisa, deixou sua contribuição, eu creio que vai ficar melhor ainda, Xinguara tem condições para ficar melhor ainda, uma Xinguara muito grande...Isso aqui é um como um entroncamento, é um centro né, Se vem de São Felix é para Xinguara, se vem de Marabá é para Xinguara, vem de Conceição é para Xinguara, é um Eixo... eu creio que Xinguara ainda vai ficar muito grande e o povo merece.... (Sr. Vilamar, 78 anos, reside em Xinguara desde 1977).

Dentre os inúmeros aglomerados que iam se constituindo, principalmente à beira das estradas, desde a década de 1970, a cidade de Xinguara vivenciou muitas mudanças e uma vida dinâmica em função de sua própria localidade geográfica; tornou-se uma cidade que faz elo com outros lugares, sendo porta de entrada e saída de coisas, de pessoas, de produtos.

Cidade que abrigou gente de todos os lugares do Brasil, que não tinha jeito de cidade no início de sua história, mas que pelas narrativas dos moradores até surpreendem pela forma rápida que desenvolveu os aglomerados de casas.

Amontoados de casebres que iam surgindo às beiras das estradas ou no meio da mata, ou do que restava dela, em plenas derrubadas e áreas mal queimadas ficando paus e toras de árvores caídas e tocos de árvores cortadas, em meio a coivaras que iam sendo amontoadas para queimar novamente e limpar melhor os terrenos. Assim foi o caso do lugarejo antes chamado de Entroncamento do Xingu, que resultou em Xinguara, posteriormente. Vários moradores contaram o que viveram confirmando o que explica D. Lica, moradora de Xinguara desde 1977:

Quando eu vim para cá até lá na Xingu, que foi a primeira rua de Xinguara, e na Rua Brasil, lá era tudo mata, ou uma coisa assim misturada de mata com derrubada, mal queimada. Para nós construir um barraco lá tivemos que abrir a machado e a foice, para abrir estrada, um carreador para o caminhão que foi buscar a telha lá em Rio Maria, cidade vizinha porque só lá que tinha cerâmica. Aí para poder entrar deixara telha lá foi maior sacrifício do mundo, porque estrada era nós que tinha que fazer, no meio de tocos, árvores caídas, a coisa mais difícil do mundo, eh! (D. Lica, 65 anos, reside em Xinguara desde 1977).

2.2 Os fluxos migratórios e a formação das “identidades misturadas”

O fato de ser uma cidade marcada desde o início de sua história por fluxos migratórios intensos, advindos de muitas regiões brasileiras e atraídos pelo desejo de se constituírem neste lugar, ocasionou um processo de ocupação sócio-espacial em toda a região sulparaense, com uma população marcada pela pluralidade cultural. Tendo em vista esta questão das diversidades, evidentemente propiciou uma cidade com uma mistura de culturas, com a formação de “identidades misturadas”.

Como analisar e sedimentar esta ideia de uma população com essa mistura de culturas? *A priori* é fundamental compreender o sentido do próprio termo “identidades misturadas”, de onde vem esta expressão e como correlacionar ao contexto de Xinguara. Foi a João Pacheco de Oliveira que recorri em seu trabalho intitulado: “Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos” (1998). Sua análise está voltada especificamente aos indígenas do nordeste, mas trouxe os elementos para essa reflexão no que toca à questão da impossibilidade de uma coletividade pura, depois de tanta alteração no contexto de vida e na individualidade de todos. Em seus estudos, João Pacheco de Oliveira aponta as perspectivas para o estudo de populações que, segundo ele, são tidas como de pouca

distintividade cultural, o que significa dizer que são culturalmente “misturadas”. Referindo-se aos estudos sobre as missões no período da colonização, por exemplo, o autor chama a atenção para a visão que se configurou àquela época sobre essa ideia da “mistura” correlacionada aos indígenas:

Antes do final do século XIX já não se falava mais em povos e culturas indígenas no Nordeste. Destituídos de seus antigos territórios, não são mais reconhecidos como coletividades, mas referidos individualmente como “remanescentes” ou “descendentes”. São os “*índios misturados*” de que falam as autoridades, a população regional e eles próprios, os registros de suas festas e crenças sendo realizados sob o título de “tradições populares”(OLIVEIRA, 1998, p. 58).

As diversidades culturais, as diversas “identidades misturadas”, pode-se dizer, que é em função de tantos modos de vidas distintos, que passaram por tantas trajetórias, muitos “andantes” e “chegantes” que juntos com os que se fixam constroem suas memórias, compõem as suas histórias de vida e a do lugar, dando esse caráter de uma cidade com misturas de culturas e de valores, constituindo essa diversidade. Muitas desses valores permanecem em suas histórias e memórias e vão sendo transmitidos para as gerações mais jovens que permitem a continuidade de suas identidades culturais na construção do espaço social.

Manuel Ferreira Lima Filho, em sua obra “O Desencanto do Oeste” (2001), aponta que não se trata de “contrastar memória e história com uma divisão positiva”. Para o autor, “a proposta é fazer de memória e História fios que constroem o tecido social” (LIMA FILHO, 2001, p.20). Nesse sentido, trazendo suas análises para o contexto xinguarense, pode-se refletir: será que cada morador se dá conta de quem é nesse contexto social? Uma vez que nasceu em um outro espaço que deixou para trás e se defronta com uma diversidade de outras tantas formas de ser, de pensar, de fazer (ou não fazer) e viver? Será que é possível ligar esses inúmeros fios de suas memórias e entender o tecido social que constitui essa imensa região? Este estudo empreendeu esforços em reunir estas fontes de informações, unir estes inúmeros fios, através das narrativas, juntando os diferentes “pedacinhos de histórias” de cada um que se misturaram ao longo do tempo, para entender a formação das “culturas misturadas” desta cidade. São muitas as razões que levaram ao desenvolvimento desta característica.

Tratar dessa temática identidade, seja ela subjetiva ou coletiva e, principalmente caracterizar “identidades misturadas”, não é tão simples assim.

Não deve ser a toque de caixa, não pode ater-se somente a esse aspecto da população ser composta de habitantes com origens de diversos estados brasileiros que a torna uma

cidade com esse caráter misturado. Claro, trata-se de uma de suas bases de interpretação, mas para esta análise exige-se muito mais que uma visão simplista. Além da observação da realidade do cotidiano em Xinguara e o olhar empírico para os muitos elementos que caracterizam a cidade nesta mistura de identidades, faz-se necessário categorizar “identidade” como todo um processo, com base em estudos que vem sendo desenvolvidos por muitos pesquisadores.

Por conseguinte, a palavra identidade em si pode ter muitas conotações, muitos significados. Procurei me ater ao sentido em que está inserido no contexto que aqui vem sendo trabalhado, considerando a formação da identidade cultural da cidade em estudo, o que vale um esforço e uma análise cuidadosa para interpretá-la.

Valendo-me de um cunho teórico que aprofunda esta percepção que vai além de uma categorização simplista, utilizei-me das explicações de Rogers Brubaker e Frederick Cooper (2000), que desenvolveram suas análises sobre a temática da identidade, fazem uma crítica aos usos imprecisos e variados desta noção, indicando as várias maneiras em que esta palavra é aplicada por diversos autores. Neste sentido, eles propõem antes de usá-la, analisar bem a palavra identidade e buscar até mesmo desmembrá-la, fazer diferenciação do termo, questionando se é realmente de identidade que falamos ou se não é de identificação, categorização, auto-determinação, localização social ou mesmo comunalidade.

É interessante quando Brubaker e Cooper chamam a atenção que as ciências sociais e humanas se renderam de mais à palavra identidade (a meu ver é uma crítica clara feita por eles). Atentei-me a interpretar que além da crítica, o que os autores sugerem para reverter este problema, sinalizam que deve-se pensar um processo de “identificação/categorização” e, apontam que os termos se encaixam melhor para explicar situações empíricas por serem “termos ativos, processuais, derivados de verbos, e que chamam à mente atos de identificação e categorização particulares levados à cabo por identificadores e categorizadores particulares” (BRUBAKER; COOPER, 2000, p. 17).

Em todo o caso, neste estudo sobre “identidades misturadas” referentes à população de Xinguara, que está constituída de valores culturais diversos que marcam a formação e modos de vida da cidade, que lhe dão o tom e o ritmo. Os aspectos desta mistura se manifestam por múltiplas ações, sejam coletivas ou individuais, que ora mantém unidade, ora se expressam pelas diferenças e desigualdades, mas efetivamente categorizam-se. São elementos identitários que tornam-se os indicadores e que permitem afirmar esta categorização das “identidades misturadas” que formalizam a vida cultural cotidiana da população. Seria impossível um contingente populacional com origens tão diversas desenvolver e manter uma

uniformidade cultural. É importante realçar que esse contexto de pluralidade cultural existente em Xinguara é um fragmento do que é a própria formação cultural do Brasil desde o processo colonial.

Em Xinguara, cuja mistura de origens é muito marcante, pela presença do negro (representado principalmente pelo nordestino) e também porque é uma cidade que traz traços da presença indígena, mesmo que não tenha nenhuma comunidade autóctone no município, mas a mistura indígena, se vê nítida nas feições sobretudo da população vinda da região norte do Pará, mais especificamente de Belém do Pará, ou de outros estados como Amazonas, Amapá.

A partir de minha condição de professora, noto que a valorização da formação cultural e étnica baseada não só nas diferenças dos valores identitários que se misturam na composição da população em Xinguara, mas também nos aspectos sociais e econômicos que refletem acentuadamente na constituição e perpetuação desses valores, está relacionada ao debate sobre a inclusão das identidades culturais locais no currículo escolar nacional e das escolas xinguarenses, em particular. Como mostra o estudo de Simone Santos, as diretrizes nacionais recomendam que através da escola se desenvolva um trabalho de resgate e valorização da diversidade cultural que há em nossa sociedade. Nesse sentido, a autora diz:

Entre as reivindicações históricas, a educação sempre foi pautada como uma possibilidade de construção de uma sociedade capaz de assegurar direitos sociais, políticos, econômicos e culturais a todos/as brasileiros/as. O desafio atual da educação é implementar nos municípios e estados da Federação políticas públicas de promoção da igualdade racial. Para isso, três fatores são fundamentais: investimentos na escola pública; uma proposta de formação dos profissionais de educação, centrada na reflexão sobre as desigualdades raciais historicamente construídas que permeiam o espaço escolar, e a construção de projetos político-pedagógicos nas escolas que dêem conta da diversidade na formação do povo brasileiro. O projeto político-pedagógico deve ser a expressão de vozes que foram silenciadas e um diálogo democrático em torno dos silenciamentos (SANTOS, 2006, p. 11).

Silenciamentos. Exatamente uma característica que captei em minhas entrevistas. Há um certo silêncio, uma demora e muita dificuldade nas respostas quando perguntados por suas raízes culturais, seus costumes e de suas famílias que praticam e preservam. Acredito que pela novidade de serem questionados pelas suas próprias identidades culturais, assunto que não é comum, nem habitualmente discutido. Talvez pelo fato de muitas pessoas me conhecerem e saberem que sou professora e também vivo tal contexto, por que eu teria tanto interesse naquelas questões e registrar sobre suas vidas, suas trajetórias, suas identidades culturais? O fato de me conhecerem e de saberem de minha busca de informações referente

às pesquisas para meus estudos pode sim ter colocado barreiras e exigido de cada um certo esforço para expressá-las, ou ao contrário uma certa barreira para respondê-las.

Por mais que eu tenha elaborado questões ao alcance da compreensão dos entrevistados para captar os seus sentimentos sobre identidades, valores, costumes, naturalidade, descendência, pertencimento, trajetórias, atividades culturais e de lazer vivenciadas em Xinguara. A pesquisa buscou essa resposta na própria população, seja a de idade mais elevada, com mais vivência e experiência, seja com os mais jovens, que mostraram interesse ao ser arguidos, aguçando-os para falarem o tipo de cultura que percebem, que vivenciam. Por parte da população “pioneira” e das pessoas mais maduras parece que há uma espécie de saudade escondida, latente, do que significa o passado para eles, pois estão vivas em suas memórias a cultura vivenciada em suas terras natais e, por parte da população mais jovem, uma certa dificuldade de expressar como vivem esta cultura hoje em seu modo de vida, uma percepção clara que são movidos pelo que é imposto culturalmente pela midiaticização. Porém, é notório na fala da juventude que eles têm forte ligação com a tradição de suas famílias e que estão relacionados aos locais de origem onde seus pais viveram por mais tempo. Carregam consigo muitos valores e saberes, uns se mantiveram, outros se adaptaram ou se modificaram ao longo do tempo, mas a correlação com costumes e valores culturais do lugar de onde vieram ainda se fazem presente para a maioria.

Ouvi a partir das entrevistas repetidamente que em Xinguara a cultura é diferente dos locais de onde vieram. Em seus locais de origem todos seguiam um tipo de tradição; afirmam que era uma coisa certa, definida, acontecia com permanência. Nas falas de alguns “pioneiros” escutei e registrei o seguinte: “a cultura, aqui não é igual em outros lugares que guardam a tradição. Até a festa junina daqui é diferente, fazem umas danças diferentes...não é igual do nosso tempo no nordeste” (Sr. J S. L., 58 anos, morador há 28 anos). Em outra fala: “nunca vi aqui uma festa, uma dança da cultura do sul, igual vi quando eu era moça eu ia nas festas lá todos os anos tinha a tradição mudava muita coisas, mas os costumes eram os mesmos. Aqui é meio misturado, até o jeito do povo dançar forró é diferente” (Sra. M. B. S., 51 anos, moradora há 30 anos). “Até os gaúchos e paranaenses que vieram para cá vão se acomodando, não usam mais o estilo de vida de lá, no mínimo usam o chimarrão, para não perder o costume e é só também” (Sra. S. H. C., 58 anos, moradora há 31 anos).

A forma de cultura estabelecida no lugar de origem, expressa um certo saudosismo, um sentimento de perda do costume do lugar que ficou para trás, parece se perder na visão de alguns ou se misturar com outras. Muitos desses “pioneiros” expressaram um sentimento de distanciamento da cultura do passado e uma sensação de não se adaptarem ao modo de vida

que foram adquirindo por aqui, diretamente ligada à ideia do saudosismo da terra de origem. Pode ser também que expressem as mudanças, as adaptações ao lugar que se constituiu com outras tantas formas de fazer e de viver das pessoas.

No espaço social para o qual vieram e ajudaram a construir não há uma forma única de cultura; na visão desses “pioneiros” não há um padrão cultural definido como no lugar de origem, que teria modos de vida secular. Isso parece inquietar esses moradores o que os levam a não discernir com clareza os traços distintivos da cultura presentes que vem se desenvolvendo ao longo da história de Xinguara. A análise de Ana Cláudia Marques (2012), mira nessa reflexão sobre as diferenças que se constituem a partir da formação do lugar, por mais que os habitantes se adaptem sempre se manifestam tais distinções que os marcam efetivamente de acordo com as divisões sociais e também regionais:

O uso dessas designações é muito expressivo da divisão e das tensões sociais ali vigentes, que são traduzidas localmente segundo concepções de “cultura”, por sua vez associada à origem regional. A culinária e as aptidões para o trabalho, a preferência musical e a dança são traços diacríticos da “cultura”, na acepção que o termo encontra entre os “gaúchos”, por exemplo (MARQUES, 2012, p.97).

É uma temática complexa falar de uma cultura pura, única, padronizada, em um país como o Brasil que tem sua base cultural totalmente misturada, na questão étnico-racial e cultural. O estudo de Pedro Rodolpho Jungers Abib (2012), aponta mais informações sobre a mistura de elementos que compõem a cultura brasileira:

O caldo de cultura constituinte da nação brasileira, proveniente de tão diversificados ingredientes, é responsável pela construção de uma miríade de signos e simbologias, constituídos ao longo desses quinhentos anos em que o nosso povo expressa e manifesta seus sentimentos de dor e alegria, revolta e resignação, euforia e sofreguidão, violência e paixão, com que vem enfrentando a luta pela sobrevivência e pela sua afirmação, num contexto sócio-político e econômico extremamente desfavorável, determinado pelo modelo capitalista dependente que ocorreu em diferentes épocas e de maneiras diferentes (ABIB, 2012, p. 2).

No entanto, manifestou-se na percepção da juventude um sentimento de uma cultura que vivenciam, e um modo de vida que gostam e que praticam em que eles afirmam que é uma mistura, uma adaptação da cultura de outros lugares que foram sendo repassados pela família e pelos grupos de convivência. Alguns registros feitos a partir das entrevistas com jovens moradores esclarece isso:

Aqui em Xinguara, nós temos nossos costumes mais ligados aos costumes do Goiás que é onde veio a maioria de nossos pais. A roupa que vestimos, o jeito e estilo é o

mesmo. Até a música que a gente ouve é a sertaneja e a maior parte dos ritmos e estilo de cantores atuais são do Goiás, ou então de São Paulo ou de Minas Gerais, mas é o sertanejo seja o estilo mais antigo, ou o tipo “sertanejo universitário” ou o “arrocha” que a maioria curte (K. M S, 21 anos, sexo feminino, estudante 3º ano ensino médio noturno).

A construção social e cultural vem se desenvolvendo com forte ligação com as origens de seus pais, não predominou uma única forma de cultura do local em que os pais vieram. No entanto, representa-se uma transmissão de uma cultura com fortes laços com as de suas famílias. Ficou evidenciado que os fatores econômicos têm peso essencial e parece determinar o modo de vida da cidade. O estilo sertanejo tanto no estilo de vestir quanto no gosto musical a que se referiu a jovem na entrevista acima tem forte relação com a questão econômica correlacionada à pecuária, atividade econômica predominante na cidade nos dias atuais.

O importante é compreender que quem faz o modo de vida e dá sentido ao lugar é cada grupo social. Isso vem se confirmando na própria trajetória de vida e na maneira de viver de cada um, mesmo que isso seja inconsciente para os próprios habitantes, mas está intrínseco e presente no cotidiano da cidade. Ítalo Calvino, em “Cidades Invisíveis” (1999), destaca ainda que “o espaço nada significa numa mera exterioridade, ele só existe em relação aos sujeitos que o significam”. Assim, a cidade é aquilo que se consegue entender, ver, sentir e viver na construção de muitos significados que aparecem entrelaçados e misturados respectivamente.

De certa forma, a construção da identidade ocorre em função da confluência de pessoas, ideias, objetos, conflitos, continuidades, descontinuidades, memórias, expectativas, produções culturais e construção dessas identidades. Percebi que há uma certa dificuldade ou um certo receio de expressarem o que sentem, percebem e vivenciam, talvez por não ter claro a mistura que se deu dessas diversas formas de culturas.

E, está muito presente a questão que há um confronto na aceitação da cultura um do outro, pois há um choque que pode parecer implícito, mas movido pelas diferenças culturais que se misturaram, ou ainda uma dificuldade natural de discernir o significado da cultura que vivenciam. Neste aspecto Homi K. Bhabha faz menção a “um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (BHABHA, 2003, p. 63).

Por exemplo, a ideia subjacente de que a cultura do sul ou sudeste brasileiro seja superior a do nordeste se declara nas falas cotidianas, bem como nas atitudes, no habitar, na

forma de trabalhar, nos empregos que são ocupados, consciente ou inconscientemente está presente sejam nas atitudes de discriminação ao habitante que é maranhense, ou seja nas falas, nas brincadeiras e piadas de mau gosto. Expressões do tipo: “serviço de maranhense”, referindo-se a serviço mal feito; “comida de maranhense” quando trata-se das refeições com muito caldo, ou o “cozidão”, numa linguagem regionalizada. Já ouvi essas expressões inúmeras vezes de pessoas que convivo: “vou fazer um arroz de maranhense”: um arroz no “timbum” que é cozido colocado na água e não refogado como se faz comumente noutras regiões. Comparando a formação dessa percepção cultural em função dos deslocamentos e utilizando-se dos estudos dos pesquisadores Beatriz Heredia, Moacir Palmeira e Sérgio Leite (2010) em Mato Grosso e outras regiões do agronegócio, os quais tratam das relações e do “mapa social” que se constroem no lugar de encontro das diversas culturas que realça-se a partir do lugar de natalidade desses habitantes, o que ocorre por lá, observa-se que é um fato presente também na formação cultural em Xinguara. Os autores comentam essa percepção:

Não parece, pois, casual que o “mapa social” elaborado pelos que vivem nessas regiões remeta ao local de nascimento efetivo ou suposto das pessoas a quem estão se referindo: “gaúchos” e “maranhenses” [...] É valendo-se desse tipo de classificação que as pessoas dos lugares estudados reportam a pesquisadores a história dos lugares onde vivem, que elas se localizam no cotidiano (“falei hoje com um maranhense”; “na festa só tinha gaúcho” ou “a fazenda é de um paranaense”; “encontrei um baiano na rodoviária”) ou mesmo classificam os espaços de sua cidade (“bairros de gaúcho”, os mais valorizados, e “bairros de maranhense”, os de condições mais precárias, para ficarmos apenas com o exemplo de Mato Grosso), estabelecendo ou confirmando uma segregação geográfico-social (HEREDIA; PALMEIRA; LEITE, 2010, p. 170).

Ressalta-se que estas falas quando manifestadas trazem o tom de preconceito e menosprezo pela forma de fazer e de viver dos habitantes maranhenses havendo assim, mesmo que de forma indireta, uma distinção de uma cultura que se sobrepõe a outra, tanto nas ações quanto nas palavras que sinalizam o tom e o tamanho das diferenças culturais que se impõem pelas condições sociais e econômicas. Idelma Santiago da Silva (2010), em seu estudo sobre migração no sudeste do Pará, entende estas expressões sobre a diferença da seguinte maneira:

O emprego do termo *sulista*. É a expressão não apenas de uma alteridade com o norte do estado (o litoral), mas também a idealização de um “regionalismo de superioridade”, representado pelo Centro-Sul do país – o “sul maravilha”. O ideal de fazer o encontro do *paulista* com o *sertanejo* na recriação do *novo sertão*, moderno, civilizado e desenvolvido (SILVA, 2010, p. 74).

Impossível haver uma única forma de identidade das pessoas que experimentaram muitas trajetórias, muitas vivências. No caso da população de Xinguara, nem a população remanescente, nem os descendentes dos migrantes que já são “filhos da cidade”, perderam este vínculo de pertencer a uma população de “culturas/identidades misturadas”. Basta observar as cenas do cotidiano da cidade, na composição visual urbana, em atitudes, hábitos, costumes e modos de vida das pessoas do lugar. Mesmo que cada um tenha sua particularidade, as histórias de todos e da cidade vão sendo construídas a partir de seus hábitos, de seus costumes e da aceitação ou não das diferenças que cada conjunto de cultura vai se estabelecendo no contexto social dos habitantes. Nesse sentido Ana Fani Carlos aponta que:

Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. Mas o que ligaria o mundo e o lugar. O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental (CARLOS, 2007, p.17).

Esta ideia da autora pode ser percebida nas relações que os indivíduos estabelecem, pode ser vista pelos simples gestos, atitudes e costumes como nos hábitos culinários, que são expostos pelos pontos da cidade de Xinguara, por exemplo, nas muitas tendas que vendem refeições. Numa linguagem da região, são as “barracas de comidas caseiras” espalhadas pela cidade, que nas décadas anteriores (1980-1990) eram bem mais visíveis pelas ruas, principalmente próximo à rodoviária e aos pontos de carros de transportes de pessoas para várias localidades, embora elas ainda marquem presença disputando fregueses com os restaurantes mais organizados. Nestas “barracas de comidas” é muito comum se ouvirem as pessoas dizerem: “hoje vou comer de costa para a rua”, uma expressão muito utilizada para se referir à forma de fazer e servir a refeição que geralmente é em uma mesa ou balcão comprido que é dividido coletivamente por muitas pessoas ao mesmo tempo e que as posicionam realmente de costas para a rua.

A comida predominante servida nessas barracas é a panelada, a dobradinha, o chambari, a galinha caipira, a galinha com piqui, a buchada e o assado de panela. Pode-se notar a presença fortíssima da culinária essencialmente nordestina, especificamente do Maranhão e Piauí, que aparece alternada e misturada com a galinha caipira no estilo bem

mineiro e a galinha com piqui, tipicamente goiana. Preservam-se tradicionalmente essas tendas de comidas tipicamente caseiras no Mercado Municipal de Xinguara, junto à feira e algumas delas funcionam vinte e quatro horas nos finais de semana atendendo a freguesia que amanhece nas serestas, nas festas e os feirantes que se instalam de sábado para domingo na feira coberta.

Xinguara, por isso mesmo caracteriza-se como cidade de “identidades misturadas”, por receber fluxo de pessoas de muitos lugares; isso se manifesta nas falas, nas atitudes e hábitos dos moradores como por exemplo, em festas, na musicalidade, com a predominância no estilo sertanejo em função da influência da pecuária (músicas sertanejas de raiz e o sertanejo “universitário” e mais recentemente o “arrocha” muito presente nos sons automotivos, entre a juventude excepcionalmente), estilos de músicas que possivelmente tem uma forte relação com a presença dos migrantes goianos e mineiros na cidade e região, somando-se a esta preferência encontra-se também o estilo da música conhecida por aqui como o “brega” e o “mélody” com uso muito característico do solo de guitarra marca presente na música da região norte do estado do Pará.

Há tradicionalmente em Xinguara as “casas de serestas” que surgiram nos tempos dos garimpos e preservam-se até hoje com músicas no estilo “boêmio”, com solo de guitarra, adotando o estilo acima mencionado próprio da região Norte e Nordeste. destacando-se duas bandas da cidade de Xinguara que já são reconhecidas é o caso de “Silas e Banda” que possui seu próprio espaço de música ao vivo, no estilo seresta que existe há mais de duas décadas e a banda “Bicho que Bole” que aparece na fala de alguns jovens entrevistados, cujas bandas conseguem lotar os espaços onde cantam e animam o público por onde se apresentam. Quando dirigi a mesma questão sobre entretenimento em Xinguara para o entrevistado “pioneiro” e para o entrevistado jovem colhi respostas bem diferentes. O entrevistado “pioneiro” expressou a seguinte opinião:

No meu tempo de juventude,tinha um cinema bom. Dava muita gente. Aqui em Xinguara tinha umas serestas boas, era tanta gente que os donos dessas serestas fazia no meio da rua! Umás músicas tocadas só com o solo de guitarra e teclado, estilo brega, carimbó, forró, era coisa boa. Era no ritmo de seresta mesmo. Era tradição, todo fim de semana eu ia lá com minha “corôa” e nós dançava muito forro, bolero e o brega e se divertia. Hoje, vejo e escuto que anuncia aí seresta, mas não é mais do mesmo jeito. Aquele tempo deixou saudade. Pode perguntar aí para muitos desse tempo que eles contam. A gente vai ficando velho e as coisas muda né! (Sr. J. S. L., 72 anos, morador há 32 anos).

Antigamente eu não saía para me divertir não. Xinguara era mais violenta, dava medo sair de casa. Hoje para nossa idade tem pouca opção. Tem a festa da pecuária e a cavalgada que eu gosto de ir ver e o rodeio todo ano eu gosto de ir pelo menos uma noite. Tem o festejo do padroeiro São José que acho que é uma tradição boa de

muitos anos. O que mais gosto mesmo é das festas e serestas do centro de Convivência dos Idosos que tem aí umas três vezes por ano. É um ambiente para nossa idade mesmo, a gente se sente bem lá (Sr. I. M. C., 58 anos, moradora há 29 anos).

O ponto de vista de entrevistados jovens sobre entretenimento em Xinguara:

Alguns lugares como cinema (que chegou na cidade há pouco tempo) lanchonetes, barzinhos e praça é onde marco para encontrar com as amigas. Não tem muita opção não. A única coisa para se divertir que vejo em Xinguara é a FAX, (Feira Agropecuária de Xinguara). A festa da pecuária que só acontece uma vez por ano, mas que todo mundo se diverte (aluna, 19 anos, Escola R. H. M, mora em Xinguara há 12 anos).

A praça é o melhor lugar para mim. Os amigos ligam o som automotivo, ali a gente escuta o som do “arrocha”, e o sertanejo e outros sons. Ali surgem as garotas, as amigas a gente curte o fim de semana assim. Diversão mesmo que é *top* é a FAX, essa é a festa! A festa de aniversário da cidade que também a gente se diverte (aluno, Escola Pedro Ribeiro Mota, 17 anos, nasceu em Xinguara).

Ultimamente os eventos esportivos tem sido bons. Tem o Jopex (Jogos Poliesportivos de Xinguara) que reúne todas as escolas aí. É uma semana de jogos e a gente encontra os amigos é muito bom. Tem também o campeonato de Futsal todo ano no Rotary. A festa da pecuária e a cavalgada é a festa do ano! O aniversário da cidade tem o festejo da Igreja Católica com música ao vivo. É isso, a gente tem pouca opção, mas a gente inventa algum jeito de curtir o fim de semana (aluno, Escola D. Luiz, 23 anos, nasceu em Xinguara).

A maioria vai para os bares, tem o pagode, tem a moda de viola no “Degraus” com Edivan Viola, as festas no “HD Leilões”, com música ao vivo ou som automotivo. Tem umas baladas aí de vez enquanto que a gente vai para curtir e dançar o “melody”, o “funk”, “arrocha” com música da “sofrência” (aluno, Escola D. Pedro II, 19 anos, nasceu em Xinguara).

Gosto de ir onde a banda “Bicho que Bole” canta. Eles cantam muitas músicas que é para dançar mesmo. Tem uma turma grande aí que não perde uma festa. Muito bom o ritmo que eles tocam todo mundo gosta...(aluna, Anexo Raimundo Henrique de Miranda, 21 anos, nasceu em Xinguara).

A cultura da pecuária hoje é predominante, tem forte influência no modo viver das pessoas, principalmente da juventude: o estilo “xadrez” de vestir-se, o uso da bota, do cinto de fivela grande e do chapéu. A manifestação cultural representada anualmente através da FAX (Feira Agropecuária e do Agronegócio de Xinguara) se realiza com todo o estilo e com muita pompa, com duração de nove noites de festa. Na ocasião, ocorre a escolha da rainha FAX (que é o sonho de muitas garotas da cidade), com cantores de renome nacional da música sertaneja e com rodeios profissionais.

Figura 3 – Multidão, em dia de show na Fax em Xinguara, 2013.



Fonte:Luiz Pereira, 2014.

Figura 4 – Jovens na “balada”, som automotivo



Fonte: Ripa nos Malandros 2015.

Quanto às práticas religiosas, há historicamente a “Folia de Reis” (com grupos existentes desde o início da fundação da cidade), as novenas, os festejos católicos, destaque para o festejo do Padroeiro da cidade São José Carpinteiro que é uma tradição desde o início da cidade, além das festas juninas (com danças e trajes dos mais variados tipos nos espaços escolares). Os eventos evangélicos que ocorrem com frequência e geralmente reúnem vários municípios com shows evangélicos. Existe na cidade um cemitério específico para evangélicos da Igreja Assembléia de Deus. Há também a casa de “Pai de santo”, representando a religião afrodescendente, que se instalou desde a década de 1980, tendo como representante o Sr. Nicodemos (falecido) e sua família, que dá seguimento ao movimento que se caracteriza por seus símbolos, com os terreiros de macumba, o candomblé e o terecô que eram bem mais fortes no início da história da cidade etc.

Figura 5 – Tradicional festa junina no de Centro de Convivência dos Idosos.



Fonte: Luiz Pereira, 2013.

Figura 6 – Folia de Reis que acontece há 3 décadas.



Fonte: Roserval Ramos 2015.

As diferenças e misturas aparecem também na linguagem de acordo com a regionalidade (os diversos sotaques se misturaram em muitos casos); como já foi mencionado em comidas típicas como a panelada, a buchada, a dobradinha, o arroz com pequi, somando-se ainda ao churrasco, o “boi no rolete” (tradição dos “sulistas” que acontece todos os anos através do Rotary Club), o tucupí, o tacacá, o pato no tucupí (em função da presença “dos paraenses de Belém”), o cuscuz de milho e arroz, a tapioca/biju etc. Isto é, cada conjunto de migrantes trouxe consigo e mantêm vivas as tradições que receberam de suas origens e hoje, numa cidade mista na qual se adaptam e se adequam à convivência uns com os outros integrando-se os valores em sociedade.

Contudo, as diversas formas de urbanização se desenvolvem na Amazônia a partir dos fluxos migratórios ocorridos em diversas partes nesta vasta região e, aqui especificamente, na Amazônia Oriental, sul do Pará, com foco na cidade de Xinguara. A ocupação sócio-espacial acontece em áreas longínquas e desconhecidas e, principalmente, por efeito de correntes migratórias vindas de muitas regiões brasileiras, tornando-a “uma cidade de borda” (BECKER, 2013) caracterizada pelo fluxo migratório de pessoas vindas de todos os lugares do Brasil, predominantemente de nordestinos. Mais análises sobre os movimentos migratórios, seus efeitos e mais detalhes sobre a formação da cidade serão apresentados no capítulo seguinte.

3 MIGRAÇÕES EM XINGUARA: ESPAÇO URBANO E MODOS DE VIDA

3.1 Tempos de migração e a construção da cidade

Nos capítulos anteriores apontei elementos para a compreensão de como nasceu e se constituiu a cidade de Xinguara, cujo princípio de sua história data da segunda metade da década de 1970 e mostra que o contexto do surgimento de um aglomerado de trabalhadores, pessoas movidas por esperanças e objetivos de mudança que se lançaram rumo a essas terras, integrando-se ao movimento migratório motivados por ciclos econômicos fortes que se alternaram e que resultou nesse núcleo urbano formado inicialmente em função da abertura de estradas. A sua origem está inteiramente ligada ao contexto geral da região sul do Pará e da Amazônia como um todo.

Apresento neste capítulo uma localidade que antes de tornar-se o que é atualmente, no passado foi apenas uma área aberta que serviu de ponto de apoio para abertura das rodovias projetadas para ligar este lado isolado do estado do Pará ao restante do país. Xinguara está localizada onde ocorreu a abertura da rodovia PA-279. Esta rodovia foi projetada no governo de Aloísio Chaves com objetivos claros e estratégicos de ligar o município de São Félix do Xingu à malha rodoviária estadual que liga os municípios de Água Azul do Norte, Tucumã, Ourilândia do Norte e São Félix do Xingu até Xinguara, de onde se interliga à rodovia PA-150. Ressaltando que em “2010, a então parte sul da denominada rodovia estadual Paulo Fontelles que era PA-150, tornou-se federal passando a ser a BR-155” (DETRAN, 2013). A PA-150 é considerada a estrada central do Pará, por ser um eixo de integração e forte elo com outras rodovias que conectam o estado do Pará ao restante do território nacional.

As narrativas dos primeiros habitantes de Xinguara mostram que na época, antes da PA-279, tratava-se de uma região inacessível e isolada tanto da capital, Belém, como do lado do Centro-Oeste brasileiro e, conseqüentemente, do resto do Brasil. Tudo em função da distância e das dificuldades de chegar por terra e pelas impossibilidades extremas de locomoção, além das dificuldades de trafegar internamente e na própria região. A confirmação desta informação está presente nos estudos de Antonio Risério sobre as cidades na Amazônia, quando afirma:

Mas o caso amazônico não deixa de chamar a atenção. Seu desligamento do resto do Brasil, seu distanciamento dos polos mais ricos, movimentados e populosos do país, enfim, a sua solidão, no conjunto da vida brasileira, não foi somente profunda, mas muito mais longa. Uma solidão extrema(...). A cultura local nasceu não somente da predominância numérica do índio sobre o negro e o branco, mas da solidão física, econômica, política e cultural. Havia o problema do acesso à região. Era uma

façanha chegar lá. Além da gigantesca barreira florestal, com todos os seus perigos (RISÉRIO, 2012, p.119-120).

Tratando-se de isolamento e distância geográfica, cabe falar brevemente do município de São Félix do Xingu nesta análise por um motivo significativo: foi a partir do objetivo de interligá-lo ao sul do Pará pela construção da rodovia PA-279 que apareceram tantos outros povoamentos que se tornaram cidades importantes nesse trajeto. O próprio nome do município de São Félix do Xingu está inteiramente ligado ao rio Xingu, que também inspira a origem do nome Xinguara. Em referência ao nome São Félix do Xingu, deve-se ressaltar ainda a observação de José de Souza Martins (2012). Segundo o autor muitas localidades da Amazônia receberam o nome do santo Felix e não foi por acaso, mas pelo fato de haver uma forte relação com a influência católica. Nesse sentido afirma que “várias localidades da Amazônia receberam o nome de *São Félix*”, inclusive no período recente”. Em sua análise o autor aponta “a visão em que o índio é um animal selvagem porque habita a selva, a mata natural”, porque ainda não foi domesticado e socializado/civilizado pelos brancos. “É que São Félix, na crença católica popular, é o santo que protege o homem contra *os animais peçonhentos e contra os índios*” (MARTINS, 2012, p.144).

A criação da rodovia PA-279, inaugurada em 1976, gerou possibilidades de sua ligação com o resto do Brasil, tirando do isolamento que se encontrava esta parte da região. Xinguara surge exatamente no marco referencial da abertura dessa rodovia, no local onde se instalou a base de apoio da empresa que efetivou essa construção. De acordo com informações dos “pioneiros”, foi a construtora Andrade Gutierrez⁴ que abriu esta rodovia. Segundo Mariana Schmink e Charles Wood, que estudaram a região na década de 1980, “O DER (Departamento de Estradas e Rodagens) esteve diretamente responsável pela construção da rodovia PA-279 em 1976” (SCHMINK; WOOD, 2011, p. 225).

Relembrando historicamente que a proposta da construção das rodovias PA-150 e PA-279 tem ligação direta com a política e a doutrina de segurança nacional, vigentes durante a ditadura militar no Brasil. Uma das medidas que vigorou nesta época foi a criação da lei nº 4505 de 30 de novembro de 1964 – Estatuto da Terra; segundo José Vicente Tavares dos Santos (1993), estas ações e medidas “enfim dizia a mensagem que a colonização estava associada à expansão das fronteiras agrícolas e à ocupação dos vazios demográficos do

⁴Andrade Gutierrez é uma multinacional brasileira de negócios diversificados fundada em 02 de setembro de 1948 em Belo Horizonte, Minas Gerais, pelas famílias Andrade e Gutierrez. Atualmente o grupo Andrade Gutierrez é presidido por Otávio Azevedo. A empresa nasceu como uma pequena construtora mineira, e hoje posiciona-se como a segunda maior construtora do Brasil e uma das maiores da América Latina, com presença em mais de 44 países.

território brasileiro” (SANTOS, 1993, p.45). Dentre tantos resultados da política de colonização/integração da Amazônia, na região sul do Pará um dos efeitos notórios foi a ligação de São Félix do Xingu à Xinguara, além das localidades que surgiram ao longo da estrada inaugurada. Rodovia esta que ampliou-se seu desenvolvimento e interligou o referido município com a região sul do Pará, diminuindo assim o isolamento total que havia nessa região.

Por três longas décadas (1976 até 2010), mesmo com o acesso à PA-279 ligando essas cidades ao longo de seu percurso, a precariedade dessa rodovia era algo impressionante, só quem vive nestas “cidades da 279”, como é assim conhecida, sabe o que já presenciaram, principalmente em tempos de chuvas, problema que só foi minimizado a partir do ano de 2009 em diante, quando intensificou-se o asfaltamento dessa malha rodoviária através dos projetos ligado à Companhia Vale do Rio Doce e ao governo do Pará, em função da instalação das empresas mineradoras em Ourilândia do Norte.

A partir das entrevistas com os “pioneiros” que chegaram à localidade na década de 1970 pude notar que a maioria relata sobre a abertura da PA-279 e afirma que essa obra foi o marco principal para impulsionar a fundação da localidade denominada de Entroncamento do Xingu. Toda a equipe de trabalho dessa rodovia projetada fixou-se no entroncamento, como era simplesmente assim denominado pelos “pioneiros” entrevistados, sendo neste local que apareceram as primeiras casas, os primeiros comércios e primeiras clareiras que foram sendo desbravadas e transformadas em aglomerados de casas improvisadas. Na análise de Jean Hébette isso se confirma:

No surgimento dessas aglomerações, tem especial importância o momento de abertura das estradas que, para atender às necessidades do pessoal instalado nos canteiros de obras e proporcionando um fluxo monetário regular, faz organizar um pequeno comércio ao redor do qual formam progressivamente uma comunidade, um povoado, uma vila (HÉBETTE, 2004,p.101).

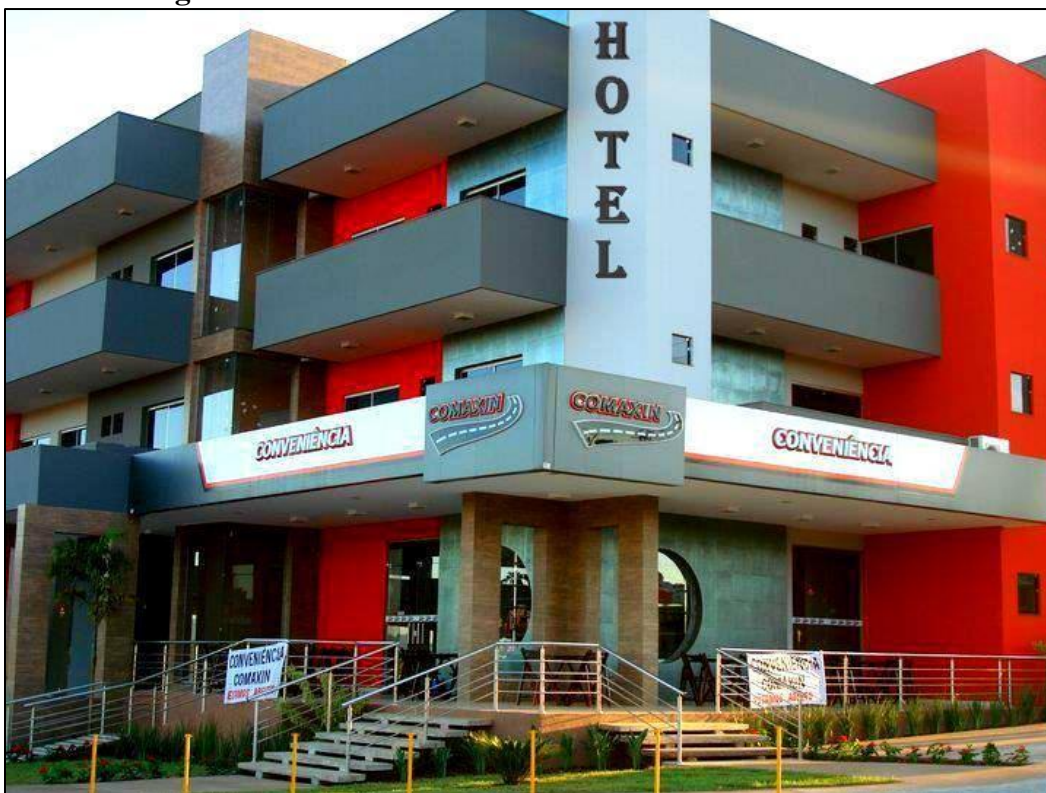
Este espaço urbano originou o que atualmente representa a sede municipal. Os próprios moradores, os primeiros habitantes de Xinguara chegaram ainda no início da década de 1970. O pequeno povoado recebeu inicialmente o nome de “Comaxin”, numa junção de **C**onceição + **M**arabá + **X**ingu. Não se sabe a fonte exata do nome Comaxin, mas restou como herança desse nome o primeiro posto de combustível que existe até hoje, “Posto Comaxin”, que é de propriedade de uma família de paranaenses, a família Hentges, “pioneiros” no lugar (ver fotos a seguir, figura 7 e 8).

Figura 7 -Posto Comaxin, em Xinguara (PA), alguns anos atrás.



Fonte: Benivaldo Pereira, 2011.

Figura 8 – Conveniência com barzinho e Hotel Comaxin



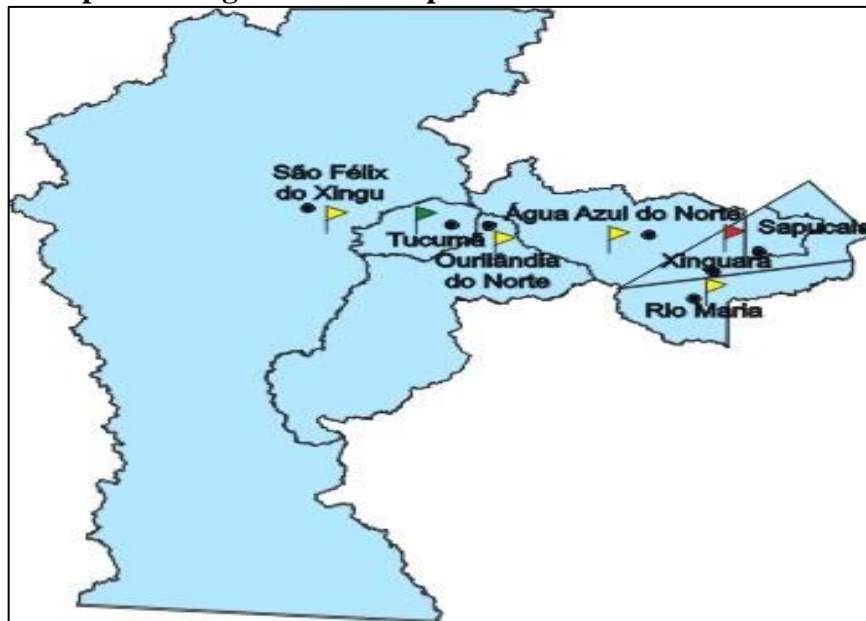
Fonte: Benivaldo Pereira, 2011.

Inúmeras famílias se estabeleceram em torno desse referido marco, resultando em uma povoação: foi por causa de sua posição geográfica estratégica que expandiu-se rapidamente, abrindo caminhos para outras localidades. O povoado foi denominado de “Entroncamento do Xingu” por bastante tempo. Finalmente o nome Xinguara, em homenagem aos rios Xingu e

Araguaia, rios que banham a região sul do Pará. Rios que têm histórias, que têm música e poesia e, ao mesmo tempo, foram cenários de conflitos agrários e até de guerrilha, como é o caso do Rio Araguaia. Rios que foram e ainda são vias de acesso para o desbravamento da região Sul do Pará e que são fontes de sobrevivência e de mobilidade da população até hoje.

O mapa abaixo, mapa (3), dá a dimensão da importância da rodovia PA-279, que liga o município mais distante do sul do Pará, São Félix do Xingu, aos demais. Por isso, esta visão estratégica que representa Xinguará, não foi à toa que recebeu o nome de entroncamento, e, volto a repetir: lugar de encontro que proporciona interligação com tantos outros municípios do entorno.

Mapa 4 – Xinguará e municípios vizinhos à rodovia PA-279



Fonte: DETRAN-PA,2014.

Contudo, toda a história para a construção desta malha rodoviária proporcionou acesso e trafegabilidade aos vários pontos ao longo de seu percurso como já foi dito. Esta rodovia propiciou a fundação da cidade de Xinguará, abrindo caminhos para o intenso fluxo migratório na região, pois no ano de 1976 ficou efetivada a ligação de São Félix do Xingu com o restante do território nacional. Este processo foi descrito por Schmink e Wood da seguinte forma:

O DER (Departamento de Estradas e Rodagens) do Pará iniciou a construção da PA-279 para São Félix do Xingu em 1976. A estrada começou a cerca de vinte quilômetros ao norte do povoado de Rio Maria, projetando-se runo a oeste a partir da PA-150, o elo intensamente trafegado entre Conceição do Araguaia e Marabá. Os

migrantes começaram a povoar a área no instante em que as turmas de construção da estrada se puseram a trabalhar. Num prazo de pouco meses punhados de casas provisórias surgiram repentinamente nessa inserção (SCHIMINK e WOOD, 2012, p.225).

Dessa forma, a construção e a inauguração da referida rodovia provocaram a entrada e pode-se dizer também a passagem contínua de um imenso fluxo de pessoas para esta região. São constantes os deslocamentos de migrantes, uma espécie de “corredor migratório”, uma via de acesso e um trajeto marcado por um movimento de ir vir de pessoas de várias classes sociais e com interesses bem definidos: busca de melhores condições de vida para quem não possui bens ou capital e, mesmo para quem os possui, objetivando investimentos para ampliação dos negócios. Há a busca permanente de frentes de trabalho nessa extensão.

Esse processo ocorre desde a década de 1970 e se repete até hoje. Para aqueles que têm capital para comprar terras, pode ter acesso a terras mais baratas, seja em Xinguara ou em São Félix do Xingu, por exemplo. Soma-se a isso a busca de trabalho nas áreas de assentamentos e em fazendas da região. Geralmente estas frentes de trabalho são temporárias, com mão de obra barata, que se ampliam também nas mineradoras em Ourilândia do Norte e em outros serviços nas áreas de desmatamento em grandes fazendas. Desenvolvem-se gradativamente o investimento no comércio de suprimentos básicos, o ramo da construção civil em pequenas e médias empresas voltadas à agropecuária. São características visíveis que impulsionam os deslocamentos de tantas pessoas nesse encontro entre estas estradas e rodovias.

Enfim, esses deslocamentos e a inquietação de muitos migrantes em uma quantidade expressiva é uma representação óbvia das características de uma região de fronteira. Reforça-se que fronteira nessa análise significa além da noção de divisas e se refere a ocupações de novos espaços de novas terras e a busca de atingir uma vida melhor. Traz também a noção de fronteira enquanto a busca de ocupação dos espaços vazios, a ideia de desertos como mostra o estudo de Candice Vidal e Souza. Em *A Pátria Geográfica, sertão e litoral no pensamento social brasileiro* (1997), a autora mira na questão de que “sertão e floresta amazônica são postos como regiões disponíveis à expansão à ocupação, enfim, ao aproveitamento econômico” (Souza, 1997, p.135). Além disso, a autora esclarece:

Especificação de objetivos e de pontos de intervenção que se produzem aceleradamente no pensamento social e que estaria favorecida quando da entrada da perspectiva de fronteira na explicação do Brasil. Vem de antes, não se deve esquecer, o amplo arranjo de representações a respeito do sertão e o projeto de sua necessária incorporação. A extensão total desse ensaio confirma que esses significados têm existência autônoma, isto é dispensam a nomeação de fronteira,

são totalidade íntegra fora do contexto narrativo da expansão da fronteira. Isto não significa, porém, que esse modo descritivo recém-chegado na sociografia não cause impactos consideráveis. Conceber a transformação do sertão-vazio central como deslocamento de fronteira carregados de definições que trazem novidades. O sentido de rumar para os sertões é inegavelmente modificado com a “descoberta de outras possibilidades de compreensão do que se passa no Brasil. Dentre os efeitos mais imediatos, a intensificação e a definitiva supremacia de um paradigma com semântica econômica para olhar e descrever o vazio, bem como justificar a ação sobre ele (SOUZA, 1997, pp. 138-139).

No caso amazônico, quando se trata do processo de ocupação e expansão há uma especificidade na ocupação dessas novas terras, quando também havia o discurso de vazios demográficos, como já foi apontado. Todavia não se considerou populações nativas aqui existentes e nem os inúmeros homens caboclos e sertanejos que chegaram primeiro, levados de aldeias e trabalhadores, em sua maioria vindos do nordeste para extração da borracha.

Aldeias inteiras foram sendo encurraladas, empurradas para áreas mais distantes onde ainda tinham matas deixando para trás só os rastros de sua existência, e ex-caucheiros e seringueiros foram se arranjando como podiam em pedaços de terras arrendados ou se entregando ao serviço temporário, cultura que predominou em toda a região. Tudo isso em nome de um processo não só econômico, mas que tornou-se acima de tudo um projeto de interesse político, como aponta Mariana Miranda:

A expansão da fronteira amazônica representa um processo historicamente específico de ocupação de novas terras, em que interesses sociais diferentes se colocam frente a frente e a ação do Estado, em sua promoção e viabilização, assume como reflexo feições contraditórias. Como tal, deixa de ser um processo puramente econômico para tornar-se também político e vai efetivar-se mediante formas específicas que se contrapõem, mas que, por força da atuação do Estado, aparecem não como excludentes, mas complementares (MIRANDA, 1990, p.47).

Estudos de diversos autores, inclusive estudantes e pesquisadores contemporâneos dessa região, apontam que o investimento na abertura de rodovias, baseado-se nesse plano de ocupação da região sul do Pará, causou, dentre outros impactos, uma intensa especulação em torno da posse da terra e vários conflitos entre posseiros e grileiros, pequenos proprietários rurais e latifundiários. Essa questão da terra não é um tema priorizado nem aprofundado em meu estudo, mas é mencionado diversas vezes neste contexto porque se trata de um elemento relevante na formação e povoamento de toda região sul do Pará e, diga-se de passagem apareceu com mais força através da abertura das rodovias intrarregionais, estaduais e federais. Os estudos de Otávio Guilherme Velho (1980) mostram com evidência o contexto àquela época:

Logo depois de construída a Belém Brasília, passou-se a considerar a construção do ramal de Marabá que ficara afastada da estrada. O ramal vira a ser parte da futura BEL-CAN, estrada que deverá ligar Belém a Jacareacanga, no rio Tapajós. Passaria por terreno desabitado, à margem direita do Tocantins, portanto oposta ao Itacaiúnas, em área que foi por muitos anos de domínio do índios Gaviões; e no seu prolongamento, já do outro lado do Tocantins, atravessaria os campos naturais de Conceição do Araguaia. Chegou-se a abrir uma picada de serviço que o mato acabou tomando conta. Depois de 1964, abre-se uma nova picada, e passa-se a atacar a construção da estrada. O avanço foi lento já que de início não foi entregue a empreiteiros, mas realizada pelo Departamento de Estradas e Rodagem do Estado do Pará. Todavia, bem antes de concluída a estrada a faixa compreendida entre as duas picadas, por entre as quais passaria a estrada, numa distância entre si de cerca de 12 km, foi sendo ocupada por lavradores da frente maranhense. No final de 1969 a estrada já estava praticamente ocupada [...] A maneira pela qual se deu esta ocupação aumenta de interesse em face dos novos planos rodoviários em execução ou projetados para a Amazônia (VELHO, 1980, p. 138).

Historicamente sabe-se que o processo para a abertura das rodovias intrarregionais ocorreu de forma lenta e morosa, feitas à revelia sem grandes atenções para a região sul e sudeste do Pará. Mesmo que as construções das rodovias PA-150 e PA-279 se efetivaram quase paralelamente, por longos anos ficaram sem asfaltamento, eram apenas estradas de chão que em épocas de chuvas ficavam intrafegáveis, causando isolamento das populações que habitavam os núcleos urbanos ao longo dessas rodovias.

Ainda assim, em tempos atuais a população não tem o acesso adequado e a facilidade para transitar nessas rodovias. Há um descaso por parte das representações governamentais, o que provoca lentidão da manutenção das rodovias PA-279 e PA-150 porque as mesmas se deterioram rápido em função das cargas pesadas dos bi-trens que transportam minérios sobre estas malhas rodoviárias. Trata-se de uma discussão que leva a outros temas de pesquisa e que reflete as dificuldades enfrentadas pela população local na construção dos modos de vida da região sul do Pará, o que inclusive esse abandono por parte das forças governamentais e o descaso com a região sul e sudeste do Pará é uma das pautas principais sobre a criação do estado de Carajás, como veremos no capítulo seguinte. Algumas imagens abaixo ilustram a situação enfrentada cotidianamente por quem necessita dessas rodovias para sua mobilidade.

Figura 9- Rodovia PA-279 antes da recuperação do asfalto.



Fonte: Blog do Braga. 2012.

Figura 10 - Rodovia PA-279, Ourilândia no Norte, via de transporte de minério.



Fonte: Blog do Braga, 2012.

A cidade de Xinguaara tem vínculos fortes com a história desses tantos municípios espalhados em função da construção das rodovias. Pelo fato de haver ligação entre eles é acentuado o índice de pessoas que recorrem a outros municípios em busca de trabalhos, geralmente temporários. É o caso da mineradora em Ourilândia do Norte, que atrai com

frequência mão de obra, principalmente em época da instalação de sua frente de produção, atraindo levas de migrantes de Xinguara e de muitos outros núcleos urbanos mais próximos.

Por essas razões, a questão migratória é a responsável direta pela ocupação e formação da região sul do Pará caracterizada especificamente pelo processo de deslocamento excessivo de pessoas que circulam por esta região num ir e vir constante em busca de condições de trabalho, sobrevivência e de se fixarem. Por isso este estudo vem apontando novos elementos sobre esta forma de ocupação dos espaços que não está presa à questão de embasar-se nas formas tradicionais de entender a migração, como se existisse somente uma forma de compreendê-la, mas abre um leque de novas possibilidades que viabilizam a compreensão que caracteriza esta região na cultura da andança e em permanente mobilidade, cuja marca é evidente na região sulparaense, demandando mais estudos.

Xinguara hoje representa as demais cidades neste contexto histórico, num processo de construção gradativa, consolidando-se em uma cidade com uma população com modos de vida diversos, culturalmente ricos, mas com situações adversas e com problemas sociais que se agudizaram ao longo dos anos nesta região, em função dos interesses econômicos antagônicos que se estabeleceram. Dentre estes problemas, estão principalmente aqueles ligados à questão fundiária que se reflete em uma cidade com diferenças sociais distintas. Esta forma de ocupação da terra e dos espaços urbanos em Xinguara foi se constituindo de forma simultânea também em outros núcleos urbanos de toda a região sul do Pará.

Estas características urbanas são marcadas por diferenças econômicas, sociais e culturais as quais influenciaram o modo de vida e a formação de novos saberes e valores que foram se misturando, marcados por uma cultura de diferenças sociais muito claras, reflexos das questões econômicas que resultaram no modo de fazer a cidade. Assim, a formação de vínculos e valores acontece em um contexto de diferenças e desigualdades sociais que se revelam não só no modo de viver, conviver, mas também na formação material da cidade, na composição do bairros e na fixação de seus habitantes.

De acordo com as falas de diversos moradores “pioneiros”, percebe-se que desde o Entroncamento do Xingu ocorreu uma rápida transformação do espaço que no início se formava um intenso aglomerado de pessoas, como se fosse um grande acampamento improvisado com várias casas de palhas e muitos barracos cobertos de lonas de plástico preto. A notícia de distribuição de terras foi que gerou a fase de migração de pessoas, principalmente vindos de Minas Gerais, Goiás, Piauí e do Maranhão. Em pouco tempo, o Entroncamento do Xingu se transformou em uma vila, com aglomerados com casas de

madeiras que mais pareciam caixotes que iam se construindo nas ladeiras do povoado, muitas dessas casas ainda restam até hoje em vários bairros da cidade.

Figura 11 – Casas de madeiras, ainda existem muitas nos bairros da cidade.



Fonte: Acervo do autor.

Ao longo do tempo, Xinguara passou por diversos processos e lutas para conseguir atingir a categoria de município. Inicialmente a prefeitura municipal de Conceição do Araguaia determinou a urbanização da localidade, criando uma subprefeitura para coordenação dos serviços. Logo foi elevada à categoria de município com a denominação de Xinguara, pela Lei Estadual nº 5.028, de 13 de maio de 1982. “Xinguara foi assim desmembrada do município de Conceição do Araguaia, ainda no governo de Alacid da Silva Nunes, sendo constituído de dois distritos: Xinguara e São Geraldo do Araguaia” (pt.wikipedia.org/wiki/Xinguara,2014).

Mais adiante, em 1988, teve seu território desmembrado com a criação do município de São Geraldo do Araguaia, com base na lei nº 5.441, de 10 de maio de 1988, no governo de Hélio Mota Gueiros. Outro processo de modificação pelo qual passou o município de Xinguara foi fundamentado pela Lei nº 5.961, de 24 de abril de 1996, com o desmembramento para efetivar a criação do município de Sapucaia. Finalmente, Xinguara ficou constituída por três distritos (Rio Vermelho, São Francisco e São José) e duas vilas principais (Vila Água Fria e Vila Xinguarinha).

Vemos que a cidade teve sua urbanização construída por fases e formatos diferentes. Segundo Francisco Durães, que também pesquisou sobre esses tempos remotos, registrou relatos de “pioneiros” que viveram estes tempos de Xinguara:

Em poucos meses, o *Entroncamento* já se via transformado em vila, que mais parecia um grande acampamento de pessoas embaixo de árvores ou aglomeradas em pequenas casas de palha ou madeira[...]. Ainda na década de 1980, Xinguara era uma cidade onde a maioria das casas eram construídas de madeira, em ruas de terra batida e empoeiradas. A paisagem local muito se parecia com acampamentos provisórios; a rodoviária funcionava num antigo barracão de serraria, à noite era comum encontrar as pessoas amontoadas em bares ou prostíbulos. Os hospitais lotados de doentes de malária e migrantes voltando a todo o momento para seus lugares de origem. Completando esse quadro social deprimente, encontravam-se na rodoviária muitas redes atadas nas diversas colunas, migrantes esperando desocupar uma vaga num hotel ou à procura de um fazendeiro que os contratasse para trabalhar na abertura de novas fazendas. Nas ruas e comércios da cidade, circulando entre as casas de madeira, era possível encontrar durante todos os dias um intenso movimento de vai e vem de pessoas, malas, sacos nas costas, borocas (espécie de mochila), vendedores, viajantes, prostitutas e bares lotados de peões do trecho como eram conhecidos os aventureiros que buscavam um patrão para trabalhar ou um pedaço de terra que pudessem adquirir (DURÃES, 2014, p.65-66).

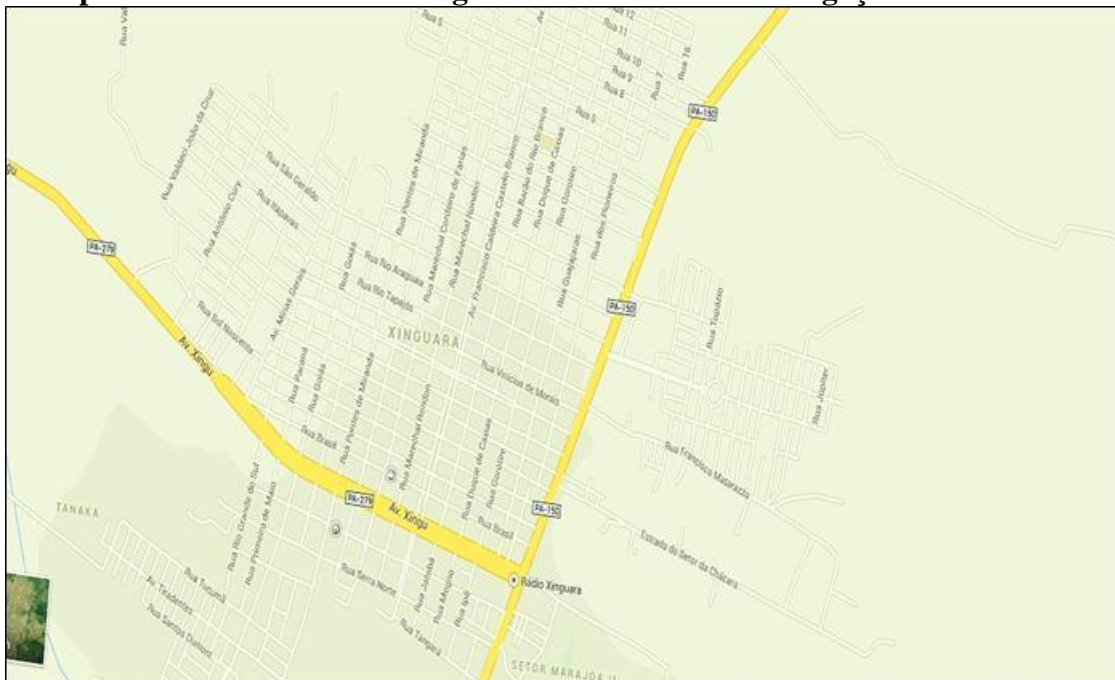
Figura 12 – Antigo terminal rodoviário na época da madeira, durou duas décadas.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Xinguara (PA).

Na avenida Xingu a cidade começou; esta avenida é a entrada da cidade. Na entrada dela passa a PA-150, que liga a Conceição do Araguaia e dá acesso à BR que leva até Marabá. Esta avenida atravessa todo o centro da cidade de um lado a outro; é por ela que passa também a PA- 279, que dá acesso à cidade de Água Azul do Norte até a cidade de São Félix do Xingu. O mapa (4) a seguir ilustra o encontro das rodovias, acesso e a travessia por toda a extensão da cidade.

Mapa 5 – Encontro da Av. Xingu com a PA-279 e a interligação com a PA-150



Fonte: Mapas urbanos, 2012

No auge de sua criação, por ali circulava de tudo. Foi na Avenida Xingu que se iniciou o centro comercial e se efetuavam as relações econômicas da cidade e as relações interregionais. Nos primeiros tempos, a Avenida Xingu serviu até de aeroporto para aviões monomotores, que eram os meios de transportes utilizados para cargas e pessoas, principalmente mão de obra para as serrarias, os garimpos e para as primeiras derrubadas em grande escala de extensas áreas de terra; eram utilizados também para jogar grande quantidade de sementes de capim para formação de pastagens, uma prática constante no início do investimento na pecuária. Avenida que expõe todos os anos uma das maiores cavalgadas da região sul e sudeste do Pará. Espaço que virou disputa para ter um lugar específico para assistir ao referido evento, avenida que representa a passagem e o desfile do poder econômico evidenciando o processo de desigualdade socio cultural e econômico. É na avenida Xingu que se inicia toda a história de seus primeiros moradores e desbravadores.

A Xingu mais parecia um campo aberto, de chão batido, e pisado pelos caminhões madeireiros. Era muita poeira, mato e buraco, tudo misturado. No meio da semana parecia um deserto, porque o povo sumia, aí pro meio dos matos. Era trabalhando na tirada de madeira, era garimpo, uns no serviço braçal, fazendo “picadas” e derrubadas pros outros ou trabalhando para construir seus barracos. Sabe que me lembro assim que eu ouvia a noite o barulho de martelos, de machados, de foices e moto-serras cortando madeiras. Era a noite que muitos tirava para se construir os barracos. É porque os homens sumia o dia todo nos serviços para ganhar o ordenado para garantir a comida da família e à noite ia construir ou melhorar a construção dos barracos que eram os montes que iam aparecendo nas beiras das matas. Me lembro

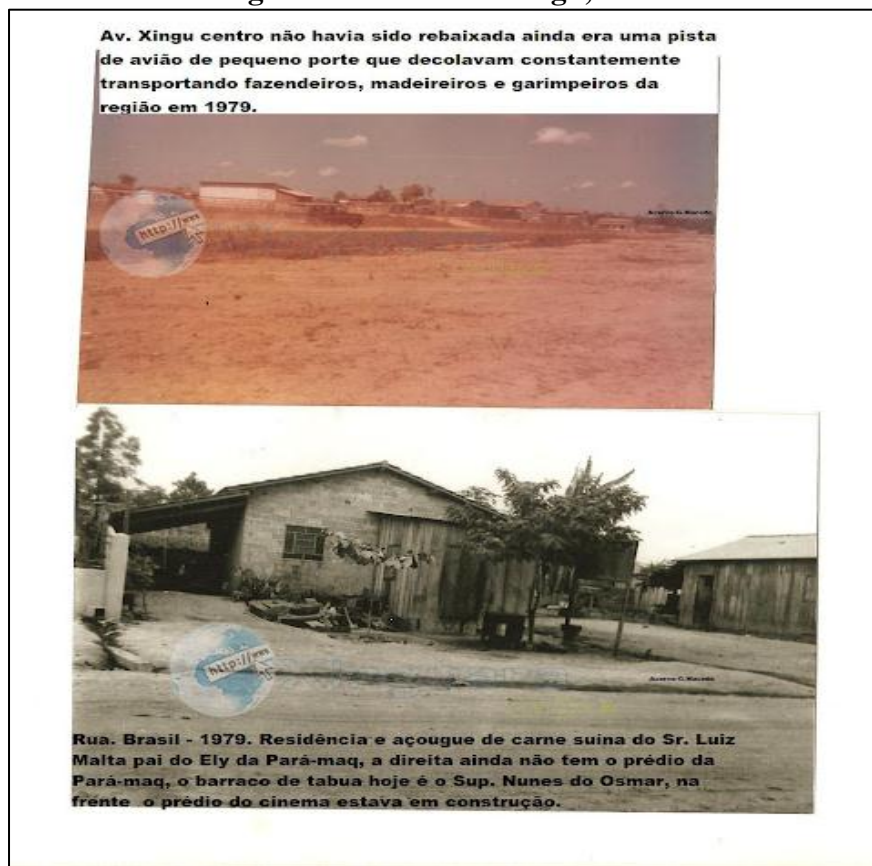
também assim, a Xingu foi a primeira rua, e era movimentada, dia de sábado e domingo aparecia gente para comprar “mantimentos” e até vender porque tinha uma feira improvisada ali no meio da rua entre a rua Brasil e a Xingu. Ali onde hoje é uma praça (Praça do Geso), isso era gente que parecia um formigueiro (Sr. R.M.S, 65 anos, residente há 31 anos).

Figura 13 – Avenida Xingu, final da década 1970, caminhões madeireiros.



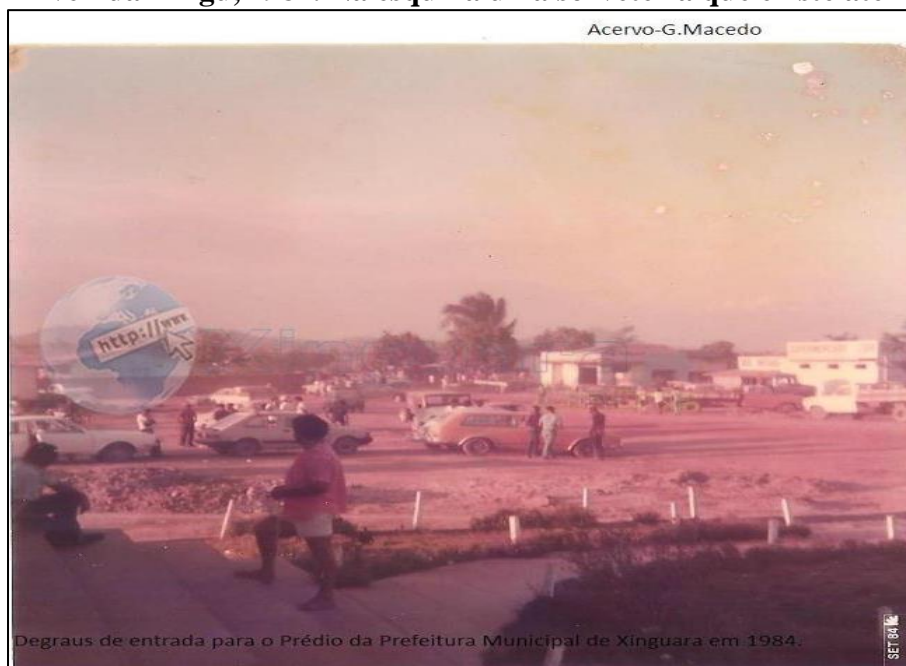
Fonte: Acervo G-Macedo, 2012

Figura 14 - Avenida Xingu, 1979.



Fonte: Acervo G-Macedo, 2012

Figura 15 - Avenida Xingu, 1984. Na esquina uma sorveteria que existe até hoje.



Fonte: Acervo G-Macedo

Figura 16 – Avenida Xingu, quase esquina com a Rua Brasil, 2015.



Fonte: Foto de Borges

Outras ruas foram ganhando vida em Xinguará, como a Rua dos Pioneiros e, algumas ruas paralelas, como a Rua Gorotire e a Rua Itacaiúnas. Estas duas últimas ruas, segundo as narrativas pareciam ser o lugar onde se desenvolveria o comércio da cidade, mas o movimento comercial foi com o tempo se transferindo para outros logradouros, sendo que hoje a maior concentração de movimento comercial está na Avenida Xingu, nas ruas Brasil e Tapajós, que têm uma movimentação expressiva, e na Rua Duque de Caxias, que dá acesso ao terminal rodoviário da cidade.

No início do povoamento, os “pioneiros” confirmam que era um espaço emendado da Rua Duque de Caxias com a avenida Xingu onde aterrissavam os aviões monomotores, espaço hoje, canteiros da Xingu, em frente ao banco Bradesco e as lojas Leolar (figura 17, abaixo, embora não muito nítida, ilustra esta localização).

Figura 17 – Avenida Xingu com a Rua Duque de Caxias, pista de avião na década de 1970.



Fonte: Acervo Gerald Macedo.

Toda cidade tem a sua história de origem de fundação e de construção. Nenhuma cidade nasce do acaso ou do nada. Este estudo enfoca a cidade de Xinguara, tanto no sentido amplo na sua relação com a região em que se insere, como no sentido mais detalhado, observando como se desenvolveu o seu espaço urbano, entendendo o seu significado enquanto cidade e suas características gerais, tais como: a sua demografia, sua morfologia, suas funções, o modo de vida e as formas de sociabilidade de seus habitantes.

Atentando-se para o modo como se construiu gradativamente o seu papel econômico, social e cultural num espaço que recebeu fluxos migratórios de diferentes lugares. Para isso se fez necessário um aprofundamento para tornar claro como vem ocorrendo as transformações ao longo do tempo. Utilizando-se aqui da análise de Mark Gottdiener em “A Produção Social do Espaço Urbano” (1997), no qual o autor desenvolve a ideia de que o “espaço urbano é assim uma produção social e como tal é um produto histórico, pois é resultado de ações acumuladas através do tempo” (GOTTDIENER, 1997, p.97).

Xinguara não é diferente de inúmeras outras incontáveis cidades que se desenvolveram e definiram seus contornos e foram construindo um espaço urbano onde

evidencia que em função de tantas ações acumuladas vêm provocando diferentes formas de organizar a vida material e social, marcando fortemente a diferenciação existente, não só no que diz respeito à vida material, mas também nas atitudes, nos diversos modos de vida. A localização dos bairros, os seus habitantes e como sobrevivem, os empregos que ocupam ou não, a forma de construir sua residência, são formas de sociabilidades que definem quem é quem na vida da cidade. Sâmea Barcelos sintetiza esse processo urbano:

As diferenciações das formas urbanas modelam a paisagem de maneira que refletem o conteúdo social das populações que ocupam o espaço da cidade, admitindo as diferenças sociais da sociedade capitalista, diferenças estas marcantes na distribuição das residências, onde as formas e a organização destas simbolizam a atuação das diversas parcelas do capital na transformação do espaço urbano (BARCELOS, 2007, p. 14).

Ao andar pelas ruas e pelos bairros da cidade é visível esta caracterização das diferenças que realçam sobremaneira a forma da construção da vida urbana xinguarense, não só explicita o caráter da vida material, como também evidencia simbolicamente tais diferenças sociais e culturais que se constituíram historicamente. Ariana Rumstain aponta que “Essa percepção sobre um espaço dividido é parte do discurso sobre o lugar” (RUMSTAIN, 2011, p.33).

Em Xinguara esse discurso é presente nas falas e nas narrativas das pessoas que designam a distintividade social e cultural dos habitantes do lugar. Em algumas falas capturei: “quando nós chegamos aqui em 1982, as casas eram a maioria de palha, outras de tábua, logo algumas pessoas com condições financeiras melhor começaram a construir casas de “ovenaria” [Sic] (tijolos)” (V. A. S, 78 anos, morador desde 1977); “No início de Xinguara, a casa que meu pai construiu foi a melhor casa da cidade, muita gente depois construiu outras bem parecidas, nossa casa serviu de modelo na época” (N. R. S, 48 anos, moradora desde 1981).

Desde o início da formação da cidade era bem mais usual se referir ao bairro mais central de “Setor Nobre”, onde se concentravam as melhores casas e moradores com bom poder aquisitivo. O bairro existe ainda hoje, mas esta expressão não é tão comum, denomina-se bairro Centro. Mas é visível a distinção de classe social de acordo com o lugar que se reside em Xinguara, mesmo que atualmente muitos que têm condições sociais estão construindo casas boas em outros bairros da cidade, mas as construções são feitas com todo o aparato, conforto e segurança possível. Porém há diferenciação clara na composição dos

bairros e distinção/discriminação a quem mora em certos bairros mais afastados e periféricos da cidade.

Figura 18 – Construções mais arrojadas junto à residências simples.



Fonte: Luiz Pereira 2014

Parece bem nítido desde o início de sua história de fundação quem possui e quem não possui bens e renda. A origem de onde veio e para o que veio está diretamente ligada à questão de sua condição social e econômica. Não há dúvidas que o processo de desenvolvimento econômico estabelecido para a Amazônia como um todo tenha refletido nas cidades menores, principalmente nestes núcleos urbanos que se constituíram às margens de rodovias, cujo interesse era o de dar acesso aos recursos naturais até então inexplorados para fortalecer o capital econômico das indústrias, priorizando quem tinha condições de fazer girar a política de mercado imposta pela economia capitalista. Essas circunstâncias favoreceriam tanto os espaços urbanos imbuídos de certo potencial resultante dos ciclos econômicos que vivenciaram, o que se refletiu na população que detinha um capital mínimo e nesse embalo das oportunidades conseguiu chegar e se estabelecer fazendo crescer e reproduzir seus investimentos na cidade.

Como assinala Sérgio Roberto Bacury de Lira: “já se concebia de antemão que o crescimento econômico não se manifestaria ao mesmo tempo em todos os espaços

geoeconômicos da região, o que iria provocar *a priori* a desigualdade intra-regional do crescimento, dado o seu caráter desequilibrado” (LIRA, 2007, p.16).

Isso sem dúvidas se refletiu na forma de organização social e econômica dos pequenos núcleos urbanos em crescimento a partir da segunda metade da década de 1970, como é o caso da cidade de Xinguara.

São muitas as narrativas dos moradores “pioneiros” que expressam detalhes do início da história da vida social e política da cidade. O “pioneiro” Antonio Firmino de Lima, no pequeno livro que publicou, como vimos no capítulo 1, suas narrativas e descrições apontam sobre várias fases e fatos da vida xinguarense. Seu livro trata de fatos vividos, aspectos da história e muitos nomes de famílias “pioneiras” de Xinguara. Inclusive muitos dados de seu modesto livro reaparecem nos depoimentos de muitos entrevistados. Famílias e nomes que são importantes na construção de Xinguara que vão sendo citados em alguns pontos deste estudo: sr. Geraldo Martins de Andrade, contam as narrativas que foi o primeiro a chegar e a construir sua casa e a fixar-se por estas terras. Outros nomes conhecidos ou não foram chegando e fixando-se: os Procópios (Sr. Geraldo Procópio, destaque a sua filha Edna Verônica Procópio de Oliveira, professora “pioneira” e primeira mulher eleita vereadora em Xinguara); os Badotis; os Cantanhedes; os Hengts (família Comaxin); os Galons, os Muraros, os Dantas, família Nunes donos de supermercado que ainda existe atualmente, família Natal, família Marques (Professora Noemia), Sr. Geso (família Pires – Papelaria Pires e Comercial Serve Mais), família Prudente sr. Antonio Pedrosa, sr. Zé Carroceiro, sr. Ildo ou “Calça Amarela”; sr. Quintino, sr. Antonio da Marília, sr. Tucum e sr. José Lino os primeiros operadores de máquinas da cidade, a família do sr. Jair Ribeiro Campos; sr. Raimundo Henrique de Miranda, família Septimo (Pr. Deusdete), família Anacleto; família Paes Landim, família Parente, família Muraro, família Marques (Professor Zé Marques e Antonio Marques), sr. Chico Nascimento, sr. Zé Corá, sr. Brás, sr. Edson Lima (Edson Pai), sr. Vilamar um dos primeiros açougueiros, enfim, são muitos outros nomes “pioneiros”, desbravadores que chegaram primeiro e deram suas contribuições na história de início da cidade.

Andei à procura do livro de Sr. Antonio Firmino, investiguei por muitos lugares, em biblioteca de escolas, na biblioteca municipal, em entrevistas com moradores antigos: muitos disseram ter conhecido e convivido com o autor e me afirmaram que o mesmo havia escrito pelo menos dois livros que falavam de sua história pessoal e da história da cidade em sua gênese. Quando já havia quase desistido de procurar o referido livro, um dia entrevistando D. Maria Aldy, “pioneira” proprietária de uma das primeiras escolas particulares, uma das primeiras e a única escola que ainda existe que nasceu junto com a cidade, Colégio Carlos

Drummond de Andrade – CCDA, surgiu o assunto do livro. No meio da entrevista D. Maria Aldy me falou também do Sr. Antonio Firmino e me exibiu orgulhosamente seu livro, dizendo que poucas pessoas devem possuir este livro em Xinguara.

O livro que possui registros e histórias narradas dos “pioneiros”, foi escrito no final da década de 1980 e publicado na década de 1990, realmente não se tornou conhecido, mas deixou um legado para as novas gerações, um registro memorial de muitas informações e nomes de pessoas, acontecimentos marcantes do povo xinguarense a partir da segunda metade da década de 1970 até a década de 1990. Esse achado para mim foi precioso, pois eu já havia feito muitas entrevistas, observação de campo, estudos de documentos e fotos. Detalhes registrados pelo Sr. Firmino coincidem com as informações que obtive e registrei a partir das entrevistas com “pioneiros”.

Consegui resgatar nas narrativas de alguns moradores mais antigos os nomes dos primeiros homens de vida pública que estiveram à frente e foram responsáveis pela administração do lugar, quando deixou de ser chamado de Entroncamento e a passou chamar-se povoado de Xinguara. Dentre outros nomes considerados como os primeiros fundadores aparecem o sr. Sebastião Nobre (Tião Surdo, como era conhecido). Destaque para administração de Xinguara naqueles primeiros tempos, outros nomes na época apontados pelo então prefeito de Conceição do Araguaia, Dr. Giovanni Queiroz, segundo as narrativas e os registros de Sr. Antonio Firmino os nomes indicados foram: “Chapéu de Couro”, administrador; Sr. Policarpo Nascimento Ribeiro, subprefeito e outros nomes que chegaram a ser sub-prefeitos, na sequência: Oliveira Alves Carvalho; Erisval de Moura; Francisco Jacinto Brandão e quando Xinguara foi emancipada, antes de ocorrer as eleições, o Sr. Adhemar Romualdo da Silva, que foi vereador conhecido por “Beleza” e foi nomeado prefeito interino por um período curto de tempo.

Além da vida urbana e comercial de Xinguara que se destacava na Avenida Xingu, outros logradouros da cidade tornaram-se conhecidos pela grande movimentação na década de 1980. A rua Rio Araguaia, uma boa parte de seu trecho e outras vielas que a cruzavam àquela época tornou-se atrativa e frequentada por um grande público, especificamente o masculino, por ter sido uma área que funcionou a zona de baixo meretrício. Lugar que atraiu muitos madeireiros, garimpeiros e peões das fazendas do município. Esta área da cidade é até hoje conhecida como região do “bola”, ou numa expressão mais recente, “antigo bola”. Busquei informar-me por que o nome “bola”? Consegui com certa dificuldade a resposta de que é uma referência à expressão “clube do bolinha” que designa espaço onde só homens frequentam, pode fazer sentido a explicação, embora, pode ter tido outras razões que se tornaram

desconhecidas e se perderam com o tempo. São muitos os relatos que se propagam desse lugar no início da história de Xinguara, daí a razão pela qual não poderia ficar de fora da pesquisa. Encontrei dificuldades de ter mais informações sobre o funcionamento do “bola” e o tempo de sua duração, porque percebi que é um assunto tabu, ou um assunto que desagrade muitas pessoas, principalmente as mulheres “pioneiras” em geral. Outra dificuldade é porque as informações passadas por moradores antigos dizem que a maioria das pessoas que ali frequentaram ou trabalharam eram moradores temporários em função dos garimpos e da exploração da madeira, que foram se extinguindo.

Apesar que é visível que ainda restam uns poucos e pequenos estabelecimentos bem antigos, alguns de tábuas, insalubres, paredes sujas e empoeiradas e letreiros bem apagados pelo tempo, mas que ainda funcionam como “butecos” e possuem antigas prateleiras com garrafas de cachaças e freezer de modelo bem antigo que comporta outras bebidas. Quem passa por lá é possível ver que ainda resta pouco movimento de pessoas ou fregueses e, geralmente um aparelho de som rodando músicas que parecem resgatar o saudosismo da época. Na oportunidade da pesquisa em busca de informações, de pessoas que pudessem me dar entrevistas, quando passei em observação pelo lugar, tocava uma canções de Amado Batista, cantor goiano que fez sucesso nesse período dos garimpos e da extração da madeira. Por coincidência, rodava uma música que tocou muito na década de 1980, com um trecho que diz: *“Ah como eu queria, voltar ao passado”!* Chamou minha atenção também que naquele lugar de muitas narrativas e acontecimentos ocultos, parece que o tempo parou para aquele ambiente que tocava a música e, predominava a nostalgia de um passado ainda presente.

Com certa dificuldade, consegui entrevistas com duas mulheres que vivenciaram aquele período. Ambas não quiseram gravar entrevistas e nem revelaram os seus nomes. Uma que foi integrante de uma das primeiras “boates” (expressão usada por ela) foi profissional do sexo por “longos 12 anos, 04 no Tocantins e 08 anos em Xinguara”, segundo ela mesma narrou em entrevista concedida. Deixo claro que os nomes que são utilizados por elas e para o proprietário do estabelecimento, são fictícios. A outra, mais jovem, é filha de uma das moças que veio do Maranhão, passou por Tocantins de lá vindo para Xinguara. Narra uma história triste de vida, que segundo ela não iria contar detalhes, porque a faz sofrer, mas gentilmente quis contribuir. Para facilitar a compreensão e separar os dois depoimentos, procurei classificar as duas entrevistas da seguinte forma:

Entrevista nº 01 – “Mulher Sorridente”. O sorriso, a simpatia e a felicidade da “Mulher Sorridente” é algo impressionante, mesmo com as dificuldades que ela enfrentou na vida. Ela narra:

Comecei a trabalhar na boate do “Neco” eu tinha 16 anos. Só me lembro do primeiro nome dele. Bom, aí vim pra cá assim na aventura mesmo. Já tinha trabalhado num “bordelzinho” quando eu era moleca de 13 anos, levada por umas amigas todas mais velhas que eu. Eu estava mesmo perdida, não tinha para onde ir, não era mais moça. Porque eu fugi de casa nessa idade. Uma história feia, do meu padastro que “mexeu comigo”, e minha mãe me expulsou de casa. Isso era numa roça, no Tocantins, era lá perto de Porto Nacional, que é onde nasci, nem lembro o nome do lugar, nem quero lembrar... Antes lá era Goiás. Isso é só para entender porque vim parar aqui. Xinguara era a cidade da vez, na época. Cidade não, isso aqui era uma “jujuira” mais doida, uma montoeira de casas de tábuas e palhas, mais feias do mundo (risos). Sei que eu trabalhava muito, não sei onde vinha tanto homem, maioria era dos garimpos, tinha muito dinheiro na cidade, os bordéis e boates aqui nas redondezas eram cheios de mulheres. Onde eu trabalhava, nós era em umas 7 ou 9 mulheres eu e outra era as mais novas. Sei que a gente tinha os clientes fixos e outros que a gente tinha que atender por obrigação. Eu tinha 4 fregueses fixos. Fiquei 8 anos nessa vida. Um desses meus clientes fixo que era garimpeiro na época que me tirou dessa vida. Ele me amava ele, me achava linda, fazia tudo para mim. Aí me deu uma casinha de tábua no Setor aí da cidade e me pôs dentro e eu fiquei sendo tipo só mulher dele (risos). Só que ele tinha família, nunca conheci até hoje nem quem eram eles. Sei que ele morreu num acidente de avião indo pros garimpos, acontecia muito acidente desses “teco-tecos” porque carregava muito passageiro e muita coisa ao mesmo tempo...Sei que foi enterrado lá pra Araguaína, a única coisa que um amigo dele me contou...aí tive que reagir...eu já tinha minha casinha fui me virar, mas não quis voltar para aquela vida mais não até porque a cidade tomava outro rumo. Eu fui fazendo unhas das minhas ex-colegas de trabalho, fazendo um bico aqui acolá. Vivi naquele tempo de início de Xinguara muita coisa feia, muita violência, clientes lá do “bola” que eram mortos a tiro e a facadas, era muita violência esquisita, muita cachaça, muito dinheiro. Os caras que “bamburravam” nos garimpos, fechavam o cabaré e pagava conta para todo mundo. Dava dinheiro a mais para nós a mulheres e até pepita de outro, era uma coisa de filme... Aí, nessa nova vida, conheci esse meu marido, nós dois juntos batalhamos e temos nosso próprio negócio e há mais de 20 anos nós estamos juntos. Ele sabia de minha história do passado, mas não interessou para ele. Temos duas filhas e sou essa pessoa que você tá vendo alegre e feliz (48 anos de idade. Entrevista concedida em 24 de julho de 2014).

Entrevista nº 02 – “Menina esperança”

Eu nasci e cresci no “bola”, minha mãe foi prostituta a vida toda dela. Aí ela me teve lá. Não sei quem é meu pai, meu documento diz que é pai ignorado. Minha mãe adoeceu eu não sei de quê, ela morreu eu tinha só 11 anos. Morei lá com as amigas dela no bar até os 15 anos, meu sonho era achar a minha família. Eu mandei uma cartinha para a Radio Nacional da Amazônia e coloquei um euspidônimo de “garota sonhadora”, nem sei se leram a minha carta, contei mais ou menos minha história e dicas de quem era minha família, sei que a mãe de minha mãe tinha vindo pros garimpos aqui da região, cozinhar para os homens dos garimpos, Serra Pelada eu acho. Aí uma pessoa foi dando as pistas para outra até que minha vó me encontrou ela também tava nos procurando. Bem, ela me buscou e me tirou de lá. Fui morar numa roça perto de Curionópolis, era uma terrinha deles mesmo dela e de um marido que ela arranjou. Com minha avó eu tive uma vida boa. Porque a vida que vivi quando Xinguara começou, hoje vejo que não é vida de gente normal. Não gosto de lembrar porque só tenho lembranças assim, muito péssimas...eram um bando de homens encachaçados, fedidos..era horrível, um povo que nem sei de onde vinha...parece que era dos matos...é isso assim, eu não gosto de lembrar não porque Xinguara quando começou pra mim não era um lugar bom não. Eu passei a viver quando eu fui ter minha família. Hoje, sim eu voltei pra cá, tem uns 10 anos, trabalho no frigorífico, casei separei, mas vivo bem com meus filhos. É uma coisa do meu passado que eu apago sempre que volta em minha cabeça. Eu gosto de

Xinguara. É hoje um lugar bom, é onde ganho a vida e sustento meus três filhos que já estão crescidos e se virando. Eu sonho que isso aqui ainda vai ser um lugar bem melhor (“Menina Esperança”, 36 anos, entrevista concedida em 04 de agosto de 2014).

A cidade de Xinguara, desde o princípio desenvolveu-se com esta característica de uma população que veio com a esperança de alcançar seus objetivos de sobrevivência, mas que se confirma por outro lado esta ambivalência que se reflete na formação de valores e no modo de vida das pessoas de acordo com as suas condições sociais. Constituindo nesta relação uma marca na formação cultural da população da cidade resultado dos fluxos migratórios que confirmam a heterogeneidade da população ao longo da história de vida de seus habitantes e na construção cultural da cidade, cujos vínculos sociais que vem se constituindo entre estes migrantes, independente de classes sociais, são comuns no que tange a questão da busca de uma vida melhor.

Entender a formação sociocultural da cidade de Xinguara não é uma questão simples, mas ao contrário, é um processo complexo que se sucedeu a partir da junção da diversidade cultural dos migrantes advindos de muitos lugares. Tem que se considerar que são pessoas com motivações diversas, de valores diferentes, de saberes e conhecimentos que foram produzidos e acumulados em diferentes circunstâncias e trajetórias por onde passaram, história de vidas marcadas pelo ensejo de realizar-se social e pessoalmente, sendo capaz de construir um lugar para viver com suas famílias, de fixarem-se e estabelecerem-se. Pelo acúmulo de experiências de suas trajetórias anteriores, misturando entre o urbano e rural, embora o urbano apresente-se com maior força, definindo os modos de vida da população nesta cidade.

Foram inúmeras as vezes que se repetiram nas falas captadas nas entrevistas com “pioneiros”, com a população mais jovem, recém-chegada e/ou flutuante, gente que veio para esta cidade movida pelas notícias sobre as riquezas, sobre a abundância de terras no sul do Pará e as oportunidades de trabalho, especificamente na cidade de Xinguara.

Foi assim que levas de migrantes vieram em busca de renovar sonhos, esperanças e cravarem-se neste chão uma nova vida. Pode-se confirmar a partir das expressões dos entrevistados: “eu vim para cá não por opção, foram acontecimentos em minha vida no passado que me fez mudar para Xinguara. Cheguei aqui comprei uns lotes, aqui era só mata onde hoje é a rua Tapajós que na época nem nome esta rua tinha ainda. Eu minha família estamos aqui até hoje no mesmo lugar. Minhas filhas foram embora para os Estados Unidos, estão bem, meu filho mais velho é funcionário do Banco do Brasil e, assim vivemos bem por aqui, sou feliz nesse lugar que vi nascer e crescer. Hoje Xinguara mudou muito, é uma cidade boa, mas já vi muitas coisas” (Sr. Chico Nascimento, 72 anos, morador há 30 anos). “Ouvi notícias que no Pará tinha muita terra, que o governo tava dando terra” (Sr. V.S.S, 63 anos, morador desde 1981); “tinha notícia de que tinha muito ouro e tinha muita gente mudando de

vida e ficando bem nessa região” (I. M. S, 58 anos, morador desde 1978); “ouvira dizer que Xingura era um lugar bom para se viver, que corria muito dinheiro e tinha muitas oportunidades” (N. R. S, 51 anos moradora desde 1983). “Meus pais vieram para cá eu nem tinha nascido, mas vieram com a esperança de que seria um lugar para lutar, trabalhar e ficar bem de vida, eles conseguiram mais ou menos” (aluna, 16 anos, 3º ano do ensino médio, Colégio D. PedroII).

Assim seguem inúmeros exemplos que foram registrados a partir das falas dos moradores, destacaram-se palavras e frases que se repetiram em diferentes entrevistas: *notícias desse lugar, esperança, trabalho, luta, sobrevivência, vencer, vida melhor*, expressões que são constituídas de elementos que estão fortemente ligados entre si e refletem na construção do modo de vida que foi se desenvolvendo na cidade ao longo do tempo. A letra da música do artista da terra, Zé Neto, traz essa reflexão:

Xinguaraguaia

Letra e Música: Zé Neto

Tenho ouvido uma notícia de algo que vai mudar lá pras bandas da cidade. Nos baixões lá do sertão. Vem surgindo uma nova ideia que cheira revolução que é firmada nesta história e é cravada neste chão.

Nas águas do Araguaia mergulhei pra refrescar. A história deste povo, não se cansa de lutar.

AH!ÁÁÁ.....ARAGUAIA BANHA A TERRA E FAZ VIVER... VIVER
HÁÁÁ.....ARAGUAIA... MOSTRA A LUTA E FAZ VENCER!

No sorriso da criança nos calos de suas mãos. Há no peito a esperança de se chegar a solução. Canoeiro que atravessa, a gente vai até o Pontão, pra contar esta história que é cravada neste chão.

Nas águas do Araguaia mergulhei pra refrescar. A história deste povo, não se cansa de lutar.

AH!ÁÁÁ.....ARAGUAIA BANHA A TERRA E FAZ VIVER... VIVER
HÁÁÁ.....ARAGUAIA... MOSTRA A LUTA E FAZ VENCER!

Força do viver como águas Araguaia Carajás no Sul, Amazônia Araguaia. Entre o rio Xingu tem Xingura e o Araguaia. Matou babaçu com a cultura de pecuária.

AH!ÁÁÁ.....ARAGUAIA BANHA A TERRA E FAZ VIVER... VIVER
HÁÁÁ.....ARAGUAIA... MOSTRA A LUTA E FAZ VENCER...

(Zé Neto, Professor de Estudos Amazônicos, Licenciado e Bacharel em Filosofia).

A partir das narrativas da própria população, as informações dão conta que a maioria das levas de migrantes dirigiram-se para esta região movidas pelas notícias das novas localidades que iam surgindo às beiras das rodovias e as oportunidades que se ampliaram a partir dessas estradas que iam se abrindo àquela época, década de 1970 em diante.

O acesso à região sul do Pará já não era somente através dos rios Araguaia e Xingu, embora ambos não tenham perdido sua importância. Ao contrário, com a abertura das rodovias foram ganhando outras dimensões, com o sistema fluvial aprimorado, travessia por

balsas em diversos pontos de seus cursos, preservando a relevância desses rios, especialmente do rio Araguaia, nos investimentos turísticos e pesqueiros ao longo dos anos.

Figura 19 – Distrito São José, balsa à margem do Rio Araguaia, travessia para o Tocantins.



Fonte: Manancial, 2014.

Então com a construção das estradas que iam se expandido mata adentro, gradativamente se desenvolvia um aparente progresso. Essas rodovias iam tornando-se as vias centrais desses aglomerados urbanos, abrindo-se os mais variados tipos de comércios, hospitais, agências institucionais e bancárias. A estrutura visivelmente precária mesmo assim foi dando dinâmica a esses lugares, constituindo modos de vida nestes núcleos urbanos que recebiam pessoas de todos os lugares de várias regiões brasileiras. Novamente recorro a Jean Hébette:

A rodovia comunica entre si esses núcleos, imprimindo-lhes quanto ao processo de ocupação, ao padrão de organização e às atividades desenvolvidas características muito comuns do que em relação às outras localidades de seus respectivos municípios. Em todas essas aglomerações, ela serve como rua principal onde se concentram os estabelecimentos de comércios e os serviços (HÉBETTE, 2004, p.101).

As imagens abaixo retratam a padronização que se estabeleceu e permanece até hoje no local onde surge a cidade de Xinguara, área central, por onde passa de um lado a avenida que foi chamada por muito tempo de avenida Amazonas (mudou o nome recentemente para Avenida Hermes Dantas); do outro lado, passam a PA-150 e a Avenida Xingu, que dá acesso ao início da PA-279. Assim eram estes espaços urbanos no início da cidade e, atualmente são visíveis as mudanças e a melhoria na estrutura urbana e na trafegabilidade das respectivas

avenidas da cidade que perpassam as duas importantes rodovias que se encontram e interligam-se a vários municípios da região.

Figura 20 – O trevo da cidade, encontro das duas rodovias: PA-279 e PA-150.



Fonte: Mancial 2014.

Pessoas com muitas esperanças e que vinham de muitos lugares. Pareciam nunca cansar de andar e lutar para garantir um espaço neste lugar distante e desconhecido para muitos. Como diz a canção do artista da terra José Neto: entre o “rio Xingu tem Xinguará e o

Araguaia”, lugar que em outros tempos era só mata que oferecia recursos naturais diversos e em grande quantidade; época em que a via de acesso intrarregional e para fora da região era o rio Araguaia, com os produtos conduzidos por canoieiros.

Depois essas vias foram se ampliando, como exemplifica José de Souza Martins: “Ao andamento do rio acrescentaram-se e superpõem-se outros andamentos. São principalmente o caminhão e o automóvel que conferem outro ritmo à economia e à sociedade” (MARTINS, 1995, p. 97). Nesta época (década de 1970) muita gente fez fortuna com a extração vegetal desde o caucho à madeira, em seguida com a extração mineral, predominantemente o ouro: todos eles ciclos econômicos atrativos que resultaram em contingente de migrantes que contribuíram para povoar e somar-se na construção das cidades, mesmo que de formas desordenadas e precárias em toda a região sul do Pará.

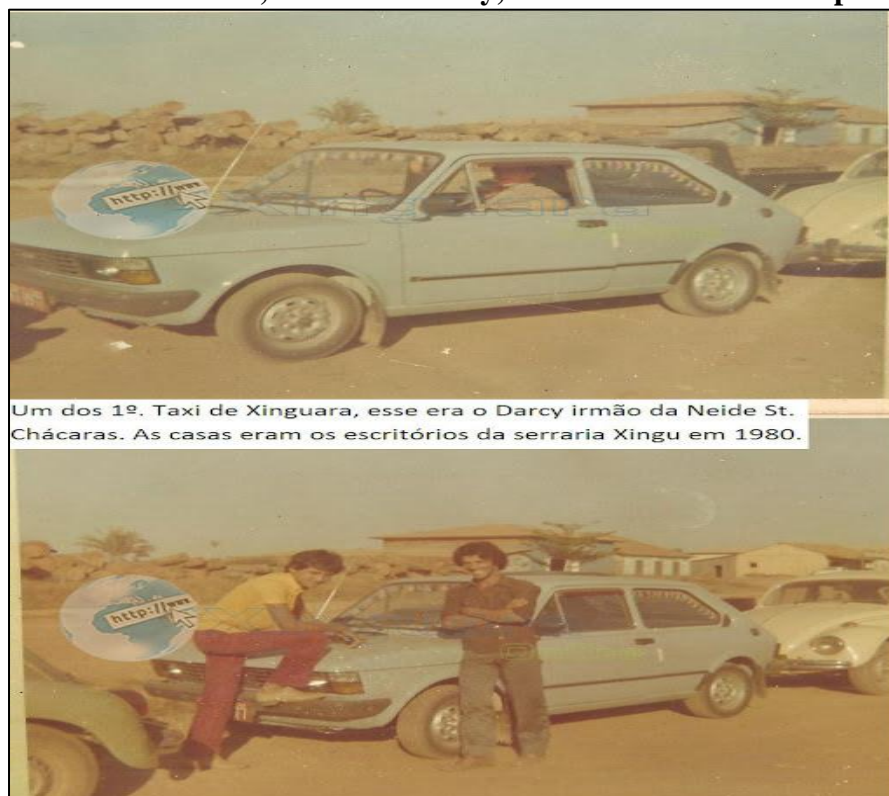
Não posso deixar de reforçar que a história de Xinguara está fortemente ligada à história da centenária cidade de Conceição do Araguaia, considerada nesse contexto como “Cidade Mãe”, cidade que é a porta de entrada para o crescimento da região sul do Pará.

Ao longo dos anos 1960-77, a economia e a sociedade de Conceição do Araguaia modificaram-se em ritmo cada vez mais rápido. E as modificações alcançaram progressivamente todas as relações e atividades sociais. Nada ficou à margem da modificação, nem a vida cotidiana do caboclo lá no meio do mato, nem os interesses econômicos ou políticos dos donos do lugar (MARTINS, 1995 p. 97).

A população de Xinguara cresceu rapidamente, configurando-se numa urbanização aparentemente feia e desordenada. Uma localidade onde visivelmente quem mandava era o mais forte, quem tinha dinheiro. Como apontam Schimink e Wood, “Xinguara ficou conhecida pelos tiroteios que ocorriam regularmente em suas ruas e pela impunidade com que os pistoleiros escroques atuavam” (SCHIMINK e WOOD, 2012, p.228). Esse aspecto também foi ressaltado por uma moradora:

Que eu me lembre tinha muita violência, por causa de terras. A Tupã Ceretã era foi uma gleba que surgiu com muita violência e muita gente morta. Eu me lembro quando eu morava em frente onde hoje é o ginásio de esporte e lá antigamente foi primeiro cemitério, vi muita coisa ali. Uma vez era 3 horas da manhã não tinha onde velar os corpos dos pistoleiros nem cova aberta, acabou amanhecendo o dia em cima de um monte de terra que tinha. Muito ruim de lembrar essa violência e virava uma coisa normal ali. Direto tinha corpos sendo enterrado sem ninguém por eles, igual se enterrava bicho quando morre, até sem caixão, cansei de ver e de ouvir as histórias, porque morei muito tempo ali em frente desse antigo cemitério (S.A.S, 48 anos, moradora há 28 anos).

Figura 21 – Primeiros taxistas, entre eles Darcy, vítima da violência na época, 1984.



Fonte: Acervo Gerald Macedo 2014.

Ouvi dos entrevistados que era comum a violência, mas que acontecia em muitas situações para quem estava envolvido nela. Por causa do medo, muitos familiares que foram embora de volta para suas terras de origem porque não queriam ver seus filhos crescerem em uma terra que parecia não ter lei. A população passou um bom tempo aterrorizada. Schmink e Wood relatam ainda que “depois de um tempo, indivíduos bastante carismáticos passaram a controlar o povoado. Bem ao estilo da fronteira, eles utilizavam uma mescla de violência e clientelismos” (SCHMINK e WOOD, 2012, p.228). Entre outras tantos personagens desse naipe que tornaram-se conhecidos em Xinguara, registro a existência de um que aparece nas falas de muitos entrevistados, inclusive com histórias inusitadas, nesta mistura de carismático e boa praça, mas ao mesmo tempo de uma vida marcada de forte violência. Marianne Schmink e Charles Wood fizeram um registro e análise sobre este personagem:

José Ferreira da Silva, mais conhecido como “Chapéu de Couro”, devido ao tradicional acessório de cangaceiro de seu Ceará natal. A reputação de Silva como pistoleiro fez dele um dos homens mais temidos no sul do Pará. Por outro lado, na mesma tradição de patrões rurais, que tão frequentemente emergem nas páginas da história brasileira, consciência cívica não era de todo ausente em Chapéu de Couro. Foi ele quem organizou a distribuição de lotes urbanos e foi ele quem mais tarde construiu a primeira escola do povoado. Nos dias iniciais do assentamento, Chapéu de Couro era um personagem familiar em Xinguara. No final da tarde, ele podia ser

encontrado recebendo as pessoas, deitado em uma rede pendurada a um canto da varanda do decrepito hotel que possuía. Ele se encontrava sempre rodeado de vários capangas valentões, também nordestinos. Na década de 1980, Chapéu de Couro mudou-se para Tucumã, onde tornou-se um comprador de ouro e para todos os efeitos, um cidadão de respeito. Ainda assim, seu passado violento, eventualmente o alcançou e, em 1986, em uma viagem à Redenção, ele foi morto a tiros na rua por um matador anônimo (SCHMINK e WOOD, 2012, p.228-229).

Analisar Xinguara a partir das narrativas de muitos “pioneiros” é como visualizar um álbum de fotografias mais antigo que vai mostrando como tudo era antes: as pessoas, o lugar, a paisagem. Minha memória também ainda traz presente muitas coisas que vivi quando cheguei aqui com minha família em 1983. Eu tinha apenas dez anos de idade, acredito que o impacto da mudança para um lugar tão distante de onde viemos e tão diferente do que estávamos acostumados, registrou tão fortemente em minha memória as imagens daquela época.

Ao ouvir nas narrativas das pessoas moradoras mais antigas que entrevistei muitas imagens se (re) projetaram como um filme em minha mente. Tenho presente, por exemplo, quando entrei em Xinguara pela primeira vez, ficaram em minha memória de infância as imagens dos montes enormes de serragens (serragem é o pó da madeira quando serrada), esses montes atingiam metros de altura na entrada da cidade. Recordo-me da quantidade de toras de madeiras empilhadas à beira da estrada PA-150, dentro do perímetro urbano. Era muita madeira e que parecia nunca acabar. É como se eu sentisse até hoje o forte cheiro daquela madeira verde que exalava no ar. Era tanta serragem que parecia que a única alternativa era queimá-la para se livrar dela e desocupar espaço para novas quantidades que se formavam a cada dia; dessa queima outro cheiro forte se espalhava e formavam-se fortes nuvens de fumaça pela cidade afora. É inesquecível aquele cenário.

Eram pelo menos umas quatro serrarias grandes instaladas naquele trajeto, por coincidência minha família ficou morando alguns dias na casa de parentes nesse espaço que era um ambiente de muito barulho das serrarias e das catracas dos caminhões, que despejavam madeiras o dia inteiro e parecia que a noite toda também. Segundo as informações dos entrevistados estavam instaladas ali as seguintes serrarias: Pagnocelly, Karson, Marajoara (pioneira) e Jacafé, além de outras serrarias menores que aos poucos foram fechando. porque não suportaram a concorrência com as serrarias maiores. A entrevista a seguir relata o que foi a situação de muitos moradores:

Meu pai veio com o objetivo de poder lidar com a madeira que aqui era mais fácil, mais barata e ele mexeu com a serraria e a marcenaria durante bom tempo, era pequeno negócio, mas rendia. Com o tempo ele viu que madeira não tinha retorno

para ele que era um pequeno empresário, concorrendo com os maiores não dava mais lucro. Aí ele migrou logo para a área de garimpo, só que ele mexia com garimpo lá para o rumo de Tucumã na época ele tirou muito ouro e lá foi onde a cabeça dele desviou, ele começou a entrar no mesmo ritmo desse povo que não tinha família, ganhava o dinheiro ia na rua e gastava tudo (M.B., moradora desde 1979).

Mas o mercado da madeira movimentou muito dinheiro em Xinguara, gerou muito trabalho. Foi um período em que muitas famílias se estabeleceram, construíram suas casas e se organizaram em função dessa frente de trabalho que perdurou por mais de uma década. Nos relatos dos moradores “pioneiros” dá para se ter uma dimensão do contexto em análise:

Eu fiquei muito impressionada quando eu cheguei. Aquele espaço que hoje é a Praça da Bíblia próximo ao Banco do Brasil era onde se colocava as madeiras que vinham do mato, porque não comprava tudo no espaço das serrarias. Muitas toras cortadas que os pessoal trazia, era descarregada ali, quando a gente saía na porta de casa estava aquela montoeira de toras cortadas para levar pra serrarias. O que me impressionou muito foi as madeiras amontoada pra ser levada para as serrarias. Os caminhões madeireiros eles erguia aquelas tora todas na catraca os homens tinham que ser bem fortes pra conseguir puxar no cabo de aço ate conseguir encher todos os caminhões. Passavam a noite e o dia todinho um barulho estranho dos cabos de aço era um serviço muito perigoso, os cabo de aço arrebentavam as toras caíam, um risco muito grande de cair em cima de uma pessoa. Então nunca saiu da minha cabeça aquele barulho que se repetiu por muitos e muitos anos, noites e dias sabe assim aquele: “trac, “trac”, “trac” era o barulho das catracas dos caminhões para tirar ou colocar as toras do caminhão. Aí acabou! As coisas mudaram as serrarias fecharam aos poucos e Xinguara foi ganhando outros rumos. As coisas mudaram muito por aqui (T.R.L.A, 46 anos moradora desde 1983).

Havia uma intensa movimentação de pessoas indo ao trabalho para as serrarias em Xinguara. Na época das madeiras era expressiva a quantidade de cicleteiros que percorriam o trajeto das rodovias, avenidas e ruas da cidade. A bicicleta era o meio de transporte mais utilizado na cidade na década de 1980 até meados da década de 1990. Hoje se vê uma quantidade mínima um bicicletas pelas ruas na cidade. A bicicleta foi aos poucos substituída pela grande quantidade de motos, o meio de transporte mais popular atualmente, embora esse meio de transporte popular se misture à grande quantidade de veículos que são muito utilizados principalmente pelos pecuaristas, empresários e comerciantes de Xinguara e região, predominantemente a Hilux, a Nova S-10 e a AmaroK que caracterizam o poder econômico e o *status* de uma parte significativa da população xinguarense. Estas informações mostram a mudança de hábito e nova adaptação no modo de vida dos moradores que seguem o ritmo das mudanças proporcionadas pela própria alternância dos ciclos econômicos que marcam a vida da cidade.

Um fato interessante àquela época era uma sirene que tocava todos os dias, isso ocorreu por mais de uma década, nos mesmos horários, todas as manhãs para avisar o início da entrada de trabalhadores nas serrarias e soava na saída quando encerrava-se o turno de

trabalho. As narrativas confirmam que esta sirene era da Madeireira Karson, que absorvia a maior quantidade de trabalhadores.

Outro fato marcante nesse período era um sistema de som que tinha na cidade, na área chamada “Baixada Fluminense”. Era “a voz do Ney”, que resistiu até o início da década de 1990. Era uma forma de comunicação que todas as manhãs fazia serviço de utilidade pública, e rodava canções da época. A Voz do Ney ecoava longe. Sr. Ney, morador “pioneiro”, ex-garimpeiro, comerciante da cidade, cuja família ainda mora por aqui, embora o seu sistema de som não exista mais porque foi substituído pelas emissoras de rádio que foram se instalando ao longo do tempo. Inicialmente foram as emissoras de “rádios piratas”. Depois duas emissoras se instalaram desde meados da década de 1990: Rádio Xinguara/AM e Rádio Comunitária União/ FM, legalizadas pela Anatel. Há na cidade também como veículo de comunicação representação local de TV, afiliada da TV.

Para falar da construção da cidade de Xinguara, não posso deixar de dar um pouco de ênfase à fase do ouro, apesar de ter sido uma fase rápida, mas deixou marcas para a população, além do sonho de muitos que vieram por este objetivo sem conseguir realizá-lo, por não ser tão fácil assim, acabaram ficando e arrumando outras formas de sobreviver na cidade. Enquanto outros que vieram de muitos lugares longínquos acabaram voltando para suas terras de origem; houveram muitos outros casos de aventureiros que já estavam acostumados a perambularem de um lado para outro, de garimpo em garimpo, esses seguiram por muito tempo essa vida intinerante.

Há notícias de que a população de Xinguara cresceu significativamente entre 1983 a 1989 em função dos pequenos garimpos que surgiram na região; esse crescimento coincide com a avalanche que foi o crescimento da região do garimpo de Serra Pelada. Atraindo uma população de migrantes temporários que depois se espalhou para outros cantos da região por terem frustrado suas expectativas de encontrarem ouro: tarefa árdua e imprevisível.

Considerando o material baseado num conjunto de informações que venho coletando na cidade e na região, optei neste trabalho em me deter na análise de algumas histórias de vida de migrantes que vieram para Xinguara, e, com experiências de outras trajetórias em busca de terras ou de trabalho que garantisse sua sobrevivência e de sua família. Percebi nos depoimentos e relatos que quando se trata do trabalho nos garimpos (seja nos pequenos garimpos, seja a busca do ouro e trabalho em garimpos maiores, como o de Serra Pelada) para estes trabalhadores migrantes o garimpo era só uma atividade alternativa para ficar rico ou que garantisse uma estrutura mínima de que necessitavam, o que se traduzia em ter uma casa

própria para morar, segurança e uma vida digna. A terra era a meta principal de grande parte desses habitantes.

Porém, ressalta-se que estes migrantes que recorriam aos garimpos alimentavam consigo o sonho e o desejo de garantirem atingir uma vida melhor através da aquisição do ouro; no entanto, o objetivo maior era o de conseguir um pedaço de terra ou um trabalho fixo para dar sustento, vida digna e sossegada à família.

A vantagem que caracteriza estes homens e mulheres que vivenciaram a história dos garimpos é que estes já são marcados por muitas lutas, muitos enfrentamentos em suas trajetórias de vida, sabiam lidar com outros tipos de atividades que lhes garantiam sobrevivência. Recorrendo mais uma vez aos estudos deixados por Carlos Henrique Lopes de Souza (registrando (em memória), ele que foi professor da Universidade Federal do Pará em Marabá, importante pesquisador sobre questões sociais e agrárias na região, cujo estudo seria sua tese de doutorado, mas o mesmo veio a óbito antes de concluir o seu trabalho). Carlos Henrique, faz uma análise pertinente sobre esta relação social do migrante na região sudeste do Pará, o qual contempla estas histórias e vivências dos trabalhadores e habitantes também do sul do Pará que tiveram contato e experiência com a vida dos garimpos. Nesse sentido o autor deixou esta importante contribuição:

Histórias de vidas que tiveram diferentes experiências como força de trabalho, isto é, que já exerceram atividades variadas, em sua história de vida e na construção do espaço regional. Uma força de trabalho é composta por homens e mulheres, com experiência e identidades próprias, e que, em seus cotidianos, vivenciaram experiências, nem sempre agradáveis. Homens e mulheres que, embora exerçam papéis distintos na sociedade, juntos, vêm lutando contra a expropriação e exclusão social. Mas quem são estes homens e mulheres? Que experiências eles trouxeram e que novos aprendizados tiveram? Como e em que momentos de suas vidas eles/elas participaram e/ou participam dos capítulos de construção do espaço agrário regional? São estas as principais indagações que nortearão este trabalho (SOUZA, 2002, p.6).

A partir do que consegui colher de informação sobre a “febre do ouro” na jovem cidade de Xinguara, a intensidade de fluxos de pessoas se deu mais no calor das notícias de que tinham descoberto o ouro também no município. O calor e o aquecimento para essas pessoas ficaram mais no campo dos sonhos e desejos de muitos homens e mulheres que vieram para cá tentar alcançar os garimpos e ocorreu também com a maioria que veio impulsionada pelo sonho do pedaço de terra que não alcançou, mas marcaram definitivamente, mesmo com sonhos frustrados, a construção do espaço regional, seja ele agrário ou urbano.

A informações apontam que os garimpos que existiram no município ficavam situados dentro de fazendas e pequenas propriedades que ficavam sob controle de seus donos que

permitiam a garimpagem, mas beneficiando-se da porcentagem do ouro que era extraído. Alguns desses garimpos receberam o nome dos donos das terras em que se localizavam. Entre os principais garimpos dentro do município de Xinguara, destacam-se: garimpo do Mamão, do Babaçu, do Sequeiro, do Ageu, do Américo e o último já na década de 1990 o Garimpo das Malvinas, bem próximo ao perímetro urbano da cidade.

Figura 22 – Garimpo do Américo – a forma como viviam os garimpeiros



Fonte: Acervo Gerald Macedo, 2014

Figura 23 – Garimpo do Sequeira: a paisagem revela o cotidiano dos garimpeiros



Fonte: Acervo Gerald Macedo, 2014.

A vida da cidade de Xinguara não está baseada apenas em história de trabalho, luta ou marcas de violência e enfrentamentos de dificuldades, mas também em histórias de solidariedade, de integração entre muitas famílias que se uniam e se ajudavam mutuamente. O fazer do cotidiano estava diretamente ligado a um processo necessário de estarem unidos para fortalecerem seus objetivos de permanecerem num lugar desconhecido e distante. Mesmo que essa união se desse de forma polarizada, isto é, por grupos sociais diferentes, cada grupo se apoiava e se ajudava para tornar mais fácil alcançar os objetivos que desejavam e para os quais vieram buscar essas diversas famílias de vários lugares do Brasil.

Contudo, foi o ciclo da terra que se consolidou em base principal para a expansão, crescimento e reordenamento da cidade de Xinguara. Um contexto que foi se fazendo numa interligação inseparável entre o rural e urbano. A cultura da pecuária, que trouxe o progresso e o desenvolvimento, foi se consolidando paulatinamente. A chegada de levadas de migrantes a partir da década de 1980 foi um processo acelerado e, ao mesmo tempo, desordenado. Foi como uma avalanche a derrubada das florestas: “matou o babaçu com a cultura da pecuária” (trecho da música acima de José Neto), dando lugar a extensas pastagens.

A fim de efetivar rapidamente a formação de pastos para o gado, foram utilizadas técnicas para serem espalhadas as sementes de capim pela região, usando-se o avião monomotor. Com as matas já no chão, depois das derrubadas e queimadas, os aviões passavam derramando e espalhando estas sementes, em pouco tempo transformando por completo a paisagem. Dessa forma, a mata aos arredores de Xinguara deu lugar a extensas pastagens para a criação do gado bovino. Assim conta um “pioneiro”:

Quando cheguei aqui neste lugar, Xinguara era só mata em volta. A gente convivia com o barulho dos guaribas (uma espécie de macacos que andam em bando e ecoam o barulho estrondante, como se cantasse em coro). Ouvia muito o esturrado das onças pintadas aí perto. Ali onde é a avenida Xingu, pra cima da Igreja Católica, era tudo mata, só era os carregadores dos caminhões madeireiros. Assim, de um ano para o outro, tudo aqui em volta foi sendo derrubado, logo ia virando pastos, porque gente que vinha mais de Minas Gerais e Goiás e até do sul prá cá, tinha interesse em comprar terra e fazer pastos pra criar gado. Essas matas foi se acabando muito rápido. Eu cansei de ver os aviões desse tipo “bimotor” passar por cima aí jogando semente de capim “colonhão”. Fazendeiros aí dessa antiga Fazenda Marajoara, e tantas outras que não me lembro mais o nome faziam pastagens pro gado era assim: a mata já no chão, queimada, bem ou mal queimada, metia a semente do capim com o avião que era para render serviço. Logo depois das primeiras chuvas, porque aqui chovia muito antigamente, até isso diminuiu. Até para quem plantava uma rocinha de arroz e outros mantimentos arrendado nessas terras ao redor sofria porque essas sementes de capim jogadas de avião virava praga, nascia capim até em cima dos tocos (J.S., morador desde 1979).

A terra, representada de forma marcante pela pecuária, é o ciclo prodominante que contribuiu mais fortemente para a construção e reorganização das cidades sulparaenses. Também foi elemento propulsor que motivou inúmeras famílias a virem para o município de Xinguara. Para organizar este processo de distribuição das terras, por exemplo, foi criado o *Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins* (GETAT), pelo Decreto-lei n. 1767, de 1980.

As ações das intuições na época foram no sentido de desenvolver demarcação e a distribuição de terras, bem como os títulos de propriedades. Procurou assentar muitas famílias. Os focos e as principais áreas que até hoje existem com pequenos e médios proprietários podem-se destacar: os assentamentos Tupã, Gleba 10, Vermelho e Preto, Araguaxim, Araguari; entre outros que foram se reorganizando posteriormente. As colônias Cruz de Pau, Barreiro Preto, Marajoara, Cachimbão que ainda sobrevivem do pequeno e médio produtor são áreas que abrigam muitas famílias que vieram principalmente do estado de Goiás e Minas Gerais.

É importante registrar que esses espaços rurais estão interligados à cidade porque estão perto da área urbana, as famílias, em sua maioria, permanecem e sobrevivem da agropecuária e da agricultura familiar, destacando-se que muitos de seus filhos vêm para a cidade todos os dias para estudarem pelo transporte escolar o que contribui para fixá-los na terra. Há muitos casos em que membros da família estão cursando universidade na região e, na maioria dos casos, fora do estado mais precisamente em Goiás e Tocantins. Muitos desses filhos que mudaram para se formarem, as famílias planejam que retornem para fixarem-se por aqui no município em função do vínculo que estabeleceram.

Outra característica marcante no processo de ocupação de terras no sul do Pará, já mencionado anteriormente é a questão da violência agrária. A colônia conhecida como Tupã Ceretã, em Xinguara, apresenta-se como melhor exemplo da marca da violência agrária. Segundo as narrativas e fontes documentais da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e, principalmente emitido nas falas dos entrevistados, muito sangue foi derramado para se adquirir um pedaço de terra. Octavio Ianni aponta em seus estudos informações importantes desse contexto:

A transformação da terra em mercadoria – ou, em âmbito mais geral, a metamorfose da natureza em história – não é um processo pacífico. Ele envolve tanto a violência dos homens contra a natureza como dos homens entre si. O processo de apropriação privada e legitimada da terra, conforme tem ocorrido no Município de Conceição do Araguaia, principalmente ao longo dos anos de 1966-77, tem provocado o desenvolvimento de pendências e disputas, ou tensões e conflitos (...) Agudizam-se

as tensões e os conflitos de terras. Agravam-se e explodem as contradições entre os posseiros, os grileiros e os fazendeiros. Contradições essas que envolvem várias modalidades de violência: tanto a violência privada, praticada pelos pistoleiros ou jagunços a mando de grileiros e fazendeiros, como a violência estatal, legitimada, praticada por policiais, ou outros segmentos do poder público (IANNI, 1979, p.164).

Estes registros históricos sobre a violência que envolve a questão da terra precisam ser citados em função de serem muito presentes na formação da cidade de Xinguara. Relatos sobre diversas formas de violência surgiram em muitas narrativas de moradores “pioneiros” que vieram na década de 1970 e 1980. Muitos desses migrantes motivados pela busca da terra, até desistiram por medo de perder a vida porque viram tantos outros enfrentarem e serem tombados. No início de Xinguara muitos conviveram com esse tipo de violência.

Muitas famílias que havia conseguido um pedaço de terra, geralmente comprando em espaços já calmos, como dizem aqui na região, “terras já amañadas pelos posseiros” aos poucos foram desistindo e vendendo por razões diversas: falta de estrutura suficiente para investir e permanecer na terra, falta de estradas, distância, isolamento e a terra que não era fértil, não se adaptava para muitas lavouras que estes pequenos e médio proprietários que vieram do Sul, Sudeste e, principalmente, Centro-Oeste estavam acostumados com outro tipo de plantio e de terra em suas regiões de origem.

Consequentemente, isso resultou que proprietários maiores, por terem condições de se manterem, abarcaram pequenas propriedades de muitos que não conseguiram sobreviver com seu pequeno pedaço de terra, cercado e controlado pelo grande proprietário; a situação que se criava acabava lhes forçando a vender e ir com a família para a cidade.

3.2 “Cultura da andança” e a vida em Xinguara: o movimento como valor

Figura 24 – Ponte Sobre o Rio Araguaia – travessia do Tocantins para o Pará.



Fonte: Blog Araújo, 2011

O espaço geográfico em que se encontra Xinguara está interligado ao longo do percurso com os municípios do sul do Pará, nos quais a proximidade e vias de acesso entre si facilitam e resultam na mobilidade dentro da própria região, para o sudeste do Pará e até mesmo para outros estados, como é o caso do Tocantins, Goiás e Maranhão que mesmo antes da chegada da “política de integração da Amazônia”, grupos de migrantes avançaram para a Amazônia oriental adentro, constituindo o sul do Pará.

Dentre as pesquisas que contribuem para compreender este contexto, Maria Antonieta Costa Vieira dedicou-se intensamente a desvendar o processo de mobilidade e de muitas andanças anteriores àquelas que conhecemos hoje. As informações de seus estudos sobre esta temática são contundentes para afirmar que a “cultura da andança” (expressão da autora) existente ainda hoje tem suas bases elementares em raízes históricas por ela recuperadas. Por conseguinte, falar de mobilidade e de andança atuais e não resgatar esses movimentos anteriores é renegar a própria história dos fluxos migratórios no sul do Pará. Nesse sentido, Vieira revela:

Comunidades camponesas do sul do Pará, que na década de 1960 se organizaram como movimentos sócio-religiosos tendo como referência a busca das *Bandeiras Verdes*, segundo uma profecia atribuída ao Padre Cícero do Juazeiro. A profecia previa a existência de um território sagrado, situado na mata, onde se viveria em paz em uma terra de abundância, que deveria ser alcançada após um percurso penitencial. Duas comunidades - a Missão de Maria da Praia e a Romaria do Padre Cícero, deslocaram-se na Amazônia Oriental por mais de 20 anos à procura desse lugar (VIEIRA, 2001, p.64).

A autora tratou este assunto buscando mostrar como o território se constrói como espaço sagrado e projeto coletivo para um campesinato que tem na sua história a marca forte da migração e que busca encontrar o seu lugar. Antonieta Vieira abordou, em primeiro lugar, algumas características do campesinato da Amazônia Oriental, destacando o significado que assume para os camponeses desta região o deslocamento e a ocupação de novas terras.

Mesmo que se tenha pouco conhecimento e porque pouco se fala sobre as *Bandeiras Verdes* na região, tema que pode ter ficado vagamente no imaginário da população “pioneira”, mas que vislumbra o que interessa neste estudo que é o processo de mobilidade e suas fortes ligações com este aspecto da religiosidade e da profecia no início de sua história. Movimento e andança que ocorreram muito antes da chegada das frentes de colonização e investimento nessa região.

As motivações do ir e vir das pessoas ocorreram e ainda ocorrem, em função dessa busca de um lugar que parece ter sido desenvolvido no imaginário das pessoas como lugar das oportunidades, das riquezas e recursos naturais e grandes extensões de terras existentes que sequenciaram desde tempos remotos esta busca ao longo da história e ainda tem sido a razão principal do processo de fluxos migratórios e de mobilidade intrarregional.

André Dumans Guedes realça em sua análise as falas dos nativos, o vocabulário que expressa o sentido dessas idas e vindas da população em fluxo: “*Ficar; ou partir – andar, correr, rodar rasgar, sair, por ai, abrir ou espalhar no mundo*” (GUEDES, 2013, p. 11). São registros das falas do cotidiano dos entrevistados de sua pesquisa no Norte de Goiás, o que se assemelha a esse andar ou ficar num processo de migração interno na região sul do Pará. Nota-se que as razões da mobilidade ocorrida no universo pesquisado de Guedes, podem não ser as mesmas que levam os migrantes de Xinguara e sul do Pará a estarem de um lado para o outro, mas possuem semelhanças no sentido de busca por trabalho, sobrevivência e estabilidade, que para esses andantes se traduzem em “quietar-se” um dia em algum lugar, ter “sossego”, uma “vida melhor”, termos que surgem nas narrativas dessas pessoas.

Embora os registros históricos dessa ocupação da região sulparaense, principalmente na busca por um pedaço de terra, mostrem que o sonho por esse sossego e estabilidade não

ocorreu de forma fácil na vida dessas inúmeras famílias “pioneiras”. Como analisa Airton dos Reis Pereira:

Já a luta pela terra (...) é aquela que, necessariamente, envolveu as disputas entre trabalhadores rurais e fazendeiros, empresários ou comerciantes pela apropriação da terra de áreas devolutas e mesmo de imóveis com títulos definitivos ou de aforamentos. No entanto, em sua complexidade, os conflitos por terra no Pará envolveram instituições do Estado como o INCRA, a Polícia Militar (PM), a Polícia Civil, a Polícia Federal e Juízes de direito das comarcas locais; entidades de mediação, como os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) e a Igreja Católica, por meio de seus agentes de pastorais, padres, freiras e bispos; além de milícias privadas e matadores de aluguel, como pistoleiros e outros agentes (PEREIRA, 2013, p. 14-15).

A formação da região ao longo do tempo ocorreu dessa forma, em se tratando da luta pela terra, em todo sul do Pará: “uma história de violência e de fortalecimento de estruturas locais de poder, baseadas na propriedade da terra” (SOUZA, 2002, p.6). A violência, portanto, tem relações diretas com a questão da mobilidade, deixando marcas profundas na história das migrações na região.

Neste trabalho busquei trazer o que representa a história de vida e a trajetória de muitas famílias, considerando os diferentes ciclos econômicos e sua alternância que influenciaram o contexto do reordenamento regional. Para isto, achei fundamental ater-me aos diversos depoimentos, entrevistas, relatos e narrativas que consegui reunir, cujas informações são fundamentais para melhor compreendermos a história da vida, da luta, de idas e vindas dessas pessoas (por que este ir vir? Por que esta inquietação?) mesmo tendo residência fixa em Xinguara, ou em outra cidade da região, ficam nesta busca incessante de alguma coisa que ainda não conseguiram ou ainda não se deram por satisfeitas.

Torna-se imprescindível a comparação com os autores que se debruçaram sobre estes temas e que ajudam a compreender este processo da “cultura da andança” ainda existente em Xinguara e na região sul do Pará. O estudo já citado de Antonieta Vieira esclarece e enriquece mais sobre as práticas de deslocamento na região:

A região sul do Pará se caracteriza por uma intensa mobilidade espacial, fruto de migrações sucessivas, sendo comum a experiência de várias mudanças numamesma geração. Esta *andança* não significa nomadismo, mas uma vida marcada por mudanças: de lugar, de relações, de atividades. A Amazônia Oriental foi em vários momentos históricos lugar de projeção de sonhos e esperanças para migrantes vindos de todos os lados, especialmente nordestinos (VIEIRA, 2001,p.64).

Outra pesquisa recente que traz uma fundamentação ímpar para a compreensão da mobilidade é a de Ariana Rumstain sobre “Peões no trecho: trajetórias e estratégias de

mobilidade no Mato Grosso” (2012). O processo de mobilidade que ela analisa difere de certa forma do que venho tentando explicar no que diz respeito ao contexto e até à forma de mobilidade, mas se assemelha no quesito “andança”, “a vida no trecho” e a marcante presença de elementos sobre o migrante maranhense. Seus estudos orientam minhas percepções sociológicas, pois tenho captado ao longo dos anos como moradora/professora/pesquisadora algo que sempre me intrigou: o porquê da tamanha discriminação para com o morador xinguarense oriundo do estado do Maranhão.

Os maranhenses são personagens no estudo de Rumstain e aparecem como “peão de trecho”; evidencia-se o enorme preconceito e distinção que os mesmos sofrem em terras dominadas pelos “sulistas” expressão destacada nas cidades de Mato Grosso, região da soja, em que a autora analisa, termo que já caracteriza tal distinção de quem é quem no contexto estudado pela autora. Os “peões do trecho” ficam à mercê do trabalho oferecido pelo capital comandado pelas empresas do Sul e Sudeste. Isso ocorre em toda a região onde o migrante, especialmente o maranhense, busca sobrevivência.

Enfim, o que me leva a conclusão que este andante presente nos estudos de Rumstain (2012), muitas vezes oriundo do estado do Maranhão, faz parte também do meu universo de pesquisa e tento aqui colocá-lo em análise também como integrante nesse processo da andança, que é uma característica significativa da população flutuante que venho buscando investigar e entender em meus estudos.

Em André Dumans Guedes (2013), como já o mencionei anteriormente, encontrei mais elementos para a compreensão do sentido da “cultura da andança”, não só no aspecto conceitual, mas principalmente no que diz respeito aos significados dessa andança, o que nos faz perceber que o ir e vir das pessoas tem mais sentido do que se pode imaginar. Guedes nos chama a atenção para o entendimento de que andar pelo mundo caracteriza valores próprios. Assim o autor assinala:

Levemos a sério, assim, a idéia de uma cultura da andança (ainda que considerando o termo — cultura num sentido fraco, sem a conotação de totalização que com frequência o marca). Pois ao fazê-lo, a mobilidade aparece antes (ou não apenas) como consequência, reflexo ou implicação de fenômenos ou processos que são, lógica e cronologicamente, anteriores a ela; mas (também) como algo que possui valor em si mesmo (GUEDES, 2013, p.30-31).

Em ambos os universos estudados (Minaçu-GO e Xinguara-PA) é comum também o fato de os integrantes desse processo de mobilidade possuírem trajetórias anteriores, serem de

origem basicamente dos mesmos estados brasileiros e terem se encontrado e se misturado nos espaços em que estão. Nesse sentido, Guedes aponta:

Estou tratando de pessoas cujas origens são diversas: mineiros, goianos, maranhenses, baianos – e que, em função de suas *andanças* e percursos, se encontraram em Minaçu, no norte de Goiás. Por outro lado, chama a atenção o fato de que todas estas pessoas compartilham aquele rico vocabulário vinculado a termos como o *trecho* e o *mundo*. E se eles o fazem, certamente não compartilham apenas um vocabulário– mas também os sentidos e valores a ele associados (GUEDES, 2013, p 32).

Correlaciono esta ideia “de que todas estas pessoas compartilham aquele rico vocabulário vinculado a termos como o *trecho* e o *mundo*”, expressa pelo autor, com as pesquisas e entrevistas realizadas em Xinguara. É perceptível que a história de vida desses habitantes é marcada por muitos deslocamentos e trajetórias anteriores; eles trazem consigo uma gama de conhecimentos, de costumes, valores, “uma bagagem cultural”, que se misturam e se adaptam quando se encontram no mesmo espaço.

É muito raro se achar uma família que tenha vindo de seu local de origem direto para esta cidade, sem ter passado por outros lugares antes; são pessoas que vão ampliando suas vivências e trazendo experiências de tantas atividades que se dispuseram a aprender para a sua sobrevivência e de sua família, andando e vivendo em lugares diferentes e adaptando-se para ganhar a vida. Isso significa que parte expressiva da população ficou ao longo do tempo sem condições de se fixar, principalmente tratando de alcançar o acesso à terra ou esperando oportunidades de trabalho, o que resultou, na visão de Bertha Becker, em “uma categoria de trabalhadores polivalentes” (BECKER,1979). Na coleta de informações dos próprios entrevistados isso se confirma:

Meus pais vieram de Minas para Rubiataba, Goiás. Meu pai trabalhava de caminhoneiro... deixou essa vida e resolveu montar seu próprio negocio, onde ele comprou uma serraria e mudou para Mozarlândia, também em Goiás. Lá ele começou como comerciante autônomo, onde moramos durante sete anos. De Mozarlândia que viemos para Xinguara, viemos porque meu tio que morava em Rubiataba já tinha fazenda aqui em Xinguara, ele via a grande variedade, a beleza e a riqueza porque gosta da terra e sonhava em adquirir fazendas e mexer com gado. E, as grandes madeiras que aqui na época era o auge, a febre do momento era muita madeira. Meu pai veio primeiro em 1978 conheceu, gostou demais daqui. Voltou em 1979 com toda a família, quando meu tio fechou negócio com a compra da terra, da fazenda, e é justamente aquela terra que hoje é do Osvaldinho Assunção (atual prefeito). Meu pai veio com o objetivo de poder lidar com a madeira que aqui era mais fácil, mais barata e ele mexeu com a serraria e a marcenaria durante bom tempo, era pequeno negócio, mas rendia. Como tempo ele viu que madeira não tinha retorno para ele que era um pequeno empresário, concorrendo com os maiores não dava mais lucro. Aí ele migrou logo para a área de garimpo só que ele mexia com garimpo lá para o rumo de Tucumã na época ele tirou muito ouro e lá foi onde a

cabeça dele desviou ele começou a entrar no mesmo ritmo desse povo era garimpeiro que abandonou as famílias que ganhava o dinheiro ia na rua e gastava tudo. Ouro foi só ilusão... (M. B., moradora há 32 anos).

Xinguara é marcada por esta característica comum das cidades sulparaenses, ligadas pelos fluxos migratórios, resultado dos ciclos econômicos, suas alternâncias e sucessões. Em algum momento na história, a dinâmica de deslocamentos esteve mais forte e predominante mais em uma cidade que em outra, seja pela oferta de serviços e empregos, seja pela via de concursos públicos ou vagas em empresas privadas. Esses deslocamentos também ocorreram e ainda ocorrem em algumas circunstâncias: na busca de atendimentos e serviços em órgãos governamentais instalados em Conceição do Araguaia e principalmente em Redenção, como era o caso do posto do INSS e Caixa Econômica Federal.

Esse fluxo de idas e vindas diminuiu porque Xinguara recebeu há pouco menos de cinco anos os referidos órgãos que atendem inclusive com maior expressividade a população da PA-279. Destaca-se aqui a cidade de Redenção, onde se iniciou na década de 1990 o processo mais organizado da agropecuária, com a instalação de frigoríficos e curtumes, o que contribuiu para gerar uma parcela de população flutuante já naquele período, pois a cidade recebia mão de obra diversificada de toda a região.

Pode-se aqui apontar os primeiros indícios que marcam a trajetória e a migração interna ou intrarregional, o processo de mobilidade em busca de sobrevivência: a presença da população flutuante que é um dos fortes vieses deste estudo. Outro fator relevante nesse processo de mobilidade também em função de um ciclo econômico que não está ainda em atividade no município de Xinguara, mas que faz a população ir e vir na região sul paraense, e também para o sudeste do Pará, é a exploração mineral, atividade em ascensão nos municípios de Ourilândia do Norte, que fica ao sul, e Canaã do Carajás, que fica no sudeste do Pará, mas faz divisa com o município de Xinguara. Além de estradas vicinais que interligam esses municípios, essa proximidade geográfica e o acesso interno, facilitam as frequentes idas e vindas das pessoas que trabalham nas mineradoras e têm residência fixa em Xinguara.

Meu pai sempre foi motorista e operador de máquina nessas empresas de mineração. Nós sempre moramos em Xinguara. Eu e meus irmãos nascemos aqui. Mas desde que “eu me entendo por gente” meu pai fica aí nesse vai e vem pelas empresas que ele trabalha. Um tempo em Parauapebas, já trabalhou em Altamira, em Ourilândia, agora está em Canaã dos Carajás. Ele trabalha pelo que sei com estas máquinas grandes de escavação do solo, para tirar minério, aqui em Xinguara não tem serviço para ele, aí tem que ser assim, é para onde mandam ele tem que ir. Meu pai sempre diz que para sobreviver tem que viver no mundo e a gente acostumou assim (aluna, 17 anos, Ensino Médio Escola Estadual Dom Luiz Palha).

Reforço que isso nos leva a concluir que a cidade de Xinguara continua crescendo e se transformando. Porém, mantêm ainda suas características de lugar de trânsito, de fluxo, de “corredor migratório” por onde passam, chegam e saem pessoas de todos os rincões deste país. Cidade com esta característica de trânsito de negócios (comércio, indústria, pecuária), de coisas, de estrutura e infraestrutura, de produções do próprio lugar e produções vindas de fora, que sustentam a cidade e a região. Contudo, também cidade de moradia, daqueles que resolveram ficar e se fixarem, e mantêm ativados seus objetivos.

Um adendo a esta informação da mobilidade e que reforça esta característica de pessoas em constantes andanças é a expressiva quantidade de “gaioleiros”, motoristas de “caminhões boiadeiros” que residem em Xinguara. É significativa a quantidade desses profissionais que transportam o gado pela região e pelo Brasil afora. Como me informou um deles, com quem tive oportunidade de conversar, o gado transportado, quando sai de Xinguara, o gado vivo e em pé é para exportação, bois que geralmente são descarregados no navio mercante no porto em Belém do Pará e que seguem para a Ásia e Europa.

Quis acrescentar esta informação sobre mais esse tipo característico de habitante da cidade de Xinguara (morador flutuante) pelo fato de me chamar a atenção que nesses dias de correção final desta dissertação, ouvia todas as madrugadas, geralmente às cinco da manhã, o barulho dos motores de um dos três moradores, vizinhos de rua que possuem uma rotina de sair pelo menos duas vezes por semana com o caminhão boiadeiro carregado para seus destinos. Abordei um desses vizinhos numa conversa informal, mas intencional, em que ele afirmou:

“só que eu conheço é um número entre a 40 e 50 “gaioleiros” que eu convivo que são moradores de Xinguara e vivem essa rotina de rodar pelas estradas”. Isso fora os das cidades vizinhas: Rio Maria, Redenção, Água Azul, Tucumã afora...mas a gente convive aí pelas estradas. Se você quiser entrevistar e quiser que cada um conte suas histórias te levo em um bocado deles. São muitas histórias de vida que você vai conhecer que dá um livro, eu tenho vontade que alguém um dia contasse esta história de nós “motoristas boiadeiros” que vive nesse vai e vem, porque é muito acontecimento que a gente vive mundo a fora, sei que um dia alguém a de ter interesse por nossa história que é muita coisa, porque nós não tem paradeiro não, é mais na estrada do que com a família” (Rosano, 32 anos, motorista de caminhão boiadeiro, morador de Xinguara há mais de 12 anos).

Como já vimos anteriormente em seus primeiros tempos, Xinguara ainda continua sendo lugar de “encontros e desencontros”, naquela ideia de pessoas que vieram para encontrar quem veio primeiro e fixar-se; mas por outro lado pessoas que se desconstruíram porque seguiram outro rumo, outro lugar para sobreviver porque as alternativas se esgotam num canto e aparecem em outro; além daqueles que retornaram para seus lugares de origem ou locais de trajetos anteriores.

Mais um acréscimo nesta característica de mobilidade é a grande quantidade de jovens filhos da cidade que saíram para estudar em outros tantos lugares, ou em busca de mais oportunidades de trabalhos diferentes, que não sejam nas fazendas, nos frigoríficos, nos laticínios, que são as principais ofertas de emprego no município hoje em dia. É expressiva a quantidade de jovens que vão e retornam para passar férias em casa, principalmente nos finais de ano, Natal e Ano Novo, mês de julho, período do veraneio, quando têm encontro marcado com a família e amigos que tradicionalmente fazem acampamentos na Praia do Pontão, no rio Araguaia, pertencente ao município de Xinguara.

Muitos jovens da cidade estiveram ou estão estudando nas capitais (principalmente Goiânia, Palmas, Belém do Pará e outras capitais) ou em outras cidades como Araguaína (TO), Gurupi (TO), Porto Nacional (TO), Rio Verde (GO), Anápolis (GO), Marabá (PA), Parauapebas (PA) e em outros lugares. Esses jovens, muitos estão retornando para Xinguara ou cidades vizinhas profissionalizados, montando o próprio negócio ou são empregados nos espaços que exigem qualificação. As profissões que mais se destacam são: advogados, biomédicos, veterinários, zootecnólogos, professores, enfermeiros, odontólogos e até médicos.

Nas entrevistas registrei depoimentos de pais que têm filhos que já foram e retornaram para exercer a função para as quais se qualificaram:

Devido às dificuldades dos filhos estudarem aqui, fazer uma boa faculdade, a gente tem que apoiar investir para eles voltarem e se darem bem por aqui. Aqui tem espaço, tem serviço, corre dinheiro. Meus filhos que foram já retornaram: uma é enfermeira, a outra é professora, fizeram a faculdade e já estão trabalhando em Xinguara. E mais um, esse fazendo direito, termina ano que vem e os planos é ele retornar também e trabalhar aqui, já tem proposta de trabalho. No início a gente fica com o coração na mão, filhos longe dos olhos da gente, aí nesse mundo com tanta coisa ruim, mas os ensinamentos que a gente passa dá a direção e com Deus na frente tudo dá certo. Está bom, hoje as coisas para eles estão bem melhor que para nós no nosso tempo, estudar era mais difícil. O mundo tem suas mazelas, mas o mundo ensina, ajuda a crescer, então valeu a pena sim (A. G. P., morador há 26 anos).

“O mundo tem suas mazelas, mas o mundo ensina e ajuda a crescer”. A afirmativa desse pai que entrevistei faz um diálogo com Altino, morador de Minaçu com quem André Dumans Guedes conviveu em suas pesquisas. Esta visão de estar no mundo, que o mundo ensina nesse processo da andança é impressionante como se repete nas falas do universo dos habitantes pesquisado em Xinguara, assim como nas falas dos habitantes de Minaçu (GO): “*Andar no mundo ensina a viver! Costumava me lembrar Altino... Afirmações como esta – veremos – são não só comuns, como possuem significativa importância para meus*

interlocutores” (GUEDES, 2013, p. 31). O valor de andar e estar no mundo é condizente com a realidade vivida, tanto para os entrevistados de Guedes como para meus entrevistados xinguarenses.

São muitos os casos nos relatos dos pais que expressaram que o filho foi, concluiu a universidade e não quis retornar para Xinguara.

Nossa filha foi embora, investimos nela concluiu direito o ano passado. Só que não quis voltar para Xinguara. Ela concluiu e está morando com o namorado que arrumou desde o início do curso, ele também é advogado, já fizeram a prova da OAB e estão trabalhando juntos. O pai ficou contrariado, queria que ela retornasse para montar escritório aqui. O importante é que ela está bem, é jovem, já advogada, vai me dar o primeiro neto, vejo que é assim mesmo, eu entendo que a vida é assim, a gente não tem filhos para ficar na barra da saia não, eles crescem e tem que crescer na vida e ser independente e ter uma vida melhor onde tiver (E. S. A., moradora em Xinguara há 25 anos)

Eu nunca saí de Xinguara. Criei minha família aqui. Minhas três filhas saíram, foram embora desde o ensino médio morar e estudar em Goiânia. Duas são advogadas já exercem a profissão, essas moram em Palmas. Mas uma já voltou e vai atuar aqui. Mas eu fico aqui, é meu lugar (Itamar Mendonça, ex-prefeito).

Ouvi pais cujos filhos ainda estão cursando universidade e vem para a casa no período de férias, mas os pais reafirmam que o propósito é realmente concluir, profissionalizar-se, voltar para casa e vir trabalhar aqui, mas nem sempre esse é o propósito dos filhos.

Aqui a dificuldade para os filhos continuar os estudos depois do ensino médio é muito grande. O jeito é deixarem ir para estudar fora. Meu filho foi. Nossa meta é que ele retorne para casa quando terminar que venha trabalhar aqui no que ele se formar (J.A.L., morador há 28 anos).

A região do sul do Pará é marcada pelo deslocamento de pessoas, mais fortemente nos períodos das décadas de 1970 a 1980, quando as famílias chegavam em levas, com suas características social e culturalmente heterogêneas. Por isso, trata-se de um campo fértil e vasto para se compreender a formação da região e estas incessantes “idas e vindas”, por razões diversas. Repetindo as palavras de André Guedes em sua análise: “Ficar; ou partir – andar, correr, rodar rasgar, sair, por ai, abrir ou espalhar no mundo” (GUEDES, 2013, p.19), falas do cotidiano dos entrevistados de sua pesquisa no Norte de Goiás; esse andar ou ficar não é diferente do processo de migração interno na região sul do Pará. Nesse sentido, outra análise interessante que correlaciona com a visão das diferenças culturais resultado da chegada de tantas pessoas de muitos lugares é a de Idelma Santiago da Silva, que se refere ao seu universo estudado, a cidade de Marabá (PA), apontando que “a migração alargou as

fronteiras culturais da cidade e, ao mesmo tempo, dividiu-a nas diferenças que descentraram qualquer tentativa de uma representação única e homogênea” (SILVA, 2006, p.8).

O desenvolvimento e a formação da cidade de Xinguara são típicos de uma “cidade de borda”. Relembro mais uma vez Bertha Becker e acrescento mais elementos sobre Xinguara que correspondem a esta característica de sua análise sobre o surgimento de cidades na Amazônia, com “foco de desenvolvimento regional, não apenas para controle de território, mas também como lugar de apoio” (BECKER, 2013, p. 52). Nesse aspecto, a autora assinala:

Núcleos localizados em posição fronteiriça merecem cuidados para defesa do território e são lugares de apoio a potenciais interesses de expansão econômica para os que estão ligados por estradas, atraindo forte imigração. É o caso das cidades da borda da região (BECKER, 2013, p. 52).

Essa análise reforça novamente a visão sobre fronteira com vários elementos dispostos nos capítulos anteriores, os quais vão clareando e reafirmando esta ligação com Xinguara, uma cidade, como muitas outras da região amazônica, inserida numa “região de fronteira”. Para se entender melhor esta questão, recorro aqui mais uma vez a Maria Antonieta Vieira, que apresenta essa ideia de fronteira como “o mundo do que pode ser, onde se pode realizar o que não foi possível no local de origem” (VIEIRA, 2001, p.110). Por isso, a vida de tantos migrantes é marcada pelas suas trajetórias: ao saírem do lugar origem, passaram por tantos lugares anteriores na busca de se firmarem na certeza de encontrar um lugar que ofereça possibilidades e oportunidades de sobrevivência e de estabilidade. A autora reforça ainda que a “fronteira pode aparecer ainda como lugar de acolhimento para os que não tem lugar” (VIEIRA, 2001, p. 110).

Outro referencial importante para aprofundar este conceito de fronteira é José de Souza Martins, especialmente a obra “Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano” (2012), na qual analisa a ideia de fronteira como situação de conflito social. Nas palavras do autor, considera-se que

A fronteira é essencialmente o lugar da alteridade – um lugar de encontros, de desencontros, em que se confrontam concepções de vida e visões de mundo diferentes – e da diversidade, entendida como diversidade de relações sociais marcadas por tempos históricos diversos e, ao mesmo tempo contemporâneos (MARTINS, 2012, p.156).

A visibilidade que se tem da diversidade de relações sociais construídas a partir das diferentes correntes migratórias está diretamente ligada ao processo de como foi se configurando ao longo do tempo a região sul do Pará e, especificamente, o modo de vida da

população xinguarense, que fixou-se e, ao mesmo tempo, tornou-se flutuante, isto é, originando uma população caracterizada pela “cultura da andança”. São muitos habitantes que possuem residência em Xinguara, mas que vivem em processo de mobilidade pela região, em outros estados brasileiros e até mesmo fora do país.

Reporto-me novamente aos registros de André Dumans Guedes em seus estudos no Norte de Goiás. Com base em suas entrevistas e falas do cotidiano das pessoas de seu campo de pesquisa, o autor sublinha “como é marcante esse processo de mobilidade que caracteriza a população flutuante” (GUEDES, 2013). Esta situação se verifica no contexto da população xinguarense: que andar ou ficar, num processo de migração interno na região sul do Pará para outras regiões e, até mesmo para fora do estado, confirma a existência do processo de mobilidade.

No que concerne a esta questão é visível que Xinguara é marcada pela diversidade e mistura cultural em função dessa gama de migrantes oriundos de muitos lugares do Brasil, principalmente do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Migrantes que se cruzam e entrecruzam nos caminhos, que vem sendo socialmente construídos nessas andanças, nesse ir e vir da população sulparaense. “Esta andança não significa nomadismo, significa uma vida marcada por mudanças em vários níveis, de lugar, de relações e de atividades” (VIEIRA, 2001, p.111). Uma dessas muitas experiências confirma-se na fala de uma moradora entrevistada:

Ih! nós andamos muito, mudamos muito quando chegamos na região: primeiro foi a fazenda Santa Isabel, depois pra fazenda Pachibal, depois foi para o garimpo que chamava garimpo do “Bezerro Queimado”, que era município de Rio Maria, bem perto de Rio Maria. Depois nós foi para outro garimpo aqui em Xinguara, não me lembro o nome, porque era muitos garimpos que surgia dentro das fazendas aí em volta do município. Aí um tempo nós cansamos da vida de garimpo, resolvemos voltar a plantar horta, plantar lavoura de tomate em terra arrendada. O Profírio meu marido, foi o maior plantador de tomate da região. Aí a gente vivia andando fazendo a venda de tomate, não só pra revendedores aqui da cidade, a gente fazia entrega na região: Rio Maria, Redenção, Tucumã, Ourilandia, Conceição do Araguaia e até para Araguaína nos fazia entrega de caixas de tomate. Aí nós pegou um dinheiro que juntamos do garimpo e compramos esta chácara pra plantar horta, isso já em 92 pra 93. Passei no concursos pra merendeira, trabalhei muito tempo, já me aposentei, E, aqui a gente vive até hoje, eu, os filhos e agora os netos, aqui vamos ficar, porque o Profírio já não está mais entre nós, Deus levou. Eu gosto daqui de Xinguara, eu posso ir passear para outros lugares, em minha terra (no Tocantins), aí bate a saudade de voltar eu volto. Xinguara é meu lugar, saio daqui mais não (D. Isabel, 58 anos, moradora desde 1981).

É uma característica muito presente no contexto da população sulparaense ficar indo de um lugar para o outro, em busca de trabalhos temporários, seja em seu próprio município ou fora deste. Geralmente em função de trabalhos sazonais que estão disponíveis em fazendas, em construção de estradas, em mineradoras na região ou em acampamentos

improvisados do MST. Há ainda uma quantidade significativa de moradores de Xinguara em busca de efetivação no serviço público de municípios vizinhos.

O processo ocorre de forma contrária também: há os que residem em outros municípios, porém trabalham em Xinguara no setor público ou em empresas privadas. Há moradores com residência fixa em Xinguara que têm comércios ou propriedades rurais, bem como pequenas, médias e até grandes empresas, mas recorrem a outros municípios e regiões para ampliar os negócios. Na cidade estão instalados grupos empresariais e lojas grandes como as Lojas Leolar, Armazém Paraíba, Feirão de Móveis Magazine, a empresa Localiza, redes de farmácias como a Big-Ben, que estão em Xinguara e se instalam em outros municípios, pela região afora para ampliar os seus negócios, abrindo filiais, o que faz com que ocorra também uma mobilidade de muitos funcionários dessas empresas.

Este movimento é muito comum entre proprietários de terras que sempre buscam ampliar sua propriedade em lugares em que a terra ainda está mais barata, em comparação com outros municípios. É importante ressaltar que em várias leituras sobre a Amazônia Oriental, depara-se com essa perspectiva de um lugar de projeções de sonhos e esperança de recomeçar; isso se materializa na vida cotidiana das pessoas, nas falas de muitos dos entrevistados habitantes de Xinguara.

Contudo, esse processo de formação da cidade de Xinguara está caracterizado pelo fator determinante que são as correntes migratórias motivadas pelos ciclos econômicos em seus respectivos períodos históricos, responsáveis pela construção do modo de vida de seus moradores. É uma cidade de borda, inserida numa de “região de fronteira”, compreendendo a sua diferenciação sócio-espacial como marcada por uma população que fixou-se e ao mesmo tempo tornou-se flutuante. Cidade marcada como lugar de encontros e de possibilidades, caracterizada pela “cultura da andança” e pela “cultura dos misturados”, que vem consolidando-se na formação do sentimento de pertencimento da população.

No contexto xinguarense, estas referências se apresentam nas falas mais significativas das entrevistas. A mobilidade característica da população flutuante está ligada à inquietação de que ainda não se conseguiu alcançar os objetivos para os quais as pessoas vieram buscar nesta cidade e região como, por exemplo, o sonho de ter um pedaço de terra. Para retratar este ponto de vista, apresenta-se a história de vida de D. Maria, Sr. Domingos e seus filhos que já moraram em tantos outros lugares na região sul do Pará (Tucumã, Ourilândia, Rio Maria, hoje residem em Xinguara e, ao mesmo tempo, em Eldorado dos Carajás).

Ainda possuem residência em Xinguara, mas compraram terra no município de Eldorado do Carajás, que fica a sudeste do estado do Pará. Ficam indo e vindo entre Xinguara

e Eldorado, porque ela é servidora pública, merendeira em escola na rede municipal, Sr. Domingos foi horticultor por muitos anos. Os cinco filhos são todos nascidos em Xinguara, cada um trabalhou em serviços diversos; todos concluíram o ensino médio, três das filhas concluíram o ensino superior, o único rapaz concluiu ensino médio e foi cuidar da propriedade rural junto com o pai, comprada no município de Eldorado. O rapaz ainda ganha uma renda extra como Agente Comunitário de Saúde Rural (ACSR), enquanto a mãe e as quatro filhas, cada uma em seus respectivos trabalhos, iam investindo na terrinha que era o sonho da família. As filhas casaram-se uma a uma e todas com rapazes de famílias ligadas à área rural, à agropecuária.

D. Maria, diz que já realizou parte do sonho, o objetivo de ter uma terra, de pelo menos 10 alqueires. Mas que agora depois de sete anos lá em Eldorado dos Carajás, “pensa de ir para outros lugares porque a terra já está pequena para caber o gadinho que já adquiriu, a terra fica cansada, a água já não é suficiente”. D. Maria planeja com a família ir conhecer as terras “lá nas bandas do Gelado”, município de Novo Repartimento, sudeste do Pará. Agora o objetivo é uma terra maior. A filha mais velha casou-se recentemente com um rapaz que tem propriedade rural lá no “Gelado”, o genro e a filha estão iniciando a vida, investindo em terra e gado. “Quero uma terra maior. Lá as terras tão bem mais baratas e faz gosto de olhar ainda tem mata, muita água e as pastagens mesmo em época sem chuva é toda verde, ali sim é terra boa”, afirma D. Maria. A história de D. Maria e Sr. Domingos é a história de muitas famílias que expressam ainda não terem conseguido realizar na totalidade o desejo e os projetos de vida que traçaram quando vieram para a região sul do Pará, isso talvez explica em parte, a inquietação de tantas pessoas em processo de mobilidade constante.

Procurou aqui fazer uma ligação da história de vida dessa família em processo de mobilidade e inquietação com a análise de Antonieta Vieira, que recupera a discussão e destaca a importância da mobilidade como elemento constituinte do campesinato de fronteira. Para Vieira se configura na *cultura da andança*, um referencial básico para se entender a construção dos movimentos e para a forma que eles assumem. Nesse sentido, Vieira afirma:

Para camponeses que não conseguem mais se reproduzirem como pequenos produtores, seja porque a terra da família não comporta mais a nova geração, seja porque estão sendo expulsos da terra (...) A história de vida dos camponeses da região sul do Pará está crivada de deslocamentos, sendo comum a presença de várias mudanças numa mesma geração. Esta andança não significa nomadismo, significa uma vida marcada por mudanças em vários níveis de lugar, de relações, de atividades (VIEIRA, 2001, p.110-111).

Nesse sentido, Guedes afirma sobre a perspectiva nativa que essas diferentes situações apresentam um traço comum: elas são pensadas , segundo o autor, “como formas de andar, rodar, estar no mundo (ou no trecho, dependendo das circunstâncias)” (GUEDES, 2013, p. 31). Guedes reforça que pretende sugerir a existência de uma tradição, em que o deslocamento e a mobilidade, a partir das falas de seus entrevistados, que tais andanças são “coisas da vida...é assim que a vida é!”, conclui o autor.

A recorrência dos temas da mobilidade e dos fluxos migratórios fica cada vez mais evidenciada nestes estudos e são marcas importantes que caracterizam a cidade de Xinguara. O mais interessante é que o próprio morador “pioneiro” entrevistado não se dá conta de sua história de vida e da trajetória de migração por que passou e se admira quando instigado; então, coloca como se numa lista os lugares que já passou:

Já *rodei* muito pela vida. Nasci no Grajaú-MA, lá descí para Miracema no Tocantins, depois pra Araguaína-TO, vim aqui pro Pará daqui é que não sei mesmo dos lugares que já morei, deixa eu lembrar: um, dois, três, ah! não sei perdi as contas, nunca parei para contar *rapaz*, é muito lugar andado oh! Vim aqui pros garimpos do tal Cumaru do Norte, aí fui para Santana do Araguaia, peguemos umas derrubadas lá, pra fazer pastos para um fazendeiro, isso meados de 1980. Aí fiquei sabendo que Xinguara tinha ouro, vim pra cá, foi só ilusão, trabalhei muito aí nesses “garimpinhos”, mas deu para adquirir uma casa, fiquemos parado por aqui, para ver no que ia dar. Já bati muita cabeça por aí”. “Uma hora a gente se assossega”, não quero pros meus filhos nem pros meus netos o que eu já vivi feito doido pelo mundo, de garimpo em garimpo, de roçado em roçado, por isso trabalhei muito e tenho um meio de sobreviver. Hoje são meus filhos que vivem andando por aí. Já disse para eles se sossegarem que o que tem já é bastante, mas parece que “puxaram” para mim, tá no sangue ficar sempre buscando mais jeito de ter uma vida melhor, sei lá...” (J. N. S., 62 anos, reside em Xinguara desde 1980).

É enriquecedor reunir tantas informações em uma cidade concebida como um espaço social misto e diverso. Fica claro que para compreender a sua formação se faz necessário entender a visão dos habitantes sobre si próprios, por isso ouvir o máximo de suas próprias narrativas tem sido significativo, pois são nessas falas que se encontram uma das fontes mais ricas sobre suas histórias e suas memórias, que surgem através de suas próprias falas e narrativas sobre o lugar, sobre as famílias, as lutas, as formas de sobrevivência e de ocupação do espaço que vão sendo consolidadas e veiculadas através das gerações.

A iniciativa emancipacionista foi protocolada na Câmara Federal em 1989, pelo Deputado Federal Asdrúbal Bentes, que por não conseguir renovar o seu mandato na eleição do mesmo ano, teve o Projeto de Decreto Legislativo-PDL arquivado por força do regimento interno da Câmara. Em 1992, viria ser apresentado o PDL 159-B/1992 de autoria do Deputado Federal Giovanni Queiroz, propondo o plebiscito para a criação do Estado de Carajás. Entretanto, Giovanni viria ficar sem mandato no período de 2003-2007, e para não arrefecer a proposição, articulou-se ao Senador Leomar Quintanilha-TO, que deu entrada no PDL do Senado 052/2007. O processo resultou no Decreto Legislativo 136/2011 da Câmara dos Deputados, norma jurídica que concedeu autorização legal para a realização do plebiscito (MORBACH, 2012, p. 8).

A cidade de Xinguara envolveu-se diretamente na campanha pelo “Sim”, a favor da divisão do estado do Pará, com a criação do estado do Tapajós e Carajás. O mapa (4) acima representa como ficaria o formato do que seria o estado de Carajás, incluindo os atuais municípios das regiões sul e sudeste do Pará.

Que fique claro de antemão que neste estudo as questões pontuadas no que refere-se a esta temática da divisão territorial procuram ater-se especificamente à criação do estado de Carajás, apenas mencionando eventualmente o pretense estado do Tapajós. Este capítulo busca tratar de elementos que possam somar para a compreensão da formação regional, dos discursos sobre o fortalecimento sociocultural do território sulparaense, focalizando como os reflexos da proposta de divisão sobre a politização da identidade regional e o sentimento de pertencimento da população.

Relembrando que desde a construção inicial das diretrizes deste estudo, sinalizei e afirmei em uma de minhas hipóteses que a população de Xinguara ainda está em processo de definição de seu sentimento de pertencimento à cidade e à região e que a politização de sua identidade ainda está em construção. Procurei investigar a proposta de criação desse novo estado e busquei visualizar através das leituras de poucas referências bibliográficas, da publicidade e propaganda em prol ou contrária à divisão do estado e, principalmente, do teor das falas, das narrativas e discursos se a criação do estado de Carajás influenciaria na consolidação da politização e no sentimento de pertencimento da população à cidade de Xinguara e à região sul do Pará.

Aponto nesse estudo uma certa dificuldade de trazer os elementos necessários para dar cabo a esta questão, tanto no que diz respeito à vontade da população em decidir sobre a proposta a criação do novo estado, quanto à afirmação desse sentimento de pertencimento e formação da politização regional. Tais elementos não estão disponíveis de forma clara, havendo ainda a necessidade de investigá-los mais a fundo, de desvendá-los e discerni-los com maior precisão. Penso que esta possibilidade ainda não está ao nosso alcance em função de ser um debate novo, um estudo que vem se iniciando, mas que ainda não está colocado

abertamente nas academias, nas discussões teóricas e tampouco nas investigações sócio antropológicas que se dedicam aos estudos da Amazônia e da região sul e sudeste do Pará.

Ao meu ver a discussão sobre a divisão territorial do Pará não incluiu plenamente a população, pois esta não está inserida diretamente, não foi e nem está sendo envolvida nas discussões que tem sido efetivadas de forma interna nos grupos que lideram o movimento; a população que deveria ser a parte interessada mais interessada e com peso de decisão, fica alheia ao processo, sendo chamada apenas para a campanha e para a votação. Reforço que há uma lacuna relacionada ao conhecimento sobre a criação do Estado de Carajás e a população em si parece não ter sido envolvida no debate sobre a proposta de defesa da criação deste novo estado. Os estudos técnicos ainda não têm chegado no âmbito da população, assim como a construção da proposta e da plataforma política para a sua criação soa longe, ficando restrita aos gabinetes e comitês que as organizam.

É certo que os discursos que se manifestam sobre as propostas de divisão territorial no Pará são variados e antagônicos, possuindo significados e sentidos diferentes no tempo e no espaço. Apresentam-se opiniões e interesses que declaram posicionamentos que defendem a divisão em função da dimensão territorial do estado, bem como pela necessidade de desenvolver regiões esquecidas pelo poder público, expressam ainda questões de segurança nacional, além de razões culturais, políticas e geográficas.

As motivações e argumentações favoráveis à criação de novos estados trazem interesses diversos e é possível identificar nos discursos que convergem na formação de uma posição política favorável ou contrária ao projeto de criação de novos estados.

Em discursos a favor encontram-se em grande parte os representantes políticos da própria região sul e sudeste do Pará. Como é o caso do grande entusiasta Giovanni Queiroz, um dos fortes representantes desse movimento no sul do Pará e que não renovou seu mandato de deputado federal na última eleição. Os principais argumentos de Giovanni Queiroz a favor da criação do novo estado, baseam-se sempre na questão do abandono político por parte das forças administrativas do Pará que se concentram em Belém, nesse sentido aponta:

Praticamente nada investem em Carajás para manter o desenvolvimento social harmônico com o crescimento econômico. Os impostos não têm retorno. Nas últimas décadas, levas de migrantes, algumas grandes empresas e muitos empresários ousados radicaram-se no sul e sudeste do Pará incentivados ou não pelo governo federal (Boletim da Comissão Brandão Pró-emancipação do Estado de Carajás, 1993, p. 3).

Há indicativos evidente nas falas, nas narrativas, nos discursos das pessoas, dos líderes políticos, na expressão da mídia da região sobre a necessidade de tornar-se independente, de confirmar que é uma região que vem sendo construída pela população que veio de muitos lugares, em contra resposta aos discursos que foram defendidos pela campanha do “Não”. Discursos e argumentos presentes nas falas contrárias à divisão territorial do Pará de que a população sulparaense é “forasteira” e “invasora”, parecem ter ferido o brio de muitas pessoas que reafirmaram ser “pioneiras”, desbravadores e que grande parte chegou desde o início da exploração nessa região, chegou antes até mesmo da aberturas das estradas, da implantação da política de integração da Amazônia; além disso, grande parte da população já nasceu em Xinguara e na região, são filhos do lugar.

O discurso referente às grandes dimensões territoriais dos estados não é específico da proposta de divisão do Pará, mas é uma defesa que está presente em toda e qualquer proposta e dos projetos que desejam a criação de novas unidades territoriais na Amazônia. Encontra-se por exemplo a informação no site do Jornal Diário do Pará Online (2011) a argumentação do senador Mozarildo Cavalcante, autor do projeto de criação do estado do Tapajós, que apresenta em suas arguições que a grande área territorial do Pará – de 1.253.164 Km² – é o que dificulta a ação do governo do estado em toda a região. Segundo o senador, essa realidade condena as populações dos municípios mais distantes a toda espécie de carências, especialmente às de prestações de serviços oferecidos pelo poder público, como saúde, saneamento, transportes e educação.

Deve-se ressaltar que existem pesquisadores que já deram passos importantes com estudos sérios sobre regionalidade, trazendo em seu arcabouço teórico e analítico opiniões sobre a divisão territorial do Pará. Reporto-me aqui a trabalhos como o de Petit (2003), Becker (2013), Costa (2011), que expressaram seus argumentos em livros e artigos sobre a temática a que me dedico neste estudo e os utilizo ao longo desta análise.

A base teórica e analítica sobre a questão da formação territorial e regional orienta esta compreensão e é importante para a discussão dos processos de reorganização interna desta região. A partir desses estudos existentes, percebe-se que a dinâmica de povoamento sempre esteve associada aos períodos de prosperidade e decadência econômica, baseando-se principalmente na alternância e sucessão dos ciclos econômicos, o que vem provocando ao longo do tempo e no espaço o fluxo e o refluxo de população.

Como já foi apresentado nos capítulos anteriores, os modos de vida das populações da região sulparaense foram se desenvolvendo através do surgimento de vilas e cidades, que foram se formando, na sua maioria, pela necessidade de estabelecer um ponto para a

realização da atividade econômica. Estrategicamente estas cidades, assim como as cidades amazônicas em geral, têm uma relação ou uma proximidade com os rios. No caso da região sul do Pará, com o Rio Araguaia e o Rio Xingu, cuja cidade de Xinguara, encontra-se num eixo central que a torna estratégica, permitindo o acesso às cidades no seu entroncamento, como já afirmei em outros momentos, entroncamento que se traduz em encontro.

A expansão das cidades é um importante dado que pode reforçar esta ideia de uma reorganização da região sul do Pará a partir desses núcleos urbanos que deram base para o fortalecimento e desenvolvimento da região. Segundo informações da Agência de Desenvolvimento da Amazônia (2005), apenas na década de 1970, “o processo de povoamento regional deixou de se basear na circulação fluvial, criando assim novas formas de agrupamentos populacionais” (AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 2005 p. 8), que são as vilas e cidades que atendem à circulação rodoviária, com abertura de várias rotas como forma de “integração” da região com o restante do país. Trata-se de reafirmar que foi dessa forma que a região sul do Pará, a exemplo de toda a região amazônica, cresceu aceleradamente, dando vazão para o surgimento de tantos núcleos urbanos que se tornaram as bases para a exploração econômica das riquezas, configurando-se numa região que se expandiu, mas consequentemente gerou desorganização social. Tais alterações ao longo dos anos, da década de 1970 para cá, são visíveis.

Segundo Bertha Becker, a “urbanização alterou o processo de povoamento da Amazônia”, ocasionando que “a maioria dos seus habitantes estão vivendo em núcleos urbanos”(BECKER, 2004, p.25). Para ilustrar tais alterações e mudanças ocorridas neste espaço, a própria autora sintetiza em um quadro elaborado por ela mesma que traz importante contribuição para esta análise:

Quadro 1 - Mudanças Estruturais na Amazônia

Mudança Estrutural	Principais Impactos Negativos	Novas Realidades
1. Conectividade de Estrutura Articulação do Território	– Migração/mobilidade do trabalho; desflorestamento; desrespeito às diferenças sociais e ecológicas.	Acréscimo e diversificação da população; casos de mobilidade ascendente; acesso à informação – alianças/parcerias; urbanização.
2. Industrialização estrutura da economia	– Grandes projetos econômicos de enclave; subsídio à grande empresa; desterritorialização e meio ambiente afetado (Tucuruí)	Urbanização e industrialização de Manaus, Belém, São Luiz, Marabá; valor total da produção mineral 1/2 ^a no país; valor total da produção de bens de consumo durável 1/3 ^a no país; transnacionalização da CVRD.
3. Urbanização estrutura do povoamento Macrozoneamento povoamento	– Inchaço – problema ambiental; rede rural-urbana-ausência de presença material da cidade – favelas; sobre urbanização – isto é, sem base produtiva; arco do desflorestamento e focos de calor.	redução da primazia histórica de Belém-Manaus; nós das redes de circulação/informação; retenção da expansão sobre a floresta; mercado verde; “lôcus” de acumulação interna, 1 ^a vez na história recente; base de iniciativas políticas e da gestão ambiental.
4. Organização da Sociedade Civil estrutura da sociedade	– Conflitos social-ambientais; conectividade + mobilidade + urbanização;	Diversificação da estrutura social; formação de novas sociedades locais – sub-regiões; conscientização – aprendizado político; organização das demandas em projetos alternativos com alianças/parceiros externos; despertar da região/conquistas da cidadania.
5. Malha Socioambiental estrutura de apropriação do território.	– conflitos de terra e de territorialidades; conflitos ambientais	Formação de um vetor tecnológico; demarcação de terras indígenas; multiplicação e consolidação de Unidades de Conservação (Ucs); Projetos de Gestão Ambiental Integrada (PGAIs) nos estados; Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos (PDAS); Capacitação de quadros do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE).

Fonte: BECKER, 2004, p.30.

O norteamento que propõe este quadro (1) elaborado por Becker (2004) contribui para se perceber as mudanças e as transformações ocorridas nas diversas regiões e sub-regiões da Amazônia. No quadro em questão, pode-se ver na quarta linha, da terceira coluna “novas realidades”: “Diversificação da estrutura social; formação de novas sociedades locais – sub-

regiões; conscientização – aprendizado político; organização das demandas em projetos alternativos com alianças/parceiros externos; despertar da região/conquistas da cidadania”. Estas informações e variáveis sociais apresentadas têm uma correlação com as transformações sócio espaciais também na região sul do Pará.

Exatamente todo este processo remete à discussão sobre a divisão de território e vem sendo traçado na plataforma dos discursos e diretrizes para a criação do Estado de Carajás (de uma forma não muito clara, organizada ou planejada), o que se deu mais no campo dos interesses imediatos para que se acelerasse os primeiros passos da proposta da divisão territorial, concretizando-se no plebiscito de dezembro de 2011.

A proposta de criação do Estado de Carajás apresenta um leque de argumentos para a sua efetivação, como já sabemos, que vai desde a imensidão territorial, isolamento e abandono político e administrativo das populações dos núcleos urbanos que foram surgindo ao longo dos cursos de rios e principalmente das rodovias e estradas. Uma região mista, rica em diversidade cultural pelo fato destas populações serem advindas de muitos lugares do Brasil, trazendo consigo uma enorme bagagem de experiências em função de suas trajetórias anteriores. O Sul do Pará é representado como uma região que se constituiu com inúmeros núcleos urbanos com um contingente populacional significativo gerando cidades desestruturadas e desassistidas.

Quando se discute e se defende a divisão territorial uma das questões que se coloca também, como aponta Célio Costa (2011), é que a “questão demográfica é uma das causas e consequências das incongruências da geopolítica nacional em um cenário que, de um lado, apresenta áreas de aglomeração humana e, de outro, territórios pontilhados por “desertos” de pessoas” (COSTA, 2011, p. 13). É interessante ressaltar que se apresenta muitas vezes a defesa de divisão territorial do Pará, comparando-a com outra divisão efetivada há poucas décadas: a do estado de Goiás. Repete-se muito no argumento das pessoas entrevistadas que pode dar certo e melhorar a região, fazendo a correlação com o que foi a criação do Estado de Tocantins, mas percebe-se que existem muitas diferenças na forma de como sucedeu-se todo esse processo.

No que tange à questão territorial e à ocupação demográfica, o projeto tocantinense realçava em sua proposta o fato de ser um estado com enormes vazios demográficos, com isolamentos e o abandono que sofria a população pelo distanciamento da região norte de Goiás em relação à capital Goiânia e à capital federal Brasília. Tal isolamento se traduzia em atraso para a região. Estudos mostram e analisam tal contexto àquela época, pois a referida região era tida como “deserto”, chamada de “sertão”. Traz-se para melhor compreensão deste

contexto o estudo de Jocyléia Santana dos Santos, que desenvolveu sua tese de doutorado sobre *Imagens no Sertão: televisão*, em que aprofunda sobre o caso do isolamento daquela população. A autora afirma:

O sertão envergonhava o sul de Goiás. Era o atraso, uma sociedade incômoda. Uma imensidão vazia de terra. Um lugar que se movia em ritmo vagaroso, em total descompasso com as capitais, Goiânia e Brasília. A única abundância era carne e leite, no mais a simplicidade e o ascetismo (SANTOS, 2005, p. 4).

Ampliando esse entendimento, Candice Vidal e Souza, em seus estudos sobre *Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado*, assinala que:

O sertão como recurso organizador do pensamento social, seria a primeira entrada de questionamento para uma pesquisa sobre processos de desenvolvimento no Centro-Oeste. Assim, ficava claro que uma etnografia do sertão deveria anteceder uma etnografia no sertão. Afinal, a nação foi e está sendo pensada em outras formas de expressão cultural, além das ideologias estritas produzidas por agentes vinculados ao Estado (SOUZA, 1998, p. 56).

As associações ao “deserto”, ao “sertão”, à ideia de vazio estão presentes no argumento para a criação do estado do Tocantins mas não aparecem no discurso de defesa da proposta da criação do estado de Carajás. No caso da região sul e sudeste do Pará, ao contrário, ressalta-se o papel dos núcleos urbanos com forte contingente populacional, constituídos pelo forte fluxo migratório, o que causou aceleração demográfica e desestruturação urbana em toda região. Sendo que o Estado não consegue assistir a população com a atenção mínima, tornando-se ausente e negligente nesse processo, o que legitimaria a principal pauta para a proposta de divisão territorial. As defesas em relação ao aspecto do distanciamento geográfico que provoca o referido isolamento à capital e à administração política podem ser identificadas tanto na criação do estado do Tocantins quanto na argumentação para a criação do estado de Carajás e para a divisão territorial do Pará como um todo. Sobre os aspectos culturais e a formação das identidades regionais, ficam claras as diferenças entre o modo de ver a cultura e a formação da identidade da população da região sul e sudeste, de um lado, e da região norte do Pará, por outro lado. É reproduzido o discurso, por parte da ideologia contrária à divisão do Pará, de não aceitação da cultura, advinda de uma gama de diferenças, que caracteriza a região sul e sudeste do Pará.

Pere Petit apresenta as perspectivas dos diversos grupos e setores a favor ou contra a referida divisão territorial. Nesse sentido, Petit afirma:

É nessa perspectiva que podemos tentar compreender os discursos dos setores que defendem a criação do Estado de Carajás e do Estado do Tapajós e dos que se opõem a ambas as propostas. Todos eles tentando sustentar seus argumentos com base em pressupostos culturalistas, demográficos e, sobretudo, econômicos, políticos e administrativos ou todos eles juntos (PETIT, 2003, p. 229).

Petit também assinala diversos argumentos usados por lideranças políticas. Cita por exemplo Giovanni Queiroz, deputado federal (PDT) que sempre esteve à frente da proposta da divisão territorial do Pará. Segundo o autor, na defesa da proposta do Estado de Carajás o deputado Giovanni Queiroz embasa seu discurso da seguinte forma: “nossa região é praticamente marginalizada dentro do Pará e não tem nenhuma identidade cultural, política ou econômica com o resto do estado” (PETIT, 2003, p.299). Este discurso é predominante na plataforma de defesa dos setores que estão à frente da campanha. É interessante notar que é esta a fala reproduzida pela população quando se refere à criação do novo estado: abandono, marginalidade, isolamento, falta de investimentos, população sem identidade cultural própria.

O argumento do deputado federal Giovanni Queiroz de que essa região “não tem nenhuma identidade cultural, política e econômica com o restante do Pará”, carece de uma análise mais cuidadosa e precisa. Talvez esse discurso se alimente da dificuldade de compreensão da formação da identidade cultural, política e o sentimento de pertencimento à cidade e à região. Numa hipótese de que a criação do estado de Carajás garantisse a identidade cultural das pessoas e do lugar, tornando os habitantes dessa região “carajaenses”, é necessário considerar que mesmo antes que isso viesse a se concretizar há aqui uma população que já possui uma identidade em desenvolvimento e em construção. Então o discurso de que esta região “não tem identidade cultural” precisa ser revisto e não pode servir de base para justificar a criação do novo estado proposto. Essa análise remete mais uma vez à reflexão de Candice Vidal e Souza, na qual afirma sobre a criação do estado do Tocantins:

tornar-se tocaninense teve como referencial básico o contexto de formação do Estado, que se acompanhou de ideologias desenvolvimentistas divulgadas junto ao processo de formação de identidades. Neste caso, as elites tinham uma participação intensiva no controle dos aparelhos “discursivos” do Estado e destinação de verbas para a mídia local (SOUZA, 1995, p.49).

Uma marca dessa região são os fluxos migratórios que provocaram as diferenças de identidades em função de pessoas advindas de muitos estados brasileiros, caracterizada por outros trajetos, apostando toda uma vida aqui em Xinguara, ajudando em sua construção; criaram vínculos, fincaram-se nesse chão e vêm construindo sua identidade social e política, caracterizada ao mesmo tempo pelas diferenças e misturas de identidades culturais. Esse

discurso de que a região sul do Pará não tem uma identidade cultural própria foi muito repetido na campanha a favor é destoante da tese que defendo de que há sim uma identidade de culturas misturadas. Ocorre a consolidação de uma região de fronteiras que vem recebendo pessoas de muitos lugares, que desbravaram e ainda investem nesta região cuja riqueza cultural advém das “identidades misturadas”.

Daí “O critério de regionalidade deve pois abarcar tudo aquilo que traz a marca do *regional* como uma forma do particular. [...] a regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional” (POZENATO, 1974, p. 20). Dessa maneira, fica clara a dimensão de análise que o conceito de regionalidade permite, ao indicar as marcas de uma região, contrariamente à visão reducionista, implicada no termo regionalismo, o que ainda exigirá um maior e cuidadoso aprofundamento com estudos posteriores para evitar cair no vazio, devido a sua complexidade e a escassez de informações.

O que se tem presente é que este discurso político em defesa da criação pró-Carajás é efêmero, sendo ativado só no período da campanha. O discurso de maior peso na defesa da criação do Estado de Carajás está mais ligado ao âmbito político administrativo e principalmente econômico. Recorrendo mais uma vez aos estudos de Petit, nos quais o autor esclarece:

Em geral, os principais argumentos utilizados pelos ideólogos do discurso separatista baseiam-se nas vantagens socioeconômicas e administrativas que os habitantes dos novos estados obteriam com as novas estruturas político-administrativas. Enfatizam-se as extraordinárias dificuldades que tem o governo paraense de dar conta, a partir de Belém, de seu imenso território e, sobretudo, a possibilidade de reverter para os municípios dessas regiões os impostos arrecadados pelas atividades econômicas neles desenvolvidas (sobretudo dos grandes projetos mineiros de Carajás e, no Baixo Amazonas, da extração e beneficiamento da bauxita). Pondo fim ao que eles consideram desigual e, portanto, injusta distribuição das verbas do Estado do Pará entre suas diferentes regiões (PETIT, 2003, p. 302).

Sabe-se que os aspectos econômicos foram propulsores do desenvolvimento e da aceleração da urbanização da região; por outro lado, a estagnação, a alternância e até mesmo a decadência desses ciclos provocaram a estagnação de muitas cidades. Com o tempo, outras frentes de exploração e investimentos foram surgindo na região como um todo; o que vem ocorrendo é uma disparidade na forma de apropriação e principalmente de administração desses recursos, resultando conseqüentemente em tantas diferenças socioeconômicas e em divergências políticas e ideológicas no campo da condução da governabilidade e dos investimentos, as quais aparecem nos argumentos de defesa da divisão do estado. Como observa Pere Petit, o “discurso separatista baseiam-se nas vantagens socioeconômicas e

administrativas que os habitantes dos novos estados obteriam com as novas estruturas político-administrativas” (PETIT,2003, p.302).

Com relação ao enfraquecimento de tantas cidades sulparaenses, pode-se afirmar a partir de Becker (2013), que “não houve pois condições nem de acessibilidade, nem de recursos econômicos e políticos para que as cidades pudessem se consolidar e crescer, e muito menos para que organizassem estruturas regionais” (BECKER, 2013, p.11). Fatores estes que contribuíram e ainda sinalizam para um refluxo do desenvolvimento de muitas cidades, em função especificamente da debilidade dos ciclos econômicos em muitos lugares, ou mesmo da sucessão de outros ciclos econômicos que gradativamente foram desaparecendo dando lugar a outras atividades econômicas, como é o caso do fim da exploração da madeira, fechamento de garimpos, mas que foram substituídos na região sul do Pará pela agropecuária e pela exploração mineral, sendo esses alguns dos fatores que geraram uma população flutuante em uma região de fronteira.

Referentes aos aspectos culturais que venho apresentando, pode-se afirmar que são inúmeros os fatores que vêm contribuindo para a formação das diferentes identidades em toda região, tanto as fases econômicas porque passaram as cidades sulparaenses como a própria caracterização dos fluxos migratórios advindos dos diversos estados brasileiros, confirmando esta marca das “identidades misturadas”, algo que difere completamente da formação cultural da região que envolve Belém, a capital do estado. Pode-se notar aspectos que *grosso modo* podem parecer simples, mas que resultam em fortes diferenças, tais como: a linguagem regionalizada, o sotaque, os hábitos alimentares, o modo de vida, tanto nas regiões sul e sudeste do Pará, como na região norte, que inclui Belém e a região metropolitana.

Tratando-se de diferenças que se estabelecem sobre regionalidade, correlaciona-se às ideias de Pierre Bourdieu (2000), sobre “A identidade e a representação de – elementos para uma reflexão crítica sobre ideia de região”. O autor expressa que:

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios “objectivos de identidade “regional” ou “étnica”, não deve fazer esquecerque, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer de actos de percepção e de apreciação de conhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos e, ou de representações objectais em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc) em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que tem em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 2000, p. 112).

A mobilização pelo projeto de divisão do estado, na busca de garantir esta autonomia, fortaleceu-se na integração da região sul e sudeste do Pará, região que é aclamada no discurso

das representações políticas como uma região abandonada, isolada geográfica e politicamente. Bertha Becker faz menção em sua análise sobre atribuição de privilégios políticos a certos núcleos e áreas, o que para a autora tem sido uma outra faceta da estratégia constante do Estado. Para reforçar ainda mais este aspecto, a autora reafirma: “Aliás a posição da capital estadual é um privilégio ansiado por todos os núcleos. É o caso recente da mobilização de Santarém para a criação de um novo estado do qual seria a capital” (BECKER, 2013, p.43). A referência feita pela autora sobre Santarém (com a proposta da criação do estado de Tapajós) sem dúvida contempla também a proposta da criação do Estado de Carajás, que estão ligados com os mesmos objetivos para a região sul e sudeste do Pará.

São estes os elementos para os quais atentei neste estudo e que busquei compreender junto aos entrevistados: os “pioneiros”, os que chegaram mais recentemente em Xinguara e os mais jovens. Busquei nas falas mais significativas destes dados para compreender a formação da cidade e da região, não só em seus aspectos físicos e estruturais, mas sobretudo nos diversos modos de vida dos migrantes e dos que nasceram em Xinguara (os filhos do lugar), suas formas de viver e sobreviver na cidade (seja a vida urbana e rural) e nesta vasta região sul do Pará. Dediquei-me a olhar atentamente e questionar se os habitantes xinguarenses sentem-se pertencentes à cidade. Se gostam de morar aqui? O que poderia ser feito para tornar este espaço urbano um lugar ainda melhor para se viver? A partir de suas respostas busquei desvendar se há uma politização da identidade da população que defende seu *locus*.

Nesse sentido, percebi que nos diversos discursos um desejo da (re) construção e confirmação no que se refere à politização dessa identidade das pessoas e do lugar da região sulparaense, que a luta pela divisão territorial levou diversos grupos sociais e forças políticas a se unirem e defenderem um discurso de pertencimento à região, defendendo sua autonomia em relação ao norte paraense. Através das leituras que busquei fazer ficou claro que há um estigma, tanto no discurso quanto nas atitudes, em relação aos moradores do Sul do Pará, que são vistos e apontados como “forasteiros”, “invasores”, pessoas que não nasceram no Pará, que “vieram só para explorar ou ganhar dinheiro e investir em outros lugares”. Discursos e falas que estiveram presentes quando da campanha pela criação do Estado de Carajás.

Finalmente, busquei aprofundar na pesquisa como a população, as instituições e todos os segmentos sociais têm feito para afirmar a identidade da região; como esses elementos identitários vêm sendo expressos na fala das pessoas durante a campanha, veiculada na imprensa e nas redes sociais da região, expressa na forma de vontade de independência, de autonomia. Resta investigar como a proposta de criação do Estado de Carajás influencia e se viria de fato concretizar esse sentimento de pertencimento.

Este estudo me levou a mergulhar em pesquisas diversas para extrair informações sobre a temática referente à divisão territorial do Pará, ocorrida em 2011, para situá-la e compreendê-la melhor no campo das discussões que ocorreram de fato no auge da campanha para a referida divisão. Ao meu ver, tais discussões ainda se resumem aos bastidores dos que encabeçam tal movimento e dos grupos de interesse, pois captei nas entrevistas que as pessoas possuem poucas informações sobre o tema. Dispus-me a fazer este estudo com uma certa cautela, devido à sua complexidade e para evitar certos devaneios a exemplo de muitas leituras que fiz, baseados em visões muito regionalistas, com sentimentos e interesses próprios e, em dados momentos, visões estritamente bairristas sobre a divisão do estado.

4.2 Os grupos sociais e políticos envolvidos na luta pela criação do novo Estado

Figura 25 – Ato de lançamento da Frente Parlamentar Pró-Carajás e Tapajós.



Fonte: Blog Carajás, 2011

O texto abaixo descreve o ato de lançamento da campanha Pró-Carajás e Tapajós, o pontapé inicial da campanha que reuniu lideranças das regiões interessadas na divisão do estado. O Evento contou com as representações políticas das respectivas regiões e presença do O publicitário Duda Mendonça que também participou, ele que foi responsável pela produção do *design* e *marketing* da campanha pró Carajás e pró Tapajós.

Líderes políticos das duas regiões que buscam a emancipação participaram do evento. O publicitário Duda Mendonça também participou. Lançada, na tarde de ontem, na Câmara Municipal de Santarém, no Oeste do Pará, a frente parlamentar favorável à criação dos estados do Tapajós e do Carajás. Foi um evento muito concorrido, com a presença de expressiva delegação das regiões sul e sudeste do Estado e de municípios do oeste paraense. Foi o segundo evento de lançamento da frente no mesmo dia: o primeiro aconteceu de manhã, em Belém, e terceiro na cidade de Marabá, à noite. Momento alto do evento foi a intervenção do publicitário Duda Mendonça e a apresentação do jingle da campanha. Bem ritmado e com letra que fala em união, desenvolvimento, o jingle associa a emancipação política das duas regiões e a criação dos dois novos estados à família, especificamente aos filhos que, quando crescem, deixam seus pais para construir suas vidas, novas famílias, mas sem perder seus vínculos. Fazendo uma comparação com a globalização, Duda argumentou que, hoje, as fronteiras são apenas aparentes, que elas servem para delimitar limites territoriais, mas não impedem as relações entre as pessoas, entre os estados. Ele afirmou que a criação dos novos estados será boa para todos, inclusive ao novo Pará. O discurso geral conclamou todos para a campanha unificada dos dois movimentos, mas essa não é uma mensagem que unifique os próprios comandantes da campanha do Tapajós. Mas essa é uma discussão que ainda está em curso. Postado por MARCELO PARCERINHO às 10:47

Fonte: Marcelo Parceirinho, 2011

Pelas divulgações nos sites, blogs, nos jornais e a veiculações na mídia em geral, nota-se que houve uma mobilização de grupos que compuseram os comitês Pró-Carajás e Pró-Tapajós. É perceptível que se colocou em pauta todo um discurso objetivando defender o processo de desmembramento do estado com a proposta da criação do Estado de Carajás durante a mobilização de grupos políticos, de empresários, de variadas representações sociais.

Entre as perspectivas que se apontaram na plataforma e no discurso das lideranças, dos grupos empresariais, dos populares e até mesmo da mídia da região, afirmou-se que a criação de um novo estado seria a forma de garantir a autonomia do sul e sudeste do Pará, no sentido de redefinir uma política de melhor descentralização, de fortalecimento da região, mudando a situação de isolamento e abandono em que se encontra especificamente a região sul do Pará. Isolamento, abandono político e governamental foram elementos-chaves nos discursos políticos em defesa da criação do estado de Carajás e que são repetidos nas falas e narrativas das pessoas do lugar.

Correlacionei as opiniões dos entrevistados, quando se expressam sobre a proposta da criação do estado de Carajás, com o referencial teórico que venho conseguindo reunir e, principalmente, com as informações e discursos colhidos em blogs, sites, jornais, panfletos etc. Pude perceber que a população não está munida de informações, não tem uma

argumentação clara sobre o desejo dessa divisão. Tem em mente que a divisão é importante porque é necessário um governo mais próximo, mais atencioso à região. Talvez isso fosse o suficiente para ter garantido a vitória do sim à criação do estado de Carajás, mas não foi e não é tão simples assim.

Esperava-se que a proposta de separação deveria expressar através dos grupos sociais diversos motivos que fizessem com que esses grupos se unissem e defendessem, no discurso e na prática (consciente ou inconscientemente), o sentimento de pertencimento à região, construindo assim um planejamento visando pensar o todo, a possibilidade de crescimento não só econômico, mas que afirmasse a identidade da região, o sentimento de “pertencimento dos misturados”, habitantes que vieram de todos os lugares do Brasil. Embora fique explícito que há interesses diversos nesse processo, são muitos os grupos de interesse à frente que mobilizam-se em busca de garantir espaço frente ao movimento.

O economista Rogério Baueri aponta elementos importantes nesse sentido:

No entanto, podem existir razões menos nobres, de maior ou menor legitimidade por trás das proposições de criação destes estados. Dentre elas a criação de inúmeros novos cargos eletivos e de confiança que permitiriam uma diluição da concorrência política por posições públicas. O domínio político de áreas potencialmente geradoras de tributos também pode ser uma das razões motivadoras dessas proposições. A região que formaria o Estado do Carajás é rica em minerais e já conta com uma grande operação da Vale. A usina de Belo Monte, a ser construída nos próximos anos, será localizada em Vitória do Xingu, município que integraria o estado do Tapajós. Dificilmente o orçamento monumental dessa operação terá passado despercebido. Contudo, a principal motivação para as proposições parece ser a inevitabilidade de aplicação de recursos federais nas regiões após o surgimento dos novos estados. Seja para construir a infraestrutura física, seja para saldar o déficit que, como foi visto acima, será a partir da criação das novas unidades federativas. Parece impossível que não haja aplicação adicional de fundos da União na hipótese de concretização da divisão (BAUERI, 2011, p. 4).

O grande debate posto na mídia recorre sempre ao mesmo argumento expresso aqui por Baueri em seu artigo: o fato de o poder estatal e os grupos políticos e econômicos estarem preocupados na subtração do potencial que oferecem as respectivas regiões pelas quais passaram pelo processo de decisão e divisão territorial. Por outro lado, tal mobilização não existiu sem razões escusas, evidentemente com interesses predominantes de cunho econômico e político, que movem os grupos políticos a encamparem o movimento pró-Carajás, convocando toda a sociedade do sul e sudeste paraense a somar-se nesta luta para garantir sua autonomia tão defendida na campanha. Segundo afirma Baueri, “tal ideia é facilmente vendida para a população local, geralmente carente de serviços públicos. A perspectiva de atração de novos recursos, inclusive federais, traz uma esperança de que setores como saúde e educação possam ter melhorias significativas”(BAUERI, 2011, p. 6).

A reportagem abaixo descreve a participação da população do sul do Pará, que foi levada para as ruas motivada pelo discurso da campanha pró-Carajás na afirmação favorável à criação dos novos estados, especificamente da criação de Carajás

“O chão do sul do Pará tremeu terça feira (13), e as ruas de Redenção tornaram se em um mar de carros, motos e pessoas com nessa gigantesca carreata que marcou o lançamento oficial da campanha em favor da criação do Estado do Carajás, na região do sul do Pará” foi assim que o economista Célio Costa, definiu a grande carreata realizada na tarde de ontem terça feira (13), em Redenção. A cidade parou, e o comércio local fechou as portas, onde patrões e funcionários, se uniram na maior carreata já realizada na região. Segundo os organizadores do histórico evento político, mais de 15 mil veículos entre carros e motos, participaram da grande festa popular que mobilizou toda a sociedade de Redenção e também de outros municípios que integram a região extremo do sul do Pará. Calcula-se que cerca de trinta mil pessoas, foram as ruas para declarar que são favoráveis a redivisão do Estado do Pará. Com bandeiras do SIM, usando camisetas com slogan da campanha e, com rostos pintados de verde amarelo, a população de Redenção, demonstrou que está firme na decisão de votar no dia 11 de dezembro na Criação dos Estados de Tapajós e Carajás. A carreata formada por moradores de Redenção e outros municípios vizinhos, percorreu as principais ruas e avenidas da cidade. A maior festa popular já realizada em Redenção, partiu das proximidades do Aeroporto Municipal, passou por diversos bairros da cidade e finalizou no Espaço Cultural, onde aconteceu o grande Comício, que deu início a campanha pelo voto do SIM. Aqueles que não puderam participaram da carreata, levaram o apoio a manifestação, assinalando positivamente das calçadas, das janelas e das portas de suas casas.

Jornal: Diário do Pará, 16/11/2011.

Fonte: Jornal Diário do Pará, em 16/11/2011 (www.diarioonline.com.br).

A movimentação como a que está expressa nesta reportagem do Jornal Diário do Pará evidencia o que ocorreu em vários outros municípios da região sul e sudeste do Pará. Motivação e vontade de somar ao movimento pró-Carajás não faltou por parte da população quando convocada para engrossar as manifestações a favor.

Figura 26 – Manifestações pró-Carajás



Fontes: Manancial Carajás, OtavioAraújo 2014.

Disposição e união entre os grupos políticos que frequentam palanques diferenciados e até de oposição também se fortaleceram nesta unidade, indo juntos para o campo de lutas que se propuseram para esta bandeira levantada para a criação dos novos estados.

Há controvérsias sobre a proposta da divisão do estado. Um exemplo é a análise feita por Márcio Zontade, de Marabá (PA), em agosto de 2011 no artigo “A quem interessa a criação do estado de Carajás”. O jornalista apresenta seu ponto de vista e chama a atenção para as seguintes questões:

Falando em mineração, a principal transnacional da região, a Vale, isenta-se de qualquer debate sobre o assunto, e por e-mail apenas respondeu a reportagem: “Não temos comentários sobre este assunto”. Mas Barbosa alerta, “pode ser que seja mais fácil para a empresa realizar negociações com um estado iniciante e necessitando de recursos do que com uma máquina administrativa estabelecida e que apresenta seus interesses específicos já bem definidos”. Mas nem só a Vale poderá ser beneficiada com o surgimento de duas novas federações. O grupo Santa Bárbara, do banqueiro Daniel Dantas, seria um dos principais interessados, sobretudo, na criação de Carajás. Segundo relata o diretor regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Jandir Merla, Marabá seria uma capital provisória e a capital definitiva seria construída entre os municípios de Eldorado dos Carajás, Xinguara, Sapucaia e Rio Maria. “É justamente nessa faixa do estado paraense que Dantas mais comprou terras nos últimos tempos, vejo o gado como fachada, pretexto. Para mim, o grupo de Dantas por ser muito forte teve informações privilegiadas e sabia que a nova capital de Carajás poderia ser construída naquela região”, diz (Márcio Zontade, Marabá (PA), em agosto de 2011 – site FGVces).

Figura 27 – Parlamentares, grupos sociais e líderes políticos, criação do novo Estado



Fonte: AntonioCruz, 2011

Entre as opiniões recolhidas sobre o tema, encontra-se nas ideias do autor Hélio Costa (2011) uma importante reflexão:

[...] o estudo de caso propõe os fundamentos que sustentam a tese da criação do Estado de Carajás, a par de sugerir o recorte geopolítico da Amazônia brasileira considerando, especialmente, o desmembramento do Pará. Isto na perspectiva de que a autonomia político-administrativa do sudeste paraense representará um passo importante da redução das lacunas de Estado naquele subcontinente. Há de se lançar luz sobre esta temática que não deve ser obscurecida por questões nativistas ou regionalistas (COSTA, 2011, p. 9).

Um passo importante neste contexto seria o de compreender o sentido e a importância do plebiscito que trouxe elementos contundentes para a nossa reflexão. Primeiramente é bom ter clareza da própria natureza de um plebiscito dentro de um processo histórico. De acordo com o TSE, o plebiscito do Pará foi a segunda consulta pública desse tipo realizada no país. Antes, houve o plebiscito nacional de 1993, para escolher entre monarquia ou república e entre parlamentarismo ou presidencialismo.

Ocorreram, também, dois referendos, sendo um em 1963, a respeito da continuidade ou não do parlamentarismo no país, e outro em 2005, sobre a comercialização de armas de fogo e munições. Um diferencial do plebiscito ocorrido no Pará é que usualmente é tratado como uma consulta única; esse caso envolveu duas indagações submetidas à população: uma a respeito da possibilidade de divisão do estado para a criação de Tapajós e outra para constituição de Carajás. As duas questões resultaram em propostas e debates distintos com origens, motivações e interesses diversos, mas ambas pesam em seus interesses as questões econômicas, cada uma com sua peculiaridade.

Evidenciou-se que os discursos e interesses nas entrelinhas da proposta da divisão territorial em questão são diversificados e díspares, sublinhando que não apresentam o mesmo significado no tempo e no espaço. Esclarecendo melhor pode-se perceber que houveram argumentos e debates sobre a emergência de voltar as atenções para as necessidades regionais esquecidas pelas ações do poder público, com uma total falta de governança, além de razões explicitamente culturais, políticas e geográficas. Nos discursos dos atores políticos e agentes interessados na divisão territorial é possível identificar tais discursos que convergem na formação de uma posição política, favorável ou contrária ao projeto de criação desses novos estados. Unindo-se as narrativas dos entrevistados que representam a população à leitura e ao discurso da mídia estadual, regional e local, foi possível perceber e identificar os principais discursos tanto favoráveis quanto contrários à divisão do estado do Pará.

Em fontes do site “Carta Maior” encontra-se uma análise interessante acerca das diversas visões apresentadas tanto sobre as controvérsias de opiniões e discursos sobre a divisão, quanto sobre a questão da percepção econômica.

O Site Carta Maior apresentou a visão e análise do sociólogo Raimundo Gomes (ligado ao Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (Cepasp), de Marabá), o qual critica o reducionismo do debate à questão desenvolvimentista do PIB: “crescimento econômico não pode ser o único parâmetro”. Para ele, o importante é detectar quem irá se beneficiar da reconfiguração do poder. “E não será o povo”, garante.

Diz ainda que Marabá, candidata a capital do novo estado, é o município de porte médio mais violento do país, devido ao modelo de ocupação extremamente predatório. Segundo Raimundo Gomes, na região, nos últimos 30 anos, foram mais de 600 trabalhadores assassinados a mando de latifundiários. Em 2010, foram 18 assassinados, 36 conflitos envolvendo 3.099 famílias e 1.522 trabalhadores resgatados de trabalho escravo, conforme dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT). “Criaremos um estado para ser dominado por estes assassinos?”, questiona.

4.3 Análise da campanha pela autonomia da região sul do Pará: discursos sobre lugares e modos de viver

A grande questão que se coloca nesta luta para a efetivação da divisão territorial do Pará é que não aparece em pauta uma redefinição de uma política que valorize a totalidade dos bens e serviços de qualidade para a população. As informações apresentadas não pretendem menosprezar os anseios das populações locais por melhores serviços públicos e qualidade de vida, ao contrário, são estas falas, esses desabafos dos habitantes que expressam o desejo de ter um lugar melhor para se viver é que deveriam nortear a plataforma das diretrizes da política regional. É obvio que a partir de suas falas e narrativas se evidencia que muitos dos habitantes dessas regiões se sentem negligenciados pelo governo estadual e, na maioria dos casos, expressam e reafirmam estarem com a razão. O fato de o Pará ter um amplo território faz com que a distância entre Belém e os rincões mais longínquos muitas vezes seja um obstáculo para a boa governança necessária ao desenvolvimento local, o que é perceptível pela afirmações dos moradores de que há um processo de descuido e descaso governamental que é nítido na região sul do Pará.

Pelo que está posto nessa luta pela autonomia da região sul do Pará, é inegável que governos mais próximos da população seriam mais responsabilizáveis e que as regiões seriam beneficiadas pela criação dos respectivos estados. Os discursos sobre o lugar e a defesa de um sentimento de pertencimento se manifestam, direta ou indiretamente, captei nas pesquisas e

entrevistas na fala da população mais jovem, por exemplo quando afirma gostar de Xinguara, que aqui é o seu lugar.

Gosto de Xinguara sim, eu nasci aqui, vi Xinguara crescer mais e melhorar nos últimos anos. O que precisa aqui é de políticos que melhorem mais nossa cidade. Que tragam principalmente mais faculdades para que a gente não tenha que ir embora. Que venha empresas para gerar mais empregos. Muitos da minha idade terminam o ensino médio e vão embora porque precisa estudar e maioria sonha em terminar e voltar para cá, para a nossa cidade natal (aluno, 16 anos, Escola D. Pedro II).

O problema de Xinguara é porque é uma cidade muito abandonada pelos políticos. Principalmente pelo governo do estado que nem investe aqui. Por isso nós somos a favor do Carajás. Nós jovens a maioria de nossa idade nasceu aqui. Eu gosto muito daqui, não queria ter que embora estudar. Os políticos deve lutar para que aqui se torne mais forte que investisse mais aqui em nossas riquezas. Falta políticos para melhor administrar isso. Os “caras” vem lá de Belém, pede voto, aí só volta aqui de quatro em quatro anos (aluno de ensino médio, 21 anos, Escola Anexo Raimundo Henrique de Miranda).

Aqui é muito bom para se viver. Só é uma cidade abandonada, desorganizada, sei que já vem melhorando muito. Eu acredito que o estado de Carajás transformaria Xinguara num polo, pois aqui tem muita fartura e condição de oferecer a população uma vida melhor. Nós é que temos que saber escolher nossos representantes políticos que pense e faça assim. Sobre Carajás, sei muito pouco, mas comparando com Tocantins, a gente sabe que melhorou muito, se aqui tem riquezas, mais recursos, com certeza esta região iria melhorar cem por cento (aluna, 17 anos, ensino médio, Escola Dom Luiz Palha).

Xinguara é minha cidade. Nasci aqui, gosto muito daqui. Eu acho ruim ter que terminar o ensino médio e ir embora ano que vem. Se aqui tivesse Universidade e vários cursos eu não iria embora. Quero ir, me formar e voltar para cá. Não vejo políticos preocupados para melhorar esse lado. Sonho com minha cidade melhor sim (aluno, 16 anos, Escola Carlos Drummond de Andrade – CCDA).

Deparei-me com um trabalho que achei de grande valia para aprofundar sobre esta questão dos discursos contrários que expressam a tamanha politização das diferenças e identidades na defesa ou não da divisão do estado do Pará. O referido trabalho, desenvolvido por Ricardo Fabrino Mendonça e Danila Cal (2012), cujo o “intuito é analisar as discussões sobre a legitimidade de expressão em arenas informais de participação política. Parte significativa do debate em torno do plebiscito calcou-se em reivindicações e contestações da legitimidade dos falantes”(CAL e MENDONÇA, 2012, p. 2). Segundo os autores, pelo potencial de visibilidade, de multiplicação e de rapidez da internet, essas questões ganharam projeção e repercussão principalmente no *Twitter* e no *Facebook*.

Mas foi exatamente nessas falas que ficaram evidentes as diferenças de interesses e um aspecto mais preocupante, o bairrismo, o discurso de preconceito de quem é quem nesse processo de divisão territorial e quem pertence a qual lugar. No estudo do artigo de Mendonça e Cal (2012) alguns dos *posts* que notei e trouxe para esta reflexão, apresenta-se a

posição contrária à criação do estado de Carajás nas falas dos habitantes da região de Belém, principalmente da juventude, maior público usuário das redes sociais.

No caso do plebiscito do Pará, a movimentação discursiva no *facebook* foi intensa desde que as consultas foram aprovadas pelo congresso. Foram marcantes, nesse processo, a criação de um evento, chamado *Marcha Contra a Divisão do Pará*, agendado para 1º de agosto de 2011, e o surgimento de diversos grupos *online*. Entre estes, destacaram-se o “Carajás e Tapajós Já”, com 12.600 membros, e o “Diga não à Divisão do Pará”, que agregou 19.400 pessoas e se tornou o maior grupo do *facebook* a respeito do tema. (...) Para além da justificativa numérica, selecionamos o grupo contrário à divisão por se tratar do espaço em que havia mais debate, sobretudo, em relação a quem poderia ou não falar sobre o plebiscito, assunto que nos interessa aqui. Relevante destacar, ainda, que, mesmo sendo um grupo contrário à divisão do Pará, houve algumas publicações favoráveis ao desmembramento do estado no grupo, o que acendeu discussões. Convém mencionar, por fim, que a *Frente do Não* criou toda uma estratégia de ocupação da Internet, vinculando-a a eventos presenciais (MENDONÇA e CAL, 2012, p. 6).

Mendonça e Cal (2012) sinalizaram que dentre os fatores acionados nos *posts* e comentários para justificar o direito à fala destacam-se que os mesmos tem que possuir “sangue ou alma” paraense e ter conhecimento do estado como um todo. Os autores esclarecem ainda que só estariam autorizados a falar apenas os *paraenses legítimos*, que conhecem a realidade local e não se deixam mover por interesses que não os do próprio estado. O *post* abaixo é exemplar a esse respeito:

essa campanha do SIM, só convence aos Sulistas, aos verdadeiros PARAENSES isso e só blá blá blá, EU DIGO NÃO E NÃO.... (sic) (Participante 3, 14/11/2011, grifos nossos).

O que eu acho mais absurdo, é que grande parte da população que mora para o lado de lá, que vieram para EXPLORAR nosso minério NÃO SÃO PARAENSES! Fácil dividir a "casa" dos outros né? #55 (sic) (Participante 4, 12/11/2011, grifos nossos).

DIVIDIR O PARÁ? SO PODERIA SER COISA DESSES "PARAENSES DE GOIÁIS"! TENHO PROFUNDA ADMIRAÇÃO PELOS QUE CHEGAM EM NOSSO ESTADO, TRABALHAM E CONQUISTAM UMA VIDA DIGNA, MAS NÃO PRECISAM SE APODERAR DE PARTE DE NOSSA TERRA E SE APROVEITAR DE NOSSA POPULAÇÃO! 55 NELES! (sic) (Participante 5, 17/11/2011)

São muito óbvias as falas contrárias à população sulparaense. Na afirmativa “paraense de verdade” é notória a ideia de preconceito e distinção de quem é quem, qual a identidade de importânciana questão territorial de quem pertence realmente ao Pará. Mendonça e Cal até reforçam que “o foco da discussão não está nos argumentos em si, mas a idoneidade dos falantes com base na ideia de que não aspirariam aos reais interesses do Pará”.

Os autores reforçam ainda mais que é “justamente esse aspecto que permite várias críticas públicas à expressão aos “forasteiros”, termo bastante utilizado no grupo” (MENDONÇA e CAL, 2012, p. 8). Estabelecimento claro de que o discurso é frequentemente enquadrado como um embate entre *forasteiros separatistas* e *paraenses de verdade*, sendo que apenas os últimos estariam preocupados com a integridade da sua terra. As pessoas da região sul e sudeste do Pará precisam ser chamadas para este debate, no sentido de compreenderem o sentido de pertencimento a seu lugar, lugar onde vivem e convivem, mesmo que sejam originárias de outro lugar e tenham passado por tantas outras trajetórias.

O blogueiro Flávio Chaves, publicou uma matéria de Rogério Almeida, jornalista e professor da Universidade da Amazônia (Unama), em que opina sobre a campanha pela divisão do estado. Almeida (2011) fundamenta que a campanha traz um discurso puramente emocional, sem embasamento técnico ou científico. “É um discurso frágil e desqualificado”, afirma (Almeida, 2011, p.4). As falas contestam a legitimidade daqueles que não são paraenses legítimos, julgando que estes querem apenas “explorar” o estado, apoderando-se de suas riquezas e aproveitando-se da população. “Forasteiro” não deveria, pois, expressar-se. Justamente por esse motivo alguns posicionamentos públicos de pessoas famosas foram ácidamente contestados (exemplo da atriz Dira Paes, a cantora Fafá de Belém, entre outros).

Encontrei certa dificuldade inicial de tratar sobre o tema da divisão territorial do Pará que culminou no plebiscito com a votação da população para dizer “sim” ou “não” à proposta de criação do estado com os moradores xinguaenses. As dificuldades são provenientes de algumas razões, tais como: escassez de fonte confiável e de material bibliográfico sobre o tema.

A maioria do material mais sistematizado que encontrei diz respeito mais à argumentação de defesa da não criação do estado de Carajás, o que mostra que ainda falta um empenho maior para o estudo e elaboração condizente com a temática, incluindo um debate que contemple as duas partes.

Há pouca informação sobre a divisão do estado do Pará, principalmente por parte da população. Nas entrevistas, inseri de forma indireta o tema sobre o estado de Carajás com várias pessoas. Tanto entre lideranças quanto entre populares as manifestações são favoráveis, embora não haja argumentos contundentes se a divisão seria a forma mais viável para resolver os problemas da região sul do Pará, principalmente as questões do isolamento e do descaso político dos representantes de Belém, que só olham para a região metropolitana, fala que é muito presente nas explicações dos entrevistados. A maioria das pessoas compara a questão

da divisão do estado do Tocantins que deu certo e que, conseqüentemente, pode dar certo aqui no sul e sudeste do Pará.

As diferenças na visão separatista do estado do Pará, expressas com o plebiscito para a divisão do estado, deixaram em evidência não só os diferentes pontos de vista, mas também marcou esta divergência na população residente no estado do Pará, ficando como uma espécie de divisor de águas: quem é do sul, quem é do oeste e quem é do norte do Pará. Estas distinções ficaram muito nítidas nos discursos das campanhas, nas redes sociais, nas mídias locais e estaduais, enfim. Definiu-se um clima de rivalidade e de competitividade durante a campanha entre o “porque sim” ou “porque não” para a divisão territorial do estado do Pará. Os dois recortes abaixo foram extraídos do “site Terra”, no artigo escrito por Gustavo Azevedo em 2011, que expressa claramente as diferentes reações nas partes envolvidas diretamente na campanha do “sim” e do “não”:

“Nas ruas da capital, Belém, a bandeira vermelha com a faixa branca e estrela azul no centro se fortifica, estampando adesivos contra a separação em carros e no tradicional mercado do Ver-o-Peso, em painéis próximos à Praça da República ou em camisetas de camelôs. Em Belém e na região metropolitana, que concentram cerca da metade do eleitorado paraense, praticamente ainda nada se vê da campanha pró separação. As discussões se concentram, por enquanto, em debates entre estudiosos, autoridades e nos gabinetes políticos. No interior do Estado, no entanto, o verde e o amarelo, cores escolhidas pelas lideranças para marcar as campanhas a favor da separação tomam conta das ruas. A mobilização se concentra principalmente em Santarém e Marabá, as prováveis futuras capitais de Tapajós e Carajás, respectivamente. Para torná-la mais forte, os separatistas dos dois territórios resolveram unir forças e montar uma campanha conjunta (Gustavo Azevedo, “Site Terra, 2011).

Figura 28 – A frase de campanha do “Não” foi bem emblemática



Fonte: blog Carajás 2011.

Analisar o que foi a luta das regiões oeste, sul e sudeste do Pará ao desencadearem seus movimentos separatistas, nos quais o discurso usado reivindicava o desmembramento das regiões em dois estados autônomos respectivamente, não é uma tarefa fácil. Este estudo dedicou-se a trazer diversos elementos para esta reflexão, bem como demonstrar como se manifestaram as ideias e aspirações que culminaram numa campanha intensa e tensa por parte

das regiões que definiram objetivos antagônicos na proposta de criação de dois novos estados, fato consolidado, como já se sabe no Plebiscito dia 11 de dezembro de 2011.

Dentre os pontos que remetem à defesa de criação do estado de Carajás, foco deste capítulo em estudo, colocam-se várias questões como já se elencou ao longo dessa análise. Reafirmo que ficou muito evidente que trata-se de um processo ainda fechado, restrito a grupos e a gabinetes e centralizado nos setores políticos, especificamente aqueles que almejam destaque maior, que possam desagarrarem-se do comando político de Belém. Acrescento nessa análise, mesmo que seja um elemento novo, mas que será imprescindível no fortalecimento da região sulparaense que é a implantação da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará (UNIFESPA) que já se concretizou no sul do Pará com *campi* em Santana do Araguaia, São Félix do Xingu e inclusive um campus em Xinguara, com turmas já em funcionamento e recentemente iniciada pelo governo federal as construções e as instalações que tem como definição a implantação de dois Institutos: Instituto de Humanidades e Formação Docente (com as graduações de Pedagogia, Geografia, Ciências Sociais, Filosofia e História) e Instituto de Produção e Saúde Animal (com as Graduações em Medicina Veterinária e Zootecnia), contemplando as necessidades e a vocação do município de Xinguara e toda a região.

Novos rumos, novos espaços e ampliação das discussões e diretrizes no âmbito da regionalidade poderá configurar-se e (re)desenhar e fortalecer o debate sobre a formação das “identidades misturadas” dessa região que precisam ser aprofundadas, fortalecidas e reconhecidas. Resgatando o sentimento e a valorização da identidade dos habitantes sulparaenses, sentimentos que se expressou nas próprias narrativas da população e que estas análises ainda permanecem no âmbito periférico de muitas discussões e poucas ações.

Há de se destacar dentro dessa reflexão que coloquei para fechar este capítulo, Xinguara tem uma frente de debates permanente e luta empenhada para a valorização da educação no município que tem colhido resultados importantes também no campo político. Essa frente é representada pelo Comitê Pró-Unifespa composta na maioria por professores e estudantes, grupo que existe desde o início do ano de 2001 (antes Comitê-Pró Universidade).

O reconhecimento desse grupo é importante nesse contexto e, é preciso ser dado o mérito ao governo de Davi José Passos, professor titular da UNIFESPA (antes UFPA) que desenvolveu uma gestão como prefeito em Xinguara por oito anos (2004-2011) eleito e reeleito, período em que deu maior apoio e abriu-se amplos debates envolvendo a população e fortaleceu o grupo que esteve frente à luta pela UNIFESPA. Essas discussões ainda se mantêm vivas e têm ganhado força com a concretização da universidade federal em Xinguara.

Contudo, evidentemente que não pode-se cair no vazio da argumentação em defesa da criação do estado de Carajás, simplesmente no fator geográfico, a distância da capital Belém que centraliza o poder político e administrativo, nem na questão da ausência do governo no atendimento às questões básicas e o descaso com a população, claro isso pesa nas discussões, mas deve somados nessa plataforma em defesa da região o reconhecimento do sentimento de pertencimento e os processos identitários. Como afirma Petit (2003): “A criação do estado de Carajás pretende também ser legitimada com base em critérios culturais ou de “identidade (PETIT, 2003, p. 306). Por isso, a questão da valorização da população enquanto “identidade misturada”, em decorrência de tantos fluxos migratórios advindo de muitos lugares.

Não há dúvidas que a população dessa região vem consolidando o seu sentimento de pertencimento cultural, identitário e político à região, só precisa avançar valendo-se da seriedade e magnitude da temática, incrementar e enriquecer esta análise com novos olhares, novas perspectivas subsidiando-se dos indicativos apontados nas narrativas, nas vivências acumuladas pelos habitantes sulparaenses. Estes estudos precisam ser ampliados e continuados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notas sobre identidades e movimentos/febres e durações.

Um dia me perguntaram minha naturalidade, respondi ao pé da letra o nome da minha cidade: sou de Posse de Goiás, da qual tenho saudade (...)
Como todos tem uma sorte e, por Deus tenho que cumprir, Eu deixei o meu estado, hoje vivo por aqui, eu vou viver para sempre, de voltar já desisti.
De voltar já desisti, a razão agora eu digo, aqui estão enterrados os que eu trouxe comigo, por isso pro meu estado voltar jamais consigo...
(Raimunda Alves de Oliveira, 65 anos, 2012, p.2 - Poeta, “pioneira” em Xinguara, moradora desde 1977).

Para desenvolver esta conclusão embasei-me no que tornou-se o eixo central deste trabalho que se refere à formação da cidade de Xinguara, sul do Pará. Buscando compreender, a partir dos fluxos migratórios, como foram sendo constituídas as sociabilidades, os modos de vida e os processos identitários das pessoas e do lugar. Muitos habitantes afirmam ter vindo para esta cidade movidos pelo desejo de mudança e de estabilidade, mas também apostaram na sorte, deixaram seus estados de origem e na maioria das situações vivenciaram trajetórias anteriores, chegando nessa região carregados de experiências, de sonhos e fixaram-se em Xinguara. Pessoas que construíram sua referência, sua base de apoio, na cidade; muitos seguem outros rumos pela região em busca de alcançar o que ainda não encontraram, movidos pela necessidade de ter uma vida melhor.

Este estudo que não trata simplesmente de ater-se e apropriar-se da vivência e do modo de vida das pessoas, na tentativa de somente aproximar-se da realidade construída pelos habitantes xinguarenses e apenas obter informações básicas, mas considero o desenvolvimento dessa produção acima de tudo a construção de um registro socioantropológico. Refere-se a um contingente demográfico que apropriou-se e construiu um espaço social. Somente entende isso quem sente e vive a cidade com grande intensidade. Italo Calvino, em sua obra “Cidades Invisíveis” (1999), destaca que “o espaço nada significa numa mera exterioridade, ele só existe em relação aos sujeitos que o significam”.

Assim, a cidade é aquilo que se consegue entender, ver, sentir. Encontramos na visão de Carmem Rodrigues (2008) que “a cidade é uma percepção parcial e fragmentária”. Segundo a autora, “é o local da multidão e da invisibilidade, mas espaço privilegiado de produção de identidades e um dos alvos dos estudos culturais”. Assim me apoiei no contexto de vida xinguarense, rico em informações, embora se apresentasse inicialmente como pedacinhos espalhados e fragmentados de muitas vivências, pareciam invisíveis à primeira

vista, mas num processo de aproximação, juntando cuidadosamente aqui e acolá retalhos, recortes e pedaços de tantas histórias ainda vivos nas memórias de muitas pessoas construindo, histórias e culturas herdadas, acumuladas e trazidas de lugares diferentes. No caso da construção de vida social de Xinguara acontece o **contrário** do que afirma Milton Santos (2006)

[...] certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a construir, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação (SANTOS, 2006, p. 222).

Realmente, não é o caso da cidade nem dos habitantes de Xinguara, principalmente no início de sua história, estranho seria se estivesse encontrado tudo desbravado, pronto, organizado, então seria pura e vigorosa alienação. Deparei-me neste estudo com tamanho privilégio que é este espaço social em plena construção de sua identidade cultural, porque encontram-se inteiramente ligados o espaço e os autores de suas próprias histórias.

Por isso, este estudo que tem suas bases teóricas voltadas com o olhar sociológico e antropológico procura ver de forma sensível aspectos que podem ter passado despercebidos ao longo da história de muita gente, mas carregados de muitos detalhes que consolidaram-se na construção das diversas sociabilidades que marcam a vida da população xinguarense contemporânea. Foram reunidas discussões teóricas intrinsecamente ligadas aos acontecimentos empíricos que animaram e motivaram as pesquisas e o ensejo de saber e escrever sobre a história e, acima de tudo, o desenrolar da vida social das pessoas e do lugar. As leituras, os referenciais teóricos e empíricos, as metodologias utilizadas para aproximação da realidade em estudo, em muito contribuíram para que este trabalho não se transformasse numa mera narrativa de ficção, mas que se aproximasse da vida cotidiana dos personagens contactados e motivados a contarem suas vivências e trajetórias, tornando-se partes integrantes do cenário real e verídico, cuidadosamente descrito, analisado e refletido neste estudo.

Sei que não foi possível alcançar todas as respostas esperadas às inquietações, ficando muitas coisas que se pretendia compreender sobre Xinguara no campo do provisório, não por falta de subsídios e informações a serem investigadas, pois se trata de um campo de pesquisa fértil a ser desvendado, quanto à sua formação, seu desenvolvimento, os fluxos migratórios do passado e do presente (porque é uma cidade que não só acolhe quem veio para ficar, mas ainda, o tempo todo, hospeda pessoas que chegam e/ou que passam todos os dias por aqui).

Uma cidade que chama a atenção, como já foi dito antes, primeiro pela sua posição geográfica privilegiada e estratégica e depois pela forma que se construíram as sociabilidades e os processos identitários que foram se constituindo ao longo do tempo e do espaço. Sobretudo, é um estudo inédito e o pontapé inicial para um processo que poderá gerar novos estudos e pesquisas, pois aqui reuniram-se muitos elementos para a continuidade e melhoramento de uma análise merecida sobre uma população rica em sua identidade cultural misturada. Ressaltando que é o lugar que as identidades culturais se consolidaram ao longo do tempo. Tudo teve origem a partir de uma diversidade que misturou traços linguísticos, religiosos, saberes e fazeres que são repassados e transmitidos, mas que são distintos entre si, o que favorece ainda mais a riqueza cultural que juntou-se e misturou-se, reafirmando a característica das identidades misturadas do povo xinguarense.

Basta compreender que pelo fato de serem migrantes, as pessoas que se encontram com suas diversas identidades, misturam-se com todas as suas trajetórias de vida anteriores, vão se reconstruindo e preenchendo-se a partir das vivências e vão (re)adaptando-se na convivência uns com os outros. Esta análise nos remete a leitura de Stuart Hall (2006), que afirma:

[...] Identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p.39).

Por conseguinte, este estudo evidenciou Xinguara, uma cidade fundada e composta por pessoas que vieram do Brasil todo, migrantes principalmente dos estados de Goiás, Minas Gerais, do Paraná, do Tocantins e do Nordeste brasileiro, principalmente do estado do Maranhão. Não há dúvidas que os grupos sociais que iam se constituindo em Xinguara foram criando laços de unidade e as sociabilidades entre estes novos e diversos habitantes de forma a se fortalecerem num processo de solidariedade, de integração no começo de sua história e onde permanecem ainda hoje.

A principal questão que se coloca nessa reflexão é da identidade cultural que se consolidou, atentando-se para a sua própria conceituação. Isto é, o que seria identidade na perspectiva antropológico-social? Recorrendo a Manuel Castells, “entende-se por identidade, a fonte de significados e experiência de um povo” (CASTELLS, 2001, p. 22). Segundo ele “do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída” (CASTELLS, 2001, p. 23). Seguindo esse mesmo raciocínio, encontra-se na visão de Pêrsio Santos de Oliveira

(OLIVEIRA, 2001, p. 139) sua defesa de que a identidade cultural seria uma espécie de “sentimento de pertencimento”. Nesse sentido, Castells assinala que em uma sociedade podem coexistir identidades que se harmonizam e ao mesmo tempo se conflitam.

Os habitantes de Xinguara construíram não só o espaço físico e material, mas também as suas identidades culturais ao longo do tempo, visivelmente diferenciadas, distintas, que são marcadas principalmente pelo fator econômico, e acima de tudo, embora diversa, mas vem consolidando-se ao longo do tempo esta cidade de culturas misturadas. Movidos talvez pela necessidade, através dos quais os moradores articularam relações ao mesmo tempo úteis ao alcance de determinados objetivos e também permeadas de valores simbólicos que distinguem as pessoas ou grupos sociais, por exemplo, em um determinado bairro, grupo social ou comunidade (geralmente indo além de cada um desses), mas que representam diferenças nítidas nas ações e percepções, em saberes e valores que se construíram, reconstruíram, readaptaram-se ou até mesmo desapareceram dando lugar a novos valores, saberes e novas sociabilidades continuamente. Recordo-me da fala de uma entrevistada que expressou sua visão sobre um aspecto social que não se vê mais com frequência na cidade:

Antigamente aqui em Xinguara, bem no início, tinha uns grupos de “macumbeiros”. A gente ouvia muito o batuque de tambores ali para o rumo do Setor Tanaka ou do Itamarati. Eram os “tereçozeiros” que tinham na cidade, e, eram muitos. Era esse pessoal que vinha do Maranhão, lá pro lados da cidade de Codó, de onde vinham boa parte deles. Agora gente não ouve mais, As coisas mudaram ou eles mudaram... (L. A. S. 59 anos, moradora há mais de 28 anos).

As manifestações afro, eram realmente fortes e esta forma de sociabilidade se fez presente no início da formação de Xinguara. Confirmei que existe ainda o grupo de religião afro-descendentes, fundadores que se preservam e mantêm-se através de uma associação, nascida junto com a cidade. Recorri as suas próprias fontes. Obtive a informação de que esta associação existe desde 1973 quando foi criada por Nicodemos Batista Oliveira, sócio fundador. Segundo os registros que constam nas atas e pelas assinaturas confirmam que eram muitos membros que participavam. Em entrevista a um filho de Sr. Nicodemos, também integrante da referida associação ele narrou os motivos de tanta participação e a procura aos centros na década de 1980 que era proveniente da necessidade, da carência e dos inúmeros problemas de saúde das pessoas e das muitas dificuldades que enfrentavam no início da fundação da cidade:

Na época tínhamos 120 terreiros de umbanda e candomblé. A média era de 80 a 90 pessoas por terreiros, isso só os considerados mediuns fora as pessoas que frequentavam... na época Xinguara não existia hospital ainda e o povo sofria por

doenças e procuravam as religiões afro com sua medicina alternativa a base de fitoterápicos...(G. M., filho do sócio fundador da Associação Afro, Gleibson Mdeira de Oliveira).

Figura 29 - Festividades Afro-descendentes, 1983 e o Sr. Nicodemos fundador (em memória)



Fonte: Associação Afro-descendente de Xinguara, 2014

São comuns as diversas sociabilidades num mesmo espaço e são inevitáveis certas integrações. Destacam-se as unidades constituídas por participantes das festas locais, como as festas dedicadas aos santos do catolicismo popular, ou as festas e grandes eventos das igrejas evangélicas, o carnaval e as festas juninas ou as festas das religiões-afro. E, sobretudo, a feira

agropecuária, que é o grande acontecimento do ano para a população que compartilha entre si uma noção de identidade própria, um conjunto de saberes e conhecimentos, sentimentos de pertencimento a um grupo, uma história comum e, portanto, uma identidade. As narrativas recolhidas caracterizam as diferenças sociais construídas de acordo com interesses dos grupos que se constituíram em Xingura, que podem ter se misturado, mas que se mantém uma predominância de valores culturais de uns sobre os outros.

A Feira Agropecuária de Xingura (FAX) é um evento que ocorre todos os anos durante nove noites. A grande maioria das pessoas prepara-se com bastante antecedência. É muito comum ouvir principalmente da juventude: “Vou economizar porque a FAX vem aí”, uma maneira de justificar que tem que se precaver para comprar roupas e adereços necessários e ter a reserva de dinheiro para pagar as entradas, principalmente dos shows, pois não ficam baratas as nove noites de festa. Indiferente das condições econômicas e classes sociais, muitos usam os trajes e compram as roupas que consideram típicas; aparentemente, quando a multidão se mistura, as vestimentas parecem nivelar todos num mesmo padrão social. É uma ilustração típica de sentimentos culturais que se misturam tanto no aspecto material quanto simbólico. Seja no uso da bota, no cinto de fivela, do chapéu caracterizando-se o estilo *cowboy*: calça bem apertada, tecido xadrez e todos os adereços que incentivam o caráter e rigor, inspirado na cultura *country* norte-americana.

Porém, é muito nítido o processo de diferenciação social, desde a ocupação dos espaços públicos das ruas e avenidas, nos dias que antecedem à cavalgada, quando os grupos já demarcam os lugares em pleno canteiro da Avenida Xingu para assistirem à “cavalgada ruralista”, que faz a abertura do evento FAX. Mais uma vez a Avenida Xingu aparece como lugar de acontecimentos, de passagens, de disputa e de destaque no contexto da vida social xinguarense.

No ano de 2014 gerou insatisfação e polêmica nas redes sociais e na mídia local em função da disputa por esses espaços na avenida Xingu, inclusive com a interferência da promotoria pública, como mostra o trecho da reportagem a seguir:

Em virtude da Feira Agropecuária de Xingura que vai acontecer no mês de setembro de 2014, os canteiros da Avenida Xingu estão completamente demarcados, a avenida serve de palco para quem vai assistir a cavalgada ruralista que acontece no dia da abertura do evento, a demarcação dos espaços começa 30 a 40 dias antes do evento. O que era para ser o cartão postal da cidade de Xingura está parecendo mais um canteiro de obras, as pessoas usam as árvores da Avenida ou enfincam madeiras para passar fitas de isolamentos delimitando áreas onde são colocados cartazes dizendo que ali está reservado para determinada família ou empresa. A questão é que tudo isso está sendo feito de maneira irregular sem nem um tipo de autorização. A única avenida que é arborizada e seria o melhor local para a população em geral

ver a cavalgada, está demarcada por pessoas de poder aquisitivo considerado alto, às vezes com áreas onde poderia suportar um número maior de pessoas, mas não, ali está reservado para uma determinada família ou empresa. Nossa equipe de reportagem procurou o MP, Ministério Público e conversou com o Promotor de Justiça Dr. Ramon Furtado, ele falou a nossa reportagem, que da maneira que está sendo feito a demarcação está errado. “Isso tem que ser regulamentado, em reunião com o prefeito municipal Osvaldinho Assunção eu disse a ele que o único órgão que pode regulamentar essa situação é a prefeitura, onde na regulamentação o prefeito pode determinar como será feito, como por exemplo, cadastrar as pessoas, determinar data nas vésperas do evento para que pessoas devidamente cadastradas reservem seus lugares, sem prejudicar a população que vem para a Avenida para ver a cavalgada”. Disse o Promotor.

(Roserval Ramos, Blog de notícias, 21 de agosto 2014).

Figura 30: A polêmica demarcação na Avenida Xingu e a cavalgada em 2014





Fonte: Roserval Ramos, 2014

Figura 31 – De camarote: grupos e famílias de comerciantes, empresários e políticos. Populares às beira das calçadas e esquinas.



Fonte: Carajás Esportivo e Manancial, 2014.

É visível também a apropriação dos espaços dentro do parque de exposição onde ocorre o evento: espaços abertos são acessíveis ao público (claro, desde que pagando na

portaria para adentrar) e os espaços demarcados pelo poder econômico nos camarotes *vips*, onde só entram os convidados credenciados ou integrantes dos grupos ligados ao evento e/ou aos grupos empresariais e comerciantes da cidade e região.

Figura 32 – O público em shows da FAX. No alto, os camarotes próximos ao palco.



Fonte: Carajás Esportivo 2014

Por isso mesmo, não há como fugir da percepção das relações sociais que também tornaram-se marcadas por um processo de desigualdade social nos espaços ocupados na cidade, a qual se expressa na composição dos bairros, na construção das casas até mesmo nos investimentos públicos, uma vez que desde o início da história de Xinguará se visava e se investia mais no centro da cidade e em bairros bem localizados. É o caso já citado antes, do setor que ficou conhecido por muito tempo como Setor Nobre, único que recebeu ruas asfaltadas nas primeiras gestões, pois era onde concentrava-se a “elite da cidade”, com as melhores construções, onde habitavam boa parte dos que vieram do sul e sudeste brasileiro. Colocando-se em ênfase a classificação das questões econômicas e regionais que discernem quem é quem nesse contexto e a qual grupo social cada um pertence, cabe notar que “o contexto das relações entre migrantes pode significar um aprendizado da convivência com o diferente, uma abertura à relação, mas também separações e tensões frente às diferenças e desigualdades que podem gerar situações de discriminação e opressão” (SILVA, 2006, p.21).

Estando em fase de observação de campo e investigação da vida cotidiana xinguarense, aproveitei toda e qualquer oportunidade em conversas normais e informais na vida social, nas rodas de amigos, na rua, no mercado, na feira, em mesa de um churrasquinho ou num encontro com vizinhos e amigos no fundo de quintal, numa rodada de cerveja. Em coisas e situações corriqueiras se captam muitas informações nas falas das pessoas. Muitas

coisas captei, ouvi e algumas vezes até pedia para que contassem novamente aquela estória, aquele caso ou acontecimento. A gama de informações que reuni nesse período para mim foi de grande valia. Muitas coisas registrei em meu diário de campo, outras não, mas muitas dessas narrativas ficaram em minha mente iam surgindo quando desenvolvia as análises neste estudo.

Muitas informações e falas significativas que expressam a riqueza cultural que se misturam na população, mas que às vezes deixa clara a distinção das vivências predominantes em seu contexto. Um dia ouvi de uma pessoa um relato que expressa a ambiguidade e diferença social de atitudes e de gostos: “Nós, o povo do norte não toma chimarrão. Chimarrão é bebida quente, do sul, que é região fria. Aqui a gente toma é o “tererê” que é o chá gelado, com esse calor, impossível tomar chimarrão, aí a gente tem que viver do nosso jeito baseado em nossa realidade”.

Poderia ter desenvolvido uma análise mais detalhada da população xinguareense, classificando-a de acordo com sua origem e naturalidade, narrando suas características, modo de ser e de viver conforme a cultura que a caracteriza de acordo com o estado que veio. Isso não foi possível em função da diversidade e da riqueza de informações que se acumularam na vida cultural das pessoas que se adaptaram e compuseram a cidade. E, ressalta-se também em função de considerar a complexidade por tratar-se de um ponto de vista teórico-metodológico que rejeita tipologias, tipificações.

Mas foi possível destacar em relação à formação da identidade da população que constitui a cidade, pelo menos focar nesta análise uma parte da população xinguareense que são os habitantes maranhenses, que contribuem para o crescimento e desenvolvimento da cidade, somando-se nos aspectos do fazer material e cultural da população. Conduzi-me para esta busca em compreender a identidade maranhense e colocá-la em destaque por tratar-se da presença expressiva da população originária do estado do Maranhão e, excepcionalmente, pelo fato de ter presenciado muitas vezes atitudes e falas depreciativas voltadas ao morador maranhense, o que me chamou a atenção e passei a dedicar-me em entender esse olhar diferenciado à cultura desse povo.

Seja na vida cotidiana, na convivência diária, seja na sala de aula ou num trabalho com projetos sociais que colaborei nas vilas e nos bairros, no qual o público acompanhado ao ser cadastrado em grande quantidade se identificava como sendo do estado do Maranhão. Pude reunir muitas vezes de forma espontânea e casual informações e acumular uma gama de conhecimento sobre esta população nordestina em Xinguara, mas sempre carreguei esta inquietação do porquê das falas, das brincadeiras, das expressões de

discriminação/autodiscriminação e preconceito/autopreconceito matizados nas referências ou nas vivências condizentes aos maranhense.

Nas observações, nas abordagens e na prática do dia a dia me defrontei com elementos importantes para esta análise e que contribuem para entender que trata-se de uma população que sofre preconceitos/autopreconceito. Boa parte dessa população está inserida no processo de mobilidade, isto é, grupo pertencente aos habitantes de Xinguara que vivem de um lado para outro em busca de trabalho e de uma vida melhor saindo de suas terras em função das dificuldades provocadas ou pela seca, ou pela escassez de trabalho e pelas precárias condições da vida material e social em que são submetido em seu estado de origem.

Desenvolvi uma análise primeiramente voltada para esta questão da categorização de inferioridade que vitimiza esta população em referência. Impressiona-me a forma pejorativa que está presente nas falas e nas atitudes corriqueiras do dia a dia das pessoas em Xinguara quando se referem ao maranhense: as piadas, as brincadeiras de mau gosto, quando se vê ou se faz algo “mal feito” ou de “mal jeito” se ouve cotidianamente as expressões “só tinha que ser maranhense”, “esse é lá da terrinha” ou “eu sou lá da terrinha”. Expressões regionalizadas que se reproduzem numa demonstração de desrespeito e preconceito, direta ou indiretamente, categorizando a reafirmação das diferenças entre as pessoas e grupos sociais, sublinhando as desigualdades que se reafirmam não somente nas questões materiais e econômicas, mas sobretudo nos aspectos regionais e culturais fazendo-se presentes desde a forma de morar, de falar, das funções e relações trabalhos, enfim realçam-se as distinções às quais estão submetidos os maranhenses.

Trago para esta reflexão observações etnográficas de Ariana Rumstain, realizadas em Mato Grosso:

Nas relações de trabalho (operadores/sulistas e braçais/maranhenses), nas políticas públicas para a construção de escolas, hospitais e moradia, no planejamento urbano, nos setores de assistência social, nas propostas das secretarias para o “resgate de uma cultura nordestina” (pioneiros *versus* migrantes), na indicação geográfica de bairros (“lá moram mais maranhenses”, “o bairro dos maranhenses”), enfim, o outro, o de “fora”, o “que precisa de qualificação”, “o que não tem ou está perdendo a cultura”, “o que não sabe lidar com a terra”, “o botequeiro”, é sempre o maranhense e, outrora, o mato-grossense, denominado genericamente como “cuiabano”. Não raras vezes se observou o emprego do termo “cultura”, por parte dos gerentes, contratantes e comerciantes, para se referir às diferenças de comportamento (entre os chamados “braçais” e o “povo do Sul”) em relação ao trabalho, aos modos de se vestir e de falar, aos valores, aos costumes e hábitos em geral, como, por exemplo, o uso, pelos maranhenses, da pimenta nas refeições. Dessa forma, o termo, quando empregado para explicar tais diferenças, parecia estar imbuído de certo ar de complacência, expressa em termos como “é da cultura deles ser assim” (RUMSTAIN, 2012, p. 49).

A presença da população maranhense é expressiva entre a população xinguarense, assim como entre a população paraense em geral. Nos dados do IBGE (2010) consta que a presença dos maranhenses no Pará é significativa. Eles representam 8,53% da população do estado, formando o principal grupo de migrantes do Pará. Um estudo desenvolvido por José Miguel Nunes Alves (2012) sobre a presença de migrantes maranhenses em Belém do Pará, além de apontar a presença em quantidade expressiva, o autor relata sobre a discriminação que sofre esta população por ser maranhense e ainda pelo fator cor da pele, apresentando-se a dupla discriminação:

O estado do Pará, desde o final do século XIX foi um dos destinos encontrados por muitos brasileiros que originalmente habitavam o vizinho estado do Maranhão. Hoje, são quase quinhentos mil maranhenses espalhados por todo território do Pará, muitos deles vivendo na Região Metropolitana de Belém [...]. Na periferia de Belém, é comum a utilização do termo “maranhense” para se identificar algum morador. Não é comum ouvir pessoas utilizarem termos designativos de origem, como: “fulano é marajoara”, “marabaense”, “amapaense”, “vigiense”, “são-caetanense”. Mas o termo “maranhense” faz parte da linguagem cotidiana de muitos moradores. Neste caso, o uso da expressão “maranhense” agrega também a cor da pele. Tal fato é evidenciado nos dados do IBGE (2009) sobre a presença de maranhenses no estado do Pará. Do universo de 8,53% de migrantes maranhenses, 92% se identificam como negros ou mestiços. (ALVES, 2012, p. 5).

Uma outra vertente que caracteriza e se aponta neste mesmo viés referente à população maranhense é a população que vive em trânsito de um lado para outro em busca de trabalho. Rumstain (2012) aponta o “peão do trecho” ao ser associado à categoria “maranhense”, “define uma situação permanente na qual se encontra o trabalhador, definida pela expressão “rodado”, esclarece e analisa em seus estudos sobre a questão da andança incluindo e definindo essa categoria: o maranhense.

Nesse sentido, indo mais além, Guedes (2013) expõe sobre a história de Sírio, natural de Timon no Maranhão que aos 17 anos de idade arrumou uma pequena mochila e partiu sozinho... O autor narra que Sírio não deu ouvidos às suplicas de sua mãe e foi embora com o pouco dinheiro que tinha conseguido fazendo um bico – dinheiro suficiente apenas para pagar a passagem até Redenção (PA). A história de Sírio mostra que ele foi bem sucedido, depois de duas décadas a *rodar*: “Colocava a mochila nas costas e *buscava mundo* quando sentia vontade ou quando ficava sabendo de algum lugar bom para garimpar. “Já *rasguei* muito por esse Brasil...Cabra que vem do Maranhão *anda demais, vara o mundo todo*” (GUEDES, 2013, p. 260, grifos originais).

Aprofundando suas análises, André Guedes levanta alguns questionamentos sobre seu personagem em estudo, Sírio, os quais são bem pertinentes e coerentes com a reflexão e a

realidade em estudo sobre esta parte da população que é flutuante em Xinguara. Numa visão geral, boa parte são nordestinos, especificamente maranhenses, que atualmente vivem de trabalhos temporários em fazendas e em empresas mineradoras, alternando-se entre a região sul e sudeste do Pará. Muitos desses trabalhadores são atraídos com a proposta de trabalho farto nas frentes de empresas que contratam por um período. Trabalhos temporários, têm data para iniciar e terminar.

Os questionamentos de Guedes chamam a atenção para as características do trabalhador flutuante, em constante mobilidade:

Não é por isso também que ele é uma pessoa tão vivida e esperta? Não é também pelo recurso ao que aprendeu no trecho que justifica sua situação relativamente favorável naquela época em que o conheci? Alguns de seus antigos companheiros de garimpo parecem concordar com isso, aquele homem é mesmo esperto demais da conta (GUEDES, 2013, p.260).

“Uma pessoa tão vivida e esperta”... Isso relembra novamente Altino e D. Regina, também personagens do universo de estudo de Guedes, quando trata-se de *andar, rodar o mundo e aprender com o mundo*. Esta ideia da valorização da andança também pode trazer outras interpretações e outros sentidos, até negativos, como a visão de que pessoas que muito andam, mudam, não criam raízes, não geram vínculos. De acordo com as circunstâncias, a mobilidade pode ser caracterizada como positiva ou negativa, vai da visão e do contexto em que se insere. “Eu saía pelo mundo não é porque eu queria, não. Eu sou muito amoroso ao meu lugar. É a precisão que manda a gente embora. [...] O coração saía trancado.” (Antonio, ex-migrante, pai e sogro de migrantes canavieiros, morador do município de Barra D’Alcântara (PI) (Depoimento citado em *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro – os heróis do agronegócio brasileiro*, 2007p. 11,).

Atualmente as mobilidades geográficas mais frequentes estão diretamente ligadas às frentes de trabalhos abertas em diversas áreas como as fazendas, agropecuárias, agroindústrias e áreas de mineração. As oportunidades de trabalho que se abrem estimulam o aumento do movimento de circulação dos segmentos sociais mais pobres entre as áreas de mineração, de exploração vegetal, das agropecuárias e cidades da Amazônia, hoje no auge principalmente em cidades do sul e sudeste paraense, que concentram as mineradoras e grandes empresas agropecuárias, e em cidades mato-grossenses em função do agronegócio da soja. Esse estudo focaliza os modos de existência de alguns desses trabalhadores que são denominados de “trecheiros”, denominação muito utilizada entre as regiões sul e sudeste do Pará, ou “peões do trecho”, com já foi dito, com base nos estudos de Rumstain (2012).

Referentes a esta discussão sobre mobilidade e deslocamentos de trabalhadores temporários, encontrei em pesquisas e referências bibliográficas estudos significativos como o de Ana Maria de Souza, em seu artigo “Trabalho, Migração e Modos de Existência Nômades”. A referida autora aponta que “na década de noventa do século XX configuram-se transformações importantes nas características dos deslocamentos territoriais, assim como do perfil das ocupações de trabalhadores em trânsito no território amazônico” (SOUZA, 2010, p.1). O assunto tratado por ela tem forte relação com os estudos de Rumstain (2012) e Guedes (2013), ampliando minhas análises sobre a temática da mobilidade que caracteriza a população flutuante que venho apontando ao longo deste estudo, o que reforça ainda mais a realidade de habitantes fixos e temporários de Xinguara no processo de andanças pela região e fora dela.

Ana Maria de Souza mostra em seus estudos sobre as significações das expressões regionalizadas que captou em seus estudos:

Como dizem nos relatos: “um idioma criado pelo trecheiro”. Um vocabulário que desterritorializa a transparência e a codificação oficial das palavras e lhes atribui significações singulares, ligadas à prática cotidiana. É desse vocabulário, que também emerge o termo pelo qual se designa “trecheiro: aquele que não pára, que viaja para todo o canto”. E, nesta convivência cotidiana, um repertório de palavras “clandestinas” se esboça: *babosar, xarquear, manqueador, correria, (...)* São expressões que não se reduzem a simples palavras, mas a fragmentos de experiências que dão acesso a lógicas sociais e simbólicas desses grupos que circulam pelas cidades da Amazônia. Coexistindo nos interstícios da lógica e ética do trabalho, em que o vínculo com a empregabilidade, o salário e o endereço de residência são referenciais para a aceitabilidade social, as práticas desses homens, mulheres e crianças, que se designam como “trecheiros”, aparecem como delito ou como “atentado” contra a propriedade e a linguagem, enfim, contra as regras de civilidade. Assim, a criação de uma linguagem específica, “um idioma de trecheiro”, pode funcionar como uma forma de burlar as referências desses ordenamentos socialmente instituídos (SOUZA, 2010, p.8).

As expressões utilizadas pelos autores que embasam esta análise tem muito a ver com a vivência que se ouve e vê todos os dias nos pontos de vans e rodoviárias de Xinguara e municípios circunvizinhos. Sejam trabalhadores correndo porque souberam da abertura de uma frente de trabalho em grandes fazendas, ou seja em Ourilândia do Norte, em Canaã dos Carajás ou em Parauapebas (na Serra dos Carajás), municípios auge da exploração mineral, a *febre* do momento que atrai esses trabalhadores temporários. Recentemente, já na produção das considerações finais deste estudo, eu estava no ponto de vans que faz transporte para a região, encontrei dois ex-alunos para os quais ministrei aula de Sociologia no ensino médio, há uns três anos atrás.

Em conversa com ambos muito me interessou o assunto, porque logo um afirmou que estava indo para Canaã dos Carajás porque a Vale do Rio Doce está fichando trabalhador para as obras. Um deles bem empolgado contou: “Fiquei sabendo ontem a noite porque meu primo e uns amigos daqui já “vazaram” para lá, estão “fichados” e já tem proposta pra nós, vamos “se mandar” pra lá”. Xinguara tá ruim de serviço, aqui só tem “capa”... o jeito é buscar outros cantos, nem que seja por um tempo, a gente vai e volta final de semana, daqui pra Canaã é um “pulo”. Registrei imediatamente tais narrativas em meu diário de campo, sabia que isso serviria para minha produção.

É reveladora essa visão: “A gente vai e volta final de semana, daqui pra Canaã é um “pulo”. Ou seja, reafirma-se a ideia de que Xinguara é o local de residência, o ponto de apoio. A fala dos dois jovens expressam o desejo de ter um trabalho, mas a busca pelo trabalho caracteriza essa perspectiva de que não precisa ser algo permanente, um serviço que prenda, que fixe, mas um serviço com uma duração específica; isso é expresso como algo positivo na fala daqueles jovens que representam a fala e a realidade de muitos outros jovens e adultos habitantes de Xinguara.

Confirmou-se nestes estudos e nos registros que pude analisar nas entrevistas que desenvolvi com um total de 328 jovens que demarquei na categoria alunos de 3º ano de ensino médio das escolas públicas e privadas de Xinguara, que a maioria absoluta afirma o objetivo de sair para estudar, qualificar-se em outras cidade e outros estados, mas prontamente reafirmam que voltam para Xinguara, pois a maioria reforça que nasceu em Xinguara e expressa o sentimento de que se sente pertencente a este lugar.

Foi enriquecedor trazer importantes narrativas e reflexões sobre a cidade de Xinguara, que foi se construindo tanto em seus aspectos físicos quanto culturais essencialmente pelos fluxos migratórios, que ao longo do tempo e pelo espaço configuram processos que são o fio condutor para a compreensão da história e formação sócio-cultural das identidades misturadas. Este estudo procurou oferecer subsídios para se pensar o espaço e a região como realidades construídas a partir de sociabilidades dessas diversidades imbuídas de significados culturais, dentro de um processo de formação de identidades que possui também desdobramentos políticos e sociais.

Um processo demasiadamente complexo, por se tratar de uma diversidade cultural que caracteriza os migrantes, marcados por tantas trajetórias anteriores, mas condutores de saberes e conhecimentos que foram produzidos em diferentes momentos da história, carregados de uma gama de experiências anteriores, muitos desses migrantes acostumados a estar pelo mundo, vale repetir: “ficar; ou partir-*andar, correr, rasgar, sair por aí, abrir ou espalhar no*

mundo...” (GUEDES, 2013, p.30, grifo originais do autor). Fatos que tornaram-se comuns nas falas e nas vivências das pessoas e são relevantes na formação de uma cultura dos diferentes que se misturaram, caracterizando sobremaneira uma cidade com uma população com identidades misturadas.

A formação regional foi se tecendo a partir da chegada de levadas de migrantes de diferentes lugares, marcados por uma diversidade cultural, como evidenciam as narrativas daqueles que vieram por necessidade, ou por opção, por escolhas, ou por falta delas. Vieram e aqui ficaram, fixaram-se nesta região para viver e constituir sua família os vínculos sociais, e sua vida material. Muitos até expressaram o desejo de voltar aos seus lugares de origem, mas construíram vínculos, sejam materiais ou afetivos, que em muitas situações transformaram-se em sentimentos que estão impregnados no imaginário desses habitantes: *“De voltar já desisti, a razão agora eu digo, aqui estão enterrados os que eu trouxe comigo, por isso para o meu estado voltar jamais consigo”* (Raimunda Alves de Oliveira, poeta da cidade, 2012, p.2).

Ao se discutir a questão do processo migratório que em grande medida se tornou responsável pela formação da cidade de Xinguara e pelas cidades do sul do Pará, deve-se realçar que esses mesmos fluxos migratórios resultaram ainda em inúmeros problemas apresentados nesta região, principalmente aqueles que estão diretamente relacionados à questão da terra. Hoje o agronegócio e a exploração mineral são elementos primordiais que têm provocado o ir e vir das pessoas de forma intra-regional, o que caracteriza uma população flutuante.

A própria dinâmica para conseguir encontrar o habitante em mobilidade não é fácil. Consegui abordar um, ou outro e colhi informações importantes, mas tive casos em que marquei até três vezes entrevistas e não tive êxito. Inicialmente achei que havia perdido tempo com aquele meu pretendo candidato à entrevista, porém a leitura da vivência de André Guedes em seu trabalho etnográfico em Minaçu (GO) me (re) orientou e inspirou-me para perceber que naquelas circunstâncias de pesquisa essas situações tornaram-se positivas e serviram de subsídios para minha própria reflexão que as dificuldades de ter uma agenda fixa e certa para o que eu pretendia em se tratando de pessoas que estão sempre de um lado para outro, se movimentando, era parte do processo de como vive uma população flutuante, em permanente mobilidade e deslocamento, conseqüentemente, enriqueceu minha percepção de que é notória e marcante esta população flutuante em Xinguara.

Só para ilustrar e reforçar esta percepção apresento aqui pelo menos duas situações dentre outras que não consegui entrevistar que exemplificam as dificuldades que tive de abordar tais moradores flutuantes. Um dos entrevistados que eu tinha interesse em buscar

informações sobre sua vida flutuante e de quem andei atrás pelo menos três vezes é pertencente ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O senhor R. F. S., 54 anos, tem mais de 30 anos que mora em Xinguara. A família fica num bairro da cidade, tem residência fixa, os filhos já são todos grandes, mas ele passa a maior parte do tempo no “acampamento dos sem-terra” ou de um lado para outro, reunindo-se com outras lideranças e representações de entidades; além disso ainda tem que fazer algum bico para sobreviver e manter a família. Como ele diz, “há muitos anos que minha vida é assim, nossa luta é para ajudar a dividir a terra”. Ele conta que pela experiência adquirida sempre é chamado para se unir aos outros: “vivo de acampamento em acampamento”. Não consegui entrevistá-lo “na íntegra”, quando consegui sentar com ele e iniciar a conversa, alguém ligou em seu celular e disse que era urgente, um agendamento com o representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) havia sido antecipado e ele tinha que estar naquele instante lá com os demais representantes. Pediu-me desculpas e se justificou que “essas coisas não tinha como prever e adiar, sabe como é, quem vive na luta e no mundo, vive de imprevistos, nem a vida nos pertence”. Bastou isso para enriquecer essa análise.

Com uma outra pessoa agendada para entrevista, estive algumas vezes em sua empresa, que possui representação em Marabá e Tucumã. Eu quis entrevistá-la por ela ser “pioneira” e por viver de um lado para outro à frente de seus negócios. Agendei por duas vezes, ela mesma sugeriu os horários e o local, mas não a encontrei. Não recebi justificativas e nem desculpas óbvias. Apenas informação de que uma hora estava em reunião com gerente de um banco, outro dia estava em sua outra empresa na cidade de Marabá e, em outra vez, que ainda estava repousando porque havia chegado muito tarde de sua propriedade rural que fica em outro município.

Procurei utilizar-me desses fatos que revelam muitas coisas para esta percepção e categorização sobre a vida da população flutuante, que não se resume só aos “peões do trecho” estudados por Ariana Rumstain (2012) e não somente se caracteriza pelos trabalhadores em mobilidade que levaram Guedes (2013) a desenvolver sua “etnografia de movimentos”.

No entanto, foram tais estudos que me inspiraram e me levaram a confirmar estas outras formas de identidades da população em Xinguara que se expressam não somente pela forma do trabalho temporário, mas tem em si outros significados, embora as marcas da inquietude pela sua busca permanente de alguma coisa também se revelem nos personagens reais que observei e convergem exatamente com o que expressa Guedes a partir de suas observações em seu estudo em Minaçu (GO):

Sair no liso: neste e em outros casos, essa expressão permite a descrição de certo tipo de ‘disposição’ que ilumina os exemplos etnográficos apresentados acima. Disposição que faz com que alguém “vá levando”, ficando atento ao que se passa, buscando favorecer o acaso, sem se comprometer em demasia. Disposição para partir sem delongas, sem vínculos ou amarras que atrasem, dificultem ou impossibilitem a partida - qualquer demora, qualquer atraso, e a oportunidade que surgiu pode estar perdida. Disposição que envolve capacidade de ser versátil e polivalente, e coragem e valentia para não perder uma chance que se faz presente em situações inóspitas ou desfavoráveis. Disposição que favorece um estar sempre atento, colhendo aqui e ali uma informação apelando à “rádio-peão” para se informar sobre os lugares *quentes* ou *movimentados*, onde as oportunidades abundam (GUEDES, 2013, p.170, grifos originais).

Mas o contexto que se apresenta em função desses elementos: terra, questão fundiária, agropecuária (movidos pelo agronegócio que se inicia) e mineração, marcam forte influência na formação de novos saberes e valores culturais que vêm se estabelecendo na região sulparaense.

A forma como se dão as idas e vindas das pessoas atualmente não é mais a mesma forma como se deram as andanças na “febre do ouro” ou no período da madeira, cada momento teve sua peculiaridade e sua duração. As alternâncias de ciclos econômicos modificaram também o fazer cultural das pessoas.

O intuito aqui foi o de tecer uma análise sobre como este processo migratório também tem repercutido e influenciado a formação cultural regional das diferentes populações que vêm em busca das alternativas de vida oferecidas por essas frentes de sobrevivência. Surgem os elementos que aproximam e unem essas diferentes identidades culturais, resultando na formação de grupos sociais que apresentam forte identidade coletiva e que se converte numa cultura dos misturados. A definição desta temática se deu em virtude de sermos, no meio deste cenário, um elemento vivo e presente na construção da história local. Sendo parte de um todo que se deslocou em busca (ou pelo menos para tentar) da melhoria de vida.

A identidade cultural da população xinguarense compreenderá sempre essa visão de junção, de mistura. Ficará registrado para sempre a ideia do significado do próprio nome Xinguara no qual há a junção de nomes, de histórias que são significativas. Primeiramente, o sentido de Vila Comaxin, nome que se originou da criatividade e fez uma junção usando as primeiras sílabas das três cidades, cujos espaços geográficos lhes permitem encontrarem-se via estradas/rodovias, quais sejam: Conceição do Araguaia (Cidade Mãe), Marabá e Xingu (São Félix do Xingu). Caracterizando pelo nome sua identidade física e também cultural, marcadas por caminhos que se inter cruzam e promovem a mobilidade da população, que foi ganhando novas formas no tempo e no espaço de acordo com as realidades dos ciclos e “febres” econômicas, os quais proporcionaram estas idas e vindas, encontros/desencontros,

mobilidades/deslocamentos (novo jeito de (re) pensar o conceito de migração) interregionais pelas facilidades de caminhos que se ampliaram e também alteraram suas rotas ao longo do tempo e o tempo todo.

Cidade entroncamento, como já foi dito antes, que se traduz em encontro. Encontro não só de estradas, mas também de rios, permitindo o acesso ao Rio Araguaia e ao Rio Xingu que parece propositamente ser mais uma junção que inspirou o nome Xinguara. Acima de tudo propiciou o encontro e desencontro de muitas pessoas, sonhos e objetivos. Cidade que provocou com maior intensidade no passado o movimento do ir e vir, realidade que ainda hoje se faz presente. Foi assim que se fez surgir, crescer e progredir a cidade, construir a paisagem urbana, consolidando a vida material e humana, num processo de convivência e na configuração de sua sociabilidade, porque eram pessoas que chegavam para refazer a vida, construindo o espaço social, que iam se misturando, contruindo a vizinhança, abrindo-se ruas, bairros, desbravando o lugar, adaptando-se ao novo modo de vida. Para esta gente, a cidade é o lugar para recomeçar, para reconstruir novas sociabilidades, trocando experiências com tudo que em sua gênese era novo e que foi se acumulando, sendo alterado e transformado, configurando-se em registros nas memórias vivas de seus habitantes, os acervos que construíram suas próprias identidades.

Xinguara, Sul do Pará, desenvolveu sua urbanização com uma paisagem repleta de significados para as pessoas que aqui vivem, convivem e se relacionam com espaços socialmente construídos e mais ou menos definidos: ambientes familiares, a rua, a vizinhança, os moradores do bairro, a invenção dos espaços de lazer, os inúmeros bordéis para entreter os muitos solitários homens aventureiros (peões, garimpeiros) que chegavam sós (relembre-se aqui do estigmatizado “Bola”). Enfim, construção de muitos espaços com os quais estabelecem laços afetivos, de cumplicidade e apego. Essa é uma característica muito significativa para muitos moradores/desbravadores da cidade de Xinguara desde os primeiros tempos. Suas narrativas valorizam esses vínculos em função das dificuldades que enfrentaram no início de sua construção.

Figura 33 – O trevo da cidade, antes e depois. A referência: “Xinguara capital do boi gordo”



Fonte: Luiz Pereira, 2014

Haverá sempre na história de sua estrutura urbana as rodovias e estradas que cortam e atravessam a cidade. Caracterizando-a e mantendo-a como um lugar de trânsito fortalecendo suas fronteiras abertas. Um lugar que cresceu, teve seu auge, marcado por “febres” econômicas, mas “febres” que tiveram sua duração. Cada febre com sua duração específica de tempo (é o caso do ouro, que durou um período de mais ou menos 10 anos), porém deixou marcas no processo de urbanização e na formação da vida da população. Referente à febre do ouro, reporto-me a um trecho da entrevista que fiz com o senhor Ney, já mencionado em outro momento deste estudo, em que ele me contou algumas coisas que viveu nessa fase. Ele relata sobre a grande quantidade de homens que, entre 1982-1983, apareciam de todo lugar do Brasil em busca de ouro e de outro tipo de trabalho, mas reforça que o ouro era o maior atrativo de pessoas para Xinguara e região. Sr. Ney relatou que:

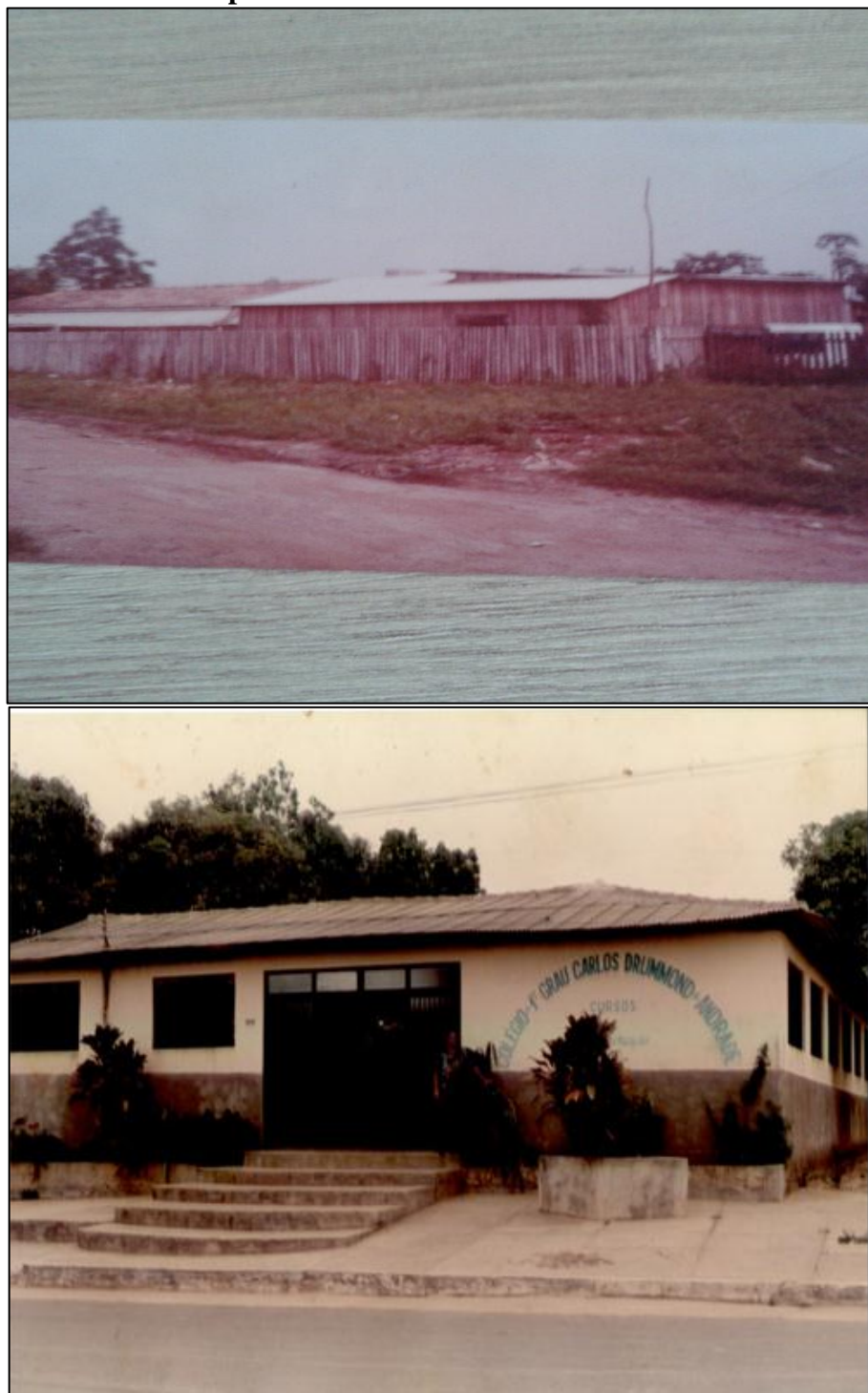
Muitos desses homens vinham até para caçar garimpos em municípios vizinhos e ficavam aqui em Xinguara, porque aqui tinha mais estrutura, pensão, hotel e os agenciadores que recrutavam trabalhadores/garimpeiros para trabalharem para ganhar porcentagem pela produção, por dia ou por semana (mencionou também em seu relato o “Chapéu de Couro”). Um certo dia recebi um telefonema do Sr. Curió⁵. (Curió foi Major do Exército) e tinha grande influência na questão da organização das turmas de homens que eram recrutados para o garimpo de Serra Pelada. Como eu já trabalhava com o sistema de som que eu tinha que se chamava, “A voz de Ouro”, era a única forma de divulgação na época, além de dois carros de som

⁵**Sebastião Rodrigues de Moura** (mais conhecido como **Major Curió**, hoje coronel da reserva) é um ex-militar e políticobrasileiro, fundador da cidade de Curionópolis, no sul do Pará e integrante das forças do exército que combateram a Guerrilha do Araguaia na Amazônia entre 1972 e 1974. O nome "Curionópolis", cidade do sudeste do Pará, homenageia o major Sebastião Curió.

volante, inclusive um era o meu o outro do Chico Xavier. Curió me ligou para eu anunciar no meu alto-falante que precisava de uns 80 homens para fichar e trabalhar na extração do ouro lá na Serra Pelada. Atendi o pedido dele, anunciei. Pois, não foi meia hora isso aqui em frente de casa encheu de homens. Porque ele pediu para anunciar mas não tinha um lugar certo para fichar esses garimpeiros, pois mais de 100 apareceu. Ai liguei para o homem (referindo-se ao Curió), perguntei o que eu faço com esse tanto de homens aqui?...pediu que eu mandasse para Serra Pelada. Nunca recebi pelo serviço. Ficou como favor...(Sr. Ney, “Ney da Voz”, morador há 30 anos. Faleceu um mês depois dessa entrevista).

A fase da madeira se estendeu por um tempo maior e deixou uma marca mais acentuada na economia da cidade e em sua urbanização. Febres econômicas, quer se queira ou não, constroem solidariedades, mas também definem diferenças sociais, culturais e econômicas. Resultaram, como já se sabe, na construção de uma “identidade misturada”, gente de todo o lugar do Brasil. Na cidade, mesmo com as transformações espaciais e sociais, é muito visível que o acúmulo de vivências e experiências ainda presentes na memória dos habitantes são responsáveis por manter vivo o sentido de ser parte e pertencer à cidade que grande parte ajudou a construir, que ainda acolhe muitos que chegam e quem vai e vem, mas sempre encontram a receptividade para entrar e sabem que podem sempre retornar.

Figura 34: Colégio particular Carlos Drummond de Andrad, pioneiro. Atualmente possui convênio com a UNOPAR





Fonte: Acervo D. Maria Aldy Laranjeira e Sr. Duque Dias Rocha.

A partir das memórias dos moradores “pioneiros”, são perceptíveis as formas de mudanças ocorridas, não só nos aspectos físicos, mas também nos significados afetivos, isto é, o apego ao lugar e o sentimento de pertencimento. É como se expusessem a partir de suas memórias, numa comparação, como era o mapa de Xinguara no passado e como é o mapa atualmente.

Figura 35 – O passado (1979) e o presente (2015), Rua Brasil fotografadas no mesmo ângulo:



Fontes: Gerald Macedo e Foto Borges

Figura 36: Desfile 7 de setembro, 1983 e atualmente caminhada cívica em 2014



Fontes: Xinguara Oline e Luiz Pereira, 2015.

Conclui-se que, além do mapa visível/material com o qual as pessoas construíam suas relações no passado, as suas representações carregadas de significados constituem um novo mapa da cidade. Não somente com as mudanças físicas, mas efetivamente este novo mapa apresenta-se como um conjunto das coisas e da vida das pessoas, as mudanças de paisagens são dotadas de significados. São muito nítidas as alterações nos ambientes socialmente construídos pela forma que os “pioneiros” expressam e pelo que eu vi e vivenciei em minha

infância: o cheiro da madeira das serrarias que exalavam no ar, o toque da sirene, os sons de todas as manhãs, nunca se apagará da memória de muitas pessoas, sempre trará a lembrança daquele contexto. Hoje um novo contexto, diferenciado em relação ao passado. Até o cheiro (mal cheiro) que exala no ar mudou em relação ao passado, hoje o do cortume por exemplo, motivo de muita reclamação da população em diversos pontos da cidade.

As mudanças são bem visíveis e estão impregnadas nas mentes e nas vidas de muitos moradores. Revelam-se desde as questões visuais, o cheiro, os sabores, as mudanças nas paisagens e nos hábitos que marcam a construção da identidade da população. Relembrar a diferença do que foi ver o trânsito de bicicletas, de manhã bem cedo, partindo para o trabalho nas serrarias e no comércio, os (as) professores (as) e a meninada de bicicletas indo para as escolas naqueles tempos remotos, era o transporte disponível naquele tempo. Enquanto hoje se disputam espaços no trânsito com outros carros e grandes quantidades de motos. Bem no final e fechamento deste estudo: a implantação dos sinais de trânsito, a chegada e a instalação bem recente de semáforos para estruturar e organizar o trânsito, as mudanças e investimentos necessários é o sinal de crescimento e o avanço da cidade de Xinguara.

Figura 37 – Veículos mais utilizados atualmente, substituíram as bicicletas no passado.



Fonte: Manacial, 2014.

É marcante relembrar as mudanças acústica para quem viveu a década de 1980 em Xinguara. Isso também é significativo e aparece nas falas de “pioneiros” entrevistados que relembram o que era ser despertado pela “Voz de Ouro”, “o Ney da Voz”: as músicas e cantores geralmente nostálgicos (Roberto Carlos, Paulo Sérgio, Diana, Amado Batista, João Mineiro e Marciano, Milhonário e José Rico, entre outros); as músicas fúnebres em “carros de som volantes”. Quem não conhece “Chico Xavier” do carro-som (geralmente a “Música da Saudade”) que anunciavam o falecimento de alguém. Os avisos, os anúncios de empregos, as utilidades públicas e “até recados de alguém apaixonado que declarava sentimentos”, lembrou senhor Ney. Sons e vozes que ecoavam enquanto a cidade despertava e se movimentava para mais um dia de trabalho.

Cidade que tem som que remete à lembrança, à memória de muitos da população e, eu não poderia deixar de registrar neste estudo que em Xinguara até a “pedra tem som”,

alegoria que virou empresa: “Som da Pedra” que tornou-se rede de supermercado, tendo seu protagonista principal o “Baixinho do som da Pedra” juntamente com familiares oriundos do Maranhão, estruturou-se em um dos maiores e mais movimentados supermercados popular que existiu em Xinguara, nas décadas de 1980 e 1990, existindo ainda atualmente pelo menos, uns ou quatro ou cinco estabelecimentos comerciais com este nome na cidade e região: “Som da Pedra”, além de comércio, virou grupo empresarial, time de futebol e até igreja: “Igreja Evangélica “Ministério da Pedra”, criada pelo próprio “Baixinho do Som da Pedra” que tornou-se pastor evangélico respeitado na cidade.

Xinguara tem som e cheiro que não pode-se apagar. Não há quem não se lembre dos toques longos das sirenes das serrarias. Dos cheiros e sabores do pão e da rosca que eram vendidos nas portas dos moradores que eram despertados pela voz forte daqueles garotos que gritavam: “Óh! O pão e a rosca!” ou ainda mulheres que vendiam cuscuz de arroz e de milho, que passavam pelas ruas, com as bacias de quitandas equilibradas nas cabeças, oferecendo também num tom que se repetia muitas vezes ruas a fora enquanto o dia amanhecia: “Óh, cuscuz de arroz! Óh o cuscuz de milho!” ou do tradicional leiteiro: “Óh! O leite!”! Esses vendedores disputavam a freguesia, logo no amanhecer xinguarense.

Não são apenas fragmentos de uma realidade, mas coexistem numa combinação de sentidos. As lembranças mantêm-se vivas, uma paisagem sem a qual provavelmente as pessoas não conseguiriam perceber um eixo de sentido para suas vidas, não se identificariam como parte desse passado que não está descolado do presente da cidade com os quais esses primeiros habitantes fizeram parte e relatam com propriedade esses primeiros tempos.

Mesmo com as mudanças sofridas, como se expressam nas falas tão significativas que ouvi em muitas narrativas: “uma cidade que era bem mais feia, desestruturada”, “uma cidade que era esburacada”, “ruas eram bem mais sujas e empoeiradas, “época das queimadas era muita fumaça”; “se chovia era só lama”, “época de muito sol, muito calor e muita poeira”. “a cidade melhorou muito, hoje é bem melhor”; expressões que ouvi, que se repetiu, que anotei em meu diário de campo, li e analisei nos registros das pesquisas e entrevistas que realizei.

Isso vale, por exemplo, para as memórias dos espaços de sociabilidades que constróem a identidade do lugar. Esses espaços são mais do que coisas do passado. São referências que se expressam e se vinculam a partir da memória e se juntam ao significado das experiências passadas e presentes. Mas essas memórias tendem à homogeneização das experiências, de ligação entre as coisas, a afetividade socialmente construída e os sentimentos que dão sentido e valor de pertencimento para gerar a continuidade de outros sentidos que se construirão pelas novas gerações xinguarenses. Elas terão que lidar com as diferenças e as ambiguidades que

permeiam a vida do lugar, mas serão as vivências e as experiências concretas que garantirão o fortalecimento do sentimento de pertencer à cidade em construção permanente de sua identidade e, reforça-se: uma cidade de culturas e “identidades misturadas”.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **A mestiçagem como processo de re-significação de identidades**. doutorando em Ciências Sociais aplicadas à Educação pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), Campinas-SP, 2011.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA. **Processo de Povoamento da Amazônia**. Manaus, 2012 Disponível em: <<http://www.ada.gov.br>> p. 12; Acesso em: 20 nov.2014.

ALVES, José Miguel Nunes. Rua dos Pretos: territorialização, identidades, em migrantes maranhenses no Bairro do Guamá, Belém/PA - **Revista Movendo Ideias**, p. 14, Vol. 17, Nº 2 – julho a dezembro de 2012.

ARAÚJO, Otávio, disponível em: <[http:// www.otavioaraujo.com// blog post](http://www.otavioaraujo.com//blogpost) > Conceição do Araguaia-PA, 2011, acesso em 12/11/2014.

AUDRIN, J. M. **Entre sertanejos e índios do norte**: O Bispo missionário Dom Domingos Carrerot. Rio de Janeiro: Púgil Ltda., 1946.

AURÉLIO, Língua portuguesa, disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com.br>>, acessado em: 25/11/2014.

AZEVEDO, Gustavo. Pará: Plebiscito Aprofunda a Divisão entre Interior e Capital. **Terra**, Belém-Pará, 2011.

BARBIERI, A. F. (2007). **Mobilidade populacional, meio ambiente e uso da terra em áreas de fronteira**: uma abordagem multi escalar. Revista Brasileira de Estudos da População. v. 24, n. 2, jul/dez 2007

BARCELOS, Sâmea Silva de Melo. **A geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia** (1939-1995) / Sâmea Silva de Melo Barcelos; p. 14,2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 7º, p.16 2006.

BARTHES, Roland (2001). “Introdução à análise estrutural da narrativa”. In: **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes.

BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. Tradução de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

BECKER, Berta K. **Agricultura e desenvolvimento no Brasil: a expansão da fronteira agrícola**. Rio de Janeiro: Zahar,1979.

BECKER, Berta K. **Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território/** Berta K. Becker,- Brasília: Editora Universidade de Brasília; Editora Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 1990.

BECKER, Berta K. **A urbe Amazônida: a floresta e a cidade**, Ed. Rio de Janeiro: Garamond, Rio de Janeiro-RJ, 2013.

BECKER, Berta K.. **Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE XINGUARA, **Acervo Fotográfico**: fotos antigas da cidade. Fornecidas em 23 de novembro de 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, tradução Fernando Tomaz (1930), 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

BOUERI, Rogério. “Custos de Financiamento das Unidades Brasileiras e suas Implicações para a Criação de Estados”. **O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, disponível em: <http://www.ipea.gov.br>, Brasília, acessado em 21 de dezembro de 2014, 2008.

CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS, **Boletim da Comissão Brandão Pró-emancipação do estado de Carajás** – Câmara dos Deputados Federais, Brasília-DF, p. 08, 1993.

BRUBAKER, Rogers. ; COOPER, Frederick. Beyond “Identity”. **Theory and Society**, p.1-47, 2000.

BRASIL DE FATO – site de Notícias. **A quem interessa o estado de Carajás - Márcio Zonta de Marabá (PA)** em agosto de 2011 – (site Brasil de Fato), acessado em 28 de novembro, 2014.

CÂMARA, Gilberto; KAMPEL; Ana Amaral. MONTEIRO; Antônio Miguel Vieira. “Análise Espacial do Processo de Urbanização da Amazônia”- Programa de Ciência e Tecnologia para Gestão de Ecossistemas Ação “Métodos, modelos e geo informação para a gestão ambiental” – **Ministério das Ciências e Tecnologia, RJ, 2001.**

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis** – Companhia das Letras, 1990. I ed.(1972) – tradução: Diogo Mainardi.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011 – Discursos, Dep. Fed. Giovanni Queiroz, 07/05/2011). **Documento 10/92 098.1.54.O Sessão Ordinária** – CD, Brasília – DF.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. Edição: FFLCH, São Paulo: 2007.

CARTA MAIOR. <http://www.cartamaior.com.br>, Rio de Janeiro, 2012. Acessado em 28/10/14.

CARAJÁS, <http://www.carajasesport.com.br>, acesso em 15/11/2014.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVES, Flávio – entrevista com Rogério Almeida,, Belém (PA), 2011 < <http://www.blogflaviochaves.blogpost.com.br>> Acesso em 28/10/2014.

COLETÂNEA: **Poetas do Araguaia** – Poetas dos lugares. Ricardo Rezende, Rio de Janeiro,

1983.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CPT, **relatórios, arquivos próprios** em Xinguara, pesquisados em 23 de novembro de 2014 e 11 de dezembro de 2014.

COSTA, Hélio. **Assimetrias Regionais no Brasil**. Fundamentos para a Criação do Estado de Carajás – Ribeirão Preto; Instituto de Pesquisa e Tecnologia, 2011.

DECRETO-LEI nº 1.767, de fevereiro de 1980. Cria o Grupo Executivo das Terras do Araguaia -Tocantins (GETAT)- **Senado Federal**, Brasília-DF, 1980 – disponível no site: <http://www.senadofederal.com.br>, acesso, dia 22 de dezembro de 2014.

DIÁRIO DO PARÁ, **Diário Online**, redação@diarioline.com.br – acesso dia 03 de janeiro de 2015, 23:06hs.

DURÃES, Francisco Batista -**A Pata do boil e a destruição dos ecossistemas locais: História Social e Memória Ambiental de moradores de uma região do sul do Pará**. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Araraquara, 2014.

ESCRAVO, nem pensar, escravonempensar@reporterbrasil.org.br, **Caderno, Migração o Brasil em movimento**, p. 19, São Paulo, 2012.

FEITOSA, Terezinha Cavalcante. **A posse da terra pela Resistência no sul do Pará**, FCPDA/Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Ciências Sociais Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade, 2013.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de Tensão: política e violência urbana nas periferias de São Paulo**: editora Unesp – São Paulo, 2011.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **A Justiça do Lobo**. São Paulo: Vozes, 1984.

FILHO, Moraes, www.manancial.carajás.com// blog post – **manancial cajás**, Xinguara-PA, 2011, acesso em 28/10/14.

GUEDES, André Dumans. **Trechos, Mães e Papéis: Movimento de Durações no Norte de Goiás**, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro – RJ, 2013.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2a ed. São Paulo: Editora da Universidade, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 2006.

HEBÉTTE, Jean, **Cruzando Fronteira**. 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Vol. II. Ed, Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém – PA, 2004.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio Pereira. Sociedade e Economia do "Agronegócio" no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, núm. 74, p. 163-168, 2010.

HIROSHI, Bogéa. www.hiroshi.borgea.com.br, acessado em 23 de dezembro de 2014.

- IANNI, O. **A luta pela Terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, mapas, mesorregião do sul e sudeste do Pará, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, senso demográfico de Xinguara, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mapas físicos, estado do Pará, municípios (IBGE), 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LIMA, Filho, Manuel Ferreira. **O Desencanto do Oeste: Memória e Identidade Social no Médio Araguaia**. Goiânia: Editora da UCG, Goiânia - Go, 2011.
- LIRA, Sergio Roberto Bacury de. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento na Amazônia: simultaneidade e desigualdade econômica no Pará**. Belém: EDUFPA, 2007.
- LOPES, V.N. Afro-descendência: Pluralidade Cultural precisa e deve abordar a questão do negro brasileiro. Em pauta – **Revista do Professor**, Rio Grande do Sul, n.67, p.21-25, 2001.
- MACEDO, Gerald. www.xinguaraonline.com.br – Anexos - acervo de fotos – acervo, 2012.
- MAPLINK, 2013. www.maplink.com.br , mapa acessado em 28 de outubro de 2014. Acesso em 28/10/2014.
- MACHADO, Lia O. Urbanização de Migração na Amazônia Legal. In: BECKER, B. (org.). **Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Editora Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- MANANCIAL, Notícias. Blog www.manancial.com.br, acesso 21 de novembro de 2014.
- MAPLINK. Xinguara e seus limites. [S.l.]: 2013. Disponível em:<www.maplink.com.br> Acesso em: 28 out. 2014.
- MARQUES , Ana Cláudia. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco. Novos e velhos capítulos da colonização no Brasil - **Revista Brasileira de Ciências** - Vol. 28 N° 83, p. 85-103, 2011.
- MARQUES, Barabara Maria. **Formas de acesso à terra do Vale do Araguaia**: Xinguara, sul do Pará (1992-2009). TCC (Tese de Conclusão do Curso) Licenciatura e Bacharel em História – UFPA, Parauapebas, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. 2ª edição, São Paulo, Contexto, 2012.
- MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S.

Paulo, 8(1): 25-70, maio de 1996.

MARTINS, José de Souza. A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 1994 (editado em jun. 1995).

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CAL, Danila. **Quem Pode falar no Facebook? O “autocontrole” em um grupo sobre o plebiscito acerca da divisão do estado do Pará** www.revistadebates@ufgrs.br, Porto Alegre, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MIRANDA, Mariana. Organização do Espaço Urbano e Regional. *Revista Geográfica*, UFRJ, pp. 43-46 1987.

MORBACH, Maria da Conceição Bezerra. **As Perspectivas Políticas da Criação do Estado de Carajás** a partir do ponto de vista das representações parlamentares municipais. UFPA, Belém-PA, 2012.

MOREIRA NETO, C. A. A cultura pastoril do Pau D’Arco. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi – Antropologia*, Belém, n. 10, 1960.

OLIVEIRA, Joao Pacheco de. Uma Etnologia dos “Índios Misturados” ? Situação colonial, Territorialização e Fluxos Culturais, *Mana*, (4 (1) 47-77), 1998.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

PACHECO, Rafael Araújo. **Rodovia da Unidade Nacional: O processo de Urbanização do entorno da Rodovia Belém**, Dissertação de Mestrado, Universidade federal de Urbelandia – UFB, 2009. MG.

PARCEIRINHO, Marcelo. blog post, (www.parceirinho.com.br). Acesso em 08 de janeiro de 2015.

PEREIRA, José Carlos Matos. **A urbanização da Amazônia e os modos de vida na cidade**. 37º ANPOCS, Águas de Lindóia, 2013.

PEREIRA, Airton dos Reis. **O Papel dos Mediadores nos Conflitos pela Posse da Terra na Região Araguaia Paraense**. O caso da Fazenda Bela Vista, Dissertação de Mestrado – Viçosa: UFV, 2004.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo**, Tese de Doutorado – Recife -PE, 2013.

PEREIRA, Benivaldo, – **Fotos Benivaldo Pereira**, Xinguara-PA, www.panoramio.com // blog post, acesso em 21 de novembro de 2014.

PEREIRA, Luiz. **Fotos sobre Xinguara, Luiz Pereira**, www.luizpereira.blogpost.com.br acesso: 28/10/2014.

PETIT, Pere. **Chão de Promessa: eleites políticas e transformações e transformações**

econômicas no estado do Pará pós-1964. Belém, Paka-Tatu, 2003.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. tradução: de Dora Rocha Flaksman. RJ, 1989.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

PRADO Junior, Caio. **A formação do Brasil Contemporâneo: Colônia / Caio Prado Jr;** entrevista Fernando Novais; posfácio Bernardo Ricupero. – São Paulo Companhia das letras, 2011.

RAMOS, Roserval, **Notícias: demarcação da Avenida Xingu para a cavalgada**, 2014, <[http:// www.blog.roservalramos.blogspot](http://www.blog.roservalramos.blogspot)> Acesso em 28/01/2014.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidade e construção de identidades no espaço urbano**. Belém: NAEA, 2008.

RIBAMAR Jr. **Fotos reunião de lideranças PA Salto da Esperança (Projeto Casulo)**, <[http:// www.ribamarjunior.blogspot.com.br](http://www.ribamarjunior.blogspot.com.br) > acesso dia 27 de janeiro de 2015.

RISÉRIO, Antonio. **A Cidade no Brasil**, São Paulo: Editora, 34 (1ª edição) São Paulo, SP, 2012.

RUMSTAIN, Ariana. **Peões no trecho: trajetórias e estratégias de mobilidade no Mato Grosso - Rio de Janeiro: E-papers** , 2012.

SANTOS, E. A. **Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930)**. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1996.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta no sul Pará a Amazônia**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo : Edusp, 2006.

SANTOS, Simone. Currículo, Relações Raciais e Cultura Afrobrasileira. Proposta pedagógica – caderno: **Salto Para o Futuro, Futuro/TV Escola/ SEED/MEC**- Boletim 20, p. 13, de 23 a 27 de outubro de 2006.

SANTOS, Josileya Santana. **Imagens no Sertão: televisão**. Tese de Doutorado, UFPE/CAPES/UNITINS, 2005.

SCHMINK, M.; WOOD, C. H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia**. Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: Universidade Federal do Pará –EDUFPA, 2012.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e Cultura no sudeste do Pará: Marabá**, Dissertação de Mestrado, (1968-1988). Universidade Federal de Goiás – UFG, 2006.

SILVA, Idelma Santiago da. **Fronteira cultural**: a alteridade maranhense no sudeste do Pará (1970-2008) / Idelma Santiago da Silva. Tese de doutorado - Universidade Federal de Goiás – UFG - 2010.

SOUZA, Ana Maria de. **Trabalho, Migração e Modos de Existência “Nômades”**. X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: história e Política, dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2010

SOUZA, Carlos Henrique Lopes. **A Trajetória da Força de Trabalho no Sudeste Paraense**: de agricultores migrantes a garimpeiros, de garimpeiros a posseiros, a excluídos, a Sem Terra – UFSC, Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouroto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

SOUZA, Candice Vidal e. **A invenção do Tocantins**: espaço e tempo na construção da comunidade imaginada em um contexto regional. Ciências Humanas em Revista, v.6, n. 2, p. 49-63, jul dez.1995.

SOUZA, Candice Vidal e. **A Patria Geográfica**, sertão no pensamento social brasileiro, Ed. UFG, Goiania, 1997.

SOUZA, Candice Vidal e. **Fronteira no Pensamento Social Brasileiro**: sertão nacionalizado. Sociedade e Cultura, Museu Nacional, UFRJ, 1998.

WOODARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomáz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WIKIPEDIA. Histórico de origem da empresa - **Gutierrez: história da empresa**, enciclopédia livre //http, < www.wikipedia.org/wiki/C3%A7%C3%A3> acesso em: 11/12/2014.

TORPEDOS MIRINS, **Mapas rodoviários** - www.mapas.torpedosmirins.com.br, acessado em: 21 de novembro de 2014.

VAZ, Vania **A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará**: terra, pecuária e desflorestamento/ Tese de Doutorado. Brasília, 2013.

VELHO, Otavio Guilherme. **Frentes de Expansão e Estrutura Agrária**. Estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica, 2ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **Caçando o Destino**, um estudo de resistência dos posseiros no sudeste do Pará, São Paulo, 1981.

ZONTA, Márcio. Site FGVces – www.fgv.br/ces, Márcio Zonta de, Marabá (PA) **Visão sobre o estado de Carajás**, p.06, artigo publicado em agosto de 2011 > acesso em 23 de novembro de 2014.

APÊNDICE A – Questionário aplicado à população pioneira

Questionário - Pioneiros

Nome do entrevistado: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Naturalidade dos pais:

Atividade econômica (formas de sobrevivência) sua e ou /da família atualmente.

Questões

- 1) Período de chegada em Xinguara. Qual foi o ano?
- 2) Trajetória anterior, antes de vir para Xinguara, de onde veio, qual ou quais lugares morou antes de vir para Xinguara?
- 3) Qual o estado origem da família (onde nasceram avós, pais)?
- 4) Qual foi o objetivo de vinda para o município de Xinguara? O que motivou a vinda?
- 5) Inicialmente veio só, ou já veio com a família? Conte como foram os planos e decisões da época.
- 6) Quantos membros tem a família, quantos nasceram em Xinguara?
- 7) O que lembra quando entrou no município de Xinguara? Como era a paisagem, a organização urbana da época?
- 8) O que ficou registrada na memória daquela época (a vida da cidade ou roça, as pessoas), os acontecimentos que marcaram, época das madeiras, garimpos etc?
- 9) Fixou-se e permanece no mesmo lugar que chegou ou mudou-se de um lugar para outro dentro do município de Xinguara e/ou até fora do município?
- 10) Hoje, qual o balanço de vida que se faz desde a chegada em Xinguara até atualmente, que diz respeito: avanços, dificuldades?
- 11) Se sente parte desse lugar, ou ainda tem desejo de voltar para o seu lugar de origem (estado que nasceu ou que veio). Explique seu sentimento sobre sua vida e de sua família aqui em Xinguara (se gosta daqui)?
- 12) Quais as expectativas de vida em Xinguara? Acha que o município melhorou, avançou ou ainda falta melhorar mais? Dê sua opinião e fale de sua satisfação (ou insatisfação) como morador e parte dessa cidade.
- 13) Sobre a questão do Estado de Carajás, o que sabe sobre este assunto?

APÊNDICE B – Questionário aplicado à população “flutuante”

Obs.:Incluindo jovens que estão estudando e/ou trabalhando fora de Xinguara, cuja entrevista será desenvolvida através das redes sociais.

Objetivo da entrevista:

Conhecer o perfil da população caracterizada como flutuante, ou seja alguém que já morou (ou ainda mora) em Xinguara, fixou-se (ou não) e atualmente vive em outras cidades por razões circunstanciais:sociais e/ou econômicas diversas,mas que de alguma forma tem vínculos com esta cidade.

- 1) Você nasceu onde, cidade e estado?
- 2) Seus pais são naturais de onde?
Pai:
Mãe:
- 3) Antes de virem para Xinguara, seus pais (ou mesmo você) já passou por outros lugares: cidades, estados antes de fixarem-se em Xinguara?
- 4) Onde é sua residência fixa hoje? Ainda se sente morador(a) de Xinguara ou do lugar que se encontra agora?Justifique.
- 5) Narrar um pouco de sua trajetória anterior e/ou de sua família, lugares por onde passou até chegar onde se encontra hoje e, citar brevemente os motivos que lhe fez mudar de um lugar para outro.
- 6) Tem domicílio eleitoral em que cidade?
- 7) Há quanto tempo está fora de Xinguara? E, quais motivos o (a) levaram a ir para outra cidade e/ou estado?
- 8) Em seu projeto de vida juntamente com sua família, pretende retornar para Xinguara? Explique.
- 9) Vê Xinguara como um lugar de possibilidades de trabalho ou, caso esteja estudando vêperspectivas de atuar na área que você está qualificado ou se qualificando? Explique brevemente:
- 10) Como você vê Xinguara?
Pontos positivos
Pontos negativos
- 11) Você Gosta de Xinguara? Se sente pertencente a esta cidade explique brevemente sobre esse sentimento de pertencimento ou não ?
- 12) Sobre a questão do Estado de Carajás, o que sabe sobre este assunto?

**APÊNDICE C – Questionário aplicado aos jovens/estudantes 3º ano de ensino médio –
escolas públicas e privadas**

idade :

sexo:

Questões gerais:

- 1) Seus pais são naturais de onde?
- 2) Você nasceu em Xinguara? Se não, qual lugar (cidade e estado) e por quanto tempo reside aqui nesta cidade?
- 3) Você e sua família mora em Xinguara por opção ou por alternativa de vida (ou ao contrário por falta de outra alternativa) explique esse contexto porque você é morador de Xinguara.
- 4) Além de estudar você trabalha? Qual tipo de trabalho?
- 5) Quais as opções de diversão, lazer e entretenimento na cidade de Xinguara?
- 6) Como você, sua família e seus amigos participam da vida social em Xinguara? (em comunidades, associações, igrejas, clubes, outras opções)?
- 7) Tem planos de continuar estudando quando termino ensino médio? Quais suas metas em relação a esta questão da continuidade de seus estudos?
- 8) Você pensa em ir para outra cidade estudar ou trabalhar ou tem em mente que seu lugar é aqui em Xinguara mesmo? Justifique.
- 9) Em sua família têm pessoas, parentes diretos, que estão em outra cidade, região, estado ou até mesmo em outro país por causa de emprego ou estudo? Se tiver registre aqui este fato.
- 10) Apresente brevemente (pelo menos 3 coisas) que pode ser apontado como pontos positivos em Xinguara.
- 11) O que você vê como negativo na cidade de Xinguara (pelo menos 3 coisas).
- 12) Qual (ais) sugestão/sugestões você pode registrar aqui que em sua opinião podem ser alternativas para tornar Xinguara uma cidade melhor para morar.
- 13) Sobre a questão do Estado de Carajás, o que sabe sobre este assunto?